UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

VERSÃO CORRIGIDA

JAQUELINE STAFANI ANDRADE

***THE FEMALE MARINE: GÊNERO, CLASSE E RAÇA NA LITERATURA POPULAR
NORTE-AMERICANA (1810-1830)***

São Paulo

2020

JAQUELINE STAFANI ANDRADE

***THE FEMALE MARINE: GÊNERO, CLASSE E RAÇA NA LITERATURA POPULAR
NORTE-AMERICANA (1810-1830)***

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Mestre em História Social.
Orientador: Robert Sean Purdy.

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A553t Andrade, Jaqueline Stafani
 The Female Marine: Gênero, classe e raça na
literatura popular Norte - Americana (1810 - 1830) /
Jaqueline Stafani Andrade ; orientador Robert Sean
Purdy. - São Paulo, 2020.
 178 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

 1. História dos Estados Unidos. 2. História Social.
3. Early Republic. 4. Literatura Popular. I. Purdy,
Robert Sean, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Jaqueline Stafani Andrade

Data da defesa: 13/07/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Robert Sean Purdy

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 05/09/2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

ANDRADE, Jaqueline Stafani.

The Female Marine: Gênero, classe e raça na literatura popular Norte-Americana (1810-1830)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Mestre em História Social.
Orientador: Robert Sean Purdy.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, primeiramente, a minha família, aos meus pais Márcia e Mário por sempre incentivarem meus estudos, mesmo nos momentos difíceis. As minhas irmãs Carla e Joice e aos meus tios Márcio e Maria Sueli pelo apoio.

Agradeço imensamente ao professor Robert Sean Purdy, pela oportunidade, paciência, correções e apontamentos atentos e necessários a todos os desdobramentos dessa pesquisa e, sobretudo, por ensinar a importância da história social.

Aos professores Mary Anne Junqueira e Jefferson Cano pela atenção dedicada à pesquisa e por todos os preciosos apontamentos durante o exame de qualificação. Igualmente a todos os professores da FFLCH com os quais tive contato nas disciplinas cursadas que colaboraram, em alguma medida, para o resultado final dessa pesquisa.

Aos membros da secretaria de pós da História, por sempre serem atenciosos e prontamente responderem as dúvidas ao longo desses anos.

À FAPESP pelo apoio financeiro que possibilitou não apenas dedicação a escrita, mas também aquisição de bibliografia e participação em eventos pertinentes à temática, possibilitando um intercâmbio de ideias sem o qual essa pesquisa não seria a mesma.

Agradeço também aos meus amigos, aqueles de longa data e aqueles que conheci pelo caminho, por tornar mais amistosa a caminhada pela pós-graduação: Priscila, pelo apoio desde o início, pela companhia e amizade. A Patrícia e Camila, que mesmo com a distância e problemas cotidianos, sempre apoiaram e incentivaram minha caminhada. A Kiki, pela companhia, amizade, risos e consolos em momentos difíceis e, sobretudo, por me apresentar a Avenida Paulista. Agradeço também a Eric, pelo apoio, leitura atenta e incentivo na reta final. Meus dias foram menos árduos na companhia de vocês. Muito obrigada.

“Diante dos poetas e dos prosadores do Olimpo das Letras, não passamos com chapéu à mão, curvando-nos respeitosamente. Chapéu à banda, passamos gingando. Por obrigação de ofício, historiadores sociais são profanadores”.

Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Sidney Chalhoub

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo compreender, por meio das redes de interlocução social do romance *The Female Marine* (publicado entre 1815 a 1818), de expressões literárias do XIX Norte-americano e de documentos religiosos e administrativos do mesmo período, como a literatura popular dos primeiros anos da independente República representou as desigualdades sociais, principalmente aquelas localizadas no bairro West Boston entre os anos de 1810 a 1830, bem como buscou inserir essa localidade e suas problemáticas em uma narrativa de unidade nacional. Nesse sentido, têm-se como ponto de partida o romance, seus suportes de publicação, circulação e leitura, e, em um segundo momento, as análises de algumas temáticas levantadas em seu enredo que, em alguma medida, foram permeadas por concepções presentes também nos relatórios religiosos da *Boston Female Society for Missionary Proposes*, e no documento administrativo *Report of the Committee of the subject of pauperism and a House of Industry in the Town of Boston* (1821), buscando, dessa forma, evidenciar como tais relatos possibilitam uma abordagem da história social e literatura, principalmente no que se referem às questões de gênero, raça e classe e formação nacional.

Palavras-chave: *The Female Marine*, República, classe, gênero, raça.

ABSTRACT

This research aims to understand, through the networks of social dialogue of the novel *The Female Marine* (published between 1815-1818), literary expressions of the 19th North American period and religious and administrative documents from the same period, how the popular literature from the early years of the independent Republic represented social inequalities, mainly those located in the West Boston neighborhood between the years 1810 to 1830, as well as seeking to insert this location and its problems in a narrative of national unity. In this sense, we started with the novel, its supports for publication, circulation and reading, and, in a second moment, the analysis of some themes raised in its plot that, to some extent, were permeated by concepts also present in the religious reports of the Boston Female Society for Missionary Proposes, and in the administrative document Report of the Committee of the subject of pauperism and the House of Industry in the Town of Boston (1821), seeking, in this way, to show how such reports enable an approach of social history and literature, especially with regard to issues of gender, race and class and national formation.

Keywords: *The Female Marine*, Early Republic, class, gender, race.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1	19
Das condições de leitura à materialidade da representação: letramento e imprensa nos primeiros anos da República.....	19
1.1 Leitores e condições de leitura	20
1.2 Chapbooks, panfletos, broadside ballads e almanaques: cultura popular e circulação dos impressos efêmeros	31
1.3 Romances na República: um testemunho do gênero	42
1.4 O circuito das comunicações The Female Marine.....	52
Capítulo 2	72
O literário, o religioso e o administrativo: Problemas de gênero, raça e classe na portuária Boston.....	72
2.1 Com a palavra as personagens de West Boston Lucy Brewer e Rachel Sperry	86
2.2 Objetos de piedade e perpetradores de indolência: problemas de gênero em West Boston	97
2.3 Os virtuosos e os viciosos: classificações do pauperismo em West Boston	112
2.4 Indolentes e tutelados: a questão racial em Boston e na República	116
Capítulo 3	126
Âncora na República: Corpo Social e os temas Nação	126
3.1 A Virtude Republicana e seus desdobramentos em The Female Marine	126
3.2 Um Casamento de afeição mútua: Um desfecho para Lucy e a virtude Republicana	143
3.3 Tecendo uma identidade comum: Os peregrinos e a narrativa da Nação em The Female Marine.....	156
Considerações finais	163
Referências bibliográficas	168
Fontes	174
Fotografias e ilustrações	174
GLOSSÁRIO.....	177

Introdução

Em meados de 1815 era publicado em Boston, pelo editor e tipógrafo Nathaniel Coverly Jr., o panfleto *An Affecting Narrative of Louisa Baker*; um romance curto, que contava aos leitores de Boston, e em certa medida de Nova Inglaterra, a história da jovem seduzida e abandonada Louisa Baker, também referida nas sequências posteriores como Lucy Brewer e Eloisa Bowen. Penitente por sua sedução, a narradora, à época de apenas dezesseis anos, expunha em seu relato - supostamente autobiográfico -, os pesares de sua fuga da parte rural de Massachusetts em que vivia para o populoso e por ela desconhecido, centro urbano de Boston.

Devido ao grande sucesso com o público leitor, no decorrer dos anos de 1815 a 1816 o panfleto romanesco vendido na *Milk Street* por Coverly Jr. ganhou diversas edições e duas outras sequências: *The Adventures of Lucy Brewer* e *The Awful Beacon to the Rising Generation*. Ambas as sequências narravam aos curiosos leitores, em um tom bastante confessional e moralizante, os desdobramentos das aventuras da narradora, centrando-se, sobretudo, nas descrições pejorativas e corruptoras da, assim por ela classificada, lasciva população de West Boston Hill, bairro em que ficara abrigada após sua fuga de Plymouth.

A narrativa trazia em suas propagandas, bem como referências epigráficas, ilustrações e na próprio texto a afirmação da necessidade de ser um instrumento para alertar aos jovens sobre o que a narradora denominava de os perigos e imoralidades da cidade de Boston. Ao longo dos anos em que foram impressos os panfletos de Coverly Jr ganham notoriedade e com seu amplo sucesso ainda em 1816, as três sequências foram compiladas em um *chapbook*, espécie de livreto de brochura simples vendido pela bagatela de 40 *cents* sob o título de *The Female Marine*, nome pelo qual o romance e principal motivo da presente pesquisa será referido.

Ao longo dos três anos em que foi publicado e reeditado, de 1815 a 1818, o *chapbook* e os panfletos tiveram ao menos dezenove edições, que chegaram a nós por meio das doações feitas pelo ilustre membro e fundador da *American Antiquarian Society*, Isaiah Thomas, e que posteriormente, foram catalogadas e organizadas pela instituição, constituindo-se como uma das poucas, porém ricas, fontes sobre a literatura popular dos primeiros anos do século XIX nos Estados Unidos.

Além das três sequências narradas pela protagonista Lucy - nome pelo qual nos referiremos à personagem -, ainda no ano de 1816 um quarto panfleto, relacionado aos anteriores, mas independente deles, é publicado por Coverly Jr. Com o título de *A Brief Reply*

to the *Late Writings of Louisa Baker by Mrs. Rachel Sperry*, a quarta narrativa recontava a história de Lucy na perspectiva de outra personagem: a moradora de West Boston, Rachel Sperry, a alcoviteira que na narrativa de Lucy seria sua corruptora e que a havia abrigado no período em que ficara em West Boston.

Especificamente nesta narrativa, podemos perceber uma característica elucidativa do gênero romance, descrito por Mikhail Bakhtin como um gênero aberto e dialógico (BAKHTIN, 1988) e que, portanto, é capaz de exprimir as ambivalências constituintes de seu período e lugar. Nesse sentido, a partir da oposição das perspectivas das personagens, os panfletos ganham força narrativa, colocando em contraste, em alguma medida, as possíveis inconsistências relatadas pelas personagens e, conseqüentemente, as inconsistências e ambivalências da jovem República.

Dessa forma, tendo como ponto de partida o romance *The Female Marine*, a presente pesquisa tem por objetivo compreendê-lo no que Sidney Chalhoub denomina de “suas redes de interlocução social” (CHALHOUB; PEREIRA, 1998, p. 7); o que, portanto, implica em considerar sua narrativa não apenas do ponto de vista de sua materialidade, dada a partir da sistematização do circuito das comunicações em que esteve inserido (DARNTON, 1989) mas, também e sobretudo, a partir da abordagem das temáticas por ele levantadas e que estiveram, em grande medida, imersas nas preocupações sociais de seu tempo e lugar. Postas em análise tais narrativas permitem, conjuntamente a outros documentos administrativos e religiosos do período, abordar algumas das problemáticas sociais da portuária Boston, principalmente no que se refere a questões de gênero, classe e raça e à proeminente necessidade de inserir essa localidade no conjunto narrativo da nascente República e da ascendente Nação.

À vista disso, para seu desenvolvimento, este trabalho conta com duas linhas bibliográficas distintamente demarcadas: a primeira, teórico-metodológica para estudos que abordam a literatura em uma perspectiva da história social; e uma segunda, que contribui para a compreensão do período historiograficamente denominado de *Early Republic* ou *Antibellum period*, um recorte temporal que compreende os primeiros anos dos Estados Unidos no regime republicano sendo este anterior à Guerra de Secessão.

Em relação à primeira dessas linhas, ou seja, os estudos que envolvem história social e literatura, como anteriormente citado, são embasados pelo trabalho organizado por Sidney Chalhoub em *A História Contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil* (1998), e também pelas perspectivas de Cathy Davidson em suas duas importantes obras: *Revolution and the Word: The Rise of the Novel in America* (1986) e *Reading in America* (1989).

No que se referem aos textos de Davidson, ambas as obras trazem tanto uma contribuição em relação a abordagem da literatura no campo da história social, quanto subsídios temáticos ao recorte da pesquisa, pois se ocupam de reflexões acerca do surgimento do romance nos Estados Unidos e seus desenvolvimentos no século XIX, apresentando, também, artigos com temas relevantes a pesquisa como letramento, leitura e leitores no mesmo período.

Também os estudos de Robert Darnton em *O Beijo de Lamourrete* Mídia, Cultura e Revolução (1989), contribuíram para a definição de uma metodologia de mapeamento do circuito das comunicações em que o romance *The Female Marine* esteve inserido. Além, é claro, de possibilitar evidenciar como ao longo de suas reedições, o romance sofreu cortes e modificações que também dizem respeito a sua circulação e a sua recepção pelos leitores do período.

Além dos acima elencados, os estudos organizados por Kevin D. Murphy e Sally O'Driscoll em *Studies in Ephemera text and image in Eighteenth-Century Print* (2013) também foram importantes para se pensar as problemáticas que envolvem a literatura popular e seus suportes de publicação entre os séculos XVIII e XIX. Classificados historiograficamente como literatura efêmera, justamente por possuírem suportes de baixo custo e pouca durabilidade - como eram os panfletos, chapbooks e *broadside ballads* - essa literatura de ampla circulação teve, e tem tido, um espaço menor em debates sobre a literatura, algo que igualmente será discutido, juntamente as especificidades que tais suportes possibilitam para sua abordagem histórica.

No que se refere a segunda linha, a fim de se compreender de forma ampla as dinâmicas sociais, econômicas, culturais e políticas estabelecidas nos primeiros anos do regime republicano nos Estados Unidos, os estudos de Paul E. Johnson em seu livro *The American Early Republic* (2007) foram de grande valia. Na obra em questão, Johnson demonstra, de forma abrangente, a formação dos primeiros anos do independente país em seus aspectos mais diversos, englobando desde questões administrativas quanto questões sociais, raciais e culturais, como a construção de sociabilidades em vilas e centros urbanos no Norte e Sul dos Estados Unidos, em um recorte temporal bastante específico, entre os anos de 1789 a 1829.

Na mesma linha, os estudos de Jack Tager em *Boston Riots* (2004) trouxeram uma importante contribuição na pesquisa pois abordam, de forma sistemática, as problemáticas sociais decorrentes do inchaço populacional na cidade de Boston, sendo esta, palco e sede do

romance *The Female Marine* e dos demais documentos que serão abordados na presente pesquisa. Nesse aspecto, a obra de Tager contribui ricamente para a compreensão das convulsões sociais na cidade, geradas, principalmente, pelo inchaço urbano nas regiões periféricas.

No que tange especificamente a questão religiosa, aqui relevante principalmente devido a análise documental dos relatórios da *Boston Female Society for Missionary Purposes*, os estudos de Jeffrey Williams em *Religion and Violence in Early American Methodism* (2010) contribuíram para a compreensão não apenas de uma das principais vertentes reformistas do século XIX nos Estados Unidos, mas também, em como sua retórica permeou outros espaços e esteve vinculada a diversas convulsões sociais e linchamentos públicos que ocorreram nos primeiros anos do XIX, não apenas na portuária Boston, mas em outras regiões da República.

Já no que se refere às questões de gênero os estudos de Barbara Meil Hobson, em *Unseamy Virtue The Politics of Prostitution and the American Reform Tradition* (1990), contribuíram para se compreender não apenas a prostituição no bairro de West Boston, mas, igualmente, como a administração da cidade lidou com a questão juntamente com outras que se fizeram presentes no crescimento populacional desordenado da cidade. Apesar de seu recorte abranger até o século XX, seus primeiros capítulos contribuem para compreender como o estudo da prostituição na localidade, entre os anos de 1810 e 1830, pode estabelecer uma relação direta com o conceito de gênero, trazendo não apenas discussões pertinentes, mas também referências de documentações que acabaram por ser incorporadas na redação do trabalho.

Ainda no campo dos estudos sobre gênero e que também envolvem questões de literatura na história dos Estados Unidos, a obra de Mary P. Ryan *Mysteries of Sex Tracing Women & Men through American History* (2006) contribuiu com importantes reflexões acerca do que a autora denomina de: “processo de mistificação pelo qual a distinção entre homem e mulher é criada, adaptada e repetidamente recriada ao longo da história dos Estados Unidos” (RYAN, 2006, p. 3).

Traçando um panorama sobre as distinções de gênero desde as tribos indígenas anteriores à colonização inglesa até o final dos anos 2000, Ryan (2006) evidencia o quanto as transformações na cultura, economia e política influenciaram e reestruturaram as relações familiares e de gênero, desenvolvendo ideologias e formas de se pensar o feminino e o masculino ao longo da história. Especificamente em seu segundo capítulo: *Who Baked That*

Apple Pie and When: How Domesticity Conquered American Culture, Ryan (2006) apresenta importantes apontamentos acerca do “misterioso processo pelo qual a cultura popular norte americana ficou tão obcecada com a domesticidade feminina” e a maternidade (*Idem*, p. 3). Uma questão que, segundo a autora, tem raízes nos séculos XVIII e XIX e que é relevante para a contextualização do recorte aqui traçado.

Na mesma seara dos estudos de gênero, contudo, voltados à discussão da virtude republicana - tópico importante e que contribuiu para dar sustentação ao regime nos primeiros anos -, os artigos de Jan Lews *The Republican Wife: Virtue and Seduction in the Early Republic* (1987) e de Ruth H. Bloch em *American Feminine Ideals in Transition: The Rise of the Moral Mother, 1785-1815*, se fizeram importantes para se pensar, conjuntamente aos estudos de Mary Ryan, as mudanças que se operaram na República no que se refere ao papel feminino e como tal papel se relacionou, profundamente, com suas representações na literatura e em outros relatos do período.

Além desses estudos, mais especificamente sobre a questão da importância da virtude, mas voltada ao contexto de debate político e econômico do estabelecimento do regime, o estudo de John T. Agresto *Liberty, Virtue, and Republicanism: 1776 - 1787* também colaborou com importantes definições e discussões sobre os debates desse período inicial de estabelecimento do país.

Quanto aos estudos que envolvem a Guerra de 1812, uma temática que serve de pano de fundo para a aventura de Lucy, para compreensão dessa conjuntura e principalmente os desdobramentos políticos e econômicos negativos resultantes dela entre os partidos Federalista e Republicano, os estudos de Donald R. Hickey em *The War of 1812 writing from America's second war of Independence* (2013) tiveram grande relevância. Em diversos aspectos, seus estudos contribuíram para compreender como em *The Female Marine* o conflito foi retratado e os motivos de nele se ter exaltado determinados símbolos regionais sempre mesclados a símbolos nacionais. Buscando, dessa forma, transmitir uma coesão identitária por meio de uma narrativa da nação em um momento em que se vivia desentendimentos políticos consideráveis nos estados do Norte.

Além das bibliografias em língua estrangeira, também importantes trabalhos da historiografia brasileira sobre o período contribuíram para a o desenvolvimento da presente pesquisa, entre eles o artigo de Herbert S. Klein *A experiência Afro-Americana numa perspectiva comparativa: a situação atual do debate sobre a escravidão nas Américas de 2012*,

no que se refere principalmente a compreensão das legislações e diferenças nos estados dos Estados Unidos sobre a questão racial no pós-abolição.

Além dele, os trabalhos de Mary Anne Junqueira *Ao Sul Do Rio Grande: Imaginando A America Latina Em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970* de (2000) e Estados Unidos: A consolidação da nação (2001), também contribuíram para tratar as temáticas envolvidas no romance. Além desses trabalhos, também o livro *História dos Estados Unidos* (2007) com a organização de Leandro Karnal se fez presente para compreensão de alguns temas que, ao longo da história dos Estados Unidos construíram, em grande medida, uma narrativa e um imaginário da fundação de uma identidade comum que também foi tematizada no romance *The Female Marine*.

Em relação às fontes, a pesquisa conta, primeiramente, com as edições das três sequências dos panfletos e a décima edição de *The Female Marine* compiladas no livro de Daniel A. Cohen *The Female Marine and Related Works Narratives of cross-dressing and Urban Vice in Early America's Republic*. Um livro que além de ser uma importante compilação das fontes, conta com um importante ensaio introdutório que norteou grande parte do trabalho aqui empreendido.

Além do romance, os relatórios dos missionários Dudley e Rosseter para a *Boston Female Society for Missionary Purposes* (1817-1818) também foram consultados a partir da mesma edição de Daniel A. Cohen, compilados após o romance no mesmo livro. Por sua vez, o relatório do comitê sobre pauperismo na cidade de Boston, o *Report of the Committee of the subject of pauperism and a House of Industry in the Town of Boston* (1821) organizado pelo representante da cidade Josiah Quincy, bem como, os diretórios da cidade citados ao longo da pesquisa, encontram-se integralmente digitalizados; o primeiro, disponibilizado no site da *Boston Public Library*, e o segundo, pela instituição *Boston Athenaeum Digital Collections*.

Nesse sentido e a partir de tais fontes e bibliografias, a fim de compreender um romance impresso em panfletos e chapbooks em inícios do século dezenove Norte-Americano e suas redes de interlocução social, no primeiro capítulo tentaremos abordar, a partir do circuito das comunicações teorizado por Robert Darnton, o sistema de circulação dos impressos de *The Female Marine*.

Para tanto, inicialmente, é preciso pensar quem eram os leitores e quais eram suas leituras, e como a questão da autoria era colocada nessa literatura popular e efêmera que circulava amplamente nos primeiros anos da República. Como se verá no Capítulo 1, os processos que viabilizaram sua materialidade e também os atores sociais que dela fizeram

parte, em muito dizem respeito às condições que viabilizaram a alfabetização nos anos do pós-independência, além das condições materiais e tecnologias de impressão desenvolvidas no período. Assim, em “Leitores e condições de leitura”, um amplo panorama sobre os processos de alfabetização é traçado para o período historiograficamente denominado de *Early Republic*, conjuntamente com as condições materiais e de tecnologia de impressão que possibilitaram o acesso à leitura.

Por sua vez, em “Chapbooks, panfletos, broadside ballads e almanaques: cultura popular e circulação dos impressos efêmeros” são explorados os suportes que circularam nos primeiros anos do independente país e como se constituíram como literatura popular, tanto por seu preço acessível, quanto por seus temas, formas de difusão e ampla circulação. Denominados de impressos efêmeros justamente por sua condição perecível, esses suportes se compuseram como uma rica fonte de estudo para a leitura, leitores e circulação de impressos, seja em relação aos chapbooks, broadsides, charges, baladas, dentre outros que, como *The Female Marine*, traziam impressos romances e demonstravam, nas palavras de Isaiah Thomas, “o que estava em voga com vulgar”.¹

Além de sua circulação, o romance *The Female Marine* também será abordado como parte do que se constituíram como os desenvolvimentos narrativos dos romances dos primeiros anos da República. Como ressaltam Gregg Crane (2007) e Cathy Davidson (2004), os romances dos anos iniciais expressavam uma considerável incerteza sobre a coerência e estabilidade da sociedade estadunidense e, como palco das ambivalências da República, também representavam suas desigualdades.

Assim, diversos desenvolvimentos narrativos, tais como o romance de sedução e abandono, o picaresco, picaresco feminino, dentre outros, expressavam essa instabilidade, algo que, em *The Female Marine*, como um “testemunho do gênero” é demonstrado. Por fim, ainda no capítulo 1, será traçado o circuito das comunicações de *The Female Marine*, no qual se busca, mesmo que esparsamente, demonstrar seus possíveis membros discutindo questões de autoria, edição e a materialidade dos panfletos impressos entre os anos de 1815 e 1818.

Por seu turno, no capítulo 2, a materialidade do romance dará lugar a uma análise de seu conteúdo e as redes de interlocução social que esse conteúdo estabelece. Nesse sentido, o romance, como gênero literário dialógico em sua constituição (BAKHTIN, 1988), incorporou em sua narrativa o contemporâneo e a ideologia corrente, características que podem ser

¹“*Verses in Vogue with vulgar*”, nome dado pelo colecionador Isaiah Thomas aos panfletos que recolhera entre os anos de 1809 e 1820. Atualmente, a coleção é parte do arquivo da *American Antiquarian Society* e encontra-se parcialmente digitalizado, organizado e disponibilizado na página da instituição.

evidenciadas em *The Female Marine* tanto pelas temáticas regionais e nacionais que aborda, quanto pela forma como são abordadas, por meio dos focos narrativos das personagens Lucy e da moradora de West Boston Rachel Sperry, algo que será trabalhado no subcapítulo “Com a palavra as personagens de West Boston Lucy Brewer e Rachel Sperry”.

Assim, questões como o crescimento populacional desordenado e as condições precárias de bairros de segregação e especialização (TAGER, 2001) que, por critérios de classe, gênero e raça, abrigava a população mais pobre de Boston, são tematizados no romance e, a partir de classificações e de tentativas de ordenação social, embebidas em uma cultura média protestante que possui traços similares (guardadas as devidas proporções documentais), busca estabelecer classificações sobre essas condições. Algo que também é expresso nos relatórios dos missionários da *Boston Female Society for Missionary Purposes* (1817-1818) e no relatório do comitê de autoridades de Boston sobre as condições de pauperismo da cidade, *Report of the Committee of the subject of pauperism and a House of Industry in the Town of Boston* (1821).

Tais temas serão tratados respectivamente nos subcapítulos “Objetos de piedade e indolência: problemas de gênero em West Boston”, “Os virtuosos e os viciosos: classificações do pauperismo em West Boston” e “Indolentes e tutelados: a questão racial em Boston e na República”.

Por fim, no terceiro e último Capítulo “Âncora na República: Corpo social e Narrativa da Nação”, são desdobrados os temas que em *The Female Marine* remetem à construção de uma narrativa unificada de país e nação, e que, ao mesmo tempo, buscam colocar dentro dessa narrativa mais ampla, o regionalismo e orgulho nacional da cidade de Boston.

Dessa forma serão abordados em “A virtude republicana e seus desdobramentos em *The Female Marine*” como os debates sobre a importância da virtude para a manutenção do regime e formação moral de seus cidadãos foram importantes para os primeiros anos da República. Além disso, questões de gênero em “Um casamento de afeição mútua: Um desfecho para Lucy e a virtude Republicana” serão abordadas principalmente pelo questionamento do papel feminino dentro dessa virtude, sempre evidenciado como a esposa republicana e posteriormente como mãe de futuros cidadãos.

Por fim, no último capítulo “Tecendo uma identidade comum: Os peregrinos e a narrativa da nação em *The Female Marine*”, é abordado o quanto este romance, característico do século XIX Norte-Americano, buscou inserir em sua narrativa tanto temáticas nacionais como a sujeição do *wilderness* para construção da predestinada civilização e a narrativa mítica

dos peregrinos, quanto temáticas locais de Boston, como a Guerra de 1812 e a importância da Fragata Constituição para esse contexto.

A partir de tais desdobramentos, a presente pesquisa busca contribuir tanto para os estudos dos primeiros anos da República dos Estados Unidos, quanto para estudos que buscam uma ponte entre a história social e a literatura.

Capítulo 1

Das condições de leitura à materialidade da representação: letramento e imprensa nos primeiros anos da República

Os livros não podem ser entendidos separadamente da sociedade que os cria e, inversamente, nenhuma sociedade letrada pode ser entendida sem algum estudo dos livros que produz (DAVIDSON, 1989, p.12). ²

Tentar compreender historicamente as dinâmicas sociais que envolvem romances das primeiras décadas do século XIX nos Estados Unidos, tal qual *The Female Marine*, um romance seriado em panfletos, não canônico e escrito e impresso na cidade de Boston é, em grande medida, buscar evidenciar tanto os processos que viabilizaram sua materialidade e os atores sociais que dela fizeram parte, quanto compreender de que formas um panfleto de literatura popular, imerso nas preocupações de seu período e lugar, buscou representar seu contexto local e, em certa medida, inserir essa localidade dentro de uma narrativa de formação nacional.

Dessa forma, a fim de se pensar texto e contexto social de produção é preciso, inicialmente, ponderar como um romance impresso em panfletos foi pensado, dado a ler e reimpresso em cerca de dezenove edições entre os anos de 1815 a 1818 (COHEN, 1997), em um período de crescente letramento e técnicas de impressão no recém independente Estados Unidos. Sobre esse aspecto, como anteriormente citado, os estudos de Robert Darnton são de grande valia para se pensar como livros, jornais e outros tipos impressos percorreram um longo caminho social até finalmente serem lidos e, em alguns casos e por demandas, reimpressos.

Nesse sentido, por meio do que denominou de ‘circuito das comunicações’, Darnton buscou delimitar quais eram os atores sociais que colocavam em circulação livros e impressos na França revolucionária, construindo, dessa forma, um modelo geral de análise que compreendesse a palavra impressa de forma sistêmica em seu contexto social de produção (DARNTON, 1989).

Pensado de forma cíclica, o circuito de Darnton parte, portanto, de um ponto da circulação do impresso, seja ele o autor ou leitor, e retorna a ele, perpassando todos os profissionais envolvidos no processo de produção e distribuição do impresso, incluindo entre

²Tradução livre do original em inglês: “Books cannot be understood apart from the society that creates them, and, conversely, no literate society can be understood without some study of the books it produces”. (DAVIDSON, 1989, p.12)

eles o editor, os fornecedores de papel, tinta, trabalhadores do prelo, distribuidores, livreiros e encadernadores; chegando, por fim, ao leitor, que virtualmente, se conecta ao autor por meio de demandas e gostos literários difundidos.

Além das perspectivas de Darnton, também os estudos de Murphy e O'Driscoll (2013) sobre os impressos efêmeros serão de suma importância para os desenvolvimentos do primeiro capítulo que terá por intuito apresentar um panorama sobre leitores e leituras no XIX Norte-Americano, localizando-os conjuntamente aos traços daqueles que compõem o circuito das comunicações de *The Female Marine*.

1.1 Leitores e condições de leitura

Os estudos sobre a história da leitura,³ também compreendida como letramento na historiografia norte-americana, como demonstra David D. Hall (1994), ramificam-se em diversos tipos de análise, dentro dos quais encontram-se os estudos de Roger Chartier, que leva em conta a leitura e a circulação de livros como um aspecto da cultura popular e, em certa medida, também os estudos de Robert Darnton (1989) que como anteriormente citado se volta a compreensão da história social da leitura por meio dos atores sociais que fizeram parte da difusão e manutenção dessa prática.

Além desses, também no rol dos estudos que englobam a leitura e seus desenvolvimentos sociais, estão aqueles que levam em conta a alfabetização e o letramento; isto é, os processos de aprendizagem e as formas como se constituíam (MONAGHAN, 1989), revelando, dessa forma, o que se lia e com qual finalidade determinada leitura era dada em um contexto de ensino. Além dessas abordagens, também outras que levam em conta aspectos da leitura, como a história das mentalidades enraizada na escola dos *Annales*, por exemplo, tem como pressuposto analítico a leitura ou as formas de leitura, mas modificam o olhar dado ao objeto de acordo com os questionamentos específicos a ele aplicados.

Nesse sentido, falar sobre a história da leitura pressupõe, para além de delimitar sua nomenclatura e definir quais abordagens dentro de seu variado escopo são importantes, em termos de recorte, ou seja, em termos do que aqui se pretende discutir, os estudos sobre leitura nos Estados Unidos nos anos de 1810 a 1830, as bibliografias, e consequentemente suas formas de abordagem, são ainda mais difusas. Sobre esse aspecto, usualmente é possível encontrar dois recortes gerais na historiografia sobre história da leitura nos Estados Unidos:

³Em inglês: “history of reading or history of literacy”.

estudos que recuam ao período colonial e vão até os primeiros anos do pós-independência e, por outro lado, estudos que vão do ano de 1812 até meados da década de 1860, período historiograficamente denominado de *Antebellum period*, ou período anterior à Guerra de Secessão.

Dessa forma, ao tratar sobre a história da leitura, invariavelmente será necessário recuar alguns anos no recorte proposto para compreender, de forma mais ampla, quem eram os leitores e quais eram as condições de leitura para, a partir de então, podermos delimitar, de acordo com o circuito de Darnton, os demais atores sociais envolvidos no circuito do romance em análise.

Sobre esse aspecto, os estudos de E. Jeniffer Monaghan (1989), que se estendem desde o período colonial até meados do século XIX, procuram compreender como as legislações de ensino, quanto dos currículos do que era ensinado, moldaram os critérios de alfabetização e, consequentemente, a formação de leitores, modulando quem teria acesso à leitura, o que deveria ser ensinado e de que formas.

De acordo com Monaghan (1989), um dos primeiros currículos de alfabetização nos Estados Unidos independente foi organizado a partir de modelos ingleses que tinham como base o caminho de aprendizagem proposto por John Locke em fins do século XVII. De acordo com esse modelo, cujo pressuposto era o ensino progressivo da leitura, passava-se de materiais mais simples para materiais de leitura mais complexos: Iniciava-se, portanto, com os *Hornbooks*,⁴ sucedido pelas cartilhas, Livro de Salmos, Novo Testamento e, por fim, a Bíblia por completo (MONAGHAN, 1989, p. 55).

Ao longo do século XVIII, no entanto, esse caminho comum sofreu modificações importantes, passando a se caracterizar pelo declínio do hornbook, um método próprio ao período colonial, para o uso massivo de cartilhas, principalmente pela publicação da *New England Primer*, um livro de alfabetização cujas vendas nos Estados Unidos “até 1830 foram estimadas entre seis milhões e oito milhões de exemplares”⁵ (*Idem*, p.56).

Dessa forma, em fins do século XVIII e ao longo do século XIX, os métodos pedagógicos começaram a adotar uma linha mais laica, especializando-se em materiais como cartilhas e *Spelling Books*, livros de ortografia e pronúncia que tiveram como expoentes americanos a reimpressão por Benjamin Franklin em 1747 do *New Guide to the English*

⁴ Comumente utilizado no período colonial, o *hornbook* era um suporte feito em madeira que continha uma fina camada feita de chifre em que eram entalhados o alfabeto, as primeiras linhas do silabário e a oração do pai-nosso.

⁵Tradução livre do original em inglês: “Its sales up to 1830 have been estimates at between six million and eight million copies” (*Idem*, p. 56).

Tongue de Thomas Dilworth, e um dos primeiros livros elaborados nos Estados Unidos o *The American Spelling Book* de Noah Webster de 1809.⁶

Além dessa questão, o que fica bastante caracterizado nos materiais utilizados na alfabetização em todo esse período e mais adiante no século XIX, é o aspecto marcadamente oral de seus pressupostos de ensino. Isto é, tanto as cartilhas quanto os livros de ortografia e pronúncia eram voltados ao ensino da leitura e não necessariamente ao da escrita, um aprendizado que era restrito, sobretudo, aos segmentos de classe mais abastados da época.

Como ressalta Monaghan (1989), vista como um ofício e denominada de *penmanship*⁷ uma palavra que expressava de forma clara o domínio masculino na área, a escrita era ensinada regularmente apenas aos meninos, por meio de uma rotina de cópia de frases morais e poemas organizadas pelo mestre da escrita, também um tutor do sexo masculino. Tais ensinamentos tinham por finalidade ensinar a esses jovens um ofício para que, futuramente, pudessem ser empregados no comércio. Para o caso das meninas, no entanto, a alfabetização limitava-se a leitura e como tarefa manual substituta a *penmanship*, lhes era ensinado a costurar.

Tal costume, contudo, não se limitava apenas aos hábitos, pelo contrário, era prescrito na legislação do período. Segundo os estudos de Monaghan, ao longo do século XVIII, diversas versões da *Massachusetts Poor Laws*, lei que regulamentava os direitos básicos da população mais pobre, evidenciava essa restrição do ensino da escrita às mulheres. Somente em 1771 essa legislação foi modificada para as crianças aprendizes estabelecendo, desta vez, que os meninos poderiam aprender a ler, escrever e a cifrar, enquanto as meninas poderiam aprender a ler e escrever (MONAGHAN, 1989, p. 63), mais uma vez limitando outra atividade ao ensino feminino. Segundo a autora:

(...) foi somente em 1771 que Massachusetts considerou a capacidade de escrever uma necessidade educacional mínima para as meninas. Isso é particularmente significativo, porque o propósito de ensinar essas crianças era de proporcionar-lhes uma habilidade com a qual poderiam eventualmente se sustentar, de modo a não ser um fardo para a cidade como seus pais indigentes (*Idem*, p. 63).⁸

⁶ O livro de Webster encontra-se disponibilizado integralmente no site da Universidade de Pittsburg em ULS Digital Collections, no endereço:
<<https://digital.library.pitt.edu/islandora/object/pitt%3A00acf7166m/viewer#page/4/mode/2up>>. Acesso em: 23 de agosto de 2019, às 16h:00min.

⁷ Definição segundo o dicionário Noah Webster: *PEN'MANSHIP, n. The use of the pen in writing; the art of writing. 1. Manner of writing; as good or bad penmanship*. Uso registrado no dicionário até, ao menos, o ano de 1913. <Disponível em: <https://1828.mshaffer.com/d/word/penmanship>>. Acesso em: 23 de agosto de 2019, às 16h:30min.

⁸ Tradução livre do original em inglês: “In other words, it was not until 1771 that Massachusetts considered the ability to write to be a minimal educational necessity for girls. This is particularly significant because the whole

Cabe destacar, no entanto, que a Poor Laws regulamentava apenas o estudo de crianças em abrigos, enquanto que, em relação ao sistema regular de ensino, a legislação correspondente era promulgada primeiramente pelo estado em que se localizava e, posteriormente, seguia-se a legislação da cidade correspondente. No caso da cidade de Boston no estado de Massachusetts, o ensino regular, que incluía leitura e a escrita, foi restringido aos meninos até o ano de 1789 quando então, passou a ser possível às meninas frequentarem a escola (*Idem*, p. 67). Contudo, é preciso sublinhar que tal realidade legislativa não impedia que muitas mulheres trabalhassem como tutoras de primeiras letras, no entanto, sempre compreendidas como professores de aquisição de leitura e não de escrita.

Se em termos de classe e gênero a diferenciação dos processos de alfabetização teve consequências para a instrução regular até os anos iniciais da República, em termos de raça, em que o pós-abolição deixava à margem a população negra nos estados do Norte, e no Sul a escravidão vigorava e proibia o ensino das letras aos escravos, essas desigualdades ficaram ainda mais demarcadas e atuantes na formação de leitores.

Dessa forma, os processos de estratificação social operaram não apenas na restrição do acesso à instrução, mas também, ao tipo de instrução voltada à população negra nos contextos de emancipação e também de escravidão nos Estados Unidos. Nessa perspectiva, os estudos de Salvino (1989)⁹ ajudam a compreender como se configurava o acesso à instrução de afro-americanos antes da Guerra de Secessão, tendo como foco, sobretudo, a experiência e narrativa de Frederick Douglass (1818-1895), ex-escravo fugitivo do sul, intelectual abolicionista e político atuante no governo de Abraham Lincoln.

Compreendo a alfabetização como um processo recíproco de aquisição de cultura e, portanto, a cultura como parte de uma conjuntura ideológica que delimita os contextos de alfabetização, Salvino (1989) procura focalizar como os cidadãos Norte-Americanos, envolvidos nos processos institucionais de legislação e concepção da alfabetização, enquanto homens brancos, de segmentos sociais médios e abastados, e que compunham o espaço público da República, concebiam a alfabetização para os brancos e como essa concepção influenciou as perspectivas e posturas institucionais de alfabetização para os negros, particularmente no que se refere a essas posturas no período anterior à Guerra de Secessão.

purpose of apprenticing these children was to provide them with a skill with which they could eventually support themselves, so as not to be a burden on the town like their indigent parents” (MONAGHAN, 1989, p. 63).

⁹ Título original em inglês: *The Word in Black and White Ideologies of Race and Literacy in Antebellum America* (SALVINO. In: DAVIDSON, 1989, p. 140-156).

Dessa forma, o estudo de Salvino (1989) contribui para se pensar o quanto a norma social de um determinado período é, assim como os processos de leitura, pensada a partir de um lugar social e em função desse lugar social, o que, muitas vezes, significa também para benefício e manutenção desse mesmo lugar. Tais considerações permitem, para além de reconhecer historicamente uma norma vigente, observar quais foram as possíveis estratégias de subversão a ela. Sobre essa questão, Salvino sublinha:

Examinar a ideologia da alfabetização americana dos anos iniciais como ‘parte de um sistema cultural’ no qual ela é vista como um elo entre os mandatos (ou prerrogativas) de cultura e comportamento individual, também nos permite começar a entender como os escravos estavam, ao mesmo tempo, transformando a ideologia de alfabetização para os seus próprios usos na obtenção de liberdade, mas como a formação ideológica fundamentalmente branca os mantinha socialmente segregados uma vez livres (*Idem*, p.142).¹⁰

Desde o período colonial e com os resquícios nos anos posteriores, como evidenciou também Monaghan (1989), a alfabetização era entendida como funcional, pois supunha como produto final uma socialização adequada, fazendo com que o processo educativo fosse voltado não apenas à instrução das letras, mas também ao ensino da moral, principalmente a moral religiosa. Mais adiante, já na República, essa noção de socialização moralmente adequada também viria atrelada à ideia de cidadania, em torno da qual se erigiu a democracia e o espaço público-nacional, algo possível de se notar não só na esfera educacional. Como como revela Harvey Graff (1989), “as bases morais da alfabetização acompanharam a mudança de uma economia moral para uma economia política”; um movimento que se prolonga por todo o século XIX (GRAFF. *Apud* SALVINO, 1989, p. 144) e que se inclui nas mudanças operadas no início da República.

Contudo, essa nova economia política que atrelava o progresso individual ao nacional não negou participação à moral religiosa a despeito da laicização do ensino das letras, pelo contrário, a reforçou. Partindo de conceitos como piedade e virtude, o progresso nacional foi combinando-se ao financeiro e às noções de moral adequada, o que pode ser evidenciado tanto em documentações religiosas, como nos relatos da *Boston Female Society for Missionary Purposes* que mais adiante serão analisados, quanto em romances, como é o caso de *The Female Marine*, além é claro de documentos administrativos do período.

¹⁰Tradução livre do original em inglês: “Examining the ideology of early American literacy as ‘part of a cultural system in which it is seen as a link between the mandates (or prerogatives) of culture and individual behavior also enables us to begin to understand how slave were able to turn the ideology of literacy to their own uses in gaining freedom, but how the fundamentally white ideological formation kept them socially segregated once free” (*Idem*, p. 142).

Reforçando-se mutuamente, tais noções, a despeito de alçar um amplo alcance educacional – incluindo aqueles que por muito tempo não tiveram acesso à educação, como foi o caso dos libertos, mulheres e pobres urbanos –, também reforçaram os lugares sociais já existentes, uma vez que se possibilitaram o acesso ao ensino básico, mas não ao ensino superior:

A retórica que muitas vezes redundou em justificativas para educar a classe mais baixa, na maioria das vezes, os aborda 'tornando-os aceitáveis para nós'; ensinar a ordem e a decência das classes mais baixas proporciona maior estabilidade para a comunidade (eles não vão nos roubar) e a nação (eles não nos derrubarão). Da mesma forma, escolas industriais ou vocacionais alternativas surgiram durante o século XIX, prometendo uma educação útil ao estudante, mas também útil para um sistema de classes capitalista (SALVINO, 1989, p. 144).¹¹

Em específico, no que se refere aos escravizados, essa ideologia educacional era ainda mais restritiva, uma vez que aqueles que aprendiam a ler eram, de maneira geral, considerados excepcionais. Contudo, conforme os estudos de Janet Cornelius (1983), uma parcela significativa dos escravos que aprendiam a ler e a escrever buscavam usar essa habilidade para escapar ou, se libertos, ajudar outros escravos a escaparem. Além disso, muitos escravos, principalmente nos estados do Norte, mas não somente, utilizaram seus conhecimentos para se engajar em lutas abolicionistas e lideranças religiosas e, no caso de Frederick Douglass, em carreiras públicas, o que possibilitou a publicação de suas narrativas que reafirmavam o poder subversivo que o acesso à alfabetização teve em sua trajetória.

Segundo Johnson (2007), no ano de 1790, aproximadamente 85% dos homens brancos adultos de Nova Inglaterra podiam ler e escrever, enquanto que, para o caso feminino, as taxas caíam para 45%. A despeito da disparidade, tais taxas indicam um crescimento importante no letramento ligado à leitura não apenas funcional, relativo ao ensino da moral religiosa, mas aquele possibilitado pelo exercício diário da leitura, largamente influenciado pelo crescimento da circulação de impressos nos espaços urbanos, tais como cópias de menor preço de Bíblias, romances, jornais, almanaques, dentre outros tipos.

A partir do ano de 1792, a lei passou a permitir que os jornais trocassem cópias entre si sem custo adicional de envio, assim, editores de semanários passaram, em rede, a reproduzir notícias internas e externas nos jornais de Nova York, Baltimore, Filadélfia e Boston, juntamente com a publicidade local, solicitações de serviços e avisos legais, passando

¹¹Tradução livre do original em inglês: “The rhetoric that often-surrounded justifications for educating the lower class most often addresses 'making them acceptable to us'; teaching the lower classes order and decency provides greater stability for the community (they won't steal from us) and the nation (they won't overthrow us). Similarly, alternative industrial or vocational schools sprang up during the nineteenth century, promising an education useful to the student, but also useful to a capitalist class system”. (*Idem*, p. 144)

a fornecer aos leitores fontes uniformes de informação que circulavam nos estados do Norte, partes do novo Oeste e Sul. Em 1790, em torno de cento e seis jornais eram publicados na República e, em 1835, o número saltou para mil duzentos e cinquenta e oito, dos quais noventa eram impressões diárias (JOHNSON, 2007, p. 69).

Em fins do século XVIII, as constantes melhorias nos processos e tecnologias de impressão e distribuição encorajaram, para além dos periódicos, outras formas de impressos, tais como os chapbooks - livros de impressão e encadernação baratas -, panfletos, broadsides - que poderiam variar de impressos com charges ou textos críticos à baladas marítimas, no caso de broadside ballads -, almanaques, manuais domésticos e médicos, livros de receitas, cartilhas, Spelling books e, principalmente, os de maior difusão, os panfletos religiosos, impressos geralmente em Nova York e distribuídos pelos correios de forma barata e eficiente.

De acordo com Ronald J. Zboray (1989), nos anos anteriores à Guerra de Secessão a modernização nos processos de impressão trouxe, para além de inovações tecnológicas, ironias nos processos de trabalho, distribuição e acesso aos impressos de forma geral. As tecnologias como a prensa a vapor, conjuntamente a estereotipagem (a partir do ano de 1811), e, posteriormente, a eletrotipagem (já em 1841), funcionaram durante o período anterior à Guerra de Secessão mais ou menos concomitantemente.

Contudo, até 1810 e mais adiante, os processos de impressão tinham como princípio básico o uso da prensa e dos tipos, um trabalho que necessitava de auxiliares geralmente contratados por jornadas, para distribuir os tipos na prensa e, a partir de então, imprimir a primeira edição do texto. Se sua circulação demandasse mais edições, era novamente necessário que os tipos fossem recompostos como na primeira vez, o que exigia despesas com mão-de-obra para organização, como na primeira edição. Entretanto, nos processos de estereotipagem e eletrotipagem os tipos eram tomados em conjunto em placas de metal permanentes, não exigindo pagamento de mão-de-obra após a sua primeira edição (ZBORAY, 1989, p. 188).

Com essa nova tecnologia, as placas de metal poderiam ser usadas por longos períodos, alugadas a outros editores ou até mesmo vendidas posteriormente, o que mudou tanto a relação de trabalho na prensa, quanto a relação entre autor e editor. Além disso, a modernização dos processos de impressão teve impacto direto nos trabalhadores, que tiravam seu sustento da composição dos tipos. Conforme ressalta Zboray (1989):

Com mais compositores procurando trabalho, o valor de seu trabalho no mercado caiu. Tecnicamente obsoletos os impressores que trabalhavam por jornada, perseguindo o trabalho de composição, exacerbaram o problema. Os tipógrafos

desde cedo reconheceram o terrível impacto da industrialização sobre eles: O negócio dos estereótipos aumentou consideravelmente e as inúmeras melhorias na arte e tornaram, a cada ano, mais difícil para os compositores sustentarem a si e a suas famílias (*Idem*, p. 188).¹²

A mecanização da impressão trouxe consigo uma reorganização das dinâmicas tradicionais de trabalho. Os jornaleiros e aprendizes foram substituídos por trabalhadores fixos e especializados: alguns ficavam responsáveis pelo processo de composição da placa de metal, um trabalho que exigia qualificação maior, enquanto outros ficavam responsáveis pela prensa, um trabalho árduo e pouco qualificado que pagava salários mais baixos.

Outra inovação, já presente em fins do século XVIII, foi a criação do cargo de gerente, um chefe responsável por fiscalizar e intensificar as jornadas de trabalho, aumentando a produção e estabilizando os salários pagos. No início do século XIX, a gerência, a especialização do trabalho e o sistema de salários fixos já haviam sido adotados pela maioria das grandes gráficas, o que, por sua vez, possibilitou a organização de uma força de trabalho unificada. Como demonstra Zboray (1989):

No início de 1786, vinte e seis jornaleiros da imprensa da Filadélfia entraram em greve contra reduções salariais generalizadas de US \$ 6,00 para US \$ 5,83 / 1/3 por semana. A nova organização do trabalho foi tão firmemente estabelecida que, no primeiro quartel do século XIX, os artífices fundaram mais de uma dúzia de 'sociedades tipográficas', preocupadas não apenas com as escalas salariais, mas também com as condições de trabalho, com o problema dos trabalhadores de meia jornada e, mais proeminentemente, dos benefícios em casos de doença, morte e desemprego – as primeiras noções de seguridade (ZBORAY, 1989, p. 187).¹³

Além das relações de trabalho acima citadas, as relações entre autores e editores também se modificaram, na medida em que foram surgindo direitos de impressão de determinada obra. Inicialmente, esses direitos eram vendidos ao editor por determinado período sem restrições nas quantidades de edições, o que influenciava na forma de venda dessas obras. Antes das inovações tecnológicas nas formas de impressão, os editores delimitavam a quantidade de impressões que uma edição teria, haja vista que para a segunda edição o trabalho teria de ser refeito. Ao facilitarem os processos de edição subsequentes à

¹²Tradução livre do original em inglês: "With more compositors looking for work, the worth of their labor in the market fell. Technologically obsolete journeymen pressmen chasing composing job exacerbated the problem. Typographers early on recognized the dire impact of industrialization upon them: 'The business of stereotyping (has) increased to a great extent, and the numerous improvements in the art... render it every year more difficult for compositors to support themselves and their families'". (ZBORAY, 1989, p. 188)

¹³Tradução livre do original em inglês: "An early as 1786 twenty-six Philadelphia journeymen printers went on strike against widespread wage reductions from \$6.00 to \$ 5.83 1/3 a week. So firmly in place was the new organization of labor that by the first quarter of the nineteenth century, journeymen founded more than a dozen 'typographical societies', concerned not only with wage scales but also with labor conditions, the halfway journeymen problem, and, most prominently sickness, death, and unemployment benefits - the rudiments of security". (*Idem*, p. 187)

estereotipagem e à eletrotipagem, em certa medida, exigiam um investimento maior e mais organizado de campanhas publicitárias das obras para impulsionar as vendas, que envolviam tanto a propaganda quanto a resenha e comentários nos jornais. Assim, muitos editores investiam em autores já conhecidos pelo público leitor ou em temas e gêneros vendáveis em voga no mercado (*Idem*, 1989, p. 189).

Contudo, uma das ironias apontadas por Zboray (1989) em relação aos processos de viabilização dos impressos diz respeito ao valor dos livros. Segundo seus apontamentos, a inovação da tecnologia, de modo geral, não causou grande alteração nos preços desse tipo de impresso no início da República, sendo esse impresso os livros em brochura e de capa dura. Assim, no período anterior à Guerra de Secessão o preço variava entre US\$ 0,75 e US\$ 1,25, algo que, em comparativo ao salário de trabalhadores do mesmo período, para o caso dos homens brancos qualificados, esse valor equivaleria a um dia de trabalho, enquanto que, para as mulheres, o valor de seu pagamento diário não cobriria um quarto desse valor. Nessa conta, segundo o autor, o valor estipulado de um dólar por livro:

(...) representava um sexto do salário semanal do homem e mais da metade do salário da mulher – o equivalente hoje a algo entre cinquenta e cento e cinquenta dólares, um preço que poucos, naquela época e agora, estariam dispostos a pagar pelo livro (*Idem*, p. 190).¹⁴

Além do desenvolvimento de tecnologias para a impressão, as inovações na fabricação do papel nos Estados Unidos também impulsionaram e baratearam o seu processo. Durante o período colonial e ao longo de quase todo o século XVIII, havia uma escassez grande de papel nos Estados Unidos, sendo a maioria dos impressos feitas da transformação de farrapos (*rags*)¹⁵ em papel.

A escassez de papel era tão manifesta que, em 1748, um navio espanhol capturado pela Marinha Britânica foi encaminhado para Boston, e sua carga, fardos de bulas papais e indulgências a serem enviadas às colônias espanholas, foi apreendida e posteriormente vendida em lotes por um preço mais barato a Thomas Fleet. Fleet, por sua vez, editor ativo na cidade de Boston, comprou os documentos e os utilizou para imprimir e vender *broadside*s no verso, haja vista o baixo preço e a necessidade da matéria prima (NEUBURG, 1989, p. 83).

¹⁴ Tradução livre do original em inglês: “The one-dollar price of books represented a full one-sixth of the male's weekly wages and well over half the woman's wage - equivalent today to anywhere between fifty and a hundred fifty dollars, a price few, then and now, would be willing to pay for book”. (*Idem*, p. 190)

¹⁵ A tradução do termo em inglês *rags* no contexto acima pode ser ambígua, pois indica tanto um papel de qualidade menor, muitas vezes utilizado para a impressão de jornais, quanto um papel fabricado a partir de trapos de pano. Nesse sentido, seguindo os estudos Neuburg (1989), optou-se pela tradução do termo para “farrapos”, acompanhada da palavra original em inglês.

Apenas em 1828, após os avanços na produção de papel pela extração de celulose desenvolvida por William Megaw em Meadville, Pensilvânia, difundiram-se pelos Estados Unidos, é que, paulatinamente, o problema do suprimento de folhas para impressão começou a diminuir (*Idem*, 1989, p.84). Além da tecnologia de Megaw para a produção de papel, o cinto baseado em Foudrinier, de 1799, e o cilindro de Thomas Gilping, de 1816, também contribuíram para a otimização desse processo, produzindo grandes folhas contínuas, no entanto, ambas as tecnologias se popularizaram apenas na década de 1830.

Não apenas os processos relacionados à produção de matéria prima e à tecnologia de impressão influenciaram o crescimento dos hábitos de leitura nos primeiros anos da República. A incorporação de novas práticas e técnicas de iluminação também possibilitaram a leitura noturna em períodos de lazer.

Os lampiões de óleo de baleia, largamente utilizados no século XVIII e início do século XIX, e que proporcionavam uma iluminação interna escassa, foram, aos poucos, substituídos a partir da década de 1830 pelas lamparinas de camfina, que permitiam iluminação maior em ambientes fechados. Contudo, seu elevado custo limitava seu uso às classes mais abastadas, enquanto que leitores de segmentos de classe menos abastados tiveram de criar estratégias distintas para leitura no seu período de lazer. Como demonstra Zboray (1989), os marinheiros, público que largamente adquiria panfletos, chapbooks e broadsides:

(...) tinham muito tempo de lazer durante o dia e podiam ler tanto, que os reformadores se pronunciaram, com veemência geralmente reservada à cruzada da temperança, contra a prática de ler romances baratos no mar. E era prática comum em fábricas, ainda vinculadas a ritmos de trabalho pré-industriais, que alguém fosse contratado para ler o jornal em voz alta enquanto os trabalhadores executavam suas tarefas. No entanto, para a maioria dos trabalhadores, a iluminação inadequada desencoraja seriamente a leitura prolongada nas horas de lazer (ZBORAY, p. 194).¹⁶

De forma bastante contundente, a leitura dos romances, principalmente dos romances sentimentais, era vista em fins do século XVIII e ao longo de todo o século XIX, como uma atividade moralmente inadequada e frívola (WINANS, 1975, p. 267), considerada dessa forma por autoridades morais, sejam elas religiosas ou políticas. Contudo, como ressalta Winans (1975), a despeito da advertência moral de tais autoridades durante os primeiros anos

¹⁶Tradução livre do original em inglês: “Some workers, such as seamen under sail, did have abundant daylight leisure time and were able to read so much that reformers spoke out, with a vehemence usually reserved for the temperance crusade, against the practice of reading cheap novels at sea. And it was common practice in shops still tied to preindustrial work rhythms for someone to be hired to read the newspaper aloud while workers performed their tasks. Nevertheless, for most workers, inadequate illumination seriously discouraged prolonged reading during leisure hours” (ZBORAY, 1989, p. 194).

da República, houve um crescimento exponencial no consumo de romances, não apenas pela imprensa e pelo crescimento da distribuição, mas, igualmente, pelo surgimento de bibliotecas.

A ambiguidade em relação ao crescimento da leitura de romances e a visão de que eram uma má leitura perdurou durante todo o século XIX, inclusive no período posterior a 1840, denominado por Barbara Sicherman (1989) de *Late-Victorian America*. Em seus estudos, Schierman (1989) mapeia os hábitos de leitura das mulheres da família Hamilton (sobrinhadas do secretário do tesouro Alexander Hamilton), a partir de diários pessoais, possibilitando a verificação dos variados usos e significados que a leitura poderia ter para mulheres de um segmento social abastado e que tinha por princípio cultivar hábitos intelectuais.

Segundo Sicherman (1989), além dos diversos livros comumente lidos no período, como romances populares, livros infantis, dentre outros, entre os hábitos de leitura das Hamiltons, também havia romances religiosos e a leitura devocional que constituíam grande parte do rol literário de toda a família presbiteriana, principalmente durante as reuniões dominicais em que havia sempre uma leitura conjunta em voz alta. Além desses, cada qual possuía um gosto específico para a literatura, algumas das jovens preferiam trabalhos românticos e sentimentais, enquanto outras, leituras mais devotas e voltadas à religião.

Em seus estudos, a partir dos diários de Agnes Hamilton, a autora verifica que a leitura poderia igualmente variar não apenas no gosto literário, mas também na intensidade em que significavam o texto lido. Nesse sentido, Agnes, a leitora mais fervorosa dos Hamiltons, era também aquela que mais se preocupava com o grande tempo gasto na leitura de romances, particularmente um tipo de romance sentimental designado pelas suas consanguíneas como ‘lixo’ (SCHIERMAN, 1989, p. 207). Em seus diários, Agnes revela que vê com indulgência seu hábito exacerbado de ler romances sentimentais, vendo-os como uma espécie de fuga de situações familiares indesejáveis. Assim, Schierman (1989) observa que depois de completar dois romances de Boleless-Lytton, Agnes escreveu em seu diário “Eu resolvi não ler outro romance por pelo menos uma semana e, finalmente, me sinto como um bêbado reformado” (*Idem*, p. 208), uma observação que em muito revela a retórica presente no período a respeito da má influência que os romances sentimentais poderiam ter sobre os seus leitores, em específico, sobre as mulheres.

Em linhas gerais, portanto, pode-se compreender os anos iniciais da República como bastante profícuos no que se refere às taxas de alfabetização, democratização da leitura, tecnologias de difusão e, principalmente, circulação de impressos. Juntos, especialmente os

últimos, tiveram capital importância na construção do espaço público da jovem democracia e, ao mesmo tempo, provinham entretenimento e informação a um público letrado crescente.

1.2 Chapbooks, panfletos, broadside ballads e almanaques: cultura popular e circulação dos impressos efêmeros

Se o preço de livros elaborados e em capa dura tornava a leitura a partir da aquisição, uma atividade restrita aos leitores mais abastados nos primeiros anos da República, por outro lado, outras formas de impressos tornavam seus conteúdos mais acessíveis a um público menos privilegiado economicamente. De acordo com Victor Neuburg (1989), desde o período colonial, com origens e influências massivas dos impressos ingleses, havia uma ampla cultura e circulação de impressos efêmeros, cujo comércio envolvia uma gama de suportes baratos para textos, sendo essas inclusive, de versões adaptadas dos romances publicados em capa dura.

Tais impressos se compunham de panfletos em geral, broadsides (panfletos de apenas um verso da folha, contendo textos satíricos, charges e historietas), broadside ballads (poemas que muitas vezes eram musicados), almanaques (pequenas revistas contendo calendário anual, além de indicações úteis, receitas, curiosidades, anedotas e etc.) e, principalmente, chapbooks. Todos esses suportes eram oferecidos em lojas de panfletos ou circulavam nas ruas, seja por meio dos vendedores itinerantes nos bairros mais afastados dos centros urbanos, seja para contextos mais distantes, nos vilarejos e distritos rurais dispersos na República.

Tais impressos efêmeros constituíram parte de uma ampla cultura de literatura popular Norte-Americana que, no entanto, devido a sua condição efêmera, legou uma parcela muito pequena de seus textos para posteridade. Lidos até despedaçarem e dificilmente coletados pelas primeiras bibliotecas ou mesmo por colecionadores – com a rara exceção de Isaiah Thomas, a quem nos atentaremos mais adiante –, esses impressos possuíam, ao mesmo tempo, circulação ampla e vida útil curta, sendo acessíveis nos dias de hoje apenas em raras coleções.

Como impressos financeiramente acessíveis, chapbooks, panfletos, almanaques e broadsides, eram principalmente difundidos entre leitores da classe trabalhadora e de classes menos abastadas, constituindo uma importante fonte para se pensar os hábitos de leitura desses segmentos sociais, que, diferentemente dos segmentos mais abastados, raramente deixavam acervos pessoais, cartas ou diários relatando seus hábitos de leitura. Contudo, como

ênfatiza Cathy Davidson (1989), não se pode extrapolar, apenas pela acessibilidade dos impressos efêmeros, a noção de leitores implícitos, restringindo, portanto, sua circulação apenas aos segmentos de classes menos abastados. Contudo, ter em vista tais condições em muito contribui para o aprimoramento de análises que levam em conta a história da leitura dentro do circuito das comunicações evidenciado por Darnton (1990).

Em relação aos chapbooks, suas histórias variavam de acordo com o período em que circulavam, sendo os primeiros deles adaptações de histórias que remontavam à cultura popular medieval, tais como contos de fadas, de gigantes e monstros, além de canções marítimas e histórias de piratas e salteadores, muitos dos quais advinham de uma cultura oral bastante enraizada na Europa.

Já em fins do século XVIII e início do século XIX, a grande maioria dos chapbooks se constituía de romances de matriz inglesa, tais como os de Daniel Defoe, como *Robson Crusoe* e *Moll Flandres*, e os romances de Henry Fielding, que circulam em muitas edições baratas garantindo um público assíduo de leitores e leitoras nos Estados Unidos.

No que se refere à materialidade de seu suporte, até fins do século XVIII, a grande maioria das edições de chapbooks, devido aos problemas com fornecimento de papel, como anteriormente citado, era enviada de navio diretamente de fornecedores ingleses. Dessa forma as impressões eram feitas, sobretudo, em papel mais grosso, para que pudessem resistir aos efeitos da maresia e da umidade nos porões das embarcações. O contato entre os editores e fornecedores ingleses era tão regular que mesmo com as hostilidades que resultaram no embargo no ano de 1809, muitos prosseguiram, após o fim dessas hostilidades, com o comércio de livretos da antiga metrópole para a independente República.

A grande maioria dos escassos impressos efêmeros que chegaram até os dias de hoje são provenientes de coleções pessoais, como a de Isaiah Thomas, que ao final do ano de 1812 e início de 1814, passou a adquirir uma quantia significativa de baladas e canções de Nathaniel Coverly Jr., famoso editor de romances - inclusive *The Female Marine* -, panfletos e broadsides, e dono de uma longa loja de impressos em Boston. Além de comprá-los, Thomas os organizou em três volumes que foram doados à *American Antiquary Society* em Worcester, Massachusetts, da qual foi o fundador, principalmente em razão dessa coleção.

Como entusiasta, Thomas foi um dos primeiros, se não o primeiro, a se preocupar com a preservação de impressos efêmeros na recém independente República. Batizada de “*Verses in Vogue with vulgar*”, nome dado pelo próprio Thomas à coleção, parte do arquivo encontra-

se atualmente digitalizado, organizado e disponibilizado na página da instituição¹⁷. Segundo Paula McDowell (2013):

Embora consideremos hoje esses objetos impressos como efêmeros, Isaiah Thomas sabiamente preservou os panfletos das canções, garantindo sua permanência. De fato, na folha em branco do primeiro volume, ele inscreveu a seguinte nota: ‘preso à Preservação, para mostrar quais artigos desse tipo estão em voga com o vulgar no momento, 1814. N.B. Canções e baladas comuns não estão tão bem impressas no momento quanto eram (70 anos atrás), em Boston’.

A maioria é ilustrada, e Coverly, provavelmente, esperava que as xilogravuras estimulassem o fervor patriótico. Essas e outras folhas de canções também são documentos importantes, preservando textos populares na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XIX (MCDOWELL, 2013, p.2731-2734).¹⁸

De todos os trezentos e dois broadsides coletados nos volumes de Thomas, quase metade foi impressa pela família de editores, tipógrafos e vendedores Coverly que, ao menos desde a década de 1760 até fins da década de 1830, pai, filhos e, possivelmente, a esposa estiveram bastante envolvidos com o mercado de literatura popular em Nova Inglaterra e particularmente em Boston. Nas palavras de Victor Neuburg (1989):

Pelos padrões dos primeiros anos da América, este valor representa uma produção considerável de baladas impressas que sobreviveram – para não falar daquelas que estão perdidas - e um total como esse certamente sugere uma literatura popular desaparecida, uma vez disponível nas ruas de Boston (NEUBURG, 1989, p. 98).¹⁹

Ainda na década de 1760, os membros da família Coverly já participavam ativamente do mercado de impressos. Em 1768, Nathaniel Coverly pai colaborou com Zachariah Fowle, outro tipógrafo atuante no período, na impressão de diversos chapbooks, inclusive, de “A morte de Abel”.²⁰ Por sua vez, John Coverly, filho de Nathaniel, aparece como editor na impressão de “A história notável de Tom Jones”,²¹ adaptação do romance de Fielding impressa em em Salém em 1799 e que continha no verso de sua capa o alfabeto (*Idem*, p. 98).

¹⁷ Site oficial do projeto da American Antiquarian Society:

<<https://www.americanantiquarian.org/thomasballads/>>. Acesso em: 26 de agosto de 2019, às 18h:51min.

¹⁸ Tradução livre do original em inglês: “Although we consider the printed objects today as ephemera, Isaiah Thomas wisely preserved the song sheets, insuring their permanence. Indeed, on the flyleaf of the first volume, he inscribed the following note: ‘Bound up for Preservation, to shew what articles of this kind are in vogue with the Vulgar at this time, 1814. N.B. Songs and common Ballads are no so well printed at this time as they (were) 70 years ago, In Boston’. Most are illustrated, and Coverly probably hoped that the woodcuts would stimulate patriotic fervor. These and other song sheets are also important documents preserving texts popular in Great Britain and the United States in the opening decades of the nineteenth century” (MCDOWELL, 2013, posição no E-book 2731-2734).

¹⁹ Tradução livre do original em inglês: “By the standards of early America, this figure represents a considerable output of *ballad sheets* that have survived – to say nothing of those that are lost – and such a total surely hints at a vanished popular literature once available on the streets of Boston” (NEUBURG, 1989, p. 98).

²⁰ Título original em inglês: *The Death of Abel*.

²¹ Título original em inglês: *The Remarkable History of Tom Jones*.

Em Boston, por sua vez, ao menos desde o ano de 1805 até 1823, Nathaniel Coverly Jr., filho de Nathaniel e irmão de John, manteve endereços na cidade com sua tipografia, posteriormente referida como loja de panfletos nos Diretórios da cidade de Boston. Com seu falecimento em 1824, Eunice Coverly, possivelmente sua esposa, assume os negócios familiares, como apontam os respectivos diretórios da cidade com os nomes, profissões e endereços dos familiares Coverly:

1805 – Coverly Nathaniel, Tipógrafo, Federal Court, Federal Street (1805, p. 36);
1806 – Coverly Nathaniel, Tipógrafo, Rua Orange 6 (1806, p.50);
1807 – Coverly Nathaniel, Tipógrafo, Rua Orange 52; (1807, p. 55);
1809 – Coverly Nathaniel, Tipógrafo, Rua Orange 52; (1809, p. 42);
1810 – Coverly Nathaniel, Tipógrafo, Casa Lendell Lane; (1810, p.55);
1820 – Coverly Nathaniel, Tipógrafo e livreiro, Rua Milk 16; (1820, p.70);
1823 – Coverly Nathaniel, Loja de panfletos, Rua Milk 16; (1823, p.72);
1825 – Coverly Eunice, Loja de panfletos, Rua Milk 16; (1825, p. 81);
1829 – Coverly Eunice, Loja de panfletos, Rua Milk 40; (1829, p.76);
1830 – Coverly Eunice, Loja de panfletos, Rua Milk 40(1830, p. 112).²²

Ao longo do período em que atuou em Boston, Coverly Jr. e seus familiares comercializavam principalmente broadsides, livretos de romances, além de alguns livros infantis. No que se refere aos chapbooks, apenas alguns títulos chegaram ao nosso conhecimento, principalmente pelos estudos de Neuburg (1989), o que não implica, no entanto, que além desses, mais livretos circulassem em Boston pelas prensas da família Coverly ou pelo trabalho de outros editores e tipógrafos.

Entre os títulos conhecidos o livreto “Os provérbios cômicos de um irlandês de Cork”,²³ de vinte e duas páginas sem ilustrações, foi possivelmente publicado nos primeiros anos dos Coverly Jr. em Boston. Além desse, também “A História de Jane Shore”,²⁴ de vinte e quatro páginas, que foi vendido a oito centavos a cópia ou cinquenta centavos a dúzia de cópias; além de outros títulos, como: “A história dos sete mestres sábios”,²⁵ de 1811; “A filha

²²Tradução livre do original em inglês: “1805 – Coverly Nathaniel, printer, Federal court, federal street (1805, p. 36) / 1806 - Coverly Nathaniel, printer, 6, Orange street / 1807 – Coverly Nathaniel, printer, 52 Orange Street (1807, p. 55) / 1809 – Coverly Nathaniel, printer 52 Orange st.(1809, p. 42) / 1810 – Coverly Nathaniel, printer, house Lendell lane (1810, p.55) / 1820 – Coverly Nathaniel, printer and bookseller, 16 Milk Street (1820, p.70) / 1823 – Coverly Nathaniel, pamphlet shop, 16 Milk Street (1823, p.72) / 1825 – Coverly Eunice, pamphlet shop, 16 Milk Street (1825, p. 81) / 1829 – Coverly Eunice, pamphlet shop, 40 Milk street (1829, p. 76) / 1830 – Coverly Eunice, pamphlet shop, 40 Milk (1830, p. 112)”. Todos os diretórios citados encontram-se disponibilizados no site da *Boston Athenaeum Digital Collections*. Disponível em: <<https://cdm.bostonathenaeum.org/digital/collection/p16057coll32/search>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019, às 10h:58min.

²³ Título original em inglês: *The Comical Sayings of Paddy from Cork*. No contexto, *Paddy* pode expressar tanto um nome próprio, quanto ‘nacionalidade Irlandesa’ expressa de uma maneira formal.

²⁴Título original em inglês: *The History of Jane Shore*.

²⁵Título original em ingles: *The History of the Seven wise Masters*.

pródiga”,²⁶ “A história agradável do frade e do menino”,²⁷ e “O cantor naval”,²⁸ todos publicados no ano de 1813, mas sem preço estabelecido (NEUBURG, 1989, p.99).

É importante notar que os títulos publicados por Coverly em chapbooks, com a exceção de “A filha pródiga” – em relação ao qual, infelizmente, não foi encontrado registro nesta pesquisa – eram reimpressões de romances populares de ampla circulação na Inglaterra e em alguns países anglófonos, como a Escócia, para o caso de “O Cantor naval”, e também países europeus, como é o caso de “A história agradável do frade e do menino” na França. Nesse sentido, não somente os livretos de Coverly eram reimpressões de romances baratos ingleses, mas eram parte de toda uma vasta circulação de impressos de diversos contextos europeus que se inspiravam na forma assumida pelo romance Inglês, como se verá adiante.

Contudo, não apenas de romances populares ingleses se alimentou o circuito dos chapbooks nos Estados Unidos. Segundo Neuburg (1989), três grandes contribuições Norte-Americanas foram feitas à cultura dos chapbooks e passaram, inclusive, a circular na Inglaterra: sendo elas narrativas em torno de histórias de cativo, a história de Richard Rum, um aventureiro Norte-Americano e, por fim, a história e carreira do excêntrico Chapman Whitcomb, vendedor e editor de livros (NEUBURG, 1989, p. 102).

Em relação às narrativas de cativo, em grande parte, tinham como espaço narrativo a fronteira de regiões de natureza árida ou selvagem, e nelas, um colono branco, homem ou mulher, era sequestrado por tribos de nativos Norte-Americanos e, após viver um tempo entre eles, escapava para voltar a seu lugar de origem; uma fórmula narrativa que perdurou durante todo o século XIX nas narrativas de *Western*. Uma das primeiras histórias dessa linha narrativa foi escrita por Mary Roland e frequentemente reimpressa desde a sua primeira edição em Cambridge, no ano de 1682. Conforme observa Neuburg (1989):

Narrativas desse tipo, com todas as suas variações, eram extremamente populares até o final do século XVIII e por vários anos até o século XIX. O padrão de sua publicação em diversas localidades sugere que se tornaram parte de uma herança comum e cresceram tanto como característica da tradição americana de chapbooks quanto cresceram as histórias de Tom Thumb e Guy de Warwick, por exemplo, no caso Inglês (NEUBURG, 1989, p. 103).²⁹

²⁶ Título original em inglês: The Prodigal Daughter.

²⁷ Título original em inglês: The Pleasant History of the Friar and Boy.

²⁸ Título original em inglês: The Naval Songster.

²⁹ Tradução livre do original em inglês: “Narratives of this sort, with all kinds of variations, were extremely popular until the end of the eighteenth century and for several years into the nineteenth. The pattern of their publication in many different locations suggests that they became part of a common heritage, and grew to as much a feature of the American chapbook tradition as stories of Tom Thumb and Guy of Warwick, say, were of the English one” (NEUBURG, 1989, p. 103).

Por sua vez, o chapbook que narrava a história de Richard Rum, originalmente intitulado “Em uma corte realizada em Punch-Hall, na colônia de Bacchus. A acusação e julgamento de Sir Richard Rum...”,³⁰ tinha como assunto geral a temperança e, como o próprio título revela, contava a história do julgamento do personagem Richard. Ao longo do século XVIII, várias edições foram impressas, ao menos nove entre os anos de 1724 e 1793, sem levar em conta algumas com títulos levemente modificados como “A acusação e julgamento de Sir Richard Rum em um tribunal...”³¹ e um livreto relacionado intitulado “Um diálogo entre Sam, Sword e Richard Rum”,³² de 1794.

Já a terceira contribuição dos chapbooks americanos ao circuito Inglês diz respeito à carreira de um suposto autor, editor e vendedor de livros ambulante, Chapman Whitcomb (1765-1833). Pouco se sabe a respeito de sua existência, no entanto, de acordo com os estudos de J.C.L. Clark, Chapman Withcomb era um homem excêntrico, formado em New Hampshire, que não teve muita sorte em sua vida amorosa. Segundo os estudos de Clark, Withcomb teria atuado como professor, colecionador de selos e também como editor de alguns livretos, nos quais na parte final havia a inscrição “Leominster: impresso por Chapman Withcomb”. Dessas impressões, vinte e quatro encontram-se disponíveis na *American Antiquarian Society*.

Além de romances, também livretos e panfletos de tratados religiosos circularam por todo o século XVIII e, principalmente, durante os primeiros anos da República no século XIX, sobretudo pelas publicações de Sociedades Religiosas protestantes em suas ramificações Batista, Congregacional e Metodista. Embora os suportes, bem como, o processo de venda e distribuição fossem muito semelhantes ao dos chapbooks de romance, os livretos religiosos não faziam parte da tradição secular dos romances baratos, pelo contrário, eram vistos como uma alternativa edificante às “publicações maliciosas”, “profanas e imorais” que circulavam amplamente nos centros urbanos (NEUBURG, 1989, p. 107).

De maior circulação do que os chapbooks, almanaques, panfletos, broadsides e baladas – compreendidos num amplo conjunto de impressos efêmeros – tiveram grande recorrência nos séculos XVIII e XIX, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos. Segundo McDowell (2013), até mesmo os lares mais dispersos no interior dos Estados Unidos, nos primeiros anos da República, possuíam almanaques em casa. Valendo-se de muitas ilustrações, esses

³⁰Título original em inglês: At a Court Held at Punch-Hall, in the Colony of Bacchus. The Indictment and Trial of Sir Richard Rum...

³¹Título original em inglês: The Indictment and Trial of Sir Richard Rum at a Court...

³²Título original em inglês: A Dialogue between Sam, Sword and Richard Rum.

impressos eram utilizados como guias para uma infinidade de assuntos, principalmente aqueles relacionados à agricultura, como épocas de plantio de determinadas culturas, fases da lua e cuidados de saúde, além de trazer anedotas, informações mensais, dentre outros assuntos. Junto aos panfletos e chapbooks religiosos, os almanaques eram uma das principais leituras e impressos que circulavam em todo território da República, mesmo naqueles de contextos mais rurais.

Já para o caso dos panfletos e broadsides, segundo os estudos de Murphy e O'Driscoll (2013), a natureza fugidia desses impressos, especialmente aqueles do século XVIII, legou pouco de sua materialidade à posteridade, tendo em vista, principalmente, o destino dado a essa literatura por seus contemporâneos: usado para cobrir alimentos, como combustível para lareiras e fogões e, até mesmo, na higiene pessoal no uso dos privativos. Panfletos de fácil circulação, de preço e linguagem acessíveis e muitas vezes acompanhados de conteúdo imagético, tais impressos efêmeros exerceram consideráveis influências na esfera social, política e religiosa, principalmente por meio da construção do espaço de discussão pública e na construção e circulação de uma cultura popular em seus contextos.

Contudo, a despeito de genericamente serem agrupados nessa categoria de papéis efêmeros é importante ressaltar que tanto para alguns leitores quanto em determinados contextos editoriais, alguns panfletos literários ou religiosos e, principalmente, broadside ballads poderiam ter longevidade mais considerável, constituindo-se inclusive como material de letramento que passava de geração ou mesmo como material de reimpressão editorial quando o assunto tratado voltava novamente a circular.

Para o segundo caso, as temáticas eram de suma importância para reimpressão, principalmente quando se referiam às conjunturas políticas ou à rememoração de feitos nacionais e/ou regionais. São exemplos destes os panfletos *The Embargo*, inicialmente impresso no contexto de 1808 com o intuito de criticar o embargo econômico proposto em fins do governo de Thomas Jefferson e aprovado pelo Congresso no governo de James Madison, o que criou um clima de instabilidade entre as regiões portuárias de Nova Inglaterra que dependiam grandemente do comércio marítimo.

Posteriormente, o mesmo panfleto foi reimpresso no ano de 1812, período em que as hostilidades entre Estados Unidos e Inglaterra se acirraram e, igualmente, as instabilidades entre os partidos Federalista e Republicano, uma vez que o partido Federalista havia se estabelecido em grande parte de Nova Inglaterra e fazia oposição ferrenha ao governo central

do partido Republicano, tornando-se assunto de “batalhas” de baladas entre escritores de ambos os partidos.³³

Dessa forma, além do impresso, outro ponto importante a ser ressaltado a respeito dos broadside ballads é que seu conteúdo poderia ser apreciado não apenas por pessoas alfabetizadas, mas também por pessoas com letramento insuficiente e até mesmo analfabetas, uma vez que eram recitadas ou cantadas nas ruas e em feiras por seus vendedores e, muitas das vezes, principalmente para o caso Inglês, afixadas nas paredes das tavernas, cafés e muros em vias públicas, um meio de compartilhar a leitura tanto visualmente, pelas figuras que carregavam, quanto em voz alta, para aqueles que sabiam como lê-las ou cantá-las. Nesse sentido, Murphy e O’Driscoll (2013) esclarecem que:

Em qualquer um desses contextos, no entanto, as obras teriam transformado fundamentalmente os espaços ao seu redor: esses lugares teriam se tornado teatros para a discussão de eventos e questões momentaneamente importantes, à medida que o broadside ou o panfleto convidava seu público local a participar de um discurso específico. A impressão barata, portanto, gera troca discursiva e comunidade. (MURPHY; O’DRISCOLL, 2013, p. 256-263)³⁴

Conforme ainda expressam Murphy e O’Driscoll (2013), essas publicações possibilitam uma dupla incorporação: a de uma cultura popular já difundida oralmente – seja nos contos de fadas, nos refrões de baladas marítimas ou em panfletos literários com temas conhecidos – possibilitando familiaridade, continuidade e tradição (*Idem*, 2013, p.162)³⁵e, por outro lado, por meio da inserção de novas ideias no espaço público, alargavam o espaço do debate político com temas que interessavam não apenas à elite política, mas também a pequenos comerciantes, marinheiros, estivadores e demais pessoas que dependiam, direta e indiretamente, das atividades marítimas para seu sustento nos anos de 1809 a 1814, nos Estados Unidos.

Além disso, muitos impressos efêmeros transmitiam seus conteúdos também por meios visuais, com imagens produzidas de forma simples e barata, utilizando-se, sobretudo, de técnicas de xilogravura³⁶que, muitas vezes, tinham seu molde reaproveitado na impressão de outros textos. Algo que pode ser verificado nos diversos impressos de Nathaniel Coverly

³³“*The embargo. A favorite new song*”, *Isaiah Thomas Broadside Ballads Project*. Disponível em: <<http://www.americanantiquarian.org/thomasballads/items/show/164>>. Acesso em: 29 de setembro de 2019, às 11h:09min.

³⁴Tradução livre do original em inglês: “In any of these contexts, however, the works would have fundamentally transformed the spaces around them: those places would have become theatres for the discussion of momentarily important events and issues as the broadside or pamphlet invited its local audience to participate in a particular discourse. Cheap print thus engenders discursive exchange and community” (MURPHY; O’DRISCOLL, 2013, posição correspondente no E-book 256-263).

³⁵(MURPHY; O’DRISCOLL, 2013, posição no E-book 162).

³⁶Entalhes em madeira no qual se passava tinta e se imprimia em um verso da folha a imagem. Em inglês, o termo “*woodcut prints*” é utilizado pelos autores Murphy e O’Driscoll (2013).

Jr., principalmente no que se refere aos símbolos patrióticos e principalmente imagens da Fragata Constituição, reimpressas massivamente em diversos outros panfletos e até mesmo em *The Female Marine*.

Por mais rudimentares que fossem tais ilustrações, a partir da fixação em lugares públicos como tavernas ou mesmo nas ruas e nas feiras em que os vendedores se instalavam para comercializar seus impressos efêmeros, o caráter visual de tais textos contribuía de forma inegável para a discussão de qualquer evento que estivesse sendo retratado. Nas palavras de Murphy e O'Driscoll (2013):

Quando alguém ouve uma balada na rua ou vê panfletos de baladas com suas ilustrações e, em seguida, tira um centavo para comprá-lo, essa pessoa não está experimentando a impressão como um momento de leitura particular: está participando de uma cultura compartilhada naquele momento. Nesta troca, a folha de balada funciona como uma mercadoria que permite que uma experiência compartilhada ocorra; esse é um bem incomum, pois não é destinado à propriedade e diversão privadas, mas ao engajamento coletivo. As pessoas compravam baladas para compartilhá-las, exibi-las, torná-las pontos de comunidade, e não para afastá-las e lê-las em solidão (*Idem*, 2013, p. 480).³⁷

Embebidas em uma cultura visual de seu tempo e local de produção, as ilustrações dos impressos efêmeros muitas vezes possuíam significados que escapam aos historiadores hodiernamente ou que, por carência metodológica, enxergam sua presença como meramente ilustrativa ou complemento dos conteúdos textuais.

Sobre esse aspecto, estudos como os de Alexandra Franklin (2013) sobre o uso de imagens nos impressos efêmeros ingleses – principalmente broadsides ballads de fins do século XVII e início do século XIX –, são de suma importância para se pensar, de forma historicamente sistematizada, texto e imagem e, sobretudo, pensar texto e imagem dentro dessa tipologia documental cara à literatura popular do século XIX Norte-Americano.

Referindo-se propriamente ao broadside ballad, Franklin (2013) busca refletir como a xilogravura (em inglês *woodcut prints*), criada para aquele texto ou emprestada de outro, contribuiu para a significação do folheto como um todo, ou seja, texto e imagem e, enquanto curador das escolhas, a figura do editor pode ser fundamental. Na maioria dos casos, o editor detinha tanto os cortes de madeira da xilogravura, quanto o texto, mas, principalmente, era o responsável por encomendar ou reutilizar xilogravuras, pressupondo, para tanto, um

³⁷Tradução livre do original em inglês: “When someone hears a ballad on the street, or sees the ballad sheet with its illustrations, and then pulls out a penny to buy it, that person is not experiencing print as an individual private reading moment: he or she is participating in a shared cultural moment: he or she is participating in a shared cultural moment. In this exchange, the ballad sheet functions as a commodity that enables a shared experience to take place; this is an unusual of a commodity in that it is not purchased for private ownership and enjoyment but rather for collective engagement. People bought ballads to share them, to display them, to make them point of community, not to put them away and read them in solitude”. (*Idem*, 2013, posição no E-book 480)

conhecimento iconográfico compartilhado por seus leitores que iria muito além daquele impresso na história do texto. Assim, Franklin estabelece três tipos análises para as ilustrações dos textos como os anteriormente citados:

As ilustrações poderiam ser *reflexivas*, oferecendo um espelho do leitor e do processo de leitura; elas poderiam seguir um programa *narrativo*, fornecendo um conjunto de luzes orientadoras através de uma história; ou elas poderiam abrir uma janela olhando além do texto, através do uso *alusivo* de determinada imagem. Todos esses três modos de ilustração aparecem nas baladas do longo século XVIII. Mesmo se começarmos com a suposição de que a maioria das xilogravuras nas folhas de baladas eram imagens de estoque destinadas a serem usadas mais de uma vez, e que muitas outras foram de fato projetadas originalmente para outras publicações, reconhecer o conteúdo das xilogravuras é apenas o primeiro passo para determinar o seu significado na página. Interpretar o significado de uma ilustração requer determinar em que modo a imagem está sendo usada (FRANKLIN, 2013, p. 3082-3086).³⁸

Assim como Roger Chartier (2004), Franklin (2013) reconhece que, para se pensar sobre a história da leitura popular é importante reconhecer a função das imagens nas páginas. Entretanto, diferentemente do autor francês, a autora não enxerga a imagem apenas como um guia de leitura do texto, mas sim, como uma publicação pensada a partir de modos de ilustração reflexivo, narrativo e alusivo e, portanto, não como competência individual do leitor que se guia pelo texto (*Idem*, p. 3092-3096).³⁹

Nesse sentido, o modo reflexivo de ilustração diria respeito à forma como as imagens, ou mesmo os textos, assim como em um espelho, refletiam e enfatizavam o próprio ato de leitura. Deste modo, em alguns broadsides, as imagens anunciavam os locais em que o impresso poderia ser comprado ou onde, para o caso de baladas, as canções poderiam ser cantadas. Do mesmo modo, essa forma reflexiva poderia estar presente no texto que muitas vezes compunham os primeiros versos das baladas em que se conclamava a uma reunião para se ouvir ou cantar a balada, evocando, portanto, uma tradição oral.

Já o modo alusivo de ilustração, bastante comum em baladas do século XVIII, baseava-se em imagens que, embora tivessem significado inerente, aludiam a algum acontecimento ou figura pública para além do impresso. Por exemplo, nas baladas que ressaltavam a questão da virgindade como virtude ou a ironizavam, era bastante comum na

³⁸Tradução livre do original em inglês: "Illustrations could be *reflective*, offering a mirror of the reader and the reading process; they could follow a *narrative* program, providing a set of guiding lights through a story; or they might open a window looking beyond the text, through the *allusive* use of particular image. These three modes of illustration all appear in ballads of the long eighteenth century. Even if we start with the assumption that most woodcuts on ballad sheets were 'stock' images intended to be used more than once, and that many others had in fact been originally designed for other publications, recognizing the content of the woodcuts is only a first step in determining its meaning on the page. Interpreting the meaning of an illustration requires determining in what mode the picture is being used".(FRANKLIN, 2013, posição no E-book 3082-3086)

³⁹*Idem*, 2013, posição no E-book 3092-3096.

Inglaterra utilizar retratos da rainha Elizabeth I, do mesmo modo, a imagem de Carlos I era impressa em baladas que traziam questões políticas que aludiam tanto a um mártir político, quanto faziam um alerta aos riscos da morte de um líder político.

Por sua vez, o modo narrativo de ilustração era muito mais voltado à especificidade do uso da xilogravura e seu contexto textual, funcionando, portanto, como imagens detalhadas das circunstâncias e dos acontecimentos narrados. Muitas dessas baladas, como demonstra Franklin (2013) retratavam contextos de guerras e traziam imagens detalhadas do fronte de batalha ou execuções públicas, funcionando como uma espécie de relato ilustrativo do que acontecia, mas também buscavam mostrar acontecimentos naturais e fantasiosos. Ao longo do século XVIII, os editores passaram a utilizar cada vez mais o tipo de ilustração narrativo, principalmente nas ilustrações de chapbooks, seja de contos de fadas, seja nos romances de matriz inglesa.

Como se verá adiante, os modos de ilustração narrativo e alusivo se fizeram presentes nos frontispícios de *The Female Marine*, em alguns momentos, demonstrando parte do desenvolvimento narrativo, seja representando imagetivamente a protagonista, seja outros personagens, ou mesmo de modo alusivo, contendo, assim como diversos outros impressos de Coverly Jr. o “Grande selo dos Estados Unidos”.

É importante ressaltar, entretanto, como problematizam Murphy e O’Driscoll (2013), que, a despeito de chapbooks, panfletos e broadsides serem a mais recorrente literatura até menos meados do século XIX nos Estados Unidos, em sua maioria, se tratavam de obras cuja autoria não foi reconhecida ou pouco se sabe sobre o autor, e que, portanto, dificilmente entraram no rol não apenas literário, mas documental da história da literatura, relegando a toda uma cultura popular de circulação de impressos o epíteto de efêmero (*Idem*, 2013, p. 197).⁴⁰ Assim, trabalhos que levam em conta textos que fazem parte dos denominados impressos efêmeros trabalham com categorias vistas como paradoxais:

(...) a facilidade com que eles poderiam ser impressos contribui para a impossibilidade de localizá-los em meio a uma vasta minúcia de detalhes; o fato de serem reconhecidos como sem autoria – seja porque foram derivados de material tradicional, seja porque o autor optou por permanecer anônimo ou porque os direitos autorais não existiam de maneira real – afasta a atenção acadêmica; o fato de poderem produzir com uma velocidade espantosa os faz parecer fugazes, mesmo quando perduram (*Idem*, p. 217-220).⁴¹

⁴⁰ (*Idem*, 2013, posição no E-book 197).

⁴¹ Tradução livre do original em inglês: “(...) the ease with which they could be printed contributes to the impossibility of tracking them down amid a vast minutiae of detail; the fact that they were perceived as authorless – because they were derived from traditional material, because the author chose to remain anonymous, or because the authorial copyright did not exist in any real way – turns scholarly attention away; the fact that they

Não obstante, em termos de vendas e publicações, os impressos efêmeros tiveram expressiva importância, tanto nas agitações coloniais quanto nos anos da independência e, principalmente, na República. Ainda nas décadas de 1720 e 1740, os negócios estabelecidos por Benjamin Franklin na Filadélfia contavam com a presença marcante de impressos efêmeros entre jornais, panfletos, baladas com temas contemporâneos e, também, em romances, como foi o caso de *Pamela* de Samuel Richardson, primeiro do gênero a ser publicado nos Estados Unidos e que exerceu influências substanciais na forma como o gênero romance se desenvolveu no país. Conforme pontuam Murphy e O'Driscoll (2013), dos quinhentos e quarenta e cinco trabalhos cujos registros são catalogados na impressão de Franklin, aproximadamente 97% eram de itens que continham apenas uma folha e que eram, portanto, classificados como efêmeros.

Nesse sentido, é importante ressaltar o quanto em sua época de publicação, os impressos efêmeros, em seu amplo conjunto envolvendo almanaques, chapbooks, panfletos e broadsides, se constituíram como parte importante tanto da história da leitura e dos leitores da recém-independente República, quanto de parte atuante da esfera pública.

1.3 Romances na República: um testemunho do gênero

Se enquanto fontes de pesquisa histórica os impressos efêmeros são academicamente vistos como fontes marginais ou pouco significativas, nos debates em que se busca olhá-los como literatura dos primeiros anos da República, principalmente no que se refere ao gênero romance, a questão é menos controversa quanto apresentada na historiografia.

Segundo os estudos de Cathy N. Davidson (2004), dois estereótipos fundamentais prevalecem nos estudos sobre os romances dos primeiros anos da República: o primeiro deles e mais questionável, relativiza sua expressividade a ponto de considerá-la inexistente. O que, como visto nos subcapítulos anteriores, é passível de ampla discussão, tendo em vista que a circulação tanto de panfletos, quanto chapbooks com produções de romancistas autóctones circulavam ao menos desde o ano de 1789 e, mais intensamente, em 1820, como é o caso dos romances *Wieland* de Charles Brockden Brown e a *Leather stocking Saga* de James Fenimore Cooper.

could produce with such astonishing speed makes them seem fleeting, even when they endure” (DAVIDSON, 2013, posição no E-book 217-220).

Além disso, esse primeiro estereótipo pode também ser largamente refutado pela interação estabelecida entre os romancistas do independente Estados Unidos, que não apenas liam uns aos outros mas também partiam de premissas narrativas, temáticas e enredos semelhantes, tais como as narrativas de cativo que, inclusive, passaram a serem impressas em chapbooks na Europa, como anteriormente evidenciado nos estudos de Neuburg (1989).

Por sua vez, o segundo estereótipo levantado nos estudos de Davidson (2004) diz respeito a forma narrativa assumida pelo romance nos Estados Unidos, referindo-se, portanto, diretamente a influência dos romancistas ingleses, sobretudo os princípios base de formulação dos romances de Samuel Richardson, Henry Fielding (WATT, 1957), William Godwin e Ann Radcliffe.

Dentro do segundo estereótipo, no entanto, o romance Norte-Americano seria compreendido como uma continuidade ou mesmo imitação do romance anglo-europeu. Contudo, como argumenta Davidson (2004), ao traduzirem e se apropriarem dessa forma, os escritores Norte-Americanos se diferenciaram de seus precursores, inserindo nela temas e desenvolvimentos próprios de narrativas locais e nacionais (DAVIDSON, 2004, p.164).⁴²

Nesse sentido, a partir de uma ótica analítica é possível considerar que ambos os estereótipos, segundo Davidson, podem ser classificados pela predominância de julgamentos de valor advindos de árbitros anglo-europeus e, em amplo sentido, resumem amplamente:

(...) as principais demissões da cultura pós-colonial em geral. Pois esta é a ótica através da qual a cultura dominante vê as produções artísticas de suas colônias (ou de fato, de suas subculturas mais marginalizadas): se não é sobre nós, não existe; é sobre nós, isso é tudo” (DAVIDSON, 2004, p. 174).⁴³

Conforme defende Davidson (2004), o romance Norte-Americano não apenas se definiu de forma contundente, mas também teve papel significativo na formação de identidades do que viria a se tornar os Estados Unidos da América. Identidades, ditas no plural, justamente por buscar constituir tanto um ‘universalismo’ nacional por meio da retórica dos Pais Fundadores e dos documentos políticos oficiais, como a Constituição – amplamente trabalhados por Bernard Bailyn (1967) –, quanto das identidades locais e provinciais na Era Pós-Revolucionária.

⁴² Posição correspondente no E-book Kindle.

⁴³Tradução livre do original em inglês: “(...) summarize the chief dismissals of postcolonial culture more generally. For this is the optic through which dominant culture views the artistic productions of its colonies (or indeed, of its most marginalized subcultures): If it’s not about us it doesn’t exist; it is about us, that’s all it is.” Posição correspondente no E-book Kindle.

Nesse sentido, tomando de empréstimo o conceito de ‘intelectuais vernaculares’ de Grant Farred (2003),⁴⁴ Davidson (2004) sublinha que os romancistas Norte-Americanos, ao pensarem suas histórias nos anos iniciais da República, incluíram, na agenda nacionalista, identidades parcialmente abrangidas ou deixadas à margem do discurso de unidade nacional, constituindo um campo de expressão democrática ficcional significativo das contradições sociais da República, e que tinha, nos Estados Unidos, uma expressão própria:

O romance é a forma democrática paradigmática. O conflito (de desejo, motivo, ação, princípios) é a base da trama ficcional. O romance não é apenas sobre conflito - como no caso da democracia, sem conflito, não há romance. No romance Norte-Americano dos anos iniciais, o que é especialmente notável (em relação ao romance britânico e semelhante à ficção produzida em outras sociedades pós-revolucionárias) é como o conflito individual se torna uma metonímia para o conflito nacional e o vício individual um sinônimo de corrupção da sociedade (DAVIDSON, 2004, p.206).⁴⁵

Tais contradições são bastante exploradas no romance *The Female Marine*, creditado a Nathaniel Hill Wright e publicado na tipografia de Coverly Jr. em de Boston entre os anos de 1815 a 1818. Seriada em três partes, a narrativa impressa em panfletos efêmeros teve, ao longo dos três anos em que circulou, dezenove edições distribuídas entre os leitores de Nova Inglaterra, uma marca considerável, tendo em vista o incipiente mercado das letras do início da República e as condições de difusão e leitura.

Assim como outros romances de sua época, *The Female Marine* tentava explorar, por meio das tramas sensacionais que se pretendiam verídicas, problemas da construção da nação envolvendo aspectos regionais de classe, raça e gênero, dentre outros que se mesclavam e

⁴⁴Partindo da análise da atuação de Muhammad Ali, Bob Marley, dentre outros intelectuais publicamente reconhecidos, Farred(2003) define “Intelectual Vernacular” como “tipos particulares de intelectuais: são figuras icônicas em grande parte porque são produtores, articuladores e disseminadores de conhecimento cultural; são figuras públicas que contribuem e criam novas formas de conhecimento; eles pensam cuidadosamente sobre o que dizem (tanto quanto qualquer intelectual convencional), como dizem, por que são motivados a dizê-lo; e eles entendem como suas intervenções retóricas se conectam ao seu eleitorado originário. Eles reconhecem como, em termos Ellisonianos, são ouvidos - ou ouvidos ou deturpados - pela cultura dominante”. Nesse sentido, o conceito de intelectual vernacular pode ser aplicado aos romancistas norte-americanos tanto por sua posição como intelectuais que pensam e publicam seus romances, quanto pelos temas que neles levantam. Tradução livre do original em inglês: “are particular kinds of intellectuals: they are iconic figures in large measure because they are producers, articulators, and disseminators of cultural knowledge; they are public figures who contribute and create new forms of knowledge; they think carefully about what they say (as much as any conventional intellectual), how they say it, why they are moved to say it; and they understand how their rhetorical interventions connect to their originary constituency. They recognize how, in Ellisonian terms, they are heard-or misheard or misrepresented-by the dominant culture” (FARRED, 2003, p. 5).

⁴⁵Tradução livre do original em inglês: “The novel is the paradigmatic democratic form. Conflict (of desire, motive, agency, principles) is the basis of fictional plot. The novel is not only about conflict – as the case with democracy, without conflict there is no novel. In the early American novel what is especially notable (vis-à-vis the British novel and similar to fiction produced in other ‘post-revolutionary’ societies) is how individual conflict becomes a metonym for national conflict and private vice a synonym for corruption of the polity” (DAVIDSON, 2004, p.206).

contrastavam com a construção da ideia de uma identidade nacional unificada e democraticamente em essência constituída.

Nesse sentido, é importante ressaltar o quanto o circuito das comunicações (DARNTON, 1990), compreendido em todos os seus segmentos, pode criar uma comunidade de leitores que participava e partilhava, em certa medida, de uma esfera pública de circulação de ideias tanto regionais quanto nacionais. Para o caso do romance *The Female Marine*, tais esferas eram envolvidas por meio de diversas temáticas (que serão melhores desenvolvidas nos capítulos subsequentes), como a retórica sobre os Pais Fundadores, a Fragata Constituição e o crescimento do pauperismo e da prostituição na cidade de Boston. Dessa forma, segundo Davidson (2004): “os romances, em certo sentido, eram rascunhos de uma série de problemas vitais para a vida cotidiana, dentro e fora da esfera pública” (DAVIDSON, 2004, p. 201).⁴⁶

Ainda em relação a seus temas, os romances dos anos iniciais, em seus mais diversos desenvolvimentos narrativos, tais como o romance de sedução e abandono, o picaresco, picaresco feminino dentre outros, expressavam considerável incerteza sobre a coerência e estabilidade da sociedade estadunidense (CRANE, 2007, p. 6).

Segundo os estudos de Gregg Crane (2007), a Revolução e a independência ostensivamente representaram um poderoso reforço aos ideais de autonomia e autogoverno, expressos, sobretudo, na Constituição, nas emendas da *Bill of Rights* e nos mais diversos discursos de autoridades políticas do período.

Contudo, na ficção, tais ideias eram postos à prova: muitos romances traziam narrativas que não convergiam à retórica dos documentos oficiais sobre a República, principalmente no que se refere à estabilidade social ou, no âmbito do indivíduo, às escolhas moralmente aceitáveis de seus personagens, que divergiam fundamentalmente daquelas que, em tese, eram esperadas por cidadãos ou à esposas e filhas de cidadãos Norte-Americanos, principalmente em relação às duas últimas. Não surpreendentemente, assim como *The Female Marine*, os primeiros romances da República tinham como parte de seu enredo histórias de sedução e abandono.

Bastante explorado nos panfletos, chapbooks e até mesmo brochuras mais elaboradas, os romances de sedução buscavam, com suas histórias, em sua maioria trágicas, ressaltar o quanto o comportamento sexual feminino, fora dos limites estabelecidos pelo casamento, traria infortúnios e consequências desastrosas para o futuro de jovens moças e de suas famílias.

⁴⁶Tradução livre do original em inglês: “Novels, in a sense, were rough drafts for a range of problems vital to everyday life, both in and out of public sphere” (DAVIDSON, 2004, p. 201).

Dentro desse desenvolvimento narrativo, considerado um dos primeiros, senão o primeiro romance Norte-americano do Pós-independência (DAVIDSON, 2004), o romance epistolar *The Power of Sympathy* (1789) de William Hill Brown, por exemplo, trazia em seu enredo as consequências trágicas de filhos fora do matrimônio, desembocando no quase incesto e na morte da personagem Harriot Fawcett.

Além do romance de Brown, o romance de Susanna Rowson, *Charlotte Temple* (1791), originalmente *Charlotte Temple, A Tale of Truth*, publicado tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, chamou a atenção e, inclusive, rendendo muitos enredos similares. Contando a história da jovem estudante Charlotte que, após ser seduzida por um oficial britânico, foge com ele para os Estados Unidos, mas lá, longe de seu país natal, é abandonada grávida e acaba por morrer no parto.

No início dos romances, ou mesmo nas propagandas impressas nos jornais sobre a publicação do panfleto, brochura elaborada ou chapbook, era comum dar voz à personagem protagonista ou mesmo o próprio romancista assumir a fala, alertando não apenas sobre os perigos da sedução e suas consequências, mas, principalmente, sobre o estigma que a família carregaria pelo desvio cometido. Algo que fica patente na fala de Rowson na edição de *Charlotte Temple*:

Se a história a seguir salvar uma justa infeliz do erro que arruinou a pobre Charlotte, ou resgatar da miséria iminente o coração de um pai aflito, sentirei uma gratificação muito maior ao refletir sobre este desempenho trivial do que poderia resultar dos aplausos que atendam a mais elegante peça de literatura acabada, cuja tendência possa depravar o coração ou enganar o entendimento (ROWSON, *Apud* CRANE, 2007, p. 8).⁴⁷

Também o romance epistolar *The Coquette* (1797) de Hannah Webster Foster, famoso em sua época de publicação, contou com reedições ao longo dos anos de 1824 a 1828, e embebeu-se na temática da sedução e abandono. Narrando a história de Eliza Wharton, jovem que, após o falecimento do noivo, decide pela amizade e independência e o não casamento, mas, após um curto período, é seduzida por um de seus pretendentes, Sanford, que desaparece. Abandonada e grávida, assim como a protagonista de Rowson, Eliza morre no parto, consolidando-se o seu fim trágico.

⁴⁷Tradução livre do original em inglês: “If the following tale should save one hapless fair one from the error which ruined poor Charlotte, or rescue from impending misery the heart of one anxious parent, I shall feel a much higher gratification in reflecting on this trifling performance, than could possibly result from the applause which might attend the most elegant finished piece of literature whose tendency might deprave the heart or mislead the understanding”.

É interessante notar que o romance de Foster, assim como outros do período que tinham como enredo a sedução e abandono, utilizavam trechos retirados de romances de mesmo enredo já publicados. No caso de *The Coquette*, há referências diretas a personagens e situações do romance de Richardson *Clarissa, or the History of a Young Lady* (1748). Na citação em questão, a personagem Eliza é avisada de que seu pretendente Sanford é um “segundo Lovelance” e que ela acabaria como Clarissa se não tomasse os devidos cuidados. Em *The Female Marine*, por sua vez, esse diálogo também ocorre, contudo, por meio de epígrafes do livro de Rowson, ou seja, Charlotte Temple evidenciando aos leitores familiarizados a temática que seria também desdobrada em sua narrativa a que o romance pertencia.

Além dos romances de sedução, também a forma utilizada por Hugh Henry Brackenridge em *Modern Chivalry* (1792) encontrou grande público nos anos iniciais da República. Conhecida como “picaresco”, essa forma do romance buscava retratar as problemáticas das diferenças sociais por meio de um herói que, movido pela força do destino e impulsionado por coincidências, cruzava linhas geográficas, sociais e de gênero, o que possibilitava ao romancista uma representação ampla do panorama social.

Já no início do século XIX, narrativas como *Female Quixotism* (1801) de Tabitha Gilman Tenney, traziam também o picaresco. Contudo, diferentemente de seus predecessores, traziam protagonistas femininas e desfechos muitas vezes distintos daqueles dos personagens masculinos. Em uma sátira patente ao sentimentalismo dos romances e aos perigos de sua leitura excessiva, *Female Quixotism* narra às fantasias de Dorcas Sheldon (Dorcasiana) e sua criada Betty, que juntas são iludidas na busca de encontrar uma paixão romântica que transporte Dorcas ao “Elísio romântico além da razão e da convenção social” (*Idem*, p. 15). Segundo Crane (2007), a sátira de Tenney se dirigia diretamente à condição feminina na República, em que o casamento significava amplamente o futuro e a manutenção de direitos:

Mulheres solteiras podiam ter propriedades, mas não podiam votar, e elas tinham poucas alternativas econômicas ao casamento como meio de apoio. Uma vez casadas, não podiam possuir propriedades separadas de seus maridos, não podiam celebrar contratos ou fazer testamentos. O divórcio era muito difícil de obter, e as leis de divórcio nesse período eram desfavoráveis para as mulheres. Essas circunstâncias aumentaram os riscos da decisão do casamento. Não era apenas uma das muitas decisões importantes que uma jovem no início da república tomaria, mas a escolha única e absolutamente determinante que ela faria (supondo que ela tivesse permissão para fazê-lo) (CRANE, 2007, p. 15)⁴⁸.

⁴⁸ Tradução livre do original em inglês: “Unmarried women could hold property but could not vote, and they had very few economic alternatives to marriage as a means of support. Once married, they could not possess property separate from their husbands, could not enter into contracts, or make wills. Divorce was very hard to obtain, and divorce laws in this period were unfavorable to women. These circumstances raised the stakes of the

Além das supracitadas formas do romance, também o romance gótico fez parte dos desenvolvimentos literários iniciais da República, tendo como expoente inicial: *The Castle of Otranto* (1765) de Horace Walpole. Tal gênero buscava trazer temáticas e cenários sombrios marcados pela deterioração, tais como castelos, mansões, abadias e etc., sempre retratados em estado de ruínas e acompanhados de personagens espectrais e mulheres vulneráveis, na busca de criar uma atmosfera sombria para o leitor.

Além do romance de Walpole, também *Edgar Huntly, or Memoirs of a Sleep walker* de (1799) e *Wieland* (1798) de Charles Brockden, obtiveram sucesso entre os leitores de Nova Inglaterra, consolidando um gênero que, segundo Crane (2007), evidenciava-se como um “meio de expressar o ceticismo sobre a suficiência da razão e da lógica como guias do significado da existência e da ordem da sociedade” (*Idem*, p. 20).⁴⁹

Contudo, tratar dos romances dos anos iniciais da República em termos de enquadramentos temáticos pode, como apontam os estudos de Lyle H. Wright (1939), incorrer não apenas em generalizações, mas também, e principalmente, em desconsiderar uma vasta bibliografia de romances tomando como base apenas os romances mais conhecidos, considerados canônicos, o que não é o caso de um romance de literatura popular como *The Female Marine*.

De acordo com as tabulações feitas pelo *Statistical Survey of American Fiction, 1774-1850* organizado pela autora, muitos dos estudos sobre literatura feitos nos Estados Unidos baseiam-se em poucos títulos e recursos bibliográficos, o que incorre em generalizações que, na maioria das vezes, desconsideram autores menores. Para exemplificar seus estudos, Wright (1939) lista dois autores, Joseph H. Ingraham e Timothy Shay Arthur que, além de publicarem massivamente na década de 1840 (70 e 41 romances, respectivamente), também tiveram grandes demandas por novas edições de suas ficções, algo que, à época, justificava-se apenas pela vendagem e sucesso com o público leitor.

Semelhante ao caso de Ingraham e Arthur, Nathaniel Hill Wright (ou Coverly Jr.), com o romance *The Female Marine*, teve ao todo dezenove edições, que circularam, sobretudo, entre os leitores de Nova Inglaterra. Contudo, diferentemente dos autores citados por Crane (2007), tais como Cooper ou Brockden Brown, Hill Wright não entra no rol das

marriage decision. It was not merely one of many important decisions a young woman in the early republic would make, but the sole and absolutely determinative choice she would make (assuming she was allowed to make it at all)”.

⁴⁹Tradução livre do original em inglês: “Since its first appearance, the Gothic novel has continued to prove useful as a means of expressing skepticism about the sufficiency of reason and logic as guides to the meaning of existence and the order of society”.

obras canônicas da literatura Norte-Americana, talvez por sua circulação ser inicialmente restrita à cidade de Boston, ou mesmo pelo valor literário dado por historiadores da literatura a seus trabalhos.

Além disso, conforme ressalta Cohen (1997), muitos romances dos anos iniciais da República tinham suas fronteiras de manifestação mais fluídas e continham, portanto, características narrativas de diversos desenvolvimentos do romance, como é o caso de *The Female Marine*, compreendido pelo autor como uma mistura de muitos estilos, temas e técnicas narrativas, que incluíam desde o romance de sedução, conto picaresco, livro de memórias, pseudo-história, dentre outras manifestações populares no período. Inicialmente publicado em panfletos literários, o romance foi seriado em três partes, das quais, a primeira delas foi publicada em agosto de 1815, recebendo o título de: *An Affecting Narrative of Louisa Baker*.

Na primeira parte da narrativa, bastante ligada ao lado pedagógico moralizante dos romances de sedução, é narrada, em primeira pessoa, a história da jovem de apenas dezesseis anos Louisa Baker que, tendo sido seduzida e abandonada por um amante insincero, reflete sobre os conselhos dados por seus pais e os sofrimentos vivenciados após fugir da parte rural em que vivia para a cidade de Boston.

Ao chegar ao seu destino, em meio a uma tempestade de neve, grávida, bastante abatida, com frio e fome e após vagar pela cidade, Baker acaba por encontrar abrigo apenas em um bordel em *Negro Hill*, alcunha racializada e pejorativa dada, à época, à região Oeste da cidade que, além de ser a mais populosa, era também aquela com as piores condições de saneamento e moradia, onde residiam a população mais pobre de toda Boston, em sua maioria, mulheres, crianças, afro-americanos e imigrantes (tema que será posteriormente abordado no capítulo 2).

Após perder a criança no parto, Baker é obrigada a permanecer no bordel a fim de saldar sua dívida de estadia contraída com a alcoviteira e dona do local, lá permanecendo como prostituta por três anos. Posteriormente, no ano de 1812 ou 1813, como cronologicamente afirma a narrativa, Baker se disfarça com roupas de marinheiro e foge de sua condição, alistando-se a bordo de uma fragata Norte-Americana (ainda não nomeada na primeira parte da narrativa). Após servir dois anos como marinheiro, sem que descobrissem seu disfarce, Baker retoma suas vestes femininas e retorna à casa de seus pais como uma verdadeira penitente.

Por sua vez, três meses após a publicação do primeiro panfleto, em novembro de 1815 é lançada a segunda sequência da narrativa sob o título: *The Adventures of Lucy Brewer*. Nela, a protagonista e narradora explora a pretensão de verossimilhança da história, recontando pontos cruciais da primeira parte e reafirmando a sua veracidade, assumindo, no entanto o nome de Lucy Brewer e o da Fragata de Constituição, cujos feitos foram bastante exaltados em outros panfletos e broadsides publicados na tipografia de Corverly Jr. no mesmo período.

Após rever fatos da narrativa, Lucy relata a volta para a casa e como a entediante rotina de domesticidade a fez, novamente, vestir-se em roupas masculinas e viajar para Newport, agora, no entanto, com a anuência de seus pais. No caminho, Lucy, vestida em roupas masculinas, busca defender uma jovem moça (que seguia viagem desacompanhada) das grosserias de um jovem bêbado, desafiando-o posteriormente a um duelo, do qual o rapaz foge covardemente.

Em gratidão a sua coragem, a jovem moça convida Lucy, ainda em trajes masculinos, para conhecer seus pais e seu irmão. Na visita, o irmão da moça leva o gentil cavalheiro que salvara sua irmã para conhecer a desenvolvida cidade da Nova York, uma interessante narrativa que será abordada posteriormente. Depois da visita, ainda vestida como um cavalheiro, Lucy retorna ao morro na região de West Boston, para ver se seria reconhecida por suas antigas companheiras de infortúnio. Posteriormente, volta à casa de seus pais e conta a seus leitores as tristes histórias de algumas de suas conhecidas de West Boston, lembrando a estes as tragédias que uma vida dissoluta poderia causar; expressando, sobretudo, características narrativas de um sermão religioso direcionado às jovens leitoras.

Em maio do ano seguinte, 1816, uma terceira sequência da narrativa intitulada *An Awful Beacon to the rising Generation* é publicada. Nela, Lucy, reconciliada com a vida no interior na casa de seus pais, passa a frequentar um “círculo de jovens moças respeitáveis” da região e, durante as visitas, conhece Mr. William, filho de um comerciante local que começa a cortejá-la com a intenção de se casarem após seu regresso trabalhando no mar.

Prometendo escreverem um ao outro, o rapaz parte e, alguns dias depois, Lucy recebe um anúncio no jornal com uma carta publicada para si. Pensando ser de William, a jovem vai ao correio e descobre que, na verdade, a carta fora escrita por Charles West, o jovem com quem havia visitado Nova York ainda sob disfarce masculino. Ao ler a história de Lucy no jornal e identificar-se em parte dela, Mr. West envia uma carta à escritora da história agradecendo sua coragem. Ao respondê-la, Lucy revela o endereço de sua família e, posteriormente, recebe a visita do rapaz.

Com a morte precoce de William em um naufrágio, seu inicial pretendente, Lucy passa a ser cortejada por Mr. West e juntos vão visitar a pedra de Plymouth, local em que West faz um longo discurso rememorando os peregrinos e como esses venceram a natureza selvagem para se estabelecerem nos Estados Unidos.

Agora, com a anuência dos pais e com um pretendente com o qual Lucy encontrara afeição mútua e amizade, como revela em uma de suas cartas, a jovem se casa e, mais uma vez, lança uma longa dissertação sobre os perigos do morro e da sedução e alerta sobre os cuidados que jovens vindos do interior deveriam ter ao visitar a cidade. Uma longa descrição se segue sobre as trágicas consequências do vício e da prostituição, principalmente a partir de exemplos de mulheres que Lucy teria conhecido em West Boston. Dessas histórias, destaca-se a triste narrativa de Maria D., uma jovem pura e ingênua que, devido ao mau casamento com um homem “fraco, vicioso e debochado” (que se torna patrono de bordéis famosos em West Boston) é abandonada e doente e morre precocemente. Nesse sentido, na narrativa, não apenas a questão da sedução é colocada como um perigo às jovens moças, mas, também, os maus casamentos poderiam igualmente representar um perigo, uma vez que ao se casarem as jovens se tornariam dependentes de seus maridos.

Finalizada as três sequências narradas pela personagem Lucy, em junho de 1816 é lançado o panfleto *A Brief Reply to the Late Writings of Louisa Baker by Mrs. Rachel Sperry*, uma resposta fictícia narrada na perspectiva da moradora de West Boston, Rachel Sperry, acusada por Lucy de ser a dona do bordel em que ficara presa por três anos como prostituta.

Na narrativa, por sua vez, Rachel acusa Lucy de mentir sobre as condições de sua permanência em seu estabelecimento, sobre seu verdadeiro caráter, além de omitir sua identidade e cidade de origem, que seriam respectivamente Eliza Bowen, de Marshfield, em Plymouth, Massachusetts.

Além disso, Rachel apresenta aos leitores os motivos que a compeliram a viver no morro, contando que, após a morte de seu marido, em 1806, tendo de sustentar a si e aos três filhos ainda em tenra idade, abre uma pensão em West Boston, na qual a maioria de suas moradoras era composta por jovens moças em condições semelhantes à de Lucy e que a auxiliavam em seu trabalho como costureira, mas que mantinham outras formas de renda, como a prostituição.

Segundo Sperry, Eliza teria escolhido permanecer por três anos como prostituta, por conseguir, como nenhuma outra inquilina, enganar e tirar dinheiro de muitos jovens que iam ao morro em busca de *dancing halls*, bebidas e prostituição. Com suas revelações, Sperry

busca mostrar aos leitores que sua posição moral era diferente daquela descrita por Eliza e que, ao expor a verdade, deixaria os “sinceros [leitores] examinarem e julgarem por si mesmos” as ações e a narrativa de Bowen (COHEN, 1997, p. 147).⁵⁰

Ao longo dos anos de 1815 a 1818, em torno de dezenove edições dos panfletos, de acordo com as cópias catalogadas por Daniel A. Cohen (1997) no arquivo da American Antiquarian Society foram publicadas e, a partir de 1816, passaram a ser reunidas em chapbook sob o título *The Female Marine*. De acordo com Cohen (1997), levando-se em conta o mercado editorial da época, o registro de dezenove edições e posteriormente a mudança de suporte do panfleto para livro, contribuem para considerá-lo como um dos romances que mais amplamente circularam na cidade de Boston no período, demandando, inclusive, continuidades narrativas.

1.4 O circuito das comunicações *The Female Marine*

Além dos desenvolvimentos narrativos de *The Female Marine* como um romance de sedução, picaresco feminino, pseudo-história dentre diversas outras formas assumidas pelo romance dos primeiros anos da República, como visto no subcapítulo anterior, outras características, mais propriamente voltadas a sua materialidade, contribuem para pensá-lo do ponto de vista de sua lógica social, principalmente a partir da circulação de suas edições no circuito das comunicações em que esteve inserido.

Nesse sentido, as considerações de Darnton (1989) oferecem uma importante ferramenta para se mapear os atores sociais envolvidos na produção e circulação não apenas de livros, mas de panfletos, chapbooks, broadsides, bem como de ideias que foram impressas e circularam em determinado período.

Dessa forma, no circuito das comunicações de Darnton (1989), para além de seus elementos constituintes comuns, tais como autores, editores, gráficos e fornecedores distribuidores, livreiros e leitores, sua constituição também pode ser modificada e influenciada tanto por conjunturas externas a ele quanto pela circulação própria de seu sistema, pois a palavra impressa “transmite mensagens, transformando-as durante o percurso, conforme passam do pensamento para o texto, para a letra impressa e de novo para o pensamento” (DARNTON, 1989, p. 112).

⁵⁰Tradução livre do original em inglês: “(...) let the candid examine and judge for themselves”.

Contudo, quando se trata da circulação interna no sistema, é possível se pensar as influências tanto a partir da avaliação feita na recepção do leitor, que pode ser evidenciada por anotações e diários de leitura, quanto da própria materialidade das edições do texto, por meio das correções e modificações aplicadas ao longo de reimpressões. Ou mesmo pela continuidade da história por meio de suas sequências seriadas devido às grandes demandas por saber o que mais ocorreria com a personagem.

Nesse sentido, traçar tanto os membros constituintes do circuito das comunicações do romance, quanto às modificações operadas em suas edições, parece ser de suma importância para se compreender como o texto foi pensado e dado a ler em seu contexto de produção. Nessa perspectiva, elegendo como ponto de partida do circuito de Darnton (1989), o autor do romance, tentaremos traçá-lo na medida em que as serializações e edições dos panfletos de *The Female Marine* foram impressas entre os anos de 1815 e 1818.

Embora a maioria das edições que circularam entre os anos de publicação do romance contivessem na contracapa do panfleto apenas o nome do editor e, muitas vezes, encoberto por pseudônimos, é possível que *The Female Marine*, juntamente com diversos outros panfletos e broadsides do período, tivesse sido escrito por um autor a serviço de Nathaniel Coverly Jr., famoso editor e dono de uma loja de impressos na cidade de Boston.

Segundo Cohen (1997), na coleção de Isaiah Thomas (na qual se encontra os panfletos impressos por Coverly Jr) entre os anos de 1808 e 1818, diversos broadsides, baladas e panfletos com temáticas de orgulho nacional, tais como odes patrióticas, façanhas navais na Guerra de 1812, dentre as quais se incluem baladas sobre a *Fragata Constituição*, foram creditados a Nathaniel Hill Wright, escritor e tipógrafo que teve sua primeira aparição no broadside ‘Forth July Ode’, de 1808, e que trabalhava a serviço do editor e dono da loja de panfletos Coverly Jr.

Segundo os registros dos Diretórios da cidade de Boston, nos quais se localizam a profissão e o nome daqueles que residiam na cidade durante aquele ano, o nome de Nathaniel H. Wright aparece apenas em 1818,⁵¹ descrito no documento como “tipógrafo” e morador da Russell Street. Dessa forma, apesar de apontar para Nathaniel H. Wright, a autoria de *The Female Marine* ainda é controversa.

Outro ponto importante sobre autoria, e que não diz respeito apenas ao romance em análise, mas da maioria daqueles que circulavam em panfletos ou chapbooks no período, diz

⁵¹Boston Athenaeum Digital Collections: <<https://cdm.bostonathenaeum.org/digital/collection/p16057coll32/id/11/rec/12>>. Wright Nathaniel H. printer S. Russell street. Boston Directory 1818, p. 231. Acesso em: 28 de agosto de 2019, às 09h:50min.

respeito à propriedade intelectual do texto. Nos anos em que *The Female Marine* foi publicado não havia leis e nem mesmo tecnologias que assegurassem a propriedade intelectual, como anteriormente visto no subcapítulo sobre as tecnologias de imprensa trabalhadas por Zboray (1989), até a década de 1830 a impressão nos Estados Unidos era ainda massivamente feita a partir dos tipos e, um a um, montavam o molde que imprimia uma edição única.

Posteriormente, as placas de metal substituíram os tipos e com um molde permanente, modificaram as relações entre editor e autor, passando a importar o período em que o molde poderia ser usado pelo editor, e se em seu contrato lhe era permitido ser alugado ou revendido posteriormente a outros editores e, dessa forma, passando a autoria do texto e a propriedade intelectual a terem valor no mercado das letras.

Além da questão da inexistência de propriedade intelectual, havia também outros desdobramentos que envolviam a autoria de um texto no século XIX. Por exemplo, a intencionalidade de determinados autores e editores de não revelarem seu nome ao público, seja pela possibilidade de o conteúdo da narrativa ser considerado delicado e passível de censura, seja igualmente pela possibilidade de má recepção de um trabalho, o que poderia marcar um autor e arruiná-lo financeiramente.

Além dessas, outra questão envolvendo a intencionalidade da omissão do autor é de suma importância em *The Female Marine*: sua pretensa ambição em sustentar uma verossimilhança na narrativa. Seja o autor do romance Coverly Jr., seja ele Hill Wright, havia, a princípio, a pretensão de fazer da história uma narrativa factível não apenas pelo desenvolvimento de tempo, espaço e fatos históricos verossímeis, mas, também, pela posição assumida pelo narrador em primeira pessoa: uma jovem nativa do estado de Massachusetts que conta sua própria história de infortúnios e aventuras como uma forma de alertar às jovens leitoras sobre os males da sedução.

Para além da influência na forma do romance, também é preciso salientar que muitas das influências de *The Female Marine* vieram de uma ampla tradição popular Anglo-Americana que circulou entre os séculos XVII e XIX, e que contava não apenas com uma vasta circulação de baladas marítimas sobre heroínas mascaradas como *Female Sailor Bold* ou mesmo a sátira *The Handsome Cabin Boy*, mas também de romances, comédias, tragédias, histórias épicas, óperas e também biografias de heroínas que, vestidas em roupas masculinas, alistaram-se como tripulantes em navios, como foram para o caso inglês a famosa história das piratas Mary Read e Anne Bonny.

No caso estadunidense, a própria narrativa *The Female Marine* traz como inspiração às façanhas de sua protagonista a história de Deborah Sampson Gannett, uma jovem de Massachusetts que em vestes masculinas se alistou e lutou na guerra de Independência dos Estados Unidos (1775-1783) (COHEN, 1997, p. 9).

Dessa forma, sobre essa pretensa auto-ficção, em relação aos romances sentimentais e de sedução, é importante destacar não apenas a verossimilhança da narrativa como uma escolha do autor e editor, mas, também, a questão da leitura de tais romances ser considerada, em sua época, a despeito de sua função pedagógica moralizante, uma má leitura que, muitas vezes, poderia arruinar a carreira do autor. Nessa perspectiva, é bastante interessante se pensar parte da narrativa de *The Female Marine*.

Na terceira parte da sequência *An Awful Beacon to the rising generation of both sexes* (1815), em determinado momento da narrativa, ao trocar cartas com seu pretendente Mr. West, a personagem Lucy (nome que assume desde a segunda parte), refletindo sobre a possibilidade de um casamento futuro, muda o tom de sua narrativa passando a pensar sobre o quanto Mr. West se revela ser um interessante companheiro, amigo, além de pretendente (COHEN, 1997, p. 117).

Curiosamente, o trecho epistolar de Lucy revela uma das preocupações de textos de autorias femininas do período, que trabalhavam a questão da domesticidade e da importância, no casamento, da amizade e do companheirismo entre homem e mulher (DAVIDSON, 1986). Contudo, o trecho da carta trata-se, na verdade, de um recorte retirado do romance epistolar *Emily Hamilton*, de 1803, posteriormente creditado à poetisa e romancista Suckey Vickery. Como a propriedade intelectual do texto inexistia, parte do romance de Vickery foi reeditado em *The Female Marine*, como se fizesse parte do desenvolvimento narrativo e tivesse sido escrito seja por Wright, seja por Coverly Jr.

O curioso envolvimento de ambas narrativas diz respeito não apenas à inexistência de leis de direitos autorais que creditassem parte do texto à Vickery, ou mesmo da intencionalidade da omissão de autoria de ambos os textos por uma escolha narrativa, mas também, sobre como os romances eram amplamente enxergados em seu contexto de publicação.

Na época de publicação do *Emily Hamilton*, Vickery era uma aclamada poetisa reconhecida por sua rigidez na forma e desenvolvimento poético que publicava em jornais no estado de Massachusetts. Não obstante, em sua época, como apontado nos subcapítulos posteriores, os romances sentimentais eram um gênero amplamente criticado por autoridades

religiosas e políticas e compreendido como má leitura, o que poderia ter um impacto negativo na carreira já consolidada como poetisa de Vickery. Não à toa, o reconhecimento da autoria do romance *Emily Hamilton* veio apenas no século XX, a partir de estudos acadêmicos sobre a obra de Vickery (SLAWINSKI, 2006).

Não alcançando sucesso editorial em 1803, a narrativa *Emily Hamilton*, creditada a ‘uma jovem de Massachusetts’, ficou por muito tempo nas mãos de editores sem circulação; e parte dela reaparece, em 1815, curiosamente, pela autoria de uma ‘jovem de Massachusetts’.

A despeito de todas as questões que envolvem a autoria do romance, sua impressão e edição, como atestam algumas edições e confirmam os endereços listados nos Diretórios da cidade, foram feitas pelo tipógrafo e editor Nathaniel Coverly Jr. e sua família. Na primeira edição e em suas respectivas propagandas, no entanto, a impressão constava como tendo sido feita em Nova York pela tipografia Luther Wales (Figura 2).

Não obstante, além de não haver registros sobre uma tipografia Luther Wales, como argumenta Cohen (1997), a publicação inicial, por estabelecer em certo sentido, uma descrição crua da cidade de Boston, teve seu endereço modificado para que, caso os conteúdos expressos no romance desagradassem às autoridades locais, não fosse tão simples identificar seu editor e autor, além, é claro, do endereço para censurar sua publicação.

Como anteriormente citado, ao longo dos anos de 1805 a 1830, a família de Coverly Jr. residiu em quatro endereços na cidade de Boston, sempre trabalhando com impressos, denominados pelo colecionador Isaiah Thomas como aquilo que estava em voga com o “vulgar”⁵² e, a partir de 1820, estabelecendo-se na Milk Street⁵³ com uma loja de panfletos que perdurou até o ano de 1830, após a morte de Eunice Coverly.

No que se refere aos seus leitores, de acordo com Cohen (1997), a primeira e a segunda sequências, respectivamente, *An Affecting Narrative of Louisa Baker* e *The Adventures of Lucy Brewer*, em suas primeiras edições, foram vendidas pelo preço de doze cents e meio cada, aproximadamente o custo de uma brochura comum, um preço acessível a diferentes tipos de trabalhadores assalariados no período. Cohen (1997) ainda ressalta que

⁵² O dicionário Noah Webster, de 1828, dá as seguintes definições ao vocábulo: “*VULGAR*, a. 1. Pertaining to the common unlettered people; as vulgar life. 2. Used or practiced by common people; as vulgar sports. 3. Vernacular; national. It might be more useful to the English reader, to write in our vulgar language. 4. Common; used by all classes of people; as the vulgar version of the scriptures. 5. Public; as vulgar report. 6. Mean; rustic; rude; low; unrefined; as vulgar ninds; vulgar manners. 7. Consisting of common persons. In reading an account of a battle, we follow the hero with our whole attention, but seldom reflect on the vulgar heaps of slaughter. Vulgar fractions, in arithmetic, fractions expressed by a numerator and denominator; thus 2/5. *VULGAR*, n. The common people. [It has no plural termination, but has often a plural verb.] The vulgar imagine the pretender to have been a child imposed on the nation”.

⁵³Boston Athenaeum Digital Collections. <<https://cdm.bostonathenaeum.org/digital/collection/p16057coll32/search>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019, às 10h58min.

muitos dos leitores dos panfletos de Coverly Jr., incluindo-se os de broadside ballads, eram como as personagens de seus romances: marinheiros, pequenos comerciantes, vendedores ambulantes e moradores da *Ann Street*, rua que cortava a parte leste da cidade e terminava no porto. Das poucas cópias catalogadas no arquivo da American Antiquarian Society, das quais a maioria se encontra muito desgastada devido ao manuseio, quatro são assinadas, três delas por mulheres, o que nos dá uma ínfima amostragem dos possíveis leitores do romance em sua época de publicação.

Já em sua materialidade, de forma geral, cada panfleto possuía em seu frontispício uma ilustração xilogravada, geralmente uma imagem de tipo narrativo que tinha por princípio mobilizar o leitor e inseri-lo na história por meio de retratos das personagens ou representações de cenas da narrativa (FRANKLIN, 2013, p. 3086).⁵⁴

Apenas em uma das edições do ano de 1816, já publicada sob o título de *The Female Marine*, uma imagem foi utilizada com função alusivo: o “Grande Selo dos Estados Unidos” (Figura 11), um molde de xilogravura bastante utilizado em outros broadsides editados no mesmo período por Coverly Jr. Abaixo dessa imagem, dispunham-se o título da narrativa e uma epígrafe – que se apresentava como um tipo de prévia da história e que acabava por filiar a narrativa a um tipo de romance já publicado – e uma pequena chamada. Na página seguinte, dispunham-se o título completo, um breve resumo da história e informações sobre a edição, como ano, editor e impressão.

Já em uma das primeiras edições do panfleto (primeira parte da história, *An Affecting Narrative of Louisa Baker*) de 1815 (Figura 1), é possível verificar o uso narrativo da ilustração da protagonista (*Idem*, p. 3086),⁵⁵ representada com um vestido à moda e com o colo a mostra, a personagem Lucy compõe, junto à epígrafe e a uma pequena chamada, o tom da história: “Uma jovem moça, aparentemente saudável e bonita, nativa de Massachusetts que, em disfarce, serviu por três anos como marinheiro em uma Fragata Americana” (COHEN, 1997, p. 58).

É interessante de se notar que, separada no rodapé do panfleto, o editor dispôs uma epígrafe, um trecho largamente utilizado por Susanna Rowson nas edições iniciais de *Charlotte Temple*: “Ela era a única alegria de seus pais: Eles tinham apenas uma – uma filha querida, Mas Ah! A revelação cruel aconteceu!” (*Idem*, p. 58).⁵⁶ Dentre outras possíveis

⁵⁴Paginação correspondente no e-book.

⁵⁵Paginação correspondente ao e-book.

⁵⁶Tradução livre do original em inglês: “She was her parents only joy: They had but one – one Darling child, But ah! The cruel spoiler came!”

leituras, o retrato da personagem e a escolha da epígrafe indicam que o editor teve como pressuposto a organização de uma chamada que visasse um público leitor já familiarizado como os romances de sedução, um tipo de desenvolvimento narrativo bastante vendável nos anos iniciais da República.

Figura 1. Panfleto *An Affecting Narrative of Louisa Baker*, de 1815.

Frontispício de uma das primeiras edições de *An Affecting Narrative of Louisa Baker*, de 1815, primeira parte da série posteriormente denominada *The Female Marine*. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p. 58).

Já em sua página de título, o panfleto (Figura 2) trazia um resumo mais detalhado da história e apresentava, para além das características do romance de sedução, outras mais ou menos comuns aos desenvolvimentos dos romances no período: como o conto picaresco feminino em que a protagonista não apenas transitava e se aventurava, no caso da narrativa, entre os diversos segmentos de classe, mas também entre o rural e o urbano e, igualmente, entre os padrões comportamentais de gênero feminino e masculino. Para além do picaresco, o relato urbano, mais incomum nos primeiros anos da República (SIEGEL, 1981), mas parte significativa de *The Female Marine*, também se faz presente na narrativa, principalmente no

que se refere à descrição de West Boston que, no romance e na chamada do resumo, recebe o nome de *Negro Hill*, um bairro que se tornou alvo da administração pública e de missionários reformistas nas primeiras décadas do século XIX, como se verá no capítulo 2.

Figura 2. Página de título do panfleto *The Adventures of Louisa Baker*, 1815.

Página com o título e resumo de *The Adventures of Louisa Baker*, de 1815, primeira parte da série posteriormente denominada *The Female Marine*. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p. 59).

Por sua vez, na primeira edição da segunda parte da narrativa *The Adventures of Lucy Brewer* (1815), tem-se a mesma imagem da protagonista utilizada na primeira parte, entretanto, o busto é amenizado e é adicionado à figura um chapéu militar. Os versos de Susanna Rowson que identificavam a narrativa como um romance de sedução também são retirados, dando lugar a uma propaganda da sequência anterior, juntamente à identificação mais precisa da localidade de origem da jovem: Plymouth, Massachusetts e o nome, impresso em caixa alta, da Fragata em que havia servido, a *Constituição* (Figura 3).

Dessa forma, a construção da imagem e texto se constituem diferentemente da edição anterior, como uma narrativa mais voltada à aventura patriótica do que propriamente a um romance de sedução e abandono, como a proposta do primeiro panfleto (COHEN, 1997, p. 25).

Figura 3. Frontispício do panfleto *The Adventures of Lucy Brewer*, 1815.

Segunda parte da narrativa *The Adventures of Lucy Brewer*. Na imagem é adicionado ao busto da protagonista um chapéu militar. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.78).

Na página de título da edição, por sua vez, têm-se dispostos no topo o título “As Aventuras de Lucy Brewer (pseudônimo) Louisa Baker” e os dizeres [Uma nativa de Plymouth County (sic), Massachusetts]. Em seu resumo, por outro lado, o tom da propaganda no que se refere à caracterização da “Irmandade” (grifo do autor) em que Lucy se estabeleceu em West Boston e trabalhara como prostituta se torna mais condenatório, e a questão da virtude e da moralidade como objetivos da narrativa ficam patentes no rodapé, no qual o romance, como um todo, é dedicado “aos jovens de Boston e àqueles que costumam visitar a cidade vindos do interior”:

Figura 4. The Adventures of Lucy Brewer, (alias) Louisa Baker, de 1815.

Página de título e resumo da segunda parte da narrativa *The Adventures of Lucy Brewer* (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.79).⁵⁷

Por seu turno, na primeira edição da última sequência, *An Awful Beacon to the Rising Generation of both sexes* de 1816 (Figura 5), pode-se perceber o uso narrativo da ilustração por meio da representação de uma cena da história. Nela, a protagonista, acompanhada de seu pretendente e posterior marido, Mr. Charles West, visita a *Plymouth Rock*, local simbólico onde os peregrinos teriam desembarcado o Mayflower em 1620. Abaixo da imagem têm-se os dizeres “Mr. e Mrs. WEST, vendo a rocha em que nossos antepassados desembarcaram em

⁵⁷ Tradução livre: “Que, depois de viver três anos, um membro distinto de uma *Sociedade imoral* de seu sexo, em Boston, ficou enojada com a Irmandade e, vestida como *homem*, entrou como MARINHEIRA a bordo da Fragata CONSTITUIÇÃO, onde serviu fielmente nessa capacidade durante três anos de nossa disputa tardia com a Grã-Bretanha, e da qual ela foi dispensada de forma honrosa sem a descoberta de seu sexo.

SENDO

Uma continuação das Aventuras da Srta. Brewer desde o momento de sua dispensa até os dias atuais - incluindo um diário de uma excursão a Nova York e uma recente visita a Boston, vestida em seus vestuários masculinos. À qual é acrescentado seus sérios discursos aos JOVENS DE BOSTON, e a aqueles que costumam visitar a cidade vindos do interior.

‘Reivindicar os princípios de VIRTUDE e MORALIDADE - É MEU OBJETIVO.’
BOSTON - Impresso por H. TRUMBULL, 1815”.

Plymouth” (COHEN, 1997, p. 96),⁵⁸ constituindo assim, uma narrativa que une um símbolo, em certo sentido mítico, da história dos Estados Unidos a um final feliz para o romance de sedução da personagem Lucy.

Figura 5. Panfleto *The Awful Beacon to the Rising Generation of both sexes* de 1816.

Frontispício da edição da Terceira parte da narrativa *The Awful Beacon to the Rising Generation of both sexes* de 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.98).

Já na página de título da terceira parte (Figura 6), após retomar as localizações feitas nos panfletos anteriores, sobre os nomes assumidos pela personagem, o local de nascimento e os serviços prestados a bordo da Fragata Constituição, têm-se uma dedicatória aos jovens de ambos os sexos e todas as classes, considerando a narrativa um bem temporal e espiritual aos leitores, assumindo, também, a característica de sermão:

Esta parte (que é a terceira e a última) será considerada ainda mais interessante para o público do que as duas anteriores. Recomenda-se como digna a leitura de jovens

⁵⁸Tradução livre do original em inglês: “MR. and Mrs. WEST, Viewing the Rock on which our Forefathers Landed at Plymouth”.

de ambos os sexos e de todas as classes, para promover seu bem temporal e espiritual, o principal objetivo de seu compilador (COHEN, 1997, p.97).

Também a epígrafe “Aprenda a fazer o bem pelo prejuízo dos outros, e você fará muito bem” (*Idem*, p. 97) compunha parte da edição, unindo o sentido de uma narrativa de sedução e abandono ao intuito pedagógico moralizante de instruir os jovens pelo exemplo.

Figura 6. Página de título do panfleto *The Awful Beacon to the rising generation of both sexes*, de 1816.

Página de título da edição da terceira parte da narrativa *The Awful Beacon to the Rising Generation of both sexes* de 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.99).

Também em 1816 a narrativa relacionada ao romance foi publicada em Panfleto sob o título: *A Brief Reply to the late writings of Louisa Baker, (alias) Lucy Brewer by Rachel Sperry*. Em seu frontispício, o panfleto trazia a ilustração, novamente em sentido narrativo, da personagem e narradora da história Rachel Sperry, uma habitante de West Boston Hill e dona do estabelecimento em que Lucy ficara hospedada no período em que trabalhou como prostituta. Contudo, diferentemente dos retratos de Lucy, o da personagem Rachel é representado como uma senhora mais velha, de rosto sulcado pela idade e, possivelmente,

sofrimento, vestida em roupas comuns aos segmentos de classe mais pobres, principalmente por sua touca, frequente em representações imagéticas de mulheres pobres no século XIX.

Figura7. Panfleto *A Brief Reply to the late writings of Louisa Baker*, de 1816.

Frontispício da resposta da personagem Rachel Sperry a narrativa de Lucy. Panfleto *A Brief Reply to the late writings of Louisa Baker*, [alias] *Lucy Brewer* 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.134).

É interessante de se notar que tanto no frontispício, quanto na página de título dessa edição, o termo pejorativo Negro Hill, utilizado nas sequências narradas por Lucy, não aparece, permanecendo apenas a designação Hill (morro) e a denominação administrativa que a região pertencia à época, West Boston. Na página título, além da localização da narrativa como uma resposta aos escritos de Lucy, também os versos “Já que você imputa sua vida imoral a mim!/ O mundo deverá agora saber quem e o que você é; / Todos nós falhamos – falhas as quais estamos propensos,/ Mas você antecipadamente as proclama, examine bem as próprias”.⁵⁹

⁵⁹Tradução livre do original em inglês: “Since you impute your immoral life to me!/ The world shall now know who and what you be;/ We all have our failings – faults to which we’re prone,/ But e’re you proclaim them, examine well your own”. (COHEN, 1997, p. 135)

Figura 8. Página de título do panfleto *A Brief Reply to the late writings of Louisa Baker ...*

Página de título da resposta da personagem Rachel Sperry a narrativa de Lucy. Panfleto *A Brief Reply to the late writings of Louisa Baker, [alias] Lucy Brewer*, de 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.135).

Após a publicação da terceira parte (em meados de 1816), as edições seguintes passaram a ser impressas sob o título *The Female Marine*, já contendo a trilogia. Contudo, tais narrativas foram reduzidas em alguns pontos, principalmente na primeira e segunda partes e em conjunto eram vendidas pelo custo de 40 *cents*, custo médio de chapbooks de mesma quantidade de páginas no período.

Em todos os frontispícios das edições que continham o romance completo é possível se verificar o quanto o viés editorial passou a ser mais voltado ao patriotismo, ao menos nas imagens que, de alguma forma, buscavam trazer símbolos que remetessem ao pertencimento nacional aos Estados Unidos. Na primeira delas (Figura 9), ainda do ano de 1816, temos a imagem de Lucy (Louisa/ Eliza) em uma praia, trajada em roupas militares com uma baioneta em punho e, ao fundo, um navio, possivelmente aludindo à Fragata Constituição e às batalhas presentes na primeira e segunda partes da história.

Figuras 9 e 10. Frontispício da “décima edição” de *The Female Marine* e página de título.

Frontispício da décima edição de *The Female Marine*, de 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p. 54-55).

Por sua vez, na edição de 19 de junho de 1816, a capa trazia a xilogravura do “Grande Selo dos Estados Unidos”, um símbolo de representação patriótica que dava à narrativa uma característica alusiva, voltada à história nacional e não propriamente a um romance de sedução. Uma xilogravura comum em outros panfletos e chapbooks de Coverly, uma vez que, como visto anteriormente, os moldes das ilustrações eram muitas vezes reutilizados pelo editor em outras ocasiões.

Figura 11. Frontispício de *The Female Marine*, 1816.

Frontispício da décima edição de *The Female Marine*, de 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p. 4).

Já na edição de 1818 (Figura 12), último registro catalogado pela American Antiquarian Society, tem-se, na mesma linha, a protagonista com uniforme militar e chapéu empunhando a bandeira dos Estados Unidos, com o Grande Selo nela estampado. Por toda linha editorial de Coverly Jr. é possível verificar, não apenas em *The Female Marine*, mas nos demais panfletos por ele editados, que havia uma preferência pela publicação de historietas e broadside ballads voltadas a feitos sobre a história nacional. Algo que incorporou gradativamente as representações imagéticas dos panfletos de *The Female Marine* ao longo dos anos de 1815 a 1818 e que foi bem recepcionado pelos leitores, haja vista as reedições compiladas do romance.

Figura 12. Frontispício de *The Female Marine*, 1818.

Frontispício de uma edição de *The Female Marine*, de 1818, a última catalogada do romance. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p. 27).

Além da mudança de suporte na materialidade do romance, das mudanças nas linhas de escolha imagética e das reduções no compilado de *The Female Marine*, outras modificações foram operadas no texto durante suas reedições. Sobre esse aspecto, é importante frisar que quando um texto é escrito, editado, impresso, posto à venda, comprado e lido, ele completa o circuito das comunicações e, caso seja de interesse editorial, volta a circular a partir de novas edições.

Tais edições, por sua vez, nutridas de possíveis críticas de leitores especializados ou comuns, ou mesmo de censura de autoridades da época, poderiam sofrer alterações, circulando com modificações nas formas como o texto foi publicado anteriormente. De acordo com a análise de Cohen (1997), comparando-se as edições iniciais dos panfletos da

primeira, segunda e terceira partes, com a pretensa “décima edição” ⁶⁰ de 1816 (Figuras 9 e 10), é possível perceber que o texto inicial sofreu modificações, algumas para diminuir o excesso de texto, principalmente em retomadas longas resumindo as narrativas anteriores, mas outras mais interessantes no que se refere às descrições dos habitantes e do bairro de West Boston.

A princípio, assim como na edição da resposta de Rachel Sperry à narrativa de Lucy, a alcunha racializada do bairro de West Boston, Negro Hill, foi retirada também na “décima edição” e em seu lugar permaneceu a denominação administrativa West Boston Hill ou apenas Hill. Além disso, as caracterizações dos moradores do bairro, em específico das prostitutas que na primeira edição de *An Affecting Narrative of Louisa Baker* em 1815 eram bastante depreciativas, foram retiradas e amenizadas no compilado *The Female Marine* de 1816, como são possíveis de se verificar nos trechos abaixo, respectivamente, da primeira e décima edições:

Passo a passo, elas descem a classe mais baixa de prostitutas, com *imundície* e trapos, *podres de doenças* e devorados pelos vermes; dificilmente há vícios que ocasionam misérias mais complicadas sobre os infelizes desgraçados que a ela estão sujeitos (*An Affecting Narrative of Louisa Baker*. In: COHEN, 1997, p. 64). ⁶¹

Passo a passo, elas descem a classe mais baixa de prostitutas, com trapos devorados pelos vermes, dificilmente há vícios que ocasionem misérias mais complicadas sobre os infelizes miseráveis que a ela estão sujeitos (*The Female Marine*, ‘Tenth Edition’. In: COHEN, 1997, p. 64). ⁶²

Além desse, o trecho a seguir, que paradoxalmente trata sobre os cuidados com uso da linguagem, também foi modificado na décima edição, retirando-se dele o termo “lascivos” (*lewd*) como se verifica abaixo:

Minha longa residência em um desses bordéis me permitirá descrever para aqueles meus leitores que têm muita sensibilidade, exatamente para satisfazer uma curiosidade, jamais para visitar esta moderna Sodoma, lugar de tumultos e dissipações, um círculo contínuo de vícios e perversidades que marca uma porção considerável de seus *lascivos* habitantes; ao fazer isso, todas as expressões indecentes serão cuidadosamente evitadas, pois é meu objetivo registrar esses incidentes apenas como uma possibilidade de ser examinado pelos mais virtuosos do

⁶⁰Impresso no frontispício do panfleto, como é possível verificar na imagem, havia a indicação de ser aquela a “décima edição”. Contudo, somando-se as datas das edições da compilação, é muito provável que se tratasse de uma estratégia de venda, em que se colocava um número de edições maior do que correspondia ao real, para simular uma grande procura pelo panfleto.

⁶¹Tradução livre do original em inglês: “Step by step, they descend to the lowest class of prostitutes, with filth and rags, putrid with disease, and devoured with vermin, there is hardly any vice which entails more complicated miseries upon the unhappy wretches who are subject to it”.

⁶²Tradução livre do original em inglês: “Step by step, they descend to the lowest class of prostitutes, with rags and devoured with vermin, there is hardly any vice which entails more complicated miseries upon the unhappy wretches who are subject to it”.

meu sexo, sem apresentar modéstia no rubor.⁶³ (Grifo meu. An Affecting Narrative of Louisa Baker. In: COHEN, 1997, p. 68)

Minha longa residência em um desses bordéis me permitirá descrever para aqueles meus leitores que têm muita sensibilidade, exatamente para satisfazer uma curiosidade, jamais para visitar esta moderna Sodoma, lugar de tumultos e dissipações, um círculo contínuo de vícios e perversidades que marca uma porção considerável de *seus habitantes*; ao fazer isso, todas as expressões indecentes serão cuidadosamente evitadas, pois é meu objetivo registrar esses incidentes apenas como uma possibilidade de ser examinado pelos mais virtuosos do meu sexo, sem apresentar modéstia no rubor (The Female Marine, Tenth Edition. In: COHEN, 1997, p. 68).⁶⁴

O trecho abaixo também teve os adjetivos da primeira edição amenizados em sua nova passagem pelo circuito das comunicações:

Este local corrupto, que felizmente para a cidade possui apenas alguns acres, parece ter sido um setor destinado às pessoas de cor, já que a maioria dos habitantes é desta descrição: *portanto, recebe a denominação vulgar de 'Morro Negro'*. (Grifo meu. An Affecting Narrative of Louisa Baker. In: COHEN, 1997, p. 68).⁶⁵

Este local corrupto, que felizmente para a cidade possui apenas alguns acres, parece ter sido um setor destinado às pessoas de cor, já que a maioria dos habitantes é desta descrição.⁶⁶(The Female Marine, Tenth Edition. In: COHEN, 1997, p. 68).

Dessa forma, ao longo de suas reedições e, portanto, de sua passagem pelo circuito das comunicações, o romance The Female Marine sofreu modificações interessantes, seja nas escolhas imagéticas das seriações seguintes de seus panfletos, adotando-se uma narrativa voltada muito mais ao compartilhamento de símbolos patrióticos, seja propriamente em cada

⁶³Tradução livre do original em inglês: “My long residence in one of those brothels will enable me to describe to such of my readers who have too much delicacy, even to gratify a curiosity, ever to visit this modern Sodom, the seat of riot and dissipation, a continual round of vice and wickedness which mark a considerable portion of its lewd inhabitants; in performing this, all immodest expressions will be carefully avoided, as it is my object to record such incidents only as may be perused by the most virtuous of my sex, without putting modesty to the blush”.

⁶⁴Tradução livre do original em inglês: “My long residence in one of those brothels will enable me to describe to such of my readers who have too much delicacy, even to gratify a curiosity, ever to visit this modern Sodom, the seat of riot and dissipation, a continual round of vice and wickedness which mark a considerable portion of its lewd inhabitants; in performing this, all immodest expressions will be carefully avoided, as it is my object to record such incidents only as may be perused by the most virtuous of my sex, without putting modesty to the blush”.

⁶⁵Tradução livre do original em inglês: “This corrupt spot, which fortunately for the town comprises but a few acres, appears to have been a department allotted to the people of color, as most of the inhabitants are of this description: hence it receives the vulgar appellation of ‘Negro Hill’ – the tenements erected thereon, like its wretched inhabitants, are of every description, from the comfortable dwelling to the most miserable stinking cell, apparently erected and propped up for a temporary purpose only. In those of the first class the ladies, strumpets of distinction claim a residence, while the latter are inhabited by a lower order, apparently composed of the worst of creation”.

⁶⁶Tradução livre do original em inglês: “This corrupt spot, which fortunately for the town comprises but a few acres, appears to have been a department allotted to the people of color, as most of the inhabitants are of this description – the tenements erected thereon, like its wretched inhabitants, are of every description, from the comfortable dwelling to the most miserable cell, apparently erected and propped up for a temporary purpose only. In those of the first class the ladies, strumpets of distinction claim a residence, while the latter are inhabited by a lower order, apparently composed of the worst of creation”.

reedição do conteúdo do texto, no qual a linguagem é remodelada, tornando-se mais regulada do ponto de vista moral das escolhas de adjetivos que pudessem ofender ou depreciar quaisquer que fossem seus leitores, como é o caso da fictícia leitora e moradora de West Boston, Rachel Sperry, autora da resposta à narrativa de Lucy.

Além disso, no circuito das comunicações do romance, não apenas os desenvolvimentos narrativos comuns aos primeiros anos da República influenciaram a composição de *The Female Marine*, mas também o seu contexto de produção e as suas redes de interlocução social, que tiveram influências tanto regionais, quanto nacionais, como se verá adiante.

Capítulo 2

O literário, o religioso e o administrativo: Problemas de gênero, raça e classe na portuária Boston

Em relação às décadas iniciais do século dezenove Norte-Americano, algumas questões políticas, econômicas e sociais são bastante significativas para a compreensão não apenas do contexto local de publicação *The Female Marine*, mas também, da consolidação dos Estados Unidos como um país independente em sua *Early Republic*.

No pós-independência, e durante os primeiros anos do século XIX, os conflitos entre Inglaterra e França e o consequente Bloqueio Continental (1804) na Europa, a princípio, resultaram em vantagens financeiras para os estados do norte dos Estados Unidos que possuíam, à época, importantes entrepostos comerciais como Boston, Nova York e Charlestown.

Contudo, o curto período de florescimento mercantil foi seriamente afetado a partir de 1807, principalmente pelas pressões diplomáticas e retaliações econômicas de ambas as nações em conflito pelo apoio Norte-Americano. Dentre elas, a apreensão de navios e tripulação Norte-Americana por navios britânicos acabou por acirrar os debates entre os partidos Federalista e Republicano em relação à posição do país no conflito. O que levou, em 1807, o presidente Thomas Jefferson a decretar um embargo econômico a ambas as nações em conflito.

Entretanto, o ato restritivo, que no discurso Republicano tinha como fundamento o reconhecimento dos Estados Unidos como país soberano e neutro, teve, todavia, efeito contrário. A região de Nova Inglaterra, cuja economia dependia totalmente da via marítima, se opôs amplamente ao embargo, que perdurou como rusga política nos anos iniciais do governo James Madison (1809-1817). A cidade de Boston, por exemplo, era o quarto maior centro urbano nas três primeiras décadas do século XIX e um dos seus principais portos, responsável, segundo Brown e Tager (2013), pelo embarque de 310.309 toneladas de insumos - dentre os quais cordame, tabaco, chapéus, tecidos para velas de navio, papel e, principalmente, o rum -, número correspondente a mais de um terço de todo transporte da marinha mercante dos Estados Unidos em 1807.

Portanto, uma região que, além de ser um porto economicamente ativo na República, era ancoradouro de referência, um importante centro de construção naval e exportador de

matérias primas para a Europa (BROWN; TAGER, 2000, p. 114), o que intensificou as problemáticas decorrentes do embargo em sua região.

Nesse sentido, as decisões políticas da União, representadas pelo partido Republicano de Madison, distanciaram-se dos interesses econômicos das regiões portuárias de Nova Inglaterra, gerando uma forte oposição que se centrou no partido Federalista. Boston, como principal região afetada, era também uma das principais representantes dessa oposição que, juntamente em seu estado Massachusetts, destacou-se pela relutância na participação do envio de tropas quando o conflito armado foi deflagrado em 1812 (BROWN; TAGER, 2013, p.116), tema que foi explorado na narrativa de *The Female Marine*, como se verá mais detidamente no capítulo 3.

Com o fim do conflito, que perdurou até o início de 1815, o partido Federalista ganhou força na região e a economia portuária buscou se restabelecer. No pós-1815, um grande movimento de migração das áreas rurais para as áreas mais urbanizadas e industriais (tais como Boston, Nova York e Rhode Island) se somou ao dos imigrantes – principalmente irlandeses na década de 1820 e também escravos fugidos dos estados do Sul que buscavam emprego nessas localidades.

Com o crescimento populacional desordenado e concentrado nas áreas urbanas, as desigualdades na distribuição de renda e de condições apropriadas de moradia se intensificaram ao longo dos anos de 1820 a 1830, criando o que Jack Tager (2001) denominou de bairros de ‘segregação e especialização’:

Aumentos nas populações urbanas causaram condições caóticas (...) surgiram problemas que eram endêmicos ao novo ambiente urbano – favelas, falta de saneamento, polícia e controle de incêndios inadequados, guerra de gangues e etnias, embriaguez, prostituição, extrema pobreza e óbvia miséria das classes pobres. Apesar da disponibilidade de terras no Oeste, das novas oportunidades econômicas e do consenso de que essa era a era do ‘homem comum’, a desigualdade de riqueza aumentou bruscamente. ‘Assim, o número absoluto de pobres urbanos se expandia constantemente, apesar das oportunidades que a economia americana prometia’ (TAGER, 2001, p. 78).⁶⁷

Os desdobramentos do aumento populacional e da desigualdade foi ainda mais considerável em Boston. De acordo com Barbara M. Hobson (1990) e Ruth W. Herndon (2012), enquanto centros urbanos como Nova York e Filadélfia cresceram mais

⁶⁷Tradução livre do original em inglês: “Increases in urban populations caused chaotic conditions. The presence of scores of working people affected land use. The poor pushed into cheaper housing, causing ‘segregation and specialization’. Problems arose that were endemic to new urban environment – slums, poor sanitation, inadequate police and fire control, gang and ethnic warfare, drunkenness and prostitution, extreme poverty and obvious misery of the poor classes. Despite the availability of land in the West, new economic opportunities, and the consensus that this was the age of the ‘common man’, inequality of wealth rose sharply. ‘Thus, the absolute numbers of urban poor constantly expanded in spite of opportunities that American economy promised’”.

uniformemente distribuídos que os demais centros urbanos e cidades da República, o inchaço populacional, grande concentração de pessoas em uma localidade proporcionalmente menor, foi consideravelmente superior na península de Boston. À época, a parte urbanizada da cidade centrava-se nessa região, uma vez que sua geografia era entrecortada por cursos d'água, planos de lama e morros, fazendo dela uma das cidades mais densamente povoadas do período (HOBSON, 1990, p. 13).

Além disso, segundo Herndon (2012), enquanto em Nova York o número da população geral triplicou nas primeiras duas décadas do século XIX, o número daqueles oficialmente designados como “pobres urbanos” cresceu mais rapidamente do que a população geral em Boston. De acordo com a autora, entre os anos de 1790 e 1820, as admissões em asilos, conhecidos como *Almshouses*,⁶⁸ mais do que quadruplicaram, enquanto a população de Boston mal dobrou de tamanho. Nas palavras da autora: “Claramente, os pobres foram percebidos como um problema sério por alguns e enviá-los para o asilo tornou-se uma responsabilidade primária dos superintendentes dos pobres” (HERNDON, 2012, p. 367).⁶⁹

Em 1820, a península de Boston possuía, de acordo com o recenseamento⁷⁰, três regiões com população superior a 5000 habitantes (numeradas 6, 11 e 12 no censo de 1820). Na segunda e terceira posições estavam as regiões localizadas ao sul da cidade (12 e 11, respectivamente) que, de acordo com os dados apresentados, concentravam uma população consideravelmente engajada nas atividades de manufatura e comércio. Já a primeira posição em número populacional, a região 6, ficava a oeste da cidade, uma região de aclave que no censo trazia uma taxa de engajamento ínfima somada as três categorias econômicas listadas (agricultura, manufatura e comércio, menos de 2%).

O bairro em questão, West Boston (Figura 13), possuía uma população de 5.853 habitantes, dos quais cerca de 53,04% eram mulheres e 47, 54% homens.⁷¹ Dessa

⁶⁸Segundo a definição do dicionário Noah Webster de 1828: Uma casa apropriada para ao uso dos pobres, que são mantidas pelo público. Em alguns casos, como é o da Almshouse de Boston, uma instituição mantida por doações e/ou pela administração local. Segundo os estudos de Herdon (2012), a Almshouse era utilizada não apenas como abrigo temporário pela população carente, mas, muitas vezes, funcionava como maternidade para mulheres pobres. Em inglês: “*ALMS-HOUSE*, n. A house appropriated for the use of the poor, who are supported by the public”. WEBSTER, 1828. Disponível em: <<https://1828.mshaffer.com/d/word/alms-house>>. Acesso em: 12 de novembro de 2019, às 14h:00min.

⁶⁹Tradução livre do original em inglês: “Clearly, ‘the poor’ were perceived as a serious problem by some and sending them into the Almshouse became a primary responsibility of the overseers of the poor”.

⁷⁰United States Census Bureau. Disponível em: <https://www.census.gov/history/www/through_the_decades/fast_facts/1820_fast_facts.html>. Acesso em: 23 de março de 2018, às 15h:30min.

⁷¹Exclui-se o computo os dados a respeito de estrangeiros não naturalizados e índios não taxados, os quais não constam sexo no recenseamento.

porcentagem, 14,69% eram recenseadas como “pessoas de cor livres”, enquanto 85,31% eram “pessoas brancas livres”, dados interessantes quando se pensa tanto as representações de The Female Marine, quanto os relatórios religiosos da *Boston Female Society for Missionary Purposes* (1817-1818), além dos documentos administrativos pensados para classificar e buscar meios de conter o pauperismo na cidade, como é o caso de *Report of the Committee of the subject of pauperism and a House of Industry in the Town of Boston* (1821).

Figura 13. Mapa de Boston. Representação de 1838. Map reproduction courtesy of the Norman B. Leventhal Map & Education Center at the Boston Public Library 1838.

Legenda:

1. West Boston. / 2. Rua Southark. / 3. Common de Boston. / 4. Milk Street. Endereço da loja de panfletos de Coverly Jr.

Em sua primeira representação do bairro, após descrever ter sido forçada a permanecer no bordel pela dívida adquirida com a alcoviteira (ironicamente denominada de madame), a personagem Lucy do romance *The Female Marine* refere-se ao bairro como um lugar “corrupto”, cuja denominação “Negro Hill” derivaria do fato de ser “um lugar destinado às pessoas de cor” e, de forma bastante crua e carregada de adjetivos que remetem tanto às condições de evidente pauperismo, quanto a uma visão rebaixada de seus habitantes, principalmente no que se refere às prostitutas, os compara a suas habitações, classificando-as em duas diferentes ‘classes’ e ‘ordens’:

Este lugar corrupto, que felizmente para a cidade possui apenas alguns acres, parece ter sido um departamento destinado às pessoas de cor, já que a maioria dos habitantes é desta descrição: *portanto, recebe a denominação vulgar de 'Negro Hill'*— os cortiços erguidos sobre ele, como seus desgraçados habitantes, são de todas as descrições, desde uma habitação confortável até a mais fedorenta e miserável cela aparentemente erguida e sustentada apenas para um propósito temporário. Naquelas de primeira classe, as damas, prostitutas de distinção, reivindicam uma residência, enquanto as últimas são habitadas por uma ordem inferior, aparentemente composta pelo pior da criação (*Grifo meu. An Affecting Narrative of Louisa Baker. In: COHEN, 1997, p. 68*).⁷²

Como citado no Capítulo anterior, nas duas sequências posteriores e na compilação impressa sob o título *The Female Marine*, a referência a West Boston como “Negro Hill” não mais aparece. De acordo com Cohen (1997), a denominação foi criada e frequentemente utilizada pela população branca de Boston para se referir ao morro da parte norte de Beacon Hill (COHEN, 1997, p.15). Nesse sentido, tanto a escolha de colocá-la no romance, quanto à de posteriormente retirá-la são significativas, pois indicam tanto o registro de uma denominação vulgar do período que possuía sentido racial e pejorativo,⁷³ quanto uma necessidade editorial de retirá-la.

⁷²Tradução livre do original em inglês: “This corrupt spot, which fortunately for the town comprises but a few acres, appears to have been a department allotted to the people of colour, as most of the inhabitants are of this description: hence it receives the vulgar appellation of ‘Negro Hill’ – the tenements erected thereon, like its wretched inhabitants, are of every description, from the comfortable dwelling to the most miserable stinking cell, apparently erected and propped up for a temporary purpose only. In those of the first class the ladies, strumpets of distinction claim a residence, while the latter are inhabited by a lower order, apparently composed of the worst of creation”.

⁷³ Segundo a definição do dicionário Noah Webster de 1828: “*VULGAR* a. 1. Pertaining to the common unlettered people; as vulgar life. 2. Used or practiced by common people; as vulgar sports. 3. Vernacular; national. It might be more useful to the English reader, to write in our vulgar language. 4. Common; used by all classes of people; as the vulgar version of the scriptures. 5. Public; as vulgar report. 6. Mean; rustic; rude; low; unrefined; as vulgar ninds; vulgar manners. 7. Consisting of common persons. In reading an account of a battle, we follow the hero with our whole attention, but seldom reflect on the vulgar heaps of slaughter. Vulgar fractions, in arithmetic, fractions expressed by a numerator and denominator; thus 2/5. *VULGAR*, n. The common people. [It has no plural termination, but has often a plural verb.] The vulgar imagine the pretender to have been a child imposed on the nation”. WEBSTER, 1828. Disponível em: <<https://1828.mshaffer.com/d/word/alms-house>>. Acesso em: 12 de novembro de 2019, às 14h:56min.

De acordo com Randall L. Kenn (1999), a etimologia do termo é derivada originalmente do espanhol “*negro*” que adaptada no inglês britânico “*neger*” ao longo do tempo e das variações de pronúncia, passou a ser empregado nos Estados Unidos como insulto para se referir a afro-americanos, também utilizada na grafia “*nigger*”:

Precisamente quando o termo se tornou um insulto é desconhecido. Sabemos, no entanto, que no primeiro terço do século XIX o termo “nigger” havia se tornado um insulto familiar e influente. Em 1837, em *A condição das pessoas de cor dos Estados Unidos; e o preconceito exercido em direção a eles*, Hosea Easton, que se descreveu como “um homem de cor”, dedicou considerável atenção aos nefastos propósitos pedagógicos aos quais o termo “nigger” foi colocado por muitos de seus colegas americanos. “Nigger”, observou ele, “é um termo opressivo empregado para impor desprezo aos [negros] como uma raça inferior... O termo em si seria perfeitamente inofensivo se fosse usado apenas para distinguir uma classe da sociedade de outra, mas não é usado com essa intenção; a definição prática é bastante diferente na Inglaterra do que é aqui, pois aqui ela flui da fonte com o propósito para ferir” (KENNEDY, 1999, p. 86)⁷⁴.

A despeito de no romance a alcunha pejorativa racial ser utilizada tendo em vista a “maioria dos habitantes” ser “dessa descrição” (COHEN, 1997, p. 68), o bairro não possuía maioria de afro-americanos, muito pelo contrário, como apontam os dados do censo de 1820, representavam cerca de 14% da população do bairro e, de acordo com Brown e Tager (2013), 11% na década anterior. Contudo, tal referenciação se dava, sobretudo, pela concentração desigual às demais localidades da cidade, uma concentração que em muito reflete a interpretação de Jack Tager (2001) sobre a formação de bairros de “segregação e especialização” nos primeiros anos da República que, em Boston concentravam não apenas a população afro-americano, mas uma quantidade muito grande de mulheres brancas e crianças.

Segundo Mary P. Ryan (2006), o aumento da quantidade de mulheres entre a população mais pobre nos grandes centros urbanos nos primeiros anos da República se deveu, em muito, à condição civil que as mulheres possuíam no pós-independência. No que se refere à esfera pública, no período, cargos públicos, voto e representação na legislatura eram desconhecidos a elas. Por sua vez, a chefia familiar, o direito à tutela do filho, bem como, outros direitos na esfera familiar eram, sobretudo, masculinos, ao mesmo tempo em que a

⁷⁴ Tradução livre do original em inglês: “Precisely when the term became a slur is Unknown. We do know, however, that by the first third of the nineteenth century nigger had already become a familiar and influential insult. In his 1837 treatise on *The Condition of the Colored People of the United States; and the Prejudice Exercised Towards Them*, Hosea Easton, who described himself as “a colored man,” devoted a considerable attention to the nefarious pedagogical purposes to which the term nigger was put by many of his fellow Americans. “Nigger”, he observed, “is an opprobrious term, employed to impose contempt upon [blacks] as an inferior race... The term in itself would be perfectly harmless were it used only to distinguish one class of society from another, but it is not used with that intent; the practical definition is quite different in England to what it is here, for here it flows from the fountain of purpose to injure”.

vergonha pública por abuso sexual e o ônus de carregar filhos ilegítimos eram creditados, em sua maioria, às mulheres.

Sobre esse aspecto, as mães solteiras, viúvas e órfãs eram, de maneira geral, consideradas “drenos dos recursos comunitários” e, desamparadas e muitas vezes com dependentes, não eram empregadas nas regiões centrais, deslocando-se constantemente pelos arredores e regiões periféricas. Como mulheres desacompanhadas e sem referências de familiares ou de emprego nas regiões centrais no século XIX, muitas delas faziam residência em bairros afastados e precários, como é o caso de West Boston tal como é retratado no romance *The Female Marine*. Conforme explica Ryan (2006), este era:

(...) um momento precário, em vez de um momento ‘de céu estrelado’*, para a crescente classe de mães solteiras consideradas como drenos dos recursos da comunidade. Mães solteiras que transitavam foram advertidas para fora da cidade porque não podiam sustentar a si e a seus filhos. Tais mulheres representavam as crescentes fileiras dos “pobres errantes” que tinham a participação brutalmente negada na nova república. A concentração de mulheres, especialmente mães solteiras e viúvas, entre os pobres urbanos é uma evidência arrepiante da desigualdade de gênero que acompanhou os avanços da economia de mercado (RYAN, 2006, p. 86).⁷⁵

Em fins do século XVIII, os romances de sedução e abandono se tornam importantes vetores pedagógicos da moralidade protestante, alertando as jovens leitoras e também os jovens leitores sobre os riscos da sexualidade fora dos laços matrimoniais. Tal qual a personagem de Susanna Rowson, Charlotte Temple, com seu fim trágico, os romances buscavam, pelo exemplo, mostrar aos jovens os perigos e danos que o exercício de sua sexualidade sem a aprovação paterna, sem a benção cristã e perante a lei, poderia causar a sua vida e a de seus familiares.

Nesse sentido, os ensinamentos dos romances de sedução, bem como os direitos adquiridos apenas pela dependência matrimonial contribuíram para que as mulheres entrassem na nova República não se vangloriando dos ganhos de liberdade, “mas assumindo os riscos de sua biologia reprodutiva” (RYAN, 2006, p. 88).⁷⁶

⁷⁵Tradução livre do original em inglês: “It was a precarious rather than a star-spangled moment for that growing class of single mothers who were regarded as a drain on community resources. Transient single mothers were warned out of town because they could not support themselves and their children. Such women accounted for the growing ranks of the ‘the strolling poor,’ brutally denied a stake in the new republic. The concentration of women, especially unwed mothers and widows, among the urban poor is chilling evidence of the gender inequality that accompanied the advances of the market economy”. *Star-spangled faz referência ao hino dos Estados Unidos, adotado na década de 1930, mas escrito em 1814. No trecho em questão, Ryan ironiza o discurso de orgulho nacional do século XIX, ressaltando suas desigualdades, principalmente no que se refere às relações de gênero.

⁷⁶Tradução livre do original em inglês: “Women would enter the new nation not boasting of their rights but bearing the risks of their reproductive biology”.

The Female Marine, como um romance que também apresenta características desta forma narrativa, mas não centra-se apenas na história de sedução da protagonista, amplia sua abordagem também para alertar dos perigos e riscos que os jovens de ambos os sexos, desavisados e suscetíveis, corriam ao frequentar regiões “viciosas” e da necessidade de sempre permanecerem “nos caminhos da virtude e da inocência”, como fica expresso em diversos momentos da narrativa, como por exemplo, quando Lucy chega a cidade e é acolhida pela dona de uma mercearia próxima a Cambridge Street. No episódio em questão a senhora diz a Lucy:

Senhorita Baker, (...)você me informa que veio a esta cidade com o objetivo de procurar um lugar para trabalhar como camareira, e como você está destituída de conhecidos aqui e é aparentemente jovem e inexperiente no mundo (...) devo dar-lhe o conselho que possivelmente poderá ser vantajoso para você na sua nova situação na vida. Com esta cidade e seus habitantes eu declaro estar familiarizada, sendo moradora desde minha infância; no que diz respeito à primeira, eu acredito que posso dizer com segurança, que não há (...) cidade em nenhuma parte dos Estados Unidos que possa se orgulhar de uma quantidade tão grande de habitantes honestos e hospitaleiros, sempre à frente para proteger o inocente de injúria e para prestar assistência, tal como exige-la(...). Eu asseguro-lhe que o bom comportamento receberá sua recompensa, e a virtude e a inocência serão estimadas (...) (An Affecting Narrative of Louisa Baker. In: COHEN, 1997, p. 64).⁷⁷

Ressaltando a questão da virtude e inocência e da recompensa ao bom comportamento, a interlocutora de Lucy continua descrevendo outra “classe” de habitantes, “de quem esta cidade possui uma grande proporção” e que alguns os consideravam “um mal necessário”, dos quais Lucy, agora, encontrava-se em sua vizinhança:

Mas (...) lamento informar-lhe que tais não são os feitos de todos aqueles que compõem os habitantes da cidade; existe, de fato, outra classe, cuja sociedade eu desejo que você evite à medida que considera a liberdade e a vida; permita-me, minha querida, assegurar-lhe que a relação com estes acabará por custar-lhe uma ou outra; é uma classe composta daqueles que são considerados a perdição da sociedade, enquanto que, por outros, são vistos como um "mal necessário"! Eles são uma raça vergonhosa; cujos hábitos e vícios detestáveis os afundam infinitamente abaixo das bestas que perecem. Eles são mais ou menos abundantes em nossas grandes cidades, e de quem esta cidade possui uma grande proporção: entre os quais, coragem de dizer, há uma grande parcela do nosso sexo “que, pela mais vil prostituição, obtém seus meios de subsistência”. (...). Passo a passo, elas descem para a classe mais baixa de prostitutas, com quem todas as grandes cidades têm

⁷⁷Tradução livre do original em inglês: “Miss Baker, (for that was the name I had assumed), you inform me that you have come to this town for the purpose of procuring for yourself a place as chambermaid, and as you are destitute of acquaintance here, and are apparently young and inexperienced in the world, you will not, I presume, deem it presumption in me, should I give you such advice as may possibly be of advantage to you, in your new situation in life. With this town and its inhabitants I profess to be well acquainted, having been an inhabitant from my infancy; with regard to the former, I believe I may safely say, that there is not a city or a town in any part of United States, that can boast of a greater proportion of honest kind and hospitable inhabitants, ever forward to protect the innocent from injury, and to afford assistance to such as require it, and to afford assistance to such as require it, (...) I assure you, that good behavior will receive its reward, and virtue and innocence be esteemed (...)”.

enxames à meia-noite; criaturas cobertas de imundície e trapos, pútridas pelas doenças e devoradas pelos vermes, dificilmente há vício que implique misérias mais complicadas sobre as infelizes miseráveis do que as que estão sujeitas. (...). Você está agora (...) na vizinhança delas, e como suas alcoviteiras estão continuamente em busca de novas vítimas, e você, jovem e desacompanhada, cuidado, minha querida menina, eu imploro que você tenha cuidado, que você não está desenganada e, como milhares, atraída pelos caminhos da virtude e da inocência (An Affecting Narrative of Louisa Baker. In: COHEN, 1997, p. 64-65).⁷⁸

Como se verá adiante, tanto a descrição feita pela dona da mercearia, quanto àquelas relatadas pela protagonista Lucy buscam, ao explicar as habitações e os moradores de West Boston, classificá-los de acordo com ordenamentos distintos, expressos por meio de termos como classe, ordem ou grau, cada qual carregando adjetivos semanticamente ligados à moral, inocência e virtude ou, em oposição, a uma conduta vil, viciosa e suja, principalmente no que se refere às prostitutas.

Tais formas de descrição e classificação social estão também presentes, com gradações distintas, em outros relatos do período, como os já citados documentos religiosos e administrativos. Neles, se por um lado, as mulheres eram enxergadas como objetos de piedade, mães afetuosas, ou mulheres cujo abandono masculino gerava compaixão e necessidade de auxílio, por outro lado, as prostitutas eram descritas como “viciosas”, “miseráveis” e “indolentes” que, por seu comportamento moralmente reprovável e vicioso, constituíam-se como corruptoras do caráter das crianças, dos jovens e também da população afro-americana, enxergada em muitos discursos políticos e religiosos como ingênua e com a necessidade de tutela. Dessa forma, essas descrições imprimiram duas figuras antagônicas: a figura da mãe, objeto de piedade e signo de virtude que, mesmo a despeito de residir em locais viciosos não sucumbia a ele e se preocupava com o sustento de seus filhos; em oposição à prostituta, miserável, enganadora e vil que corrompia os jovens por seus hábitos de “indolência e vício”.

⁷⁸“But (...) I am sorry to inform you, that such are not the characters of all those who compose the inhabitants of the town; there is indeed another class, whose society I would have you shun as you regard liberty and life; for permit me, my dear, to assure you, that connexion with these will ultimately cost you one or the other; it is a class composed of such as are by many esteemed the bane of society, while by some few they are viewed as a ‘necessary evil’! They are a shameful race; whose detestable habits and vices sink them infinitely below the beasts that perish. They are such as abound more or less in our large cities, and of whom this town has a great proportion: among whom, I blush to say, there are a great portion of our sex” who by the vilest prostitution, obtain their livelihood. (...). Step by step, they descend to the lowest class of prostitutes, with whom all great cities swarm in the midnight hours; creatures covered with filth and rags, putrid with disease, and devoured with vermin, there is hardly any vice which entails more complicated miseries upon the unhappy wretches who are subject to it. (...). You are now, Miss Baker, in their very neighborhood, and as their pimps are continually in search of new victims, and you young and unattended, beware, my dear girl, I beseech you beware, that you are not deceived, and like thousands allured from the paths of virtue and innocence”.

É interessante de se notar que essas descrições não apenas imprimem padrões de exposição sobre o tema no período, como também contribuem, em certa medida, para que fosse administrativamente enxergado como um problema social, que deveria ser combatido. De acordo com os estudos de Barbara Meil Hobson (1990), a prostituição era uma realidade recorrente em Boston desde ao menos o século XVIII, acompanhada de perto por ministros e magistrados. Entretanto:

(...) foi só nas primeiras décadas do século XIX que os reformadores ‘descobriram’ a prostituição como um problema social urbano perigoso e mobilizaram um amplo segmento da população – que se pode chamar de classes respeitáveis – contra ele. Eles publicaram relatórios sobre a crescente onda de vício, contrataram missionários da cidade para estudar o problema e organizaram petições dos cidadãos para livrar seus bairros das casas de desordem (HOBSON, 1990, p.11).⁷⁹

Dessas descrições, as narrativas de *The Female Marine* são as que possuem linguagem mais apelativa, justamente por se tratar de um romance que tinha por pressuposto narrativo, evidenciado em seu próprio texto, alertar pedagogicamente pelo exemplo das personagens os jovens desavisados sobre os “perigos da sedução”, do “vício” e da “prostituição” em Boston. Ao fazê-lo, o romance não apenas desvelou as ambivalências da independente República, mas, como ressalta Davidson (2004) demonstrou o quanto “as formas locais de cultura popular (acima de tudo, o romance) são um lugar onde encontramos articulações de desigualdade, pobreza, privação de direitos, abandono e traição em uma nova nação” (DAVIDSON, 2004, p. 563-566) ⁸⁰. Como literatura popular inserida dentro de um circuito das comunicações, *The Female Marine* em muito colabora para demonstrar essas desigualdades em seu contexto de publicação e circulação.

Nos anos seguintes a publicação do romance, outras instituições buscaram relatar e pensar soluções para as problemáticas do pauperismo na localidade, tais como os missionários James Davis e Dudley Rosseter da *Sociedade Feminina de Boston para fins Missionários* entre os anos de 1817 e 1818 e autoridades administrativas, como o estudo encomendado e organizado em 1821 pelo comitê da cidade de Boston, *Report of the Committee of the subject of pauperism and a House of Industry in the Town of Boston*, que tinha como finalidade o

⁷⁹Tradução livre do original em inglês: “Although eighteenth-century Boston magistrates and ministers had complained of sexual vice in the city, it was not until the first decades of nineteenth century that reformers ‘discovered’ prostitution as a dangerous urban social problem and mobilized a broad segment of the population – what one might call the respectable classes – against it. They published reports on rising tide of vice, hired city missionaries to study the problem, and organized citizens’ petitions to rid their neighborhoods of disorderly houses”.

⁸⁰Tradução livre do original em inglês: “Local forms of popular culture (foremost, the novel) are one place where we find articulations of the inequality, poverty, disenfranchisement, abandonment, and betrayal lingering in a new nation” (Posição correspondente no E-book 563-566).

estudo da condição do pauperismo e a possibilidade da criação de uma Casa de Indústria para abrigar essa população. Um estudo que foi capitaneado pelo primeiro prefeito e um dos mais influentes econômica, política e socialmente na cidade, Josiah Quincy. Assim, tanto as representações do romance, quanto os relatórios religioso e administrativo possuem uma lógica social em seus textos que, como acontecimentos datados, demonstram as preocupações de uma cultura média protestante bastante enraizada na localidade.

Sobre esse aspecto, no que se refere a configuração social de Boston é importante se destacar que em fins da primeira década dos 1800, os segmentos médios se compunham de uma vasta gama de proprietários que surgiram conjuntamente com as mudanças econômicas de mercado nos Estados Unidos: eram comerciantes das cidades, distritos e vilas, fazendeiros que comercializavam seus produtos nas cidades portuárias e do interior, mestres artesãos especializados que se transformaram em manufatureiros e, sobretudo, contadores que cuidavam das finanças e da burocracia do mercado nas regiões urbanas e portuárias.

Esses segmentos médios, que emergiam nas primeiras três décadas do século XIX, consolidavam a democracia Norte-Americana, branca e nortista, sobretudo por meio da defesa do indivíduo autônomo, empreendedor e moralmente responsável. Uma cultura que acabou por tornar-se o cerne da sociedade de mercado emergente (JOHNSON, 2007, p. 114).

Além de ser uma espécie de subsídio a democracia, essa cultura em muito se uniu à liberdade religiosa Republicana que, desde a primeira Constituição, era apartada dos assuntos do Estado. Durante fins da primeira década do século XIX e meados da segunda, o florescimento de igrejas Batistas, Metodistas e Presbiterianas trouxe consigo uma religiosidade centrada na liberdade de escolha individual, mas, sobretudo, na escolha da retidão moral. Com métodos religiosos mais participativos, como reuniões públicas ao longo da semana e uma participação religiosa permitida às mulheres, a religião tornou-se mais acessível e, portanto, mais democrática para os padrões da sociedade Norte-Americana (RYAN, 2006).

Segundo os ensinamentos de Charles Finney, teólogo e um dos principais líderes do movimento religioso do Segundo Despertar⁸¹, Deus havia feito do homem um agente moral

⁸¹ Segundo Richard D. Shiels (1985), o Segundo Grande Despertar foi um fenômeno nacional dos Estados Unidos que começou no final do século XVIII e continuou até o primeiro terço do século XIX. Sob esse aspecto religioso, os Norte-Americanos de praticamente todas as cidades e condados experimentaram avivamentos religiosos e organizaram sociedades evangélicas voluntárias. Seus movimentos de base e novas formas de organização e participação religiosa foram tão abrangentes e duradouros que é difícil categorizar e definir suas ramificações e influências. Contudo, segundo o mesmo autor, a maioria dos historiadores escreve sobre uma ou outra parte do despertar, principalmente em relação às novas medidas utilizadas nos cultos e avivamentos e

livre que, por meio de oração e da experiência de conversão individual religiosa, faria a escolha certa, a escolha do caminho da retidão e da virtude. Tal forma de se pensar a religião se espalhou pela cultura média Norte-Americana ao longo de todo o século XIX, juntamente aos missionários e sociedades de ajuda religiosa que distribuíam bíblias e discursos públicos de reforma e ajuda humanitária, principalmente nos grandes centros urbanos como Nova York e Boston (WILLIAMS, 2010, p. 88).

Com falas bastante marcadas sobre as diferenças entre o lar e mundo, os evangelistas reformadores pautavam seus discursos na centralidade e na importância da família e do lar, diferenciando, para tanto, as esferas pública e privada, cada qual com uma figura central específica. A vida doméstica, segundo os pregadores Batistas e Metodistas, deveria se centrar na figura feminina que, com influência moral apropriada, proveria a educação aos filhos; já os homens, deveriam prover o alimento trabalhando na esfera pública, adequada a sua compleição.

Este novo ordenamento doméstico, no entanto, diferenciava-se fundamentalmente do paternalismo colonial de fins do século XVIII. Com a centralidade da mulher no lar, a autoridade moral da mãe na criação dos filhos foi ressaltada e, dessa forma, seria responsabilidade dela ensinar os cidadãos a fazerem escolhas morais apropriadas. As escolas dominicais, comuns a partir de 1820, tornaram-se importantes vetores dessa educação reformada que tinha como métodos extensivos a leitura e cópia da bíblia e a reflexão sobre o uso do “livre arbítrio” e da “responsabilidade moral”.

Segundo Ryan (2006), esse foi um período decisivo de transformação do papel feminino, no qual se operou uma mudança na concepção do comportamento considerado adequado às mulheres: de esposas republicanas, filhas independentes e donas de casa economicamente produtivas, elas passariam a ser enxergadas como ícones da maternidade, santuários da domesticidade feminina, cujo símbolo, na classe média emergente, era a torta de maçã. Uma cultura de gênero que teria sido elaborada:

(...) nos espaços da Nova Inglaterra e do Nordeste dos Estados Unidos, e em vários locais discursivos - lugares de culto público, reforma social e cultura impressa, bem como dentro da privacidade da família. Todos esses espaços sociais engrenavam para formar o trampolim a partir do qual "maternidade verdadeira" seria lançada em proeminência cultural nacional (RYAN, 2006, p. 89).⁸²

outros historiadores buscam estudar os curtos períodos de reavivamento, em vez de todo o período do despertar se concentrando apenas em alguns nomes ou grupos de participantes.

⁸²Tradução livre do original em inglês: “(...) in spaces of New England and the northeastern United States, and at several discursive sites - places of public worship, social reform, and print culture as well as within the privacy

Cabe ressaltar, no entanto, que apesar da pretensão de alçar a cultura doméstica de segmentos médios como uma cultura nacional na República e de serem religiões bastante consolidadas e difundidas nos centros urbanos do Norte dos Estados Unidos nas primeiras três décadas do século XIX, como Boston, por exemplo, as religiões reformistas, Batistas, Congregacionais e, sobretudo, Metodistas – devido a sua organização nacional –, não eram as únicas no cenário religioso e, em alguns pontos, discordavam entre si.

William Miller, por exemplo, religioso Batista e que posteriormente veio a ser um dos fundadores da religião Adventista, expressava em seus sermões sua aversão pelas companhias de seguro, bancos, ganância individual e outros caminhos que o desenvolvimento de mercado vinha tomando nas grandes cidades como Nova York na República. Da mesma forma, o Quaker Elias Hicks, pregador e cismático entre os seus, condenava os luxos os segmentos de classes médias, os sistemas de crédito, dentre outros empreendimentos que se tornavam comuns no século XIX.

Além das diferenças entre si, também outras religiões contrastavam com a predominância reformista protestante. Em Boston, muitos imigrantes irlandeses passaram a ter a cidade como principal porto de entrada; em 1820, essa população correspondia a 4,6% do total da cidade e, cinco anos depois, o número saltou para 8,6%, e para 11,4% em 1830, (BROWN; TAGER, 2000, p. 174). A grande maioria dos imigrantes irlandeses possuía como religião o catolicismo, o que também contribuía para o aumento das tensões com outros grupos religiosos. Segundo Brown e Tager (2000):

Folhetos, grupos bíblicos, missionários e escolas dominicais - todos se atentaram para atacar o catolicismo. Pregadores revivalistas que vieram para Boston, como Charles G. Finney e Lyman Beecher, compararam o catolicismo com o satanismo e o antirrepublicanismo. Sua pregação incendiária contribuiu para o crescente nível de agitação contra os católicos irlandeses. Na falta de poder político para corrigir suas queixas econômicas e temerosos por seus ministros, alguns protestantes da classe trabalhadora recorreram à violência (BROWN; TAGER, 2000, p. 174).⁸³

Entre os anos de 1823 e 1833, diversos ataques contra grupos irlandeses católicos foram registrados na cidade de Boston e na também portuária Charleston. Além dos católicos, a partir de 1820, também a religião Mórmon, fundada por Joseph Smith no mesmo ano,

of the family. All these social spaces meshed to form the springboard from which ‘true motherhood’ would be launched into national cultural prominence”.

⁸³Tradução livre do original em inglês: “Tract societies, Bible groups, missionaries, and Sunday schools- all set their sights on attacking Catholicism. Revivalist preachers who came to Boston, such Charles G. Finney and Lyman Beecher, compared Catholicism with Satanism and anti-Republicanism. Their incendiary preaching contributed to the rising level of agitation against Irish Catholics. Lacking the political power to redress their economic grievances and made fearful by their ministers, some working-class Protestants resorted to violence”.

integrou parte das religiões da República, principalmente em Nova York, e possuía uma discordância fundamental em relação ao papel feminino na família, valorizando e pregando a restauração da autoridade e centralidade da figura paterna (WILLIAMS, 2010, p.97).

Já no que se referem as diversas religiões protestantes, muito difundidas e mais substancialmente encontradas nos centros urbanos, suas vertentes apresentavam em sua retórica e teologia formas muito semelhantes de difusão e participação. No caso da retórica metodista, principalmente nos primeiros anos do século XIX, a forma de se pregar era muito voltada a uma luta pela busca de salvação e santidade, que necessariamente deveria se voltar contra as forças malignas, representadas como influências corruptoras de Satã na sociedade. “Combatendo o bom combate”, os irmãos da religião estreitariam seus laços com Deus e a comunidade religiosa, fazendo com que mais “soldados de Cristo se levantassem”, como expressava o hino composto pelo fundador da vertente protestante John Wesley. Conforme observa Williams (2010):

Metodistas comumente observam a influência corruptora de Satã na sociedade – na pobreza da escravidão e na guerra, por exemplo – de maneiras que trouxeram questões sociais que pareciam justificar a ação que foi além da guerra espiritual por parte daquele que crê. Essas questões chamavam o cristão para pegar em armas e ferir ou matar fisicamente seus oponentes. Nesses casos, as linhas entre a luta do crente pela salvação e a batalha terrestre, entrelaçavam-se intimamente com a primeira. Os inimigos da comunidade tornaram-se servos de Satanás e os atos de violência física tornaram-se um dever sagrado na batalha pela salvação. Como resultado, a santa violência do crente destinada a levar à salvação forneceu uma poderosa justificativa para a violência social (WILLIAMS, 2010, p. 98).⁸⁴

Além da retórica propriamente Metodista, também outras frentes protestantes, como Batistas e Congregacionais, agregaram em seus discursos a necessária luta contra o mal e contra “as sementes da corrupção” que espalhavam o pecado pelas ruas da cidade (COHEN, 1997, p.171) como foi expresso nos relatórios de Dudley e Rosseter,. Em alguns casos, o discurso inflamado dos pregadores contra a imoralidade nas condutas não cristãs gerava atos violentos, fazendo com que os fiéis moradores de bairros periféricos, em nome do bom combate, destruíssem casas de jogos e bordéis e também a população negra.

Nesse sentido, havia no período um leque de religiões na República, contudo, as mais difundidas, em sua grande maioria, possuem raízes reformistas e trabalhavam com preceitos

⁸⁴Tradução livre do original em inglês: “Methodists commonly observed Stan’s corrupting influence in society – in slavery poverty, and war, for instance – in ways that brought social issues seemed to warrant action that moved beyond spiritual war on the part of the believer. These issues called the Christian to take up arms and physically wound or kill their opponents. In such instances, the lines between the believer’s struggle for salvation and the earthly battle became closely intertwined with the former. The community’s enemies became minions of Satan and acts of physical violence became a sacred duty in the battle for salvation. As a result, the believer’s holy violence intended to lead to salvation provided a powerful justification for social violence”.

bastante semelhantes e incorporavam discursos democráticos em suas formas de ação. Em comum, portanto, essas religiões não necessitavam de um clero formalizado com estudos institucionais; a experiência individual e a conversão pelo Espírito Santo eram mais valorizadas para os oradores que pregavam publicamente do que o ensino clérigo formal; a leitura e compreensão da bíblia também se tornaram a única forma de acesso à palavra divina, fazendo com que todos os cristãos letrados tivessem o mesmo tipo de acesso aos escritos religiosos que o pastor.

Além disso, as palestras públicas, reuniões e a participação feminina tornaram o reformismo adotado pelos segmentos médios mais democrático e mais explicativo do ordenamento social, uma vez que incorporou em seu discurso a providência divina conjuntamente aos benefícios da sociedade de mercado, assim “o plano de Deus era manifesto no progresso da sociedade de mercado e da classe média” (JOHNSON, 2007, p. 118).⁸⁵

Embebido nessa cultura média protestante, estendiam-se tanto o romance *The Female Marine* quanto os relatórios do Comitê e da Sociedade Missionária; separando e classificando a população pobre de Boston em “virtuosos” e “viciosos”, cada qual, ao seu modo, buscava descrever e ordenar uma problemática que passava a ser entendida como um problema social a ser compreendido e sanado.

2.1 Com a palavra as personagens de West Boston Lucy Brewer e Rachel Sperry

Em *Epos e Romance*, o filósofo e linguista Mikhail Bakhtin, ao teorizar sobre as principais características que compõem o romance enquanto gênero literário descreve três premissas fundamentais. A primeira, denominada “tridimensão estilística do romance”, diz respeito à consciência plurilíngue que nele se realiza; a segunda, a “transformação radical das coordenadas temporais das representações literárias”, diz respeito ao uso narrativo de um tempo atual ou comum, também compreendido como vulgar; e a terceira e última, diz respeito à estruturação da imagem literária no romance, justamente a área de contato máximo com o presente (contemporaneidade) em seu aspecto inacabado (BAKHTIN, 1988, p. 404).

Em sua primeira característica, Bakhtin (1988) destaca comparativamente a linguagem literária da Antiguidade, pura e fechada em si e que representa um tempo mítico (portanto, distante, como se constituem as epopeias *Odisseia* e *Ilíada*), e o novo contexto cultural que cercou a Europa moderna e trouxe consigo o plurilinguismo. Dessa forma, esse

⁸⁵Tradução livre do original em inglês: “God’s plan was manifest in the progress of market society and middle-class religion”.

plurilinguismo não se deu apenas do ponto de vista forma, devido às diversas línguas nacionais que eram expostas em sua própria literatura, mas, também, a partir do intercâmbio de formas de se narrar literariamente, internas ao texto e que se renovaram de um ponto de vista linguístico e estilístico.

Já no que diz respeito ao segundo ponto, a nova estruturação temporal, é destacado pelo autor a diferença fundamental entre o romance e o gênero épico. Nesse sentido, o que antes na representação de mundo da epopeia era um passado remoto, que possuía forma absoluta e acabada, feita por personagens que se situavam em um nível de valores inacessíveis e que tinham, no plano da memória e da tradição, força narrativa; no romance moderno, a temporalidade muda, é acessível e contemporânea, traz heróis comuns que são representados em eventos desencadeados no devir. Assim, o romance passa a representar a “vida atual, o presente ‘vulgar’, instável e transitório” e, como um tempo aberto, o interesse na conclusão é permanente, visto que há sempre a possibilidade de eventualidades e mudanças, pois não trata-se de um tempo heroico e fechado (BAKHTIN, 1988, p. 412).

O último ponto teórico ressaltado por Bakhtin (1988) refere-se ao contato da narrativa do romance moderno com seu contexto de produção: “(...) devido às relações dialógicas que estabelece, o romance acaba por incorporar gêneros extra literários, como a vida corrente e a ideologia” (BAKHTIN, 1988, p. 422). Dessa forma, adquire características moralizantes, filosóficas e políticas de acordo com o que busca abordar e dessa forma, “para a consciência literária e ideológica, o tempo e o mundo tornaram-se históricos pela primeira vez (...)” (BAKHTIN, 1988, p. 419).

Nessa perspectiva, como um gênero dialógico, o romance, filho de um tempo e de um país, demonstra suas redes de interlocução social também na forma como aborda e descreve determinados conteúdos e como, enquanto gênero aberto e em contato com a realidade, descreve, sob diferentes perspectivas e por diferentes focos narrativos, uma situação similar. Assim, em *The Female Marine* têm-se as perspectivas de Lucy sobre a alcoviteira que a abrigara e as condições de suas pensionistas e, em contrapartida, a perspectiva de Rachel Sperry, a pensionista que escreve em resposta às três narrativas de Lucy.

Dessa forma, na primeira parte de sua narrativa no romance *The Female Marine* a protagonista Lucy, ao descrever a situação em que se encontrava após ser chantageada pela alcoviteira que a abrigara, segundo sua perspectiva, com “lágrima hipócritas”⁸⁶ (*An Affecting*

⁸⁶ Tradução livre do original em inglês: “hypocritical tears”.

narrative of Louisa Baker. *In*: COHEN, 1997, p. 67) descreve os dois “graus” de prostituição de West Boston, do qual a alcoviteira seria representante do primeiro:

Se houver razoavelmente alguma distinção feita nos graus de prostituição, o primeiro deve receber a predileção por ser geralmente sustentado por amantes particulares, que se expõem menos em público, vestem-se com mais decência e usam expressões menos indecorosas. Elas têm em geral na chefia da desordem, uma matrona, que recebe a denominação de madame e passa por mãe de todos que residem sob seu teto, e que parecem considerá-la como sua preceptora. Com ela, elas são abrigadas regularmente a um preço exorbitante, e a cada uma é fornecido um apartamento mobiliado pronto. A velha Megera é comumente também uma varejista de vinhos, carnes, doces e etc. que ela guarda apenas para o alojamento dos cavalheiros; de quem, com a ajuda de suas leais pupilas, raramente falha em esponjar uma quantia redonda (...) (An Affecting narrative of Louisa Baker. *In*: COHEN, 1997, p. 70).⁸⁷

Na descrição de Lucy, a madame seria responsável por abrigar jovens moças que teriam com a função enganar e tirar dinheiro de forasteiros que vinham a West Boston e frequentavam tais “casas de má fama” em busca de prazer, música e bebidas ilegais. Além dessa primeira gradação de prostitutas havia, nas descrições da personagem Lucy, também uma segunda:

Ainda há outros que, se possível, não são apenas muito mais repugnantes para a vista, mas cujas ações podem muito bem se dizer que competem em perversidade com o maligno; (...)– Blasfêmias, bebida e obscenidades são suas principais qualificações; (...). Estas são as criaturas que habitam aqueles miseráveis bordéis de segunda classe: são de todas as idades e cor; mas o preto é (de) longe a cor mais respeitável entre elas! Não é raro você ver aqui garotas brancas com mais de dezessete anos de idade jogando seus braços cheios de cicatrizes ao redor do pescoço de um negro feio e colocando seus rostos ulcerados em contato com o dele! A parte respeitável das pessoas de cor, no entanto, das quais há uma porção considerável que reside nas proximidades, tanto despreza e evita a companhia dessas prostitutas imundas, quanto o verdadeiro cavalheiro o faz a um condenado convicto! Suas companhias são principalmente compostas de marinheiros de grau mais baixo, mulatos dispersos e negros, e que geralmente nunca ficam sem aquelas provas desagradáveis de sua imprudência e loucura ao formar uma conexão tão perigosa. Existem apenas algumas dessas garotas que, ainda que jovens, se vangloriam de ter estado meia dúzia de vezes sob as mãos de um médico, tantas vezes mais na prisão e provavelmente três ou quatro vezes como moradora da Alms house (An Affecting narrative of Louisa Baker. *In*: COHEN, 1997, p. 70).⁸⁸

⁸⁷“If there can be reasonably any distinction made in grades of harlotry, the former ought to receive the preference as being generally supported as private misses, who expose themselves less in public, go more decently clad, and make use of less indecent expressions. They have generally at the head of their mess, a matron, who receives from all the appellation of ‘ma’am’, and passes for the mother of all who reside under her roof, and who seem to regard her as their tutoress. With her they regularly board at an exorbitant price, and each are provided with ready furnished apartments. The old Beldam is generally too a retailer of wines, sweet meats, &c. which she keeps merely for the accommodation of gentlemen lodgers; from whom, with the aid of her fair pupils, she seldom fails to sponge a round sum therefor”.

⁸⁸ Tradução livre do original em inglês: “There is still another, who, if possible, are not only far more disgusting to sight, but whose actions may well be said to vie in wickedness with the evil one; an impudent air being the only charms of their countenance, and a lewd carriage the studied grace of deportment – Swearing, drinking and obscenity are the principal qualifications; and she that wants a perfection in those admirable acquirements, is as

Essa segunda classe de prostitutas, cuja companhia se comporia de marinheiros de grau mais baixo, mulatos e negros são, ao longo das três sequências narradas pela personagem Lucy, descritas com linguagem bastante apelativa e baixa (como vermes, bruxas e assim por diante) eram descritas como as fontes de vício, devassidão e dos mais terríveis sons noturnos que se poderia ouvir em West Boston.

Além da forma como as prostitutas foram descritas, outros dois pontos também são importantes de se ressaltar quanto as descrições trazidas pelo romance. Primeiramente, como anteriormente citado, o discurso racializado trazido na primeira edição de *An Affecting Narrative of Louisa Baker* é bastante claro em suas marcas, principalmente pela forma pejorativa a como se refere e nomeia o bairro de West Boston de Negro Hill, uma referência que existia, segundo Cohen (1997) não apenas na ficção.

Além dessa questão, as descrições que associavam relações interracialias entre as prostitutas e a população afro-americana de West Boston eram feitas carregadas de adjetivos de rebaixamento e tinham como intuito chocar o leitor, ao mesmo tempo em que vinham acompanhadas de descrições como “mas o preto é (de) longe a cor mais respeitável entre elas!”, além de a “parte respeitável das pessoas de cor”, ou em “geralmente nunca ficam sem aquelas provas desagradáveis de sua imprudência e loucura ao formar uma conexão tão perigosa”, referindo-se a essas relações interracialias. Conforme se verá adiante, a questão racial permaneceu ambígua ao longo dos primeiros anos da República nos estados do Norte, tendo em vista que, a despeito de a abolição ser uma realidade jurídica, não havia um projeto claro de inserção dos ex-escravos na sociedade que, por sua vez, já havia se erigido a partir de segmentos de classe há muito estabelecidos.

Outro ponto a se destacar diz respeito às duas instituições citadas no final da segunda parte do romance pela personagem Lucy. Segundo ela, algumas prostitutas se vangloriavam de ter estado mais de uma vez em ambas as instituições: a *Almshouse* e a prisão.

much ridiculed by her associates for her modesty, as a plain dealing man among gang of knaves for his honesty. These are the creatures who inhabit those wretched brothel houses of the second class: they are of every age and complexion; but black is (by) far the most respectable colour among them. It is not infrequently that you here see white girls of not more than seventeen years of age throwing their scarified arms around the neck of an ugly looking black, and bringing their ulcerated faces in contact with his! The respectable part of the people of colour, however, of whom there is a considerable portion who reside in the vicinity, as much despise and avoid the company of these filthy strumpets, as the real gentleman does that of a convicted jail bird! Their companions are principally composed of sailors of the lowest grade and straggling 69 mulattoes and blacks, and who generally are never without those unpleasant proofs of their imprudence and folly in forming so dangerous a connexion. There are but few of these girls, however young, but can boast of having been half a dozen times under the hands of a doctor, as many times in prison, and probably three or four times an inhabitant of the almshouse”.

À época em que o romance foi escrito as Almshouses eram uma instituição financeiramente mantida de três formas: por doações, pela cobrança de uma taxa ao abrigado - o que raramente acontecia, tendo em vista as condições que o levaram a instituição e, mais substancialmente, pela administração pública da cidade. No caso da Almshouse de Boston, nos anos seguintes a publicação do romance seu orçamento e manutenção começaram a ser questionados pelas autoridades políticas e administrativas. A partir das problemáticas com a sua manutenção e o crescimento da população pobre de Boston, foi proposto em 1821 um estudo sobre a questão e um comitê capitaneado por Josiah Quincy foi organizado.

Os estudos do Comitê resultaram no relatório *Report of the Committee of the subject of pauperism and a House of Industry in the Town of Boston* de 1821, no qual as descrições, assim como no romance *The Female Marine*, buscavam compreender a origem, ordenar e classificar, em uma linguagem administrativa e moral, não apenas as prostitutas mas as condições do pauperismo em West Boston separando-as em duas classes distintas.

Segundo o documento de Quincy, entre os pobres de Boston havia duas classes distintas: uma em decorrência do vício e outra em decorrência do infortúnio, que serão posteriormente esmiuçadas. No relatório de Quincy, a classe decorrente do vício fazia com que as Almshouses não fosse uma instituição “compatível com as necessidades” industriais da cidade de Boston e, dessa forma, uma nova instituição precisava ser construída, a Casa de Indústria (ou Trabalho).

Nesse ponto, o que cabe aqui ressaltar é que, comparativamente, a forma como no romance *The Female Marine* a questão da prisão e da Almshouse é colocada - como se as prostitutas se vangloriassem em dizer que eram reincidentes dessas instituições - é algo que também esteve presente nos documentos do comitê sobre o pauperismo, que registravam em seu relatório que a “classe viciosa” era reincidente de Almshouses e prisões, o que justificaria, portanto, a criação de uma instituição intermediária que ocupasse a população e a afastasse do vício. Contudo, como apontam os estudos de Ruth Herndon (2012), essa reincidência nem sempre correspondia à realidade, como se verá adiante.

Além dessa passagem sobre as instituições é interessante de se notar o quanto a cidade de Boston, que no período anterior ao embargo e aos conflitos de 1812, era um dos principais centros urbanos do Norte, passa a ser representada no romance como secundária à cidade de Nova York, cujas instituições, mesmo sendo as mesmas presentes em Boston, eram mais amplas e “comodamente construídas”.

Como centro mais urbanisticamente desenvolvido no período Nova York, que já havia sido elevada à categoria de Town para City, despontava como o mais importante e influente centro comercial da nação, cujo desenvolvimento passava a servir de exemplo às demais localidades da República, inclusive de Boston.

Nesse sentido, na segunda parte da narrativa, *The Adventures of Lucy Brewer*, após se disfarçar novamente em trajes masculinos e salvar a jovem desacompanhada na diligência, Lucy é convidada a conhecer a família da moça e lá passar uma noite:

Com essa família agradável, fiquei a noite toda; e depois de tomar um excelente café da manhã, fui convidada pelo filho do velho cavalheiro (um jovem muito educado) para acompanhá-lo a Greenwich, um passeio agradável a cerca de cinco quilômetros da cidade; passamos pela prisão estadual de Nova York, que em nosso retorno, meu amigo me obteve permissão para transitar. Esse maciço bloco de edifícios é comodamente construído e contém um espaçoso quintal para a conveniência dos condenados infelizes. Mas, Ó! foi de fato um espetáculo melancólico ver quinhentos de nossos companheiros mortais mais miseráveis, de ambos os sexos e de todas as idades, encerrados do mundo e, por suas más ações, condenados a gastar vida de existência miserável! (*The Adventures of Lucy Brewer*. In: COHEN, 1997, p. 89-90).⁸⁹

Continuando sua narrativa Lucy descreve a prisão de Nova York como um grande edifício, organizado e bem construído, mas que abrigava os “mortais mais miseráveis, de ambos os sexos e todas as idades” encerrados em uma existência miserável e punidos por suas más ações. Dessa forma, Lucy continua também sobre as Almshouses:

(...) No decorrer do dia, entre outros prédios públicos, fomos ver a Almshouse. Aqui foram mantidos à custa do poder público um grande número de dependentes miseráveis, alguns dos quais provavelmente por *infortúnio inevitável*, e grande parte por sua *extravagância e intemperança*, haviam se reduzido a um estado de penúria e necessidade. - Aqui não fiquei nem um pouco surpresa ao ver uma velha conhecida, uma garota do prazer, com quem eu havia tomado como alguma conhecida do primeiro ano de minha residência em West-Boston Hill, da qual ela também era habitante, e era conhecida ali pelo nome de Maria Murray, mas pelos marinheiros era mais comumente chamada "Scotch Maria". Sua forma macilenta exibia a aparência de um esqueleto ambulante: agora ela era de fato um objeto miserável demais para os olhos humanos observarem! Esse tem sido o destino de milhares, e inevitavelmente será o destino daquelas que agora pela vil prostituição ganham seu pão, a menos que sejam preservados por uma reforma oportuna (Grifo meu. *The Adventures of Lucy Brewer*. In: COHEN, 1997, p. 90).⁹⁰

⁸⁹Tradução livre do original em inglês: “With this agreeable family I tarried the night; // and after partaking of an excellent breakfast \\ in the morning, I was invited by the old gentlemen’s son (a very polite young man) to accompany him to Greenwich, a pleasant ride of about three miles from the city; we passed the State Prison of New-York, which on our return my friend gained me permission with himself to pass through. – This massy block of buildings is commodiously 89 constructed, and encompassed a spacious yard for the convenience of the unhappy convicts; but, O! it was indeed a melancholy spectacle to view five hundred of our most wretched fellow mortals, of both sexes, and of every age, thus shut up from the world, and for their bad deeds, doomed to spin out a life of miserable existence!”.

⁹⁰Tradução livre do original em inglês: “As my friend had learned that my only object in visiting the city was to witness the curiosities and to partake of the innocent amusements of the place, he seemed to take unwearied pains in pointing out to me everything calculated to excite my curiosity. In the course of the day, among other

Assim como a visão impressa no relatório do Comitê em 1821, a narrativa de Lucy trazia duas classificações de pauperismo presentes na Almshouse que visitara em Nova York: uma “provavelmente por infortúnio inevitável” e outra “por sua extravagância e intemperança”, que em muito se assemelha às descrições do relatório de Quincy e dos membros do Comitê, que classificavam os pobres da Almshouse em decorrência do “infortúnio” e aqueles em decorrência “do vício”, uma visão, portanto, bastante difundida no período.

Além dessa importante questão, que mais adiante será desdobrada, o romance, como narrativa privilegiada para apontar as contradições e ambivalências não apenas da República, mas das visões e perspectivas dos personagens na ficção tem, ainda na narrativa de Lucy, na resposta da alcoviteira - por suposto, Rachel Sperry - a um Major forasteiro - Lucy em disfarce, a seguinte narrativa:

"Não!", Exclamou a velha um pouco confusa, ‘a história não é completamente fictícia; (...)Tendo se comportado de maneira vergonhosa, ela foi obrigada a abandonar seus pais e amigos, e veio a esta cidade sem um tostão e quase desprovida de roupas em uma severa estação do ano. Era uma tarde de frio intenso, quando ela, pela primeira vez, chamou em minha casa inquirindo por uma colocação como cozinheira ou criada; a julgar pela aparência, ela não estava em condições de suportar as dificuldades, e eu a coloquei para dentro, e fora de qualquer caridade, consenti em hospedá-la até que se recuperasse suficientemente de sua doença, para retornar aos amigos. Mas quão disposta estava essa ingrata enganadora* de me reembolsar pela minha bondade! Depois de residir por quase cinco meses comigo, pelos quais eu não recebera um único centavo, ela teria fugido, se eu não tivesse recebido uma notificação oportuna de suas intenções para evitá-lo. Enquanto eu carregava a manufatura de mântua, e tivera várias jovens como aprendizes. Eu sugeri a menina ingrata que o mínimo que ela podia fazer era permanecer um pouco mais comigo e auxiliar as meninas em seus trabalhos de costura! Isso ela com certa relutância consentiu em fazer e, depois de ter trabalhado em seu novo negócio por um curto período de tempo, (...) escapou.– Temendo que ela tivesse sido seduzida por algumas das casas ruins do bairro, fiz uma busca diligente por ela, mas ela não foi encontrada, nem eu obtive informações dela até que um de seus livros fosse colocado em minhas mãos (The Adventures of Lucy Brewer. In: COHEN, 1997, p. 91-92).⁹¹

public buildings, we went to view the Alms-House. Here were supported at public expense a large number of miserable dependents; some of whom probably by unavoidable misfortune, and a great portion by their extravagance and intemperance, had reduced themselves to a state of penury and want. – Here I was not a little surprised to see an old acquaintance, a girls of pleasure, with whom I had formed some acquaintance the first year of my residence on West-Boston Hill, of which she too was an inhabitant, and was there known by the name of Maria Murray, but by the sailors was more commonly called ‘Scotch Maria’. Her emaciated form exhibited the appearance of a walking skeleton: she was indeed now an object too miserable for human eyes to behold! Such has been the fate of thousands, and such inevitably will be the fate of those who now by vile prostitution gain their bread, unless preserved by a seasonable reformation”.

⁹¹ “‘No!’ Exclaimed the old woman rather confused, ‘the story is not altogether fictitious; I suppose myself to be the person with whom she boarded, and the one whom *dirty slut* has so basely calumniated. Having conducted herself in a shameful manner she was obliged to desert her parents and friends, and came to this town penniless and almost destitute of clothing, in an inclement season of the year. It was in the afternoon of a bitter cold day when she first called at my house inquiring for a situation as a kitchen or chamber maid; judging by her

Contrariamente ao que narrara Lucy na primeira parte de sua narrativa, na segunda, a jovem relata, no diálogo que teria tido sob disfarce com a alcoviteira em West Boston e, para que o leitor julgasse sua própria impressão sobre os fatos narrados, as possíveis calúnias que havia narrado, representando, dessa forma, uma narrativa aberta com fatos verossímeis que faziam com que o leitor atento pensasse na possibilidade factível das versões da história.

Além disso, é interessante de se notar que a manufatura de mântuas, citada pela alcoviteira como um dos trabalhos que realizava, tratava-se de um tipo de costura de vestimenta sofisticada que exigia bordados finos feitos à mão, um trabalho muito comum de ser realizado pela mão-de-obra feminina e especificamente de mulheres que moravam nas regiões periféricas. Segundo Johnson (2007), a costura, bem como os bordados, eram parte de um processo de divisão da mão-de-obra que se iniciou nos primeiros anos do século XIX e que se operou conjuntamente às mudanças nos padrões de consumo dos segmentos de classe nos Estados Unidos.

Nesse período, nos estados do Norte, a distinção tanto pelo consumo, quanto pelo processo de manufatura de roupas e sapatos, tornava-se um dos primeiros sistemas de subcontratação de mão-de-obra que demarcava os setores de trabalho qualificado, e com remuneração superior, e setores não especializados, mais dispersos e menos remunerados.

Dessa forma, para o caso da manufatura de roupas, os alfaiates, mão-de-obra qualificada e mais cara no período, cortavam os tecidos em moldes que, por sua vez, eram redistribuídos para costureiras em oficinas domésticas ou em suas próprias casas, que geralmente eram moradoras de bairros periféricos que trabalhavam longas horas por baixos salários, tendo em vista o pressuposto de que o rendimento adquirido por elas funcionaria apenas como um complemento à renda provida pelo marido, quando, no entanto, uma grande parte das contratadas eram viúvas, ou mulheres cujo marido as havia abandonado, muitas vezes com filhos pequenos.

appearance that she was not in a situation to endure hardship, I took her in, and out of pure *charity*, consented to board her until she should sufficiently recover from her illness, to return to her friends. But how disposed was this ungrateful *jilt* to repay me for my *kindness*! After residing nearly five months with me, for which I had not received a single cent, she would have absconded, had I not received timely notice of her intentions to prevent it. As I carried on the mantua-making business, and had a number of young misses as apprentices, I hinted to ungrateful girl that the least she could do was to tarry a short time longer with me and assist the girls in their sewing-work! – This she with some reluctance consented to do, and after being employed in her new business for a short time, (...) she absconded.- Fearing that she might have been enticed off to some of the bad houses in the neighborhood, I made diligent search after her, but she was not to be found, nor did I gain any information of her until one of her books was a short time since put into my hands. Such, Major, is the true statement of the whole business; and I will leave it with you, Sir, to decide whether I have not been unjustly by the base creature!”.

Igualmente era o funcionamento do mercado de sapatos, no qual as tarefas de modelagem e corte das partes superiores eram feitas, em sua maioria, pela mão-de-obra masculina, mais qualificada e melhor remunerada. Peças que geralmente saíam de Nova York, Lynn e outras cidades maiores, para todas as partes do interior do país e, nessas localidades, assim como no caso dos moldes de roupas, trabalhadores não qualificados eram subcontratados para a costura e montagem e recebiam salários muito inferiores. Um sistema de subcontratação, portanto, bastante comum nas três primeiras décadas do século dezenove, distribuído amplamente das partes mais urbanizadas para a grande maioria do disperso território rural da República.

Além da breve narrativa da alcoviteira inserida na narrativa de Lucy, em 1816, após a publicação de toda sequência de *The Female Marine*, é publicada uma narrativa independente, por suposto, uma resposta à de Lucy. Narrada por Rachel Sperry, a moradora de West Boston que se identificou como a dona da pensão em que Lucy se abrigara, Sperry reconta alguns feitos de Lucy e, principalmente, responde às injúrias e calúnias que recebera da jovem ingrata:

O público se divertiu no ano passado com os escritos de uma jovem mulher que assumiu o nome de Louisa Baker, e desde então de Lucy Brewer e agora Senhora WEST! – mas de quem o nome verdadeiro não é Baker, Brewer nem mesmo West! – Não, essa jovem 'Penitente' deseja familiarizar o mundo com as surpreendentes circunstâncias de sua vida, enquanto pode preservar seu caráter da reprovação, ela o faria somente sob um nome fictício! – enquanto ela impiedosamente açoita os outros, ela própria escapa da flagelação, por uma espécie de engano peculiar a si mesma. Ela mostra ao público o que chama de "esboço biográfico de sua vida" – um registro surpreendente, de fato, de transgressões juvenis, tentações irresistíveis e arrependimento oportuno! – ela relata muitas coisas plausíveis de si mesma e, para quem não as conheça, elas podem mesmo parecer merecedoras de crédito – mas, podemos garantir ao público, que ela lhes apresentou uma representação incorreta dos fatos. A Senhorita Bowen (pois esse, de fato, era seu nome real) tem o direito indiscutível de publicar esboços biográficos de sua vida, tocar sua própria trombeta e emitir seus próprios elogios - mas ela não deve fazer isso com a experiência dos outros demais (A brief reply to the Late Writings of Louisa Baker, [alias] Lucy Brewer. *In*: COHEN, 1997, p. 137).⁹²

⁹²Tradução livre do original em inglês: “The public have been amused for the year past, by the writings of a young woman, who assumed the name of Louisa Baker, since Lucy Brewer, and now Mr. WEST! – but whose *real* name, is neither *Baker*, *Brewer* nor *West*! – No, while this ‘Penitent’ young miss, wishes to acquaint the world with the surprising circumstances of her life, that she may preserve her character from reproach, she would do it under a fictitious name! – while she unmercifully lashes others, she herself escapes flagellation, by a species of deception peculiar to herself. She has palm upon the public what she terms ‘a biographical sketch of her life’ – a surprising record, indeed, of juvenile transgressions, irresistible temptations and timely repentance! – she relates many plausible things of herself, and to one, not well acquainted with her, they might appear as deserving of credit – but, we can assure the public, that she has presented them with a mis-representation of facts. Miss *Bowen* (for such indeed was her *real* name) has an undoubted right to publish biographical sketches of her life, to blow her own trumpet, and sound her own praise – but she must not do it too much at the experience of others”.

Segundo sua narrativa, Rachel Sperry era, de fato, uma costureira que possuía uma pensão em West Boston, mas Lucy, cujo nome real seria Eloisa Bowen, teria mentido sobre si e sobre as verdadeiras circunstâncias que a levaram a permanecer no bairro. Defendendo-se das calúnias de Lucy, Rachel Sperry se denomina como uma vítima do infortúnio e conta o que seria sua verdadeira história de vida e os motivos que a fizeram chegar até o morro:

Na primavera de 1806 tive o infortúnio de perder meu marido que infelizmente afogou-se pela agitação de um barco perto do farol de Boston - fui deixada com três filhos pequenos e sem nada com o que ampará-los - como eles eram jovens demais para trabalhar por sua própria criação, ninguém disposto a ser sobrecarregado com as despesas de sua manutenção foi encontrado. Nesse terrível dilema em que me encontrava, eu fui aconselhada por um conhecido para me mudar para o alto do Morro e abrir uma casa para acomodar aquelas pessoas, pois, geralmente, estavam dispostas a pagar um preço generoso pela pensão. Como o morro sempre foi representado para mim como um lugar muito vil, no começo eu não conseguia pensar em adotar o plano de meu amigo, embora a condição faminta minha e de minha família exigisse que algo fosse feito imediatamente; - Contudo, eu não cedi à persuasão de meu conhecido até que ela me pareceu à única alternativa para preservar a mim e minha jovem família de um estado de miséria e carência. - Sob essas circunstâncias desagradáveis, consenti em me tornar uma moradora do morro - onde abri uma casa para a recepção de pessoas que eram toleráveis e decentes - elas, devo confessar, eram compostas principalmente por mulheres - mas cada uma tinha seu aposento e qualquer companhia que eles pudessem ter à noite, nunca perturbaram meu repouso ou interferiram em minhas preocupações pessoais - altercações e tumultos procedentes, de qualquer tipo ou natureza, eram estritamente proibidas por mim - durante o dia, minhas pensionistas eram geralmente tão obrigadas quanto eu a me ajudar no meu trabalho de costura, do qual eu recebia uma grande parte (A brief reply to the Late Writings of Louisa Baker, [alias] Lucy Brewer. In: COHEN, 1997, p. 137-138).⁹³

Como campo de ambivalência, o romance trazia, na narrativa de Rachel, não mais a representação de uma alcoviteira que abrigava as prostitutas de “primeira classe”, mas sim, uma mãe que, pelo infortúnio da viuvez e preocupada com a fome de seus filhos, fora compelida a abrir uma pensão em West Boston. A despeito de fictícia, como demonstram os já citados censos sobre a quantidade de mulheres que viviam na região, essa não era uma

⁹³Tradução livre do original em inglês: “In the spring of 1806, I had the misfortune to lose my husband, who was unfortunately drowned, by the upsetting of a boat near Boston light - I was left with three small children, and with nothing wherewith to support them - as they were too young to labour for their bred, none were found willing to be taxed with the expense of their maintenance. In this dreadful dilemma was I placed, when I was advised by an acquaintance to remove upon the Hill, and to open a house for the accommodation of such persons, as were generally willing to pay a liberal price for board. - As the Hill had always been represented to me as very vile place, I could not at first think of adopting the plan of my friend, although the starving condition of myself and family, demanded that something should be immediately done;- I did not, however, yield to the persuasion of my acquaintance, until it appeared the only alternative, to preserve me and my young family from a state of misery and want. Under these disagreeable circumstances, I consented to become an inhabitant of the Hill - where I opened a house for the reception of such as were tolerable decent - they were, I must confess, comprised principally of females - but each had their chamber, and whatever company they might have had in the evening, it was such never disturbed my repose, or interfered with my personal concerns - altercations, and riotous proceedings, of whatever nature or kind, were strictly forbidden by me - in the day time, my female boarders were generally so obliging as to assist me in my sewing work, of which I had a great share”.

fabulação, mas sim, uma realidade recorrente em bairros de segregação e especialização por toda a República. Por fim, Rachel expõe a seus leitores uma visão, não incomum, no período sobre West Boston:

A pródiga penitente conclui o primeiro e o segundo volumes de suas obras, com uma descrição horrível de West-Boston Hill e dos personagens que o habitam – subordinando um aviso solene aos jovens da cidade e etc. Eu acredito que por mais que desaprove muitas das cenas repugnantes do morro, como ELIZA BOWEN, e provavelmente ainda mais pessoas (...) – não desejo, portanto, ser considerada como uma advogada das muitas transações imundas que caracterizam o lugar, mas que a existência de tais lugares é essencial para a segurança dos inocentes indefesos nos grandes centros comerciais e nas cidades, não tenho dúvida. Qual seria a situação de Boston e que perigo assistir as incursões noturnas de suas habitantes do sexo feminino, não eram de uma classe peculiar de seus semelhantes, criaturas privilegiadas com um lugar de refúgio como o Morro? – poderia a aqueles de vida fácil, peculiares aos portos marítimos, se negada uma residência aqui, buscarem secretamente por uma em partes mais respeitáveis do centro – então todas as mulheres, por mais inocentes e respeitáveis, sujeitas a serem insultadas em suas casas, e aventurar-se fora em hora tardia, desprotegida, seria vista como um personagem suspeita e tratada em conformidade – marinheiros, soldados e etc. que agora recorrem uniformemente ao morro, eles teriam liberdade condicional [sic] nas ruas públicas na busca de companhia, de quem os insultos e abusos a todas as mulheres, jovens e velhas, seriam responsáveis (A brief reply to the Late Writings of Louisa Baker, [alias] Lucy Brewer. In: COHEN, 1997, p. 143).⁹⁴

Nesses termos, Sperry coloca West Boston como um mal necessário, um lugar onde o vício seria confinado a os seus moradores, retirando, dessa forma, as prostitutas das regiões centrais e, principalmente, a licenciosidade com a qual marinheiros e soldados tratavam as personagens suspeitas, ou seja, quaisquer mulheres que vagassem desacompanhadas nas ruas. Assim, a narradora continua:

Os grandes centros urbanos e cidades consideraram sempre necessário erguer locais de depósito adequados para todos os incômodos, sujeira e etc. Pelo quais a saúde de seus habitantes está ameaçada – portanto, para o bem público, em todos os grandes centros e cidades deve aqui ser um lugar designado àqueles que preferem uma vida de devassidão e a quem são considerados como um incômodo público – como até agora consideramos o morro e seus habitantes (vis como são representados pela

⁹⁴Tradução livre do original em inglês: “The penitent Prodigal concludes the first and second volumes of her works, with an awful description of West-Boston Hill, and of the characters who inhabit it – subjoin a solemn warning to the Youth of the town &c. I believe that I as much disapprove of many of the disgusting scenes of the Hill, as ELIZA BOWEN, and probably more so, for in them I have never acted so conspicuous a part as she has done – I wish not therefore to be considered as an advocate for the many foul transactions which characterize the place, but that the existence of such places are essential to the security of the innocent defenseless, in large commercial towns and cities, I have no doubt. What would be the situation of Boston, and what danger attending the evening excursions of its female inhabitants, were not a peculiar class of their fellow – creatures privileged with a place of resort like the Hill? – should those of easy life, peculiar to sea ports, be denied a residence here, they would privately seek one in more respectable parts of the town – then would every female, however innocent and respectable, be liable to be insulted in their houses, and venture abroad at a late hour in the evening, unprotected, would be viewed as suspicious characters, and treated accordingly – sailors, soldiers, &c. who now uniformly resort to the hill, would then parole [sic] the public streets in search of company, and to whose insults and abuse every female, young and old, would be liable”.

senhorita BOWEN) de benefício público para o centro (A brief reply to the Late Writings of Louisa Baker, [alias] Lucy Brewer. In: COHEN, 1997, p. 143).⁹⁵

Essa não era uma visão incomum, justamente por, em 1820, moradores de West Boston peticionarem às autoridades do centro urbano, que ainda não possuía um prefeito, pedindo por medidas urgentes em relação ao Morro. Segundo Barbara Meil Hobson (1990): “eles insistiram que a prostituição, se um mal necessário nesta era e estado da sociedade, fosse submetida a certos regulamentos da lei – ‘confinada a certos limites e até licenciada como foi feito em certas comunidades corruptas, mas não em Boston’” (*West End Petitioner*, Apud HOBSON, 1990, p. 14).⁹⁶

Demonstrando o que Davidson (2004) chama de “uma diferente constelação de nós”⁹⁷ (DAVIDSON, 2004, p.570), os romances dos anos iniciais da República, em específico, no que se refere à *The Female Marine* e à narrativa de Rachel Sperry, puderam, de diferentes maneiras e sob diferentes focos narrativos, demonstrar algumas representações ambivalentes da República e, conjuntamente a elas, um tipo de descrição que perpassou outros discursos do período, como se verá adiante.

2.2 Objetos de piedade e perpetradores de indolência: problemas de gênero em West Boston

Em 5 de maio de 1817, o secretário da Boston Female Society for Missionary Purposes descrevia, em um de seus relatórios, a necessidade de se voltar a atenção e a ação missionária a uma classe de habitantes que crescera consideravelmente na cidade durante aqueles anos. No documento em questão, cujo nome do secretário é desconhecido, o relator informava a seus superiores sobre os planos traçados ao longo do ano para a contratação e sustento de dois missionários que viriam a Boston para visitar e trabalhar com aquela classe de habitantes. Segundo o secretário:

Durante a estação passada a atenção da Sociedade tem se voltado particularmente para o estado de nossa própria cidade. Os esforços multiplicados em favor de objetos

⁹⁵Tradução livre do original em inglês: “Large towns and cities have found it always necessary to erect suitable places of deposit for all nuisances, filth, &c. whereby the health of its inhabitants are endangered – so for public good, in every large town and city, ought here to be a place allotted those who prefer a life of debauchery, and who are esteemed as a public nuisance – so far we consider the Hill, and its inhabitants (vile as they are represented by miss BOWEN) of public benefit to the town”.

⁹⁶Tradução livre do original em inglês: “They insisted that prostitution, if a necessary evil in this age and state of society, ‘be placed under certain regulations of Law – confined to certain limits, and even licensed as has been done in certain corrupt communities, but not in Boston”.

⁹⁷ Posição correspondente no E-book.

mais distantes levaram-nos a olhar para casa (onde geralmente se diz que a caridade começa).Vendo a situação destituída de uma certa classe de habitantes, a quem a pobreza impede a aparição decente em adorações públicas, e outros tantos que se abandonaram a todas as espécies de vícios e estão totalmente desinclinados a ir aonde o evangelho é distribuído; e, especialmente, considerando quão poucos, comparativamente, podem ser acomodados em nossas casas de culto, livres de despesas, nós temos pensado no nosso dever de tentar a viabilidade de um novo plano; e temos, em acordo, nos apropriado da renda anual, que fecha neste dia, para o sustento de dois missionários (por alguns meses, como um experimento) para visitar e trabalhar com as pessoas acima descritas (COHEN, 1997, p. 168).⁹⁸

Naquele mesmo ano, os missionários James Davis e Dudley D. Rosseter chegaram à cidade para dar início aos trabalhos almejados pela Sociedade, com a “esperança animadora de que algum bem real resulte desta tentativa, e que as habitações que agora ecoam com profanação e discórdia, logo ressoarão com as leves pronúncias do evangelho, e a voz de oração e louvor será ouvida” (COHEN, 1997, p. 168).⁹⁹

As décadas de 1810 a 1830, em especial, em seu entremeio 1820, foram de capital importância para as mudanças sociais e políticas de Boston. Com o inchaço urbano e o crescimento desordenado da cidade no período, a necessidade de se estabelecer uma sede administrativa que desse conta de gerenciar de perto os rendimentos e as mazelas da cidade tornou-se primordial no pós-1815.

A Sociedade em questão, organizada e idealizada pela união de quatorze mulheres, parte Batista e parte Congregacionais em outubro de 1800, tinha como finalidade inicial prestar auxílio na captação de recursos para a Sociedade Congregacional Missionária de Massachusetts. Posteriormente, a Sociedade Feminina de Boston para Fins Missionários, já bastante consolidada na década de 1810 e com mais de 200 membros, aceitava, sem restrições, ambas as subscrições religiosas, tanto para seus membros como para missionários, desde que se reunissem uma vez ao mês para “orar em conjunto” (COHEN, 1997, p. 167).

Segundo a introdução de *A brief account of the Origin and Progress of The Boston Female Society for Missionary Purposes* publicado em 1818, as rendas obtidas eram revertidas para a compra de bíblias, testamentos, pagamento de traduções e apoio a missões,

⁹⁸Tradução livre do original em inglês: “During the past season the attention of the Society has been particularly turned to the state of our own town. The multiplied exertions in favor of more distant objects have at length led us to look at home, (where charity is usually said to begin.) Viewing the destitute situation of a certain class of inhabitants, whose poverty forbids their appealing decent at public worship; and of others who have abandoned themselves to every species of vice, and are totally disinclined to go where the gospel is dispensed; and especially considering how few, comparatively, can be accommodated in our houses of worship, free of expense; we have thought it our duty to try the practicability of a new plan; and have accordingly appropriated the whole income of the year, which closes this day, to the support of two missionaries (for a few months, as an experiment) to visit and labor with the above description of people”.

⁹⁹Tradução livre do original em inglês: “We therefore cherish the animating hope that some real good will result from this attempt, and that habitations which now echo with profanity and discord, will ere long resound with the mild accents of the gospel, and the voice of prayer and praise will be heard”.

“tanto em casa quanto estrangeiras”, principalmente em regiões de carestia (COHEN, 1997, p. 167).

Como anteriormente mencionado, a participação feminina na religião, principalmente nas igrejas Batistas e Congregacionais, fez parte de uma inflexão importante dentro da religiosidade protestante nos Estados Unidos e na formação da cultura média Norte-Americana e a Sociedade Missionária de Boston, idealizada por algumas mulheres de segmentos de classe média, evidenciou essa participação ativa das mulheres na formação de sociedades filantrópicas.

Segundo o missionário James Davis, o primeiro a ser contratado para trabalhar nos bairros carentes, ao reportar a seus superiores as atividades religiosas que havia feito nos primeiros três meses na cidade: entre pregações, visitas às famílias carentes, distribuição de bíblias, dentre outras atividades religiosas, nada se comparava à situação que havia encontrado em West Boston, particularmente na Rua Southark:

Na Rua Southark, em West Boston, as pessoas são surpreendentemente destituídas dos meios de instrução religiosa e parecem não ter o temor de Deus diante de seus olhos. Apenas nessa vizinhança, há mais de mil pessoas que não frequentam o culto público, que evidentemente estão acelerando com incrível rapidez o amplo caminho para a ruína. Com propriedade, pode-se dizer, este é o lugar onde o trono de Satanás está. Há horríveis impiedades que prevalecem; e todas as abominações concebíveis são praticadas; ali a depravação do coração humano é encenada; e deste sumidouro do pecado, as sementes da corrupção são distribuídas para todas as partes da cidade. (...) A rua é cultivada durante o dia com velhos e jovens de todas as cores, números bêbados e dormindo por seus lados e cantos; e terríveis barulhos e confusões são testemunhados. A noite do dia do Senhor é o período em que os números maiores se acumulam mais do que em qualquer outra estação da semana; centenas de meninos de todas as partes da cidade, nesta noite, para lá, onde seus ouvidos são assaltados pelo dialeto do mundo das trevas; enquanto todos os juramentos são proferidos, que os poderes da mente, por muito tempo exercidos a serviço do adversário, e excitados para a ação de um coração totalmente depravado, poderiam inventar (COHEN, 1997, p. 170-171).¹⁰⁰

¹⁰⁰Tradução livre do original em inglês: “In Southark street, West Boston, the people are astonishingly destitute of the means of religious instruction and appear not to have the fear of God before their eyes. Just in that vicinity, there are more than a thousand people who do not attend public worship, who are evidently hastening on with amazing rapidity the broad road to ruin. With propriety it may be said, there is the place where Satan's seat is. There awful impieties prevail; and all conceivable abominations are practiced; there the depravity of the human heart is acted out; and from this sink of sin, the seeds of corruption are conveyed into every part of the town. Five and twenty or thirty shops are opened on Lord's days from morning to evening, and ardent spirits are retailed without restraint, while hundreds are intoxicated, and spend the holy Sabbath in frolicking and gambling, in fighting and blaspheming; and many in scenes of iniquity and debauchery too dreadful to be named. The street is tilled during the day with old and young of all complexions, numbers drunken and sleeping by its sides and corners; and awful noises and confusions are witnessed. Lord's-day evening is the period when greater numbers collect than at any other season of the week; hundreds of boys from all parts of the town, on this evening repair thither, where their ears are assailed with the dialect of the dark world; while all the oaths are uttered, which the powers of the mind, long exercised in the service of the adversary, and excited to action by a totally depraved heart, could possibly invent”.

O relatório de Davis, muito veemente em sua visão religiosa, demonstrava em sua retórica uma compreensão muito similar à Metodista das primeiras décadas do século dezenove (WILLIAMS, 2010). Apesar de a Sociedade ser uma junção Batista e Congregacional e a filiação religiosa dos missionários que escreveram os relatórios não serem mencionadas, é possível reconhecer similaridades nos discursos religiosos protestantes em Boston no século XIX.

Segundo a retórica Metodista, a corrupção moral humana estava diretamente relacionada às influências devastadoras de Satanás na sociedade. Em sua descrição, Davis deixava claro que Southark era regida por Satanás e que meninos de diversas partes da cidade, e que frequentavam a rua à noite, tinham seus ouvidos assaltados pela linguagem “do mundo das trevas” e que suas eram mentes tomadas a “serviço do adversário”.

Tal retórica também sublinhava a cólera divina contra os ímpios, o que gerava, muitas vezes, revoltas populares fundamentadas nesses discursos, como foi o caso vivenciado e relatado pelo pregador William Jenks da *City Missionary Society* em 1816. No relato de Jenks, após ser chamado para fazer orações no funeral de Nancy George, uma mulher que vivia com um homem que não era seu marido, Jenks defendeu veementemente o casamento e advertiu sobre a vingança de Deus contra aqueles que viviam em pecado. No dia seguinte, uma multidão se reuniu na área e destruiu diversas casas de encontros amorosos (HOBSON, 1987, p.22).

Como cidade portuária do século XIX, Boston possuía diversas tavernas com venda de bebidas ilegais, casas de jogos e bordéis que, nas décadas de 1810 a 1830 ficavam alocadas na região de West Boston. Entretanto, na perspectiva de Davis, missionário da Boston Female Society, a presença de tais “casas infames” espalhava pelo resto da cidade “as sementes da corrupção” que germinavam também a partir dessas grandes “escolas” do bairro:

Aqui, esses rapazes entram numa escola, calculados para dar a eles todo um desprezo por toda restrição moral e religiosa; e para levá-los a desrespeitar totalmente a autoridade e instrução dos pais: — Uma escola preeminentemente calculada para apagar de suas mentes todos os pensamentos de Deus e sua responsabilidade — uma escola inteiramente adequada para treiná-los para a comissão de todos os crimes concebíveis, ser uma desgraça para suas conexões familiares, para ser pragas na sociedade e assuntos para um mundo de desespero (COHEN, 1997, p. 171).¹⁰¹

¹⁰¹Tradução livre do original em inglês: “Here these lads enter a school, calculated to give them an entire disrelish for all moral and religious restraint; and to cause them wholly to disregard parental authority and instruction : — -A school pre-eminently calculated to erase from their minds all thoughts of God, and their accountability — a school, entirely suited to train them for the commission of all conceivable crimes, to be a disgrace to their family connections, to be pests in society, and subjects for a world of despair”.

Além da similaridade com a retórica Metodista, Davis também mencionava em seu relatório a importância da autoridade familiar como meio de evitar a corrupção moral dos filhos e, portanto, da influência das trevas, algo bastante recorrente nos demais relatórios da Sociedade e que, segundo Mary Ryan (2006) foi uma ideologia pensada durante o século XIX, quando a domesticidade e a centralidade da figura materna no lar começaram a ser operadas como primordiais na educação dos filhos e, em grande medida, como será visto no capítulo 3, compreendidas como papel adequado que seria adequado ao gênero feminino.

Nos discursos religiosos, além dessa questão havia também um forte antagonismo entre a figura materna, da mãe afetuosa, preocupada com a educação de suas crianças - principalmente das filhas, e a figura da prostituta, fonte de depravação, indolência e bastante ligada à vergonha pública e familiar. Com veemência nos relatórios da Sociedade, a figura da prostituta e o comportamento feminino e associado à prostituição se sobressaíam entre todos as “depravações” e os “vícios” descritos no bairro.

Segundo Davis (COHEN, 1997), em West Boston, no período: “afirma-se com confiança e acredita-se plenamente” que “existem trezentas mulheres totalmente desprovidas de vergonha e modéstia. Seu modo de vida leva à destruição da constituição e da saúde”. Tais prostitutas, na visão do missionário, são acometidas por “desgraça e miséria diversas”, levando muitas delas à Almshouse (COHEN, 1997, p. 171).¹⁰²

Na sequência de seu relatório, Davis ressalta que West Boston, além de ser frequentado por meninos de outras partes da cidade, era também frequentado por pessoas “de afluência e alta vida” e de “todas as profissões e empregos” que vinham a localidade e contribuíam, de diferentes maneiras “ao incentivo do abandonado e da prostituta” (COHEN, 1997, p.171). Dessa forma, não somente a classe trabalhadora, marinheiros e locais frequentavam as tavernas, ruas e casas noturnas da região, mas também pessoas das regiões centrais e do porto.

A Almshouse citada por Davis era um importante abrigo para a população mais pobre em fins do século XVIII e primeiras décadas do século XIX, principalmente para as mulheres. Esses abrigos funcionavam não apenas como lugar de pernoite, mas também como local de atendimento médico e maternidade e abrigo por temporada, principalmente para mães solteiras, viúvas e órfãs. Segundo o estudo de Ruth Herndon (2012), as permanências longas,

¹⁰²Tradução livre do original em inglês: “Here in one compact section of the town, it is confidently affirmed and fully believed, there are three hundred females wholly devoid of shame and modesty. Their manner of life leads to the destruction of constitution and health. Wretchedness and misery ensue; disease and sickness bring great numbers to the alms-house”.

ou retornos constantes nessas casas eram, sobretudo, de mulheres, o que evidencia tanto a vulnerabilidade desproporcional da necessidade do abrigo, quanto que essa localidade se constituía, principalmente, como um espaço feminino.

De acordo com Herndon (2012), “nas cidades de toda a nova e crescente República, as figuras públicas se concentravam em projetos comunitários”, tais como casas de caridade, asilos e casas de correção “que demonstravam seu zelo religioso e benevolência moral” (HERNDON, 2012, p. 352)¹⁰³ pela localidade ligando-se intimamente ao que denominavam uma forma republicana de governo. Para além disso, os discursos políticos também sublinhavam as preocupações da elite política em separar os que consideravam os pobres “viciosos e depravados” nas casas de correção e prisões, daqueles considerados “dignos e respeitáveis”, nos quais os primeiros eram identificados, principalmente, por passagem policial.

Entretanto, como sublinha a autora, ao acompanhar os registros dos internos e relatórios da Almshouse, ambas as documentações revelam que no período de 1795 a 1817, apenas seis internos foram transferidos da prisão para Almshouse ou vice-versa, o que sugere que a pretensa “corrupção” dos pobres “dignos e respeitáveis” se baseava muito mais em uma ideologia de fundo moral e na repressão de comportamentos, do que propriamente na incidência de crimes cometidos pelos internos.

Sobre este aspecto, Boston foi a primeira cidade Norte-Americana a estabelecer uma Almshouse, votada em 1662 e aberta dois anos depois, uma instituição que serviu de modelo às demais cidades na colônia e posteriormente na República. Além disso, em relação a questão da pobreza, ainda antes de 1700 os eleitores de Boston criaram o cargo de superintendente dos pobres, cuja responsabilidade, em geral, era a de supervisionar a Almshouse e nomear um diretor para a instituição. Cem anos depois, com o inchaço populacional na região Boston registrava um grande número de pobres urbanos. Segundo Herndon (2012):

O número de pessoas oficialmente designadas como ‘pobres’ cresceu mais rapidamente que a população geral de Boston durante a *early republic*: entre 1790 e 1820, as admissões de Almshouse mais do que quadruplicaram enquanto a população em geral mal dobrou. Claramente, “os pobres” foram percebidos como um problema sério por alguns, e enviá-los para o asilo tornou-se uma responsabilidade primária dos superintendentes dos pobres (HERNDON, 2012, p. 366-367).¹⁰⁴

¹⁰³Tradução livre do original em inglês: “In cities throughout the expanding new republic, public figures focused on community projects such as almshouses that would display their religious zeal and moral benevolence”.

¹⁰⁴Tradução livre do original em inglês: “One hundred years later, Boston had lost its status as ‘first’. Its population had grown more slowly than New York City or Philadelphia, which established almshouses during

Desde a primeira Almshouse, diversas outras instituições foram surgindo ao longo do século XVIII e, principalmente, no século XIX: em 1723, uma prisão foi construída junto à Almshouse; em 1739, uma Casa de Trabalho foi construída ao lado das duas. Segundo Herndon (2012), “os magistrados de Boston esperavam que a Almshouse, a Casa de Trabalhos e a prisão, juntas, tirassem os pobres destituídos e indesejados das ruas de Boston” (HERNDON, 2012, p. 367). Segundo os registros, em 1800, cerca de 1,5% da população de Boston foi admitida na Almshouse, número que chegou a 2% em 1816.

Voltando ao relatório do missionário Davis, além da depravação e vergonha moral a que a figura da prostituta era vinculada, nos relatos também é salientado a importância da figura materna na criação e educação das crianças, principalmente das filhas. Nesse sentido, ao relatar uma visita feita a “uma casa de má fama”, solicitado a rezar pela alma de uma moradora que falecera, o missionário descreve as habitantes, em específico, um mulher “além do meridiano da vida” que “usava linguagem profana e pronunciava blasfêmias em uma parte distante da casa durante o momento de adoração”, mas que logo foi contida pelos moradores e levada a seus aposentos.

Continuando o relato, Davis descreve que uma “família decente, embora em baixas circunstâncias” havia se mudado para a casa “ignorando o caráter de seus ocupantes”, cuja filha mais velha, “uma menina de catorze ou quinze anos de idade, que parecia discreta, foi em poucos dias seduzida e levada pelo vil dos vis”. Segundo Davis:

(...) ela logo se tornou terrivelmente profana em sua linguagem e indecorosa em sua conduta; deixou a família da qual era membro, rejeitou toda restrição, recusou a submissão aos pais e parecia estar à beira da ruína (...) ela era excessiva em suas risadas e insignificâncias; foi repetidamente conversada e reprovada. Sua situação foi representada por sua mãe, que se viu obrigada a chorar por ela. Postulações foram reiteradas, e meios utilizados em abundância para recuperá-la (...) (DAVIS, *In*: COHEN, 1997, p. 171).¹⁰⁵

the eighteenth century. Some Bostonians deplored their Almshouse as inferior to those elsewhere; even the new Almshouse of 1801 rapidly became the object of public critics. The numbers of people officially designated as ‘poor’ grew more quickly than the general Boston population during the early republic: Between 1790 and 1820, Almshouse admissions more than quadrupled, while Boston’s general population barely doubled. Clearly, ‘the poor’ were perceived as a serious problem by some, and sending them into the Almshouse became a primary responsibility of the overseers of the poor”.

¹⁰⁵Tradução livre do original em inglês: “(...) she soon became awfully profane in her language, and immodest in her conduct; she left the family of which she was a member, cast off all restraint, refused submission to her parents, and appeared to be on the brink of ruin. Being present in the time of solemn religious worship, she was seen to manifest a great degree of depravity, and a determination to rise above all fear of God, and the consequences of her daring impiety. She was excessive in her laughter and trifling; she was repeatedly conversed with and reprovved. Her situation was represented to her mother, who was constrained to weep over her. Expostulations were reiterated, and means used abundantly to reclaim her”.

No relatório, Davis enfatiza a preocupação da mãe, demonstrada pela descrição de aflição ao ver a filha “à beira da ruína”. Tal descrição soma-se ao discurso direcionado às “mães afetuosas”, como continua abaixo:

Ó mães afetuosas, como se encherão os vossos corações de angústia, e vossos olhos se dilacerarão de lágrimas, em vista de vossas amáveis filhas, objetos de vossa solicitude, apanhados pelas artimanhas dos ímpios e caindo vítimas das vis luxúrias dos brutos em forma humana. Eu visitei de casa em casa; e em vários casos, foi solicitado que orássemos com e por elas; numerosos, com lágrimas, relataram a maneira como vivem e expressaram sua determinação em reformar, e um forte desejo de se afastar daquele lugar. Algumas dessas pessoas foram levadas para lá por fraudes e intrigas, contrárias às suas inclinações e totalmente ignorantes das artimanhas que prevaleciam; sobre quem eu tinha motivos para acreditar que eles queriam deixar o Morro, e reformar-se, se algum lugar pudesse ser providenciado para sua acomodação e meios para sua assistência (COHEN, 1997, p. 171).¹⁰⁶

Ao dirigir-se no relatório a seus superiores, não propriamente tendo como causa específica aquela mãe e sua filha, mas a “todas as mães afetuosas”, Davis demonstra em sua fala o quanto a maternidade era uma preocupação que não se limitava apenas à esfera familiar, mas uma preocupação missionária e pública, uma preocupação presente no século XIX de Boston. Sobre esse aspecto o missionário expressa que tal “problema” era endêmico em West Boston, e deveria ser resolvido através da criação de um local para que essas moças, sobretudo as mães, objeto de compaixão e piedade, pudessem “reformular-se”, desde que tivessem garantidos os meios de sua subsistência.

Essa não foi à única vez em que a causa da carestia das mulheres foi levantada pela sociedade missionária como uma causa pública. Em 5 de maio de 1817, no relatório do Secretário, anterior à vinda de James Davis e Dudley Rosseter, perguntava-se:

A questão havia sido agitada – Se alguma dessas pobres e infelizes moças que vagaram pelos caminhos do vício e da loucura e tiveram seu bom nome e reputação perdidos, estivesse disposta por meio de trabalhos missionários a se reformar e tornar-se correta em sua vida, – o que seria dela? Pessoas respeitáveis sentiriam que não seria seguro levá-las às suas famílias; e seus parentes (se tiverem algum) provavelmente teriam pouca confiança em sua reforma para recebê-las em suas casas. Para permanecer onde estão, os expõe não só a sofrimentos, mas a

¹⁰⁶Tradução livre do original em inglês: “Think, O think, ye affectionate mothers, how would your hearts be wrung with anguish, and your eyes run down with tears, in view of your amiable daughters, the objects of your tenderest solicitude, ensnared by the wiles of the ungodly, and falling victims to the vile lusts of brutes in human form. I have visited from house to house; in a variety of instances have been requested to pray with and for them; numbers, with tears, have related the manner in which they have lived, and expressed their determination to reform, and a strong desire to get away from that place. Some of those persons were brought there by fraud and intrigue, contrary to their inclinations, and wholly ignorant of the wiles which prevailed; concerning whom I had reason to believe they would leave the Hill, and reform, if any place could be provided for their accommodation, and means for their assistance”.

responsabilidade da queda ao pecado. O que pode ser feito? (COHEN, 1997, p.168).¹⁰⁷

Para ajudá-las, o secretário sugere que “um asilo deveria ser provido, para o qual esses objetos de piedade pudessem recorrer, onde deveriam ser empregadas de maneira apropriada” (*Idem*, 1997, p. 168).¹⁰⁸ Entretanto, também no mesmo relatório se ressaltava a necessidade de ajuda financeira para tal empreendimento, o que levava a conclusão de que:

(...) os amigos da religião e da virtude em outros lugares contribuiriam alegremente para uma empresa como essa; particularmente quando é considerado que uma pequena proporção dessas criaturas infelizes é nativa desse lugar. Elas são coletadas de quase todas as partes do país, e algumas até de climas estrangeiros. A calamidade é uma calamidade pública; a causa da virtude é uma causa pública, e se o bem for feito, será sentida pela comunidade (...) (COHEN, 1997, p. 169).¹⁰⁹

Também em seu relatório de 1818, o missionário Davis registrou parte de suas impressões sobre a população negra de West Boston que, segundo sua perspectiva – que também era compartilhada no cenário político da República, como se verá adiante – os negros mais pobres eram classificados de acordo com dois padrões: ingênuos e que portanto, necessitavam de tutela religiosa e do poder público para reformarem seu espírito e viverem em sociedade, uma vez que eram facilmente influenciados, principalmente por prostitutas; ou eram, eles mesmos, agentes de corrupção. Nesse sentido, o relatório de Davis descreve que:

Multidões de pessoas de cor, por esses exemplos, são influenciadas por hábitos de indolência. Centenas estão dispersas em diferentes partes da cidade e estão observando todas as oportunidades para roubar. Vários artigos de provisões são trazidos e vendidos aqui por um pouco. Essas criaturas depravadas, assim que a escuridão da noite as protege de vista, se empurram em entradas e outros lugares, furtando roupas de tipos diferentes, que penhoram ou vendem. As crianças estão continuamente mendigando de casa em casa, e assim são treinadas em hábitos de ociosidade: e enquanto eles coletam provisões para sustentar seus pais e outros, os exemplos que eles testemunham são calculados para confirmá-los em iniquidade e efetuar sua ruína eterna. Um grande número de pessoas de cor, quando a estação

¹⁰⁷Tradução livre do original em inglês: “The question had been agitated — Should any of those poor unhappy females, who have wandered into the paths of vice and folly, and forfeited their good name and reputation, be disposed by means of missionary labors to reform and become correct in their lives,— what is to become of them? Respectable persons would feel it unsafe to take them into their families; and their connections (if they have any) probably would have too little confidence in their reformation to receive them to their homes. To remain where they are, would expose them not only to sufferings, but to a liability of relapsing into sin. What then can be done?”

¹⁰⁸Tradução livre do original em inglês: “It was suggested, that it' proper exertions should be made, an Asylum might be provided, to which those pitiable objects might resort, where they should be suitably employed, and the proceeds of their labor go to their support. (...) The society by no means proposes to take a work of such magnitude into its own hands; but most sincerely and ardently recommends it to the consideration and patronage of the benevolent and virtuous; and would cheerfully help as far as consistent”.

¹⁰⁹Tradução livre do original em inglês: “We may therefore conclude that the friends of religion and virtue in other places would cheerfully contribute to an undertaking like this; particularly when it is considered, that but a small proportion of these unhappy creatures are natives of this place. They are collected from almost all parts of the country, and some even from foreign climes. The calamity is a public calamity; the cause of virtue is a public cause, and if good is done it will be felt by the community (...)”.

inclemente do ano chega, é levado a circunstâncias de extremo sofrimento, sendo totalmente destituída de comida e roupas. Desgraça, em todas as suas formas é experimentada (...). É provável que haja pelo menos dois mil deles espalhados pela cidade (DAVIS, *Apud* COHEN, 1997, p. 171).¹¹⁰

Nesse sentido, de acordo com Davis (COHEN, 1997), a população negra mais pobre, influenciada pelos hábitos de indolência de “mulheres totalmente desprovidas de vergonha e modéstia”, roubavam e comercializam o roubo, bem como mendigavam nas ruas, “treinadas” por seus pais por hábitos de “ociosidade”.

Além disso, também a população moradora de rua, descritas no final do trecho do relatório de Davis, como uma população à margem das relações de trabalho, eram enxergadas como objetos de piedade e sofrimento e não perpetradores de indolência. As prostitutas arrependidas também eram compreendidas pelos missionários reformadores como objetos de piedade. Segundo Dudley D. Rosseter (COHEN, 1997), outro missionário contratado em 1817 pela Sociedade para prestar serviços religiosos na cidade de Boston:

Mandei nove do Morro, uma delas uma menina que por algum tempo morara lá, e infelizmente se afastou de tudo que era amável e adorável na personagem feminina – que até ameaçou destruir a vida de sua única mãe, uma mãe afetuosa. Aflita e cansada com seu infame modo de viver, ela finalmente formou a resolução de abandonar para sempre um lugar onde havia tantos registros de sua vergonha e loucura; e, se possível, ser reconciliado com seu pai. Ela foi a uma dama pedindo sua ajuda, o que ela prontamente concedeu; e foi em busca de sua mãe, e em sua casa eles se encontraram; uma cena afetuosa se seguiu. O pai ferido estava disposto a perdoar sua filha infeliz, no caso de uma reforma. Pensou-se melhor para eles irem imediatamente para _____ onde eles têm amigos. Alguns artigos de vestuário necessários foram obtidos para a menina; meu amigo pagou as despesas da passagem deles; e eu os vi a bordo de um navio que navegou à noite (ROSSETER, *Apud* COHEN, 1997, p. 179).¹¹¹

¹¹⁰ “Multitudes of colored people, by these examples, are influenced to habits of indolence. Hundreds are dispersed into different parts of the town and are watching every opportunity to steal. Various articles of provisions are brought and sold here for a trifle. These depraved creatures, as soon as the darkness of the evening screens them from view, are thrusting themselves into entries and other places, and pilfering clothes of different kinds, which they pawn or sell. Children are continually begging from house to house and are in this way trained up in habits of idleness: and while they collect provisions to support their parents and others, the examples they witness are calculated to confirm them in iniquity and effect their everlasting ruin. Great numbers of colored people, when the inclement season of the year comes on s are brought to circumstances of extreme suffering, being wholly destitute of food and clothes. Wretchedness, in all its forms is experienced. Four or five of them have been seen lying on one floor without any bed, or articles of bed clothes: sick, and incapable of helping themselves; affecting spectacles of human woe! — they must be carried to the alms house or die. It has been ascertained that such characters are to be found in many other streets. It is probable there are at least two thousand of them scattered over the town”.

¹¹¹Tradução livre do original em inglês: “Have sent nine from the Hill, one a young girl who had been sometime resident there, and had sadly departed from everything amiable and lovely in the female character — who had even threatened to destroy the life of her only parent, a fond mother. Distressed and wearied with her infamous mode of living, she at length formed the resolution to abandon forever a place where there were so many records of her shame and folly; and if possible to be reconciled to her parent. She went to a lady requesting her assistance, which she readily granted; and went in pursuit of her mother, and at her house they met; an affecting scene ensued. The injured parent was willing to forgive her unhappy daughter, in case of a reformation. It was thought best for them to go immediately to _____ where they have friends. Some necessary articles of clothing

Nesse sentido, não somente as mães eram objetos de piedade, mas também aquelas mulheres cuja disposição para “reforma” da conduta se fazia presente. Nos relatórios de Rosseter, diversas moças o procuram, durante suas pregações, com a intenção de “reformular suas almas”, arrependidas de sua conduta “indecorosa” e principalmente com a intenção de deixar o morro. Em certa ocasião o missionário relata:

Outra, que por um longo tempo expressou um desejo fervoroso de sair e deixar esses domínios do pecado, me perguntou, sempre que me vê, num tom de súplica, pedindo-me: Senhor, você tem um lugar para mim ainda? Dói muito meu coração ter tantas vezes que ser obrigado a responder negativamente. Confio que uma reforma em sua conduta tenha ocorrido no inverno passado, da qual tenho razões para acreditar que ela nunca decaiu, embora tenha sido atacada por inimigos repetidos e inveterados (COHEN, 1997, p. 179).¹¹²

O “bom combate” contra os ataques “inimigos”, presente na retórica Metodista das primeiras décadas do século XIX, também se fazia presente no discurso dos missionários reformadores que, no caso de Rosseter, a despeito de não conseguir auxiliar muitas mulheres a deixarem “os domínios do pecado” e, conseqüentemente, o sustento advindo da comercialização do próprio corpo, enxergavam sua permanência como uma luta interna, cujos ataques “repetidos e inveterados” dos inimigos da fé e da conduta moral eram constantes. Adiante em seu relatório, Rosseter descreve a história de uma moça que, com a ajuda de um “homem piedoso e respeitável”, deixou o morro, expressando “disposição de ir a qualquer lugar e fazer qualquer tipo de trabalho”:

O cavalheiro que foi meu companheiro obteve o consentimento de sua amiga para recebê-la em sua casa. Ela recebeu de uma dama alguns artigos de vestuário necessários; e naquela noite esperamos ter um adeus duradouro àquelas assombrações desavergonhadas da infâmia e da prostituição. Ela desde então, tanto quanto posso aprender, conduziu com estrita propriedade. Eu tenho visto muitas vezes ele na reunião, onde ela sempre parece solene e comovida (ROSSETER, *Apud* COHEN, 1997, p. 178-179).¹¹³

Já no final de seus relatórios para a Sociedade, Rosseter (COHEN, 1997) sublinha:

were obtained for the girl; my friend paid the expenses of their passage; and I saw them on board a vessel, which sailed in the evening”.

¹¹²Tradução livre do original em inglês: “Another, who for a long time has expressed a most fervent wish to get away and leave those dominions of sin, has, whenever she has seen me, in an affecting tone of entreaty, inquired of me, Have you, sir, got a place for me yet ? It has pained my heart that I have so often been compelled to answer in the negative. I trust that a reformation in her conduct took place last winter, from which I have reason to believe she has never swerved, though assailed with repeated and inveterate enemies”.

¹¹³Tradução livre do original em inglês: “The gentleman who was my companion, obtained consent of her friend to receive her to her house. She was supplied with some necessary articles of clothing by a lady; and she that evening we hope bade a lasting adieu to those shameless haunts of infamy and prostitution. She has since, as far as I can learn, conducted with strict propriety. I have often seen he; at meeting, where she always appears solemn and affected”.

Outro assunto de grande importância se apresenta enquanto se lê os relatórios anteriores: a necessidade de uma instituição para a recepção daquelas mulheres infelizes que estão cansadas de uma vida de infâmia, e estão dispostas a trabalhar pelo seu apoio, se o emprego puder ser provido para elas. E também para as crianças que estão passeando pelas nossas ruas, mendigando de casa em casa, e frequentemente, roubando da maneira mais astuta, como se fossem profundamente habilidosas na prática. Verdadeiramente pode ser dito, os pecados deste povo alcançaram o céu. E podemos esperar que os julgamentos de um Deus vingador do pecado cairão sobre nós, a menos que sejam tomadas medidas para afastar essas abominações da terra (ROSSETER, *Apud* COHEN, 1997, p. 182-183).¹¹⁴

Como anteriormente mencionado, a vingança divina também se fazia presente nos discursos reformistas protestantes que, conjuntamente à luta interna, acabava por fundamentar ações e lutas externas por moradores residentes nas proximidades. Sobre esse aspecto, uma variedade de questões impulsionou diversos grupos a atuarem como “polícias morais” em Boston durante ao menos as primeiras três décadas do século XIX, grupos estes compostos, sobretudo, por segmentos da classe trabalhadora.

Nesse sentido, a preocupação com as violações dos costumes morais levou à reconstituição, segundo Tager (2000), de formas tradicionais de revoltas urbanas. Assim, os motins contra dancing halls, bordéis e outras organizações que infringiam a cultura média, branca e protestante, configuraram-se como um combate a ser travado em nome da moralidade e do “bom combate”.

Nas primeiras décadas do século XIX, também as cidades portuárias da Costa Leste, como Filadélfia e Nova York, realizavam “varreduras periódicas contra a prostituição e ataques às assombrações do vício” (HOBSON, 2001, p.12). Em todas essas cidades o aparato burocrático do estado para o controle social ainda não estava consolidado e os motins e ações filantrópicas dos missionários aconteciam sem que um poder municipal centralizasse as ações ou controlasse as condutas. Em 1820 alguns moradores de West Boston, ainda sem um prefeito, peticionaram pedindo uma ação das autoridades contra o morro. Sobre esse ponto, Hobson (2001) esclarece que:

Eles insistiram que a prostituição, se um mal necessário nesta cidade e estado da sociedade, ‘fosse colocada sob certos regulamentos legais – confinados a certos

¹¹⁴Tradução livre do original em inglês: “Another subject of vast importance presents itself while perusing the foregoing Reports, viz. The necessity of an institution for the reception of those unhappy females who are weary of a life of infamy, and are willing to labour for their support, if employment could be provided for them. And likewise for the children, who are strolling our streets, begging from house to house? And frequently stealing in the most artful manner, as though deeply skilled in the practice. Truly it may be said, the sins of this people have reached up to heaven. And we may justly expect the judgments of a sin-avenging God will fall upon us, unless measures are taken to put away these abominations from the land”.

limites, e até mesmo licenciados como tem sido feito em certas comunidades corruptas (HOBSON, 2001, p. 12).¹¹⁵

Quando o aparato municipal entrou em vigor, no caso de Boston, após a elevação de distrito para cidade e da eleição de Josiah Quincy como prefeito em 1823, a prostituição passou a existir apenas em localidades mais afastadas, em bairros menos periféricos, associados ao crime e à violência (HOBSON, 1990, p. 12). Nesse sentido, com o trabalho dos missionários no mapeamento das localidades por eles denominadas de viciosas na cidade, a questão do pauperismo e do que viria a ser o vício urbano passou a ser enxergado como uma ameaça à ordem social e, ao assumir o poder municipal, os poderes administrativos já tinham um inimigo da moralidade para concentrar suas forças. Conforme aponta Hobson (1990):

Esse desenvolvimento ocorreu durante um período em que as cidades da Costa Leste mudavam radicalmente de tamanho, composição de vizinhança e instituições. Um fluxo constante de pessoas entrava e saía diariamente. Essa população transitória provavelmente aumentou a incidência de pequenos crimes e a prostituição pública, mas o mar de rostos anônimos também fez a cidade parecer menos segura e menos administrável. Ao mesmo tempo, os reformadores urbanos estavam criando expectativas mais altas sobre a ordem e o decoro, e a elite empresarial emergente procurou impor novos padrões de disciplina nos locais de trabalho, no mercado e nas ruas. Eles eram os principais atores na dimensão religiosa desse movimento de reforma urbana e atacaram os males da embriaguez, da licenciosidade e da ociosidade entre os trabalhadores pobres. Em Boston, o sentimento de alarme e urgência em relação ao vício e crime na cidade ocorreu durante um período em que a face da cidade estava mudando, e um grupo particular de reformadores foi fundamental para moldar sua identidade (HOBSON, 1990, p. 12).¹¹⁶

No mesmo ano em que assumiu o poder municipal, o prefeito do partido Federalista Josiah Quincy e alguns voluntários, organizaram batidas policiais ao já conhecido distrito de West Boston. A força policial de Quincy se concentrou sobretudo na Rua Souhtark, quatro quarteirões em que se aglomeravam tavernas, casas de jogo e bordéis. Naquele mesmo mês de agosto de 1823, Quincy alegou vinte e três violações de licença da venda de licor, antes mesmo da corte policial o fazer. Segundo Hobson (1990):

¹¹⁵Tradução livre do original em inglês: “West End petitioners appealed to the same pride in city when urging action against the Hill. They insisted that prostitution, if a necessary evil in this age and state of society, ‘be placed under certain regulations of law – confined to certain limits, and even licensed as has been done in certain corrupt communities’”.

¹¹⁶Tradução livre do original em inglês: “Why did vice in city suddenly come to be seen as a threat to the social order? This development occurred during a period when East Cost cities were radically changing in size, neighborhood composition, and institutions. A constant flow of persons moved in and out daily. This transient population probably did increase petty crime and public prostitution, but sea of anonymous faces also made the city appear less safe and less manageable. At the same time, urban reformers were creating higher expectations about order and decorum, and emerging business elite sought to impose new standards of discipline in the workplaces, the marketplace, and the streets. They were they key actors in the religious dimension of this urban reform movement, and they attacked the evils of drunkenness, licentiousness, and idleness among the working poor. In Boston the sense of alarm and urgency regarding vice and crime in the city occurred during a period when the face of the city was changing, and a particular group of reformers was instrumental in shaping its identity”.

Quincy não estava interessado em controlar o consumo de bebidas por si só, mas sim, em fechar os lugares abertos por prostitutas, apostadores e ociosos. A invasão marcou o início de uma política de detenções em massa de prostitutas que continuaram durante o outono de 1823 (HOBSON, 1990, p. 14).¹¹⁷

Em 1824, um ano após as investidas organizadas pelo poder municipal de Josiah Quincy em West Boston, a prostituição se tornou um assunto importante dentro das peças nas cortes jurídicas. Em seus estudos, Hobson (1990) ressalta que a taxa de processos contra a prostituição cresceu consideravelmente durante seu governo e a política de prisões em massa de prostitutas e o fechamento de bordéis, casas de jogos e tavernas representaram uma quebra radical com um passado sem administração municipal. Ao longo dos anos da administração pública de Quincy, muitos processos judiciais foram nomeados por prostituição e guarda, “muitos deles com o mesmo oficial de apreensão, evidência que sugere que houve varreduras periódicas de prostitutas nos distritos viciosos” (HOBSON, 1990, p. 18).¹¹⁸

Em 1825, no entanto, ainda permaneciam os motins populares contra bordéis e casas noturnas. Naquele ano, alguns moradores de Boston, conhecidos como *truckmen* (carregadores) devido a suas profissões, carroceiros e estivadores do porto, tomaram para si a responsabilidade de policiar os costumes da comunidade, uma vez que as autoridades municipais mobilizadas pelo prefeito dois anos antes, não se mostraram capazes de fechar um bordel conhecido como *Beehive*, a Colmeia. Em junho daquele mesmo ano, pequenos grupos de carregadores começaram a fazer incursões sem apoio do poder público contra bordéis da cidade. Conforme expressa Tager (2001):

(...) cerca de duzentos carregadores de Boston marcharam no distrito da luz vermelha em direção à Colmeia. Com os rostos pintados de preto, os homens carregavam forcados, pedaços de ferro e machados e batiam instrumentos como cabaças e conchas; uma banda estava a reboque. Um homem demoliu o edifício que abrigava o bordel com velocidade impressionante. Um jornal relatou: ‘Por algumas noites após a paz e proverbial boa ordem, a cidade foi perturbada por procedimentos vergonhosos e hostis ao atacar as casas da frágil irmandade nas ruas North Morgan, Prince e Ann’ (TAGER, 2001, p. 82-83).¹¹⁹

¹¹⁷Tradução livre do original em inglês: “Quincy was not interested in controlling drinking per se, but rather he wanted to close down the rowdy hangouts of prostitutes, gamblers, and vagrants. The raid marked the beginning of a policy of mass arrests of prostitutes that continued throughout the fall of 1823”.

¹¹⁸Tradução livre do original em inglês: “(...) many of them with the same arresting officer, evidence which suggests that there were periodic sweeps of prostitutes in vice districts”.

¹¹⁹Tradução livre do original em inglês: “In July 22, 1825, some two hundred Boston truckmen marched on the red light district heading for the Beehive. Their faces painted black, the men carried pitchfork, poles, and axes, and banged instruments like gourds and conch shells; a marching band was in tow. The man demolished the building housing the brothel with impressive speed. A newspaper reported: ‘For some nights past the peace and proverbial good order the city have been disturbed by disgraceful and unmanly proceedings in attacking the houses of the frail sisterhood un North Morgan, Prince and Ann Streets’”.

A despeito de não contar com a força policial ou com o poder municipal, anos depois do ocorrido, o policial de Boston, Edward Savage, descrevia a ação de forma benéfica, uma vez que “(...) a Colméia teria se tornado tão notória e tão barulhenta que as pessoas respeitáveis não aguentavam mais” (TAGER, 2001, p.83).¹²⁰

Os carregadores de Boston, dentre os quais o próprio Savage elencaria mais profissões dos segmentos da classe trabalhadora como membros, tais como “mecânicos e operários e de vez em quando um marinheiro” (TAGER, 2001, p. 83), tornaram-se uma milícia que agia em grupos com seus rostos pintados fazendo barulho para proclamar o que Tager (2001) denomina de “um ar de festa”. Os carregadores, para além de se voltarem contra bordéis, como se verá no subcapítulo adiante, também se voltavam contra organizações e festividades da população negra, reuniões abolicionistas e aglomerações políticas de partidos contrários ao governo local e, também, em revoltas de cunho patriótico, principalmente quando envolviam a participação de britânicos, como foi o caso do ator Edmund Kean, em 1823. Seus atos, profundamente enraizados na moralidade de uma cultura média protestante, eram justificados como atos em benefício da comunidade, uma vez que os poderes policiais e municipais não davam conta de policiar a moralidade e o decoro da região.

De acordo com os relatórios da história municipal da cidade, em 1823, quando da inauguração da Casa de Correção de Boston, os seguintes dizeres foram registrados por Josiah Quincy em *A Municipal History of the Town and City of Boston*:

Aquela classe de população viciosa inevitável em uma cidade era, na época, em Boston, densamente concentrada em um distrito, *West Boston*. Doze de catorze casas de caráter infame foram abertamente mantidas, sem ocultação e sem vergonha. O ex-chefe da polícia disse ao prefeito, logo após sua inauguração (da casa de correção): ‘Há danças lá quase todas as noites. A rua inteira reflete as chamas de suas janelas. Para colocá-las a baixo, sem força militar, parece impossível, a vida de um homem que tentar fazê-lo não será assegurada. A companhia local se compõe de vadios, ladrões conhecidos e criminosos com mulheres da pior descrição’ (QUINCY, 1852, p. 102).¹²¹

No ano de 1825, após se tornarem comuns as investidas de carregadores contra bordéis, o poder municipal, já sob o comando de Josiah Quincy, buscou implantar medidas

¹²⁰Tradução livre do original em inglês: “(...) the hive finally became so notorious and so noisy that respectable people would put up with it no longer”.

¹²¹Tradução livre do original em inglês: “That class of vicious population unavoidable in a city was, at that time, in Boston, thickly concentrated in a district at West Boston. Twelve or fourteen houses of infamous character were openly kept, without concealment and without shame. The chief officer of the former police said to the Mayor, soon after his inauguration: “There are dances there almost every night. The whole street is in a blaze of light from their windows. To put them down, without a military force, seems impossible. A man's life would not be safe who should attempt it. The company consists of highbinders, jail-birds, known thieves, and miscreants, with women of the worst description”.

para acabar com a violência dos carregadores nas investidas contra bordéis. Segundo Tager (2001), sua estratégia foi a de contratar quarenta carregadores para policiar os revoltosos, e o resultado foi preciso, contratados como agentes de pacificação, as incursões contra bordeis e a população de West Boston de forma geral, diminuiriam consideravelmente.

Nesse sentido, como ressalta Hobson (1990), para os padrões do século XIX, em que a domesticidade e os hábitos de uma cultura média protestante, frutos das mudanças na cultura doméstica graças ao avanço da economia de mercado, tornaram-se uma espécie de expectativa moral e social para os demais segmentos de classe, principalmente para as mais baixas; e residir em um bairro como West Boston, por si só, imprimia nas mulheres o estigma do desvio moral dessa mesma cultura média e normativa Norte-Americana, uma cultura branca, de segmentos médios e protestante.

Nesse mesmo rol, as mulheres solteiras, responsáveis por sua renda e que vagavam desacompanhadas pelas cidades sem nenhuma referência de parentesco ou emprego em algum estabelecimento moralmente aprovável, na visão das autoridades e dos missionários -, configuravam-se como prostitutas em potencial, e o fato de residirem em West Boston moldava ainda mais essa percepção. Como “objetos” de piedade ou perpetradoras de indolência, as mulheres, assim como a população negra, conforme se verá adiante, eram segregadas e classificadas por critérios de classe, gênero e raça nas primeiras três décadas do século XIX.

2.3 Os virtuosos e os viciosos: classificações do pauperismo em West Boston

A partir da década de 1820, as mudanças na cidade de Boston, principalmente no que se refere ao aumento de sua população, geraram debates proeminentes sobre a necessidade da elevação da cidade a centro urbano,¹²² a fim de que uma administração local fosse criada para melhor gerir a crescente população. Com aproximadamente 45.000 habitantes, dos quais 8.000 eram possíveis votantes em 1822, a elevação centro urbano foi aprovada e seu primeiro prefeito, Josiah Quincy, eleito no ano seguinte.

Na portuária Boston de 1820 as linhas que demarcavam os segmentos de classe eram bastante demarcadas, tanto econômica quanto geograficamente. Na cidade, os ricos

¹²²“*Town*” e “*City*” correspondem a categorias urbanas diferentes. Na tradução livre optou-se pela tradução de “centro urbano” para o termo “*town*” em inglês e “cidade” para “*city*”. No caso tratado no texto, o aumento populacional de Boston na década de 1820 fez com que sua denominação administrativa passasse de “*town*” para “*city*”, elegendo-se como prefeito Josiah Quincy.

mercadores herdeiros da elite fundiária do século anterior, tais como Harrison Gray Otis, Francis Cabot Lowell e Josiah Quincy possuíam residência, escritórios e comércios nas regiões centrais, permanecendo política e economicamente ativos na cidade durante as primeiras três décadas do século XIX. Por sua vez, nas regiões periféricas, principalmente Oeste e Norte, concentravam-se os segmentos de classe menos afortunados e a população mais pobre, dos quais se destacavam, comparativamente, uma maioria de mulheres, crianças e “pessoas de cor”, como denominavam os censos e diretórios da cidade no período. Segundo Jack Tager (2001):

A elite das classes superiores controlava os escritórios do prefeito e os conselhos municipais ou conselhos de vereadores em Nova York e Boston, assim como Detroit e nas cidades do sul e do oeste durante a maior parte do período. Foi durante esse período econômico instável que as linhas de classe endureceram e as tensões aumentaram (TAGER, 2001, p. 81).¹²³

Conjuntamente às linhas de classe demarcadas, os conflitos entre elas se instauraram de sobremaneira, o que fez com que autoridades religiosas e políticas se voltassem às pessoas que se encontravam à margem da sociedade no período. Afinal, segundo salienta Hobson (1990), lidar com o problema do pauperismo tornou-se uma preocupação primordial dos governos distritais e municipais:

(...) as estratégias que adotaram eram moldadas por novas atitudes em relação à dependência e ao desvio. Na segunda década do século, os funcionários municipais das grandes cidades da Costa Leste estudaram e aplicaram remédios para lidar com a classe de pobres errantes. O prefeito Quincy foi uma figura chave em dois estudos sobre o pauperismo em Massachusetts, um patrocinado pela Assembleia Legislativa estadual e outro pelo Conselho da Cidade de Boston. (HOBSON, 1990, p. 19).¹²⁴

Em seu estudo publicado em 1821, *Report of the Committee of the subject of pauperism and a House of Industry in the Town of Boston*, para a cidade de Boston, Quincy e um comitê composto por treze autoridades, dentre eles o clérigo Thomas Clark, buscaram apresentar apontamentos sobre a questão do pauperismo e traçar perfis sociais para que, a partir disso, fosse possível buscar soluções administrativas para a questão, principalmente a partir da construção de uma Casa de Indústria (ou casa de trabalho). Na introdução do documento, Quincy revela que a Almshouse, instituição que cuidava dos enfermos e

¹²³Tradução livre do original em inglês: “Elite upper classes controlled mayor’s offices and municipal councils or boards of alderman in New York City and Boston, as well as Detroit and the cities of the South and West for most of the era’. It was during this unstable economic period that class lines hardened and tensions increased”.

¹²⁴Tradução livre do original em inglês: “(...) the strategies they adopted would be shaped by new attitudes toward dependence and deviance. By the second decade of century, city officials from the large East Cost cities had studied and put into effect remedies to deal with a class of wandering poor. Mayor Quincy was a key figure in two studies of pauperism in Massachusetts, one sponsored by the state legislature and the other by the Boston City Council”.

abrigavam os mais pobres por uma temporada, recebendo dos que podiam uma pequena soma para a pensão, não eram “compatíveis com a honra e interesses da cidade” ¹²⁵ (QUINCY, 1821, p.2), uma vez que despediam muitos gastos e, sobretudo, misturavam as classes de pessoas cujos tratamentos deveriam ser substancialmente diferentes:

Há quatro classes de pessoas, às quais devem se aplicar os arranjos públicos, sobre esses assuntos, e a cujas peculiaridades de condição devem ser acomodadas, na medida em que qualquer sistema geral seja praticável; a primeira em razão da idade; a segunda, os pobres por causa do infortúnio; a terceira, os pobres por razão da infância, e a quarta os pobres por causa do vício (QUINCY, 1821, p. 6).¹²⁶

Assim, para as autoridades do comitê, bem como, para o relator Quincy, a classificação da situação de pauperismo se fazia primordial para diferenciar “tanto na natureza quanto no grau” da pobreza, baseando-se em princípios e deveres diferentes e “exigindo diferentes apropriações de simpatia e solicitude” daqueles que as ajudariam (QUINCY, 1821, p. 6).¹²⁷ Assim, Quincy relatou a classificação de quatro tipos de origens do pauperismo que seriam resultantes de duas divisões mais gerias:

Estas considerações, e outras, que se apresentarão prontamente às reflexões de homens inteligentes, tornam indispensável que se faça um estabelecimento que permita à Cidade fazer desta primeira, mais importante e justa de todas as discriminações entre os pobres: em consequência do vício e os pobres em consequência do infortúnio (QUINCY, 1821, p. 8).¹²⁸

Dessa forma, segundo o relatório, deveria ser provida na cidade de Boston uma Casa de Trabalhos, a ser nomeada de “Casa de Indústria”, na qual os internos, separados em razão de sua pobreza como viciosos, deveriam deixar de superlotar as Almshouses durante o inverno em consequência da “intoxicação e doença”. Segundo Quincy, essa mesma população

¹²⁵Tradução livre do original em inglês: “(...) are not such as comport with the honor and interests of the Town”.

¹²⁶Tradução livre do original em inglês: “There are four classes of persons, to which the public arrangements, on these subjects, ought to extend, and to whose peculiarities of condition they ought, as far as any general system is practicable, to be accommodated;—1st, the poor, by reason of age;—2d, the poor, by reason of misfortune;—3d, the poor, by reason of infancy—4th, the poor, by reason of vice”.

¹²⁷“In forming this opinion, your committee were influenced by considerations of economy;—the strong conviction that a great saving would in consequence, result to the town, in point of expense;—and above all, by a sense of the salutary influence of a well managed institution of this kind on the public morals. The obligations, which every society owes to those classes of citizens, which are liable to become pensioners on its charity, were not overlooked, in making this estimate of the Town's interest and duty. There are four classes of persons, to which the public arrangements, on these subjects, ought to extend, and to whose peculiarities of condition they ought, as far as any general system is practicable, to be accommodated;—1st, the poor, by reason of age;—2d, the poor, by reason of misfortune;—3d, the poor, by reason of infancy—4th, the poor, by reason of vice. It is very plain, that each of these classes of poor have claims upon society, differing both in their nature and degree, founded upon different principles; the sources of different duties, and requiring different proportions of sympathy and solicitude”.

¹²⁸Tradução livre do original em inglês: “These considerations, and others, which will readily present themselves to the reflections of intelligent men, render it indispensable that an establishment should be provided, which should enable the Town to make this first, most important, and just of all discriminations between the poor, in consequence of vice; and the poor, in consequence of misfortune”.

ao se curar, entrava “na mesma carreira de vício e indulgência, até que fossem trazidos de volta”, e nesse sentido, deveriam ser separados dos pobres “virtuosos”, cuja condição de pobreza nascera do infortúnio. Com a Casa de Indústria, os pobres em razão do vício trabalhariam para garantir seu sustento e se afastariam de seus hábitos de “indolência, intemperança e sensualidade”, aquilo que nas palavras de Quincy eram as “grandes causas do pauperismo nesse país”:

(...) os pobres em razão do vício - constitui, aqui e em todo lugar, de longe a maior parte dos pobres - sempre, provavelmente, para um total de dois terços de todo o número de pobres adultos. Como é para estes que a Casa de Indústria proposta se destina, em suas primeiras operações, o presente parece fornecer uma ocasião apropriada para explicar as visões gerais de sua comissão em relação a este estabelecimento; (...) Indolência, intemperança e sensualidade são as grandes causas do pauperismo neste país. Não obstante a imbecilidade induzida por seus hábitos e vícios, ainda é encontrada pela experiência, que, em geral, toda essa classe pode fazer alguma coisa (QUINCY, 1821, p. 9).¹²⁹

Assim, o relatório da comissão e de Quincy, de forma geral, classificava a população pobre em dois grupos principais: os virtuosos, compostos por enfermos, viúvas, idosos e crianças “dignas”; em geral, merecedores de indulgência e identificados como objetos de piedade e que não poderiam ser responsabilizados por sua pobreza, fruto do infortúnio da vida. Em contrapartida, o relatório do comitê apontava uma segunda classe, cuja pobreza era resultado da “indolência, sensualidade e vício”, e que pertenciam, portanto, à classe indigna e viciosa dos pobres.

Segundo Hobson (1990), implícitos nesses termos altamente carregados, estava a crença de que a maioria das pessoas pobres era criminosa ou potencialmente criminosa, assim, o futuro prefeito afirmava “que o vício, o crime e a pobreza eram tão frequentemente encontrados juntos que, em certo sentido, eram inseparáveis”; um discurso muito embebido nas percepções de missionários dos anos anteriores.

A partir desses estudos, dos relatos dos missionários e também do que era representado nos romances do período, como em *The Female Marine*, ao longo do século XIX, houve uma necessidade de se criar instituições próprias para abrigar as classificações de pobreza feitas pelas elites de acordo com a cultura média protestante, surgindo, dessa forma, diferentes tipos de instituições, como asilos, prisões e Casas de Correção (de Indústria ou

¹²⁹ Tradução livre do original em inglês: “(...) the poor by reason of vice, — constitute, here, and everywhere, by far the greater part of the poor; — amounting always, probably to a full two thirds of the whole number of adult poor. As it is for these, that the proposed house of industry is intended, in its first operations, to provide, the present seems a proper occasion to explain the general views of your committee in relation to this establishment; (...) Indolence, intemperance, and sensuality, are the great causes of pauperism, in this country. Notwithstanding the imbecility induced by their habits and vices, it is yet found by experience, that generally speaking, all this class can do something”.

Trabalho), tornando-se, dessa forma, projetos administrativos para a cidade de Boston ao longo daquele período. Como explana Hobson (1990), essas instituições:

(...) deram aos gestores municipais e às organizações de caridade privadas, uma poderosa arma para disciplinar os pobres que se recusavam a viver de acordo com códigos de classe média de trabalho duro, castidade e sobriedade. Isso teria um efeito profundo sobre as mulheres envolvidas em relacionamentos sexuais não conjugais (...) (HOBSON, 1990, p. 19).¹³⁰

A partir desses padrões normativos de condutas, muitas mães solteiras e também viúvas, além da população negra, cuja conduta era posta em análise quando levadas ao tribunal ou fichadas pela polícia, independente de venderem seus corpos para o sustento, “tornavam-se prostitutas públicas, conhecidas por policiais, juízes e seus vizinhos” (HOBSON, 1990, p. 19) e, dessa forma, eram socialmente estigmatizadas. Tal forma de se pensar as condutas femininas também foi registrada, anos antes, nos relatórios da Sociedade Feminina de Boston para fins Missionários que, muito possivelmente, com sua publicação em 1818, serviram também de base para os estudos de Quincy e da comissão.

2.4 Indolentes e tutelados: a questão racial em Boston e na República

De forma geral, quando se busca tratar da história dos Estados Unidos tem-se, cabe ressaltar, de forma muito genérica, a consolidação de uma narrativa histórica que delimita as questões raciais mais duras como a escravidão, o processo de emancipação e o pós-abolição em duas frentes distintas e absolutamente antagônicas: o Sul, fruto de uma sociedade paternalista e profundamente racista, cujo escravismo foi mais longo e mais violento; e o Norte, industrial, de empreendedores e livre mercado, cuja abolição se dera, para alguns estados, já no início da República e que, portanto, não foi uma sociedade cujo preconceito racial oriundo da escravidão fosse entendido como um problema como se dava no Sul, afinal, a abolição e os processos de emancipação lá se deram na primeira metade do século XIX e, em praticamente toda a metade do século, já não havia mais escravidão formal.

¹³⁰Tradução livre do original em inglês: “These two institutions gave city managers and private charitable organizations a powerful weapon for disciplining the poor who refused to live by middle-class codes of hard work, chastity, and sobriety. It would have a profound effect on women involved in non marital sexual relationships. Unwed mothers who applied for public charity now faced confinement in the workhouse. This deterred many women from seeking support or reporting their illegitimate offspring. The Boston House of Industry listed only 9 cases of bastardy in a year when Philadelphia overseers of the poor, who dispensed only direct payments to unwed mothers, noted 269 cases. The Philadelphia overseers concluded that more punitive measures were needed to discourage departures from virtue”.

Fazer essa assertiva, no entanto, não implica, ou não deve implicar, na afirmação de que esses processos foram iguais nos dois blocos historiograficamente consolidados, ou que as formas de resistência e liderança do movimento negro e abolicionista se deram da mesma forma. Também não implica negar a diferença temporal, cultural e legislativa em relação a esses processos, uma vez que nas décadas de 1810, todos os Estados do Norte já haviam adotado algum tipo de medida contra a escravidão, enquanto que, no Sul, isso somente foi feito no pós-guerra de Secessão. Mas sim, implica dizer que nos estados do Norte outros mecanismos de segregação operaram ao longo do processo de emancipação nas primeiras décadas do século XIX.

Sobre esse aspecto, nos estados do Norte, a primeira medida com a finalidade de emancipação foi a do estado da Pensilvânia, aprovada em 1780. A legislação instituía que todos os filhos de escravos nascidos a partir daquele ano seriam libertos ao completarem 28 anos. Durante a infância, entretanto, permaneceriam sob a tutoria legal do senhor dono de sua família, até que atingissem a maioridade jurídica para serem livres; isso, já próximo ao ano de 1810 (JOHNSON, 2007, p.126).

No estado de Massachusetts, por sua vez, a escravidão havia sido abolida a partir dos argumentos dos casos judiciais de Elizabeth Freeman (*Mumbet*) e Quock Walker, durante os anos de 1781 e 1783, e que tiveram como base a fundamentação jurídica da Constituição do estado de Massachusetts de 1780. Desde a independência neste estado, havia muitos casos de petições encaminhadas por advogados e líderes abolicionistas negros e brancos, que pleiteavam pela liberdade de escravos – os casos de Quock Walker e Mumbet acabaram por embasar e dar sustentação legal a esse movimento. Apesar dos apelos das partes contrárias nos dois casos, o Supremo Tribunal Judicial de Massachusetts, a mais alta corte da *Commonwealth* do estado, decretou seu fim legal a partir de 1783.

No entanto, quando se refere aos processos de emancipação cabe sublinhar que, a despeito de a maioria dos estados do Norte terem abolido formalmente a escravidão nas primeiras décadas do século XIX, as diferenças em suas legislações quanto à emancipação variavam consideravelmente.

Sobre esse aspecto, segundo apontam os estudos de Herbert S. Klein (2011), no século XIX, apenas alguns estados pertencentes ao Norte permitiam o voto de libertos¹³¹ - um aspecto importante não apenas em termos de cidadania, mas também em termos de ascensão

¹³¹Sendo os que proibiam: Delaware, 1787; Kentucky, 1799; Maryland, 1809; Louisiana, 1812; Mississippi, 1817; Alabama, 1819; Nova Jersey, 1820; Missouri, 1820; Tennessee, 1834; Pennsylvania, 1838; Virginia, 1849; District of Columbia, 1851; Oregon, 1859; Indiana, 1851.

social -, sendo que a maioria dos novos estados do Oeste não permitia. Alguns, inclusive, legislavam sobre assuntos de foro familiar, como, por exemplo, o casamento entre libertos e brancos, podendo dissolver qualquer tipo de união que surgisse,¹³² como era o caso de Massachusetts até o ano de 1705 (KLEIN, 2011, p. 96-97), o que indica mesmo na legislação medidas que restringiam e segregavam direitos a população afro-americana mesmo em estados do Norte.

Nesse sentido, em termos de emancipação, mas principalmente em termos de segregação, é importante lembrar que:

(...) todos os estados adotaram a regra de um quarto de sangue – se um dos avós fosse negro ou mulato, a pessoa seria mulata –, e todos os mulatos eram tratados da mesma forma que os negros. Libertos (mulatos ou negros) não podiam atuar como testemunhas em processos judiciais envolvendo brancos, eram severamente punidos por atacar brancos, e em diversos tipos de crimes eram tratados como escravos e podiam até ser chicoteados. (...) Muitos estados exigiam a saída de escravos recém-libertos dos seus territórios, e a maior parte do sul e alguns estados do norte proibiam sua migração de outros estados. Alguns proibiram, ainda, o retorno de quaisquer libertos neles nascidos se os tivessem deixado por qualquer motivo (KLEIN, 2011, p. 97).

Assim, nos estados do Norte, sobretudo no pós-1815, a população negra livre, segundo Paul E. Johnson (2007), quando ociosa nas áreas rurais no pós-abolição, em sua grande maioria, dirigia-se aos centros urbanos em busca de emprego. Em muitas cidades, como Filadélfia e em Nova York, chegaram a compor em torno de 8% a 10% da população em 1820, uma porcentagem bastante similar à dos imigrantes brancos irlandeses na mesma época (JOHNSON, 2007, p.127).

Em Boston, por sua vez, de acordo com os dados do censo 1820, a população negra compunha apenas 4% da população da cidade. Nesses centros urbanos, principalmente nas cidades portuárias como Boston, os negros libertos, ou ex-escravos fugidos dos estados do Sul, em sua grande maioria, eram empregados em trabalhos sazonais, mal remunerados ou instáveis. Nesse sentido, Johnson (2007) ressalta que:

O racismo moderno – a noção de que os negros eram uma ordem separada e irremediavelmente inferior da humanidade – emergiu dos desenvolvimentos no início do século XIX: a independência nacional e a nova distinção crucial entre os americanos que eram cidadãos e aqueles que não eram, a reafirmação da escravidão no Sul e a criação do que seria chamado de ‘trabalho livre’ no Norte. Brancos que enfrentaram vidas de trabalho assalariado e dependência lutando para fazer dignidade e auto-respeito fora dessa situação. Ao mesmo tempo, os escravos libertos entraram no fundo do que foi recém-definido como sociedade de ‘trabalho e

¹³² Massachusetts, 1705; Delaware, 1807; Indiana, 1817; Maine, 1821; Tennessee, 1822; Illinois, 1829; Carolina do Norte, 1830; Florida, 1832; Minnesota, 1849-50; California, 1850; Kansas, 1855; Washington Territory, 1855; Novo México, 1859.

tentaram fazer o mesmo. Com muita ajuda dos ricos e poderosos, os brancos conseguiram tirar a democracia dos escombros da velha república patriarcal. No processo, eles definiram os não brancos como constitucionalmente incapazes de autodisciplina, independência pessoal e participação política (JOHNSON, 2007, p. 126).¹³³

Portanto, os homens negros empregados nas cidades trabalhavam, em sua maioria, como mão-de-obra não especializada: como carregadores em hospedarias, no cais dos portos e como estivadores, responsáveis estritamente por organizar as cargas nos navios. Além disso, eram empregados como mordomos e cocheiros pelas famílias abastadas ou, em último caso, trabalhavam para si, quando possuíam cavalos e carruagem.

Havia, nas cidades portuárias, uma quantidade substancial de marinheiros imigrantes europeus, negros e brancos mais pobres nascidos nos Estados Unidos, muitos, inclusive, eram moradores de West Boston, como ressalta o missionário James Davis em seu relatório da Sociedade Feminina de Boston (...) em 1818: “Os marinheiros são numerosos e, em certo sentido, uma classe importante de pessoas”¹³⁴ (COHEN, 1997, p.174). Entretanto, como se tratava de um trabalho sazonal, uma vez que dependia das épocas de monções e dos embarques, o emprego como marinheiro não garantia renda fixa, o que levava à procura por outros empregos ou ao desemprego, em épocas em que os navios ficavam atracados.

Quando autônomos, segundo Johnson (2007), trabalhavam muitas vezes como vendedores ambulantes – em Nova York, cidade portuária propícia à pesca, dominavam o comércio de ostras, também vendiam peixes e outros frutos do mar. Em muitas outras cidades, vendiam milho quente e leiteiro - espécie de resíduo da manteiga, ou creme de leite - tanto nos bairros, quanto nas regiões centrais e ruas do porto e alguns também possuíam pequenos estabelecimentos, onde comercializavam comida e bebida.

Além disso, como anteriormente ressaltado nos relatórios da Sociedade, o comércio de roupas roubadas era bastante comum nas áreas mais pobres de Boston e, conforme alegavam os missionários, praticados por pessoas “de cor”. Ao longo do século XIX, as vestimentas se tornaram bens de consumo cada vez mais sofisticados, cujo valor restringia o uso à elite e aos

¹³³Tradução livre do original em inglês: “Modern racism - the notion that blacks were a separate and hopelessly inferior order of humankind - emerged from developments in the early nineteenth century: national independence and the crucial new distinction between Americans who are citizens and those who were not, the recommitment to slavery in the South, the making of what would be called 'free labor' in the North. Whites who faced lifetimes of wage labor and dependence struggles to make dignity and self-respect out of that situation. At the same time, freed slaves entered the bottom of newly defined 'free labor' society and tried to do the same. With plenty of help from the wealthy and powerful, whites succeeded in making democracy out of the rubble of the old patriarchal republic. In the process, they defined nonwhites as constitutionally incapable of self-discipline, personal independence, and political participation”.

¹³⁴Tradução livre do original em inglês: “The sailors are numerous, and in some sense an important class of people”.

segmentos médios, e que, ao mesmo tempo, eram visualmente díspares das vestimentas de algodão cru comercializadas para a classe trabalhadora. Nesse sentido, o uso, a compra e venda e, principalmente, a penhora de roupas roubadas, poderia significar, para além de um comércio ilícito e moralmente reprovável pelos missionários, que aquele bem de consumo adquiriu, ao longo do século XIX, um *status* distintivo. Dessa forma, penhorava-se e comercializava-se um item que possuía valor tangível dentro da sociedade, um item que demonstrava um gosto de classe e um estilo de vida da classe média e elite (BOURDIEU, 2006, p. 240-241).

Além de comerciantes, a população afro-americana de Boston também trabalhava com música. Em 1818, no mesmo relatório em que mencionou a grande quantidade de marinheiros em West Boston, o missionário James Davis registrou a conversa que havia tido com um músico negro que trabalhava nas ruas na região:

Enquanto caminhava um dia, encontrei um homem de cor com seu violino. Perguntei-lhe se não era melhor deixar isso de lado e atender às preocupações de sua alma. Ele respondeu: ‘essa é a forma que eu tenho para me sustentar’. Eu insisti na importância de um interesse em Cristo, de estar preparado para morrer. E ele disse: ‘Tenho sido encorajado por muitos anos em meu emprego, tanto por ministros quanto por qualquer outra classe de pessoas. Eles enviaram seus filhos a escolas de dança e bailes, eles próprios participaram’. Ele parecia protegido contra a convicção e estava disposto a justificar-se com base no semblante que recebera daqueles que são considerados sábios e bons, como guias espirituais (COHEN, 1997, p. 174).¹³⁵

Muitos também trabalhavam em ofícios especializados, aprendidos nas comunidades ou passados de pai para filho, como barbeiros e sapateiros. Já as mulheres, por sua vez, eram empregadas, em sua grande maioria, como lavadeiras, cozinheiras e no trabalho doméstico de famílias mais abastadas e também no comércio de bebidas.

Da década de 1820 em diante, no entanto, as relações de trabalho e o racismo passaram a ter contornos mais delimitados dentro da sociedade empreendedora e democrática do Norte: algumas ocupações menos qualificadas e com menor remuneração passaram a ser ocupadas por trabalhadores negros; e o tratamento dado a esses trabalhadores tendia a ser mais violento do que o dado aos brancos, principalmente quando se tratavam de marinheiros. Já na década de 1830, as ocupações mais especializadas eram majoritariamente ocupadas por brancos, principalmente no crescente setor fabril e, quanto menos especializadas e vinculadas

¹³⁵Tradução livre do original em inglês: “As I was walking one day, I met a colored man with his violin. I asked him, if he had not better lay aside that, and attend to the concerns of his soul? He replied, “this is the way I have to get my living.” I urged the importance of an interest in Christ, of being prepared to die: said he, “I have been encouraged for many years in my employ, as much by ministers as any class of people. They have sent their children to dancing schools and balls, and have themselves attended.” He appeared shielded against conviction and disposed to justify himself on the ground of the countenance he had received from those who are reputed wise and good, as spiritual guides”.

à dependência pessoal fossem as tarefas, mais eram taxadas como ocupações de “pessoas de cor” (JOHNSON, 2007, p. 129).

Não somente nas relações de trabalho os espaços de diferenciação e segregação passaram a operar: em 1794 na Filadélfia, os pastores Richard Allen e Abasalon Jones fundaram a Igreja Episcopal Metodista Africana justamente por conta da segregação sofrida nas igrejas de maioria branca que defendiam que os fiéis negros apenas poderiam acomodar-se nos assentos do fundo da igreja.

Muito por conta da retórica da possibilidade democrática protestante, em 1816 40% dos negros da Filadélfia filiaram-se a essa vertente que ganhava cada vez mais contorno nacional nas décadas seguintes, juntamente a outras associações e sociedades de ajuda mútua contra a escravidão e segregação, muitas delas capitaneadas por afro-americanos com fundos de seus investimentos. Nesse sentido, ao longo dos mil e oitocentos:

Não apenas seus nomes e atividades, mas também sua presença como edifícios de propriedade negras cheias de ex-escravos respeitáveis chamaram a atenção de seus vizinhos brancos e negros. Foi a partir dessa matriz de negócios e instituições que os abolicionistas negros – David Walker em Boston, Frederick Douglass em New Bedford e Rochester, a itinerante Sojourner Truth e muitos outros – emergiram para exigir a abolição da escravidão e direitos iguais para os cidadãos negros (JOHNSON, 2007, p. 128).¹³⁶

De forma geral, os espaços públicos no século XIX se tornaram cada vez mais espaços para brancos. Muitas manifestações como, por exemplo, as celebrações sobre o aniversário da emancipação no Norte ou comemorações sobre a independência do Haiti e, principalmente, o Dia da Eleição Negra (*Negro Election Day*), festividade que consistia na escolha de um governador negro e de alguns oficiais que presidiriam as festividades durante quatro ou cinco dias, eram voltadas à cultura negra e geralmente ocorriam em bairros de maioria negra, mas contavam também, com a participação de brancos, principalmente nos bairros de periferia. Tais manifestações eram frequentemente atacadas ao longo das décadas de 1800 e 1830, não apenas em Boston, mas em diversas cidades do Norte em que a tradição se enraizara.

Em Boston, o Dia da Eleição Negra costumava ser comemorado na *Boston Common*, parque de uso público próximo a West Boston e ao *Beacon Hill*, geralmente frequentado pela população dos arredores. Em 1808, no entanto, a região se tornou palco de tumulto racial, de

¹³⁶Tradução livre do original em inglês: “Not only their names and activities but their presence as black-owned buildings filled with respectable former slaves caught the attention of their white and black neighbors. It was from this matrix of black business and institutions that black abolitionists – David Walker in Boston, Frederick Douglass in New Bedford and Rochester, the itinerant Sojourner Truth, and many others – would emerge to demand abolitions of slavery and equal rights for black citizens”.

acordo com Lydia Maria Child, escritora e abolicionista, em meio à festança, alguns meninos brancos apareceram para ridicularizar a comemoração:

Cerca de três horas da tarde, um grito de uma briga em seu início nos alcançou. Logo se aterrorizaram crianças e mulheres que saíram da *Belknap Street* perseguidas por garotos brancos, que desfrutavam de seu medo (...). Centenas de seres humanos, brancos e negros, estavam correndo pela rua, os negros fazendo apenas uma fraca resistência, sendo as probabilidades, em número e espírito, contra eles (CHILD, *Apud* TAGER, 2001, p 86).¹³⁷

Segundo Jack Tager (2001), o Dia da Eleição Negra era considerado um dia de “reversão de status” em que, sem o temor dos ataques, a população negra poderia celebrar um feriado comemorativo que lhes representasse. Entretanto, com os conflitos, os brancos da classe trabalhadora mais pobre buscaram afirmar uma espécie de superioridade, enfatizando uma posição subalterna da população negra naquela comunidade “expulsando-os simbolicamente de um lugar importante de recreação pública” (TAGER, 2001, p. 87).¹³⁸

Os conflitos pelo espaço da Common de Boston não eram incomuns no século XIX. Em 1814, os Federalistas de Boston comemoravam o dia da Queda de Napoleão, em referência ao fim dos conflitos europeus que respingaram nos Estados Unidos durante a guerra de 1812. Para tanto, decidiram iluminar a Casa do Estado no *Common*. Em contraposição aos Federalistas, um grupo de Republicanos decidiu derrubar o prédio. Anos depois, segundo Tager (2001), um jovem escreveu:

Nós estávamos do lado de Bonaparte, veja você - quero dizer, nós, rapazes de Boston, os norte-americanos e os sulistas, e decidimos destruir qualquer coisa; mas havíamos decidido destruir a Casa do Estado, como já dissemos. Nós fomos ao Common, mas não derrubamos nada; mas nós perseguimos todos os crioulos do Common, como costumávamos fazer em ocasiões de aglomeração, exceto no que foi chamado de Election “*nigger*”, que eu não sabia que o significado disso permanecia inalterado no Boston Common (TAGER, 2001, p. 87).¹³⁹

Contudo, como ressalta Tager (2001), os tumultos raciais ocorridos em Boston foram espaçados ao longo do século XIX, diferentemente dos tumultos raciais na Filadélfia, que

¹³⁷Tradução livre do original em inglês: “About three o’clock in the afternoon, a shout of a beginning fray reached us. Soon terrified children and women ran down Belknap Street pursued by white boys, who enjoyed their fright (...) Hundreds of human beings, white and blacks, were pouring down the street, the blacks making but feeble resistance, the odds in numbers and spirit being against them”.

¹³⁸Tradução livre do original em inglês: “(...) by symbolically expelling them from a major place of public recreation”.

¹³⁹ Tradução livre do original em inglês: “We were on the side of Bonaparte, you see – I mean we Boston boys North-enders and South-enders, and we had made up our minds to tear down the State-house as aforesaid. We went to the Common, but didn’t tear down any thing at all; but we chased all the niggers off the Common, as we had usually done on occasions of gathering, except on what was termed ‘nigger’ lection’, which I don’t know the meaning of to this day. I only know on *that* day the colored people were permitted to remain unmolested on Boston Common”.

perduraram por mais tempo e foram mais intensos. Apesar de ter duas regiões com presença negra bastante demarcada (a despeito de não chegar a ser a metade da população dos dois bairros West Boston e North End, respectivamente, as regiões Oeste e Norte de Boston), a cidade não continha uma população superior a metade (TAGER, 2001, p. 87)

Quando as festividades se tornavam violentas as autoridades respondiam, não de forma a garantir e assegurar as comemorações, mas alteravam sua data para épocas mais frias do ano, ocasiões em que o engajamento seria menor ou, em sua grande maioria, proibiam que acontecessem. Conforme indica Johnson (2007):

Os brancos mais respeitáveis e poderosos há muito se preocupavam com a classe média mestiça das cidades e vilas. Agora, como a desordem que eles esperavam das classes inferiores tomava a forma de tumultos raciais, as autoridades responderam. Mas em vez de proteger os empregos, igrejas, escolas, empresas, amigos e direitos políticos dos afro-americanos do ataque criminoso, eles decidiram parar o problema removendo os negros – dos empregos, das festividades públicas, da sua cidadania já limitada e, em última análise, dos Estados Unidos (JOHNSON, 2007, p. 13).¹⁴⁰

Como a legislação nos estados, em sua grande maioria, garantia a exclusão da cidadania pelo o voto que era censitário – excluindo não apenas em termos de raça, mas também de renda e gênero –, a população negra, branca mais pobre e mulheres sem a figura provedora masculina, teriam de ser tutelados de alguma forma. Nos bairros precarizados, na falta da tutela do poder municipal, policial e, também religiosa – no caso dos missionários que, como apontam os relatórios da Boston Female Society, mal podiam prestar auxílios a algumas pessoas – essa tutela era exercida pela população enfurecida.

Além dos tumultos nas festividades, havia também, fruto do mesmo racismo, revoltas e ataques contra moradias e bairros de maioria negra. Em 1829, em Cincinnati, uma turba atacou e destruiu estabelecimentos e casas de pessoas negras que, após o ataque, fugiram da cidade para o território do Canadá e algumas, paradoxalmente, para o ainda escravista Kentucky.

Em 1834 na Filadélfia, um tumulto tomou conta da festa de Carnaval e acabou por tornar-se uma grande briga entre indivíduos da classe trabalhadora branca e afro-americana. Nas noites que se seguiram ao tumulto, casas, estabelecimentos como tavernas, pequenos comércios e inclusive igrejas, como a *African Presbiteriam Church* e, a igreja da Rua

¹⁴⁰Tradução livre do original em inglês: “The more respectable and powerful whites had long been worried about the mixed-race underclass of the cities and towns. Now, as the disorder that they expected of the lower orders took the form of race riots, the authorities responded. But rather than protect the jobs, churches, schools, businesses, friends and political rights of African Americans from criminal attack, they determined to stop the trouble by removing black people – from criminal attack, they determined to stop the trouble by removing black people – from employment, from public festivities, from their already-limited citizenship, and, ultimately, from the United States”.

Wharton, cujos fiéis, em sua vasta maioria, eram negros, foram atacadas e destruídas por revanche ao tumulto ocorrido no Carnaval (JOHNSON, 2007, p. 128).

No mesmo ano, em Nova York, um gerente de teatro conseguiu parar uma iminente revolta erguendo bandeiras Norte-Americanas e pedindo a um ator americano que entoasse menestréis populares para a turba, que havia se reunido contra uma possível reunião abolicionista que aconteceria no local, e que acabou por se revoltar contra o ator britânico que se apresentava.

Em sua grande maioria, a turba que se revoltava contra a população negra era composta por pessoas da classe trabalhadora mais pobre, geralmente da vizinhança ou de bairros próximos à população negra atacada, como era, também, o caso das revoltas contra bordéis, tratadas no subcapítulo anterior. Segundo Johnson (2007), “a democracia e as aspirações da classe trabalhadora, ao que parece, estavam aliadas ao racismo” (JOHNSON, 2007, p. 130).¹⁴¹

A partir da crença generalizada de que os Estados Unidos nunca seria “uma democracia racialmente integrada”, ainda em 1816, nas primeiras décadas de emancipação nos estados do Norte, a Sociedade Americana de Colonização, composta por políticos proeminentes do período como Andrew Jackson, Henry Clay e John Taylor dentre outros políticos do Oeste e Sul mais próximo ao Norte, propunham que os negros fossem reenviados à África:

Os membros da sociedade não viam a escravidão como o problema. Assim como os manifestantes brancos dos tumultos, eles viam como problema a liberdade negra. Os afro-americanos, segundo eles, continuariam a sofrer preconceitos dos brancos e de suas próprias deficiências enquanto permanecessem nos Estados Unidos. Exerceriam liberdade e aprenderiam formas cristãs e republicanas somente se exportadas para a Libéria, na costa oeste da África. Alguns negros aceitaram a oferta. Mas a maioria recusou, insistindo que a *colonização* não era uma oferta de liberdade, mas uma tentativa de arrebatar cidadãos nativos que não eram brancos e os fazer desaparecer. A Sociedade frequentemente denuncia a violência branca contra os negros livres. No entanto, com a mesma frequência, culpavam a “degradação” dos negros como a raiz do problema (JOHNSON, 2007, p. 131-132).¹⁴²

¹⁴¹Tradução livre do original em inglês: “a Democracy and working-class aspirations, it seemed, were in league with racism”.

¹⁴²Tradução livre do original em inglês: “The Colonizationists did not see slavery as the problem. Like white rioters, they saw the problem as black freedom. African Americans, they said, would continue to suffer from white prejudice and their own deficiencies as long as they stayed in the United States. They would exercise freedom and learn Christian and republican ways only if exported to Liberia, on the west coast of Africa. A few blacks took them up on the offer. But most adamantly refused, insisting that colonization was not an offer of freedom but an attempt to round up native-born citizens who were not white and make them disappear. Colonization’s frequently denounced white violence against free blacks. Just as often, however, they blamed the ‘degradation’ of blacks as the root of the problem. Colonization remained the principal doctrine of white

Em 1818, o missionário James Davis relatava algo semelhante, sobre a necessidade de se olhar a população negra como necessitada de caridade e, portanto, de tutela, devido à escravidão a que foram submetidos. Ao citar uma escola na vizinhança de North End, o missionário revela:

Entre os projetos mais promissores da missão está o estabelecimento de encontros religiosos e uma escola em um bairro de pessoas de cor na parte norte da cidade. Lá, a ignorância e o vício reinaram, e o temor pelos males acompanha-os de perto. Desde esses esforços, houve uma alteração manifesta para melhor, e uma mulher foi esperançosamente convertida. Deve ser lembrado que este povo infeliz foi introduzido em nosso país pela cruel mão da avareza e da barbárie; e se houver uma raça de seres humanos, que têm o direito de exigir nossa caridade, ao lado dos descendentes de Abraão, estes devem ter uma reivindicação (DAVIS, *In*: COHEN, 1997, p. 170).¹⁴³

Nesse sentido, assim como as mulheres pobres, os negros eram enxergados de forma dual: ou como “objetos” de piedade, cuja escravidão legara infortúnios e a necessidade de tutela do estado ou da religião; ou, como “objetos” deflagradores de indolência, cuja compleição voltada ao vício levava à prática de crimes. Assim, ao longo do século XIX, a população negra de Boston, em sua grande maioria, viu-se segregada em bairros precários e de carestia, demonstrando, portanto, que os padrões de democracia e da cultura média, branca, protestante e nortista, também imprimiam racismo e segregação à população afro-americana.

respectables – in a chronological line running from Henry Clay to Abraham Lincoln – north of the Lower South until the end of slavery”.

¹⁴³Tradução livre do original em inglês: “Among the most promising projects of the mission is the establishment of religious meetings, and a school in a neighborhood of coloured people at the north part of the town. Their ignorance and vice reigned, and their dread retinue of evils has closely followed them. Since these exertions, there has been a manifest alteration for the better, and one woman has been hopefully converted. It should be remembered that this unfortunate people were introduced into our country by the cruel hand of avarice and barbarity; and if there be a race of human beings, which have a right to demand our charity, next to the descendants of Abraham, these must have a claim”.

Capítulo 3

Âncora na República: Corpo Social e os temas Nação

Como visto no capítulo anterior, tanto os relatórios da Boston Female Society for Missionary Purposes, o Report of the Committee of the subject of pauperism (...), quanto o romance *The Female Marine*, cada qual com sua especificidade, linguagem própria e foco de abordagem, traziam classificações e impressões sobre a população mais pobre da cidade Boston, que demarcavam, genericamente, formas similares de se enxergar o pauperismo, as mulheres e os afro-americanos. Em todas essas documentações, dois eixos descritivos predominam: um positivo e com possibilidade de recuperação, ligado aos “caminhos da virtude” e da piedade, e outro negativo, ligado ao vício e à indolência. Não sem razão, virtude e seu oposto, o vício, eram não apenas uma característica descritiva de relatos religiosos, administrativos e de romances do século XIX de Boston, mas da República como um todo.

Nesse sentido, em um primeiro momento, o presente capítulo irá abordar como o romance *The Female Marine* contribuiu, em certa medida, para demonstrar e, dessa forma, consolidar uma noção de virtude republicana que se diferenciava quando direcionada ao feminino e ao masculino e que, no curto período de fins do século XVIII (já na independente República) até as primeiras três décadas do século XIX, modificou-se quando relacionada ao gênero. Uma modificação que esteve presente também no romance e principalmente nos relatórios religiosos da Sociedade Missionária.

Além disso, o capítulo também irá abordar como o romance buscou erigir e moldar símbolos nacionais e regionais que não apenas interligaram o romance a sua localidade de publicação, mas também fizeram dessa localidade parte pertencente à jovem República, principalmente no que se refere aos estados do Norte que nos conflitos de 1812 se organizaram como oposição política.

3.1 A Virtude Republicana e seus desdobramentos em *The Female Marine*

Os trabalhos que versam sobre a formação da República nos Estados Unidos e seus ideais, tais como o de Gordon Woods *“The Creation of the American Republic 1776-1789”* (1969) e Bernard Bailyn *As origens ideológicas da Revolução Americana* (1967), concordam que um dos princípios fundamentais sobre os quais a República se baseava e inicialmente se mantinha era o de virtude, justamente por este se constituir como fundamento filosófico da

tradição intelectual sobre o regime que, nos Estados Unidos, era retomada pelos fundadores por meio da revisão das tradições gregas (principalmente o conceito de virtude Aristotélica), romanas, cristãs, britânicas e europeias.

Como aponta Gordon Woods, a República era um regime delicado justamente por que exigia, mais do que qualquer outro, o caráter moral extraordinário de seus cidadãos, a fim de que o domínio popular fosse preservado e que, ao mesmo tempo, o regime não se desintegrasse em facções contrárias ou pela tirania majoritária. Dessa forma, o “amor à república” ensinado por Montesquieu, deveria partir da virtude republicana, que erradicaria o egoísmo próprio ao ser humano e impediria que seus representantes se dividissem e/ou lutassem por interesses próprios (AGRESTO, 1977, p. 474).

Nesse aspecto, sobre a vigilância e liberdade de escolha, tanto os representantes quanto os de cidadãos deveriam cultivar autodisciplina e caráter moral capazes de restringir seus próprios desejos e interesses pessoais em prol do bem comum, sem o qual “nenhuma república poderia evitar o espetáculo dos cidadãos ‘devorando-se como animais de rapina’” (*Idem*, p. 475).

Contudo, a despeito de os fundadores centralizarem a necessidade da concepção de virtude para a vida republicana, também manifestavam insegurança por dela depender o regime, justamente porque falhas pela corrupção, como expressou John Adams, ou pelos vícios, como expressou Sam Adams, não eram impossíveis às condutas dos cidadãos (*Idem*, p. 477).

Portanto, tanto o vício quanto a impossibilidade do exercício da virtude foram objetos de atenção de legisladores e da sociedade estadunidense nos primeiros anos da República. Na busca por contê-los, muitos estados seguiram o modelo da Declaração de Direitos da Virgínia, que estipulava uma “firme adesão à justiça, moderação, temperança, sobriedade e virtude”. Em 1780, foi a vez do estado de Massachusetts, em sua legislação, expor de maneira contundente, os meios para espalhar a virtude: incentivar a criação de sociedades religiosas protestantes, como foi o caso da Boston Female Society for Missionary Purposes na cidade de Boston e de tantas outras no mesmo estado.

Dessa forma, a legislação buscava meios de tornar palpável a inculcação de princípios como “humanidade e benevolência geral, caridade pública e privada, indústria, sobriedade,

honestidade e todos os afetos sociais e sentimentos generosos entre o povo”, por meio da “piedade, religião e moralidade”.¹⁴⁴

Tais prescrições não foram apenas constitucionais e religiosas, mas se fizeram presentes também na educação republicana, aquela considerada moralmente adequada a todos os jovens de ambos os sexos. Nesse aspecto, como citado nos capítulos anteriores, os romances de sedução e abandono também tiveram importante papel pedagógico-moralizante, pois traziam em seu enredo as consequências do que se consideravam como comportamentos que buscavam satisfação imediata individual em detrimento do que era considerado moralmente adequado pelos familiares e pela sociedade em que o romance se passava, tendo como consequência desfechos trágicos ou mesmo, como ocorrem em *The Female Marine*, uma queda em um local de “vício”, “dissipação” e “devassidão” – vocabulários comuns para descrever West Boston no romance.

É interessante de se notar que esse direcionamento pedagógico é bastante claro não apenas nos desenvolvimentos narrativos do romance - que por meio de um relato em primeira pessoa reporta diretamente aos leitores os acontecimentos da vida da protagonista e suas consequências - mas, principalmente, pelo título conferido a seu terceiro desdobramento narrativo *An Awful Beacon to the Rising Generation of Both Sexes by Mrs. Lucy West*, que indica que o panfleto se colocava na posição de guia para a jovem geração de ambos os sexos, para que pudessem, como indicava sua epígrafe final, “aprender o bem pelo prejuízo alheio”.¹⁴⁵

Voltando à questão da virtude republicana, já nos debates iniciais do pós-revolução, a sua efetivação, principalmente quando colocada sob a ótica do interesse privado em detrimento do bem comum, trazia preocupações para alguns dos fundadores. Dentre eles, principalmente Thomas Jefferson, que via na expansão crescente da industrialização, comércio e consumo, pontos negativos para a manutenção do interesse comum.

Nos anos posteriores à independência, esse florescimento industrial se expandiu consideravelmente, como expressou Benjamin Franklin em 1789: “o consumo de bens nunca havia sido maior, como aparece nas roupas, móveis e maneiras de viver de todas as categorias do povo” (JEFFERSON, 1789, *Apud* AGRESTO, 1977, p. 482) e, na visão de Jefferson, o interesse privado parecia substituir a virtude republicana.

¹⁴⁴ Constituição de Massachusetts. Disponível em: <<http://www.nhinet.org/ccs/docs/ma-1780.htm>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2020, às 18h04min.

¹⁴⁵ Referência da epígrafe da página de título da terceira sequência de *The Female Marine*. Original em inglês: “Learn to do well by the others harm, and you will do full well”.

É interessante notar o quanto os ideais de Jefferson, de incentivo à economia rural e recusa à industrialização, tendo em vista evitar a temida sociedade de classes Inglesa, o tornaram, conforme ironicamente expressa Agresto (1977), “o profeta do perigo”. Assim como Montesquieu, Jefferson via na agricultura a principal forma de expressar a virtude e o amor à pátria, pois, cultivando a terra, os cidadãos cultivariam a indústria - *industry*, compreendida como esforço -, por meio do trabalho árduo e dedicação, produzindo uma vida de poucos luxos.

Contudo, os ideais de Jefferson não foram suficientes para sustentar um governo baseado unicamente na agricultura, que da mesma forma, aos poucos também se modificava, não apenas pelas novas formas de comércio do que era produzido, mas também pela implementação de novas relações de trabalho e de novas ferramentas.

A inevitabilidade do desenvolvimento comercial e o desejo dessa expansão por parte dos estadunidenses, principalmente daqueles vinculados às áreas do porto e às cidades, fizeram com que teoria e prática sobre ser parte de um governo republicano fossem revisadas.

Nesse sentido, a Declaração de Independência e os debates dos Fundadores que se seguiram enfatizavam, influenciados por Locke, a necessidade de um autogoverno popular, mas não apenas isso, um autogoverno que preservasse a liberdade dos cidadãos, a base de um regime justo. Assim, dentro da própria tradição republicana, como Roma e Esparta, a questão da virtude pública se fundamentava em uma restrição de direitos em favor de uma sociedade organizada e militarizada, o que, no entanto, não correspondia aos intentos da República Norte-Americana.

Ao longo dos anos, o fortalecimento da economia de mercado contribuiu de sobremaneira para que o debate sobre a liberdade e virtude se acirrasse, sobretudo, por uma mudança significativa nas relações de trabalho. Na agricultura, por exemplo, preconizada por Jefferson nos anos de 1780, o trabalho de colheita passou a ser mais intenso e executado pela mão-de-obra masculina, o que foi evidenciado pelo uso de novas ferramentas de cultivo: as foices de cabo longo, projetadas para o trabalho mais rápido e intenso foi pensada para o uso masculino e substituiu as de cabo curto, comumente utilizadas pelas mulheres nas colheitas.

Além da foice, o arado, ferramenta mais pesada e com efeito maior sobre a terra, também figurou entre as mudanças “(...) não só porque os arados funcionavam melhor, mas porque os americanos rurais tinham desenvolvido um preconceito contra as mulheres que trabalhavam nos campos, e os arados eram ferramentas masculinas” (JOHNSON, 2007,

p.58).¹⁴⁶ Até mesmo o ex-presidente Thomas Jefferson, entusiasta da economia rural, em visita à França, criticou duramente comunidades camponesas que utilizavam trabalho feminino nos campos.

Conjuntamente ao ritmo e intensidade do trabalho para produção e comercialização em larga escala no campo, a intensificação do trabalho doméstico, trazendo consigo modificações nas ferramentas da economia doméstica, também contribuíram, de forma ambígua, para tornar esse trabalho ao mesmo tempo mais rebuscado.

Nos primeiros anos da independente República, havia no estado de Massachusetts, entre os anos de 1790 e 1810, uma pequena indústria de forjas que disponibilizava no mercado fornos de ferro fundido, martelos e moinhos de laminagem e corte (BROWN; TAGER, 2000, p.115), que logo foram incorporados ao ambiente doméstico das famílias mais abastadas e de segmentos médios.

Tais utensílios, além de modificarem as ferramentas de trabalho doméstico, também influenciaram diretamente na dieta desses segmentos de classe. O pão, que continuava, junto à carne salgada, a ser a base da alimentação republicana, antes do avanço dos moinhos e da venda de farinha refinada, era comumente feito com centeio ou trigo grosso e *Injun*, farinha de milho indígena que tinha como característica a cor escura e uma “crosta tão espessa que era usada como colher para sopas e ensopados” (JOHNSON, 2007, p. 58).¹⁴⁷

Aos poucos, com o avanço dos moinhos e das mercearias para a venda, a farinha de *Injun* foi substituída pela farinha branca, que aumentou a demanda por alimentos mais rebuscados como bolos e principalmente tortas, dentre outros, que exigiam fornos, tempo de preparo e ingredientes mais processados. Além disso, o trabalho doméstico, que, no século XVIII, incluía além do asseio da casa, alimentação familiar e manutenção de hortas e venda de seus excedentes, passou, ao longo das décadas seguintes ao ano de 1810, a se separar do restante das atividades que compreendiam o trabalho doméstico.

Quando o excedente da produção dessas hortas, derivados lácteos e ovos se tornaram rentáveis, o trabalho nos arredores da casa passou a ser enxergado como um trabalho masculino, uma vez que, no século XIX, o trabalho rentável era considerado apenas masculino, em contraposição ao trabalho feminino não remunerado.

Segundo Johnson (2007): “até mesmo as tarefas tradicionais de mulheres, como tirar o leite, cuidar da horta e a criação de aves, tornaram-se trabalho para homens quando se

¹⁴⁶Tradução livre do original em inglês: “(...) not only because ploughs worked better but because rural Americans had developed a prejudice against women working in the fields, and ploughs were male tools”.

¹⁴⁷Tradução livre do original em inglês: “with crust so thick that it was used as a scoop for soups and stews”.

transformaram em especialidades produtoras de dinheiro” (JOHNSON, 2007, p.74).¹⁴⁸ Contudo, nas famílias rurais menos abastadas, essa divisão sexual entre trabalhos provedores de renda e domésticos era menos latente.

Ao mesmo tempo em que essa noção rentável se acentuava como um trabalho próprio do gênero masculino nos segmentos rurais médios, as funções de chefe de família e de provedor da renda familiar eram centralizadas, cada vez mais, na figura masculina, enquanto que outros tipos de trabalho doméstico não remunerados foram sendo centralizados na figura feminina:

(...) a cultura começou a exigir formas de educação infantil mais intensivas, individualizadas e centradas na mãe. (...). E embora as mulheres das fazendas não tecessem e costurassem mais seu próprio tecido, a disponibilidade de panos fabricados criava a expectativa de que suas famílias se vestissem mais asseadamente e com maior variedade do que no passado – ao custo de muito mais tempo gasto por mulheres em pendurar, lavar e passar. Expectativas semelhantes exigiam maior limpeza e gosto pessoal e doméstico, e as mulheres da fazenda gastavam tempo plantando canteiros de flores, limpando e mantendo móveis, espelhos, tapetes e cerâmicas e limpando o chão e as crianças. O mercado e o trabalho doméstico cresceram de mãos dadas: entre as primeiras *commodities* produzidas em massa nos Estados Unidos estava a vassoura doméstica (JOHNSON, 2007, p. 75).¹⁴⁹

Essa cultura de domesticidade que centralizava o trabalho doméstico como atribuição feminina e não remunerada criava, para além disso, noções de privacidade, decência, conforto e asseio no ambiente familiar, que eram incomuns no período colonial. Os locais de cozimento dos alimentos junto aos fogões de ferro, por exemplo, foram separados do resto da sala e os fornos à lenha declinaram nas cozinhas dos segmentos médios e abastados. Também os dormitórios, antes juntos à lareira central da casa, passaram a ter cômodos separados para o casal e para os filhos e, além disso, o uso de bacias para lavatório e penicos nos quartos se tornaram comuns.

Ademais, alguns costumes também foram modificados pelo novo senso de decoro e refinamento dos segmentos médios. Conforme aponta Johnson (2007), a prática de mastigar e

¹⁴⁸Tradução livre do original em inglês: “Even such traditional women’s tasks as dairying, vegetable gardening, and poultry raising became men’s work once they became cash-producing specialties”.

¹⁴⁹Tradução livre do original em inglês: “At the same time, new kinds of women’s work emerged within households. Though there were fewer children to care for, the culture began to demand forms of child-rearing that were more intensive, individualized, and mother-centered (...) And while farm women no longer spun and wove their own cloth, the availability of manufactured cloth created the expectation that their families would dress more neatly and with greater variety than they had in the past – at the cost of far more time spent by women on swing, washing, and ironing. Similar expectations demanded greater personal and domestic cleanliness and taste, and farm women spent time planting flower beds, cleaning and maintaining prized furniture, mirrors, rugs, and ceramics, and scrubbing floors and children. The market and housework grew hand in hand: among the first mass-produced commodities in the United States was the household broom”.

cuspir tabaco foi banida de reuniões públicas e a entrada de cães também passou a ser evitada nas igrejas.

O novo senso de compostura se estendeu ainda, aos negócios rurais, quando o costume de trocar produtos ou alugar a mão-de-obra para cobrir dívidas na vizinhança caiu em desuso e os pagamentos passaram a ser cada vez mais cobrados em dinheiro. Os festivais rurais como *huskingbees*¹⁵⁰ e *barn raisings*¹⁵¹ caíram em desuso e comumente eram atividades vistas como moralmente suspeitas ou uma perda de tempo.

Segundo Johnson, o “Almanaque do fazendeiro de 1833 avisava os fazendeiros de Nova Inglaterra: ‘Se você gosta de diversão, brincadeira, desperdício e desmazelo mais do que economia e lucro, então faça *husking*’ (JOHNSON, 2007, p. 76).¹⁵² Na década de 1830, a maioria dos fazendeiros vendia os produtos de suas fazendas nas redes comerciais da vizinhança e mercearias e, com os lucros das vendas, compravam mobílias estofadas, cortinas e outros tipos de facilidades que o mercado dispunha para o conforto familiar.

O aumento das manufaturas e indústrias de pequena monta, que não eram bem vistas por Jefferson, também representou uma importante modificação econômica no período. O estado de Rhode Island, um dos primeiros a incentivar o uso de um sistema mecanizado para a manufatura doméstica, proveu, ainda em fins do século XVIII, um complemento de renda significativo às famílias rurais da região em épocas de crise.

Contudo, com as grandes demandas por empregos, o crescimento desordenado em áreas como Pawtucket, um importante distrito manufatureiro no começo do século XIX, e a falta de planejamento urbano criaram, assim como em Nova York e em Boston, bairros de segregação e especialização que imprimiam as desigualdades sociais, de classe, gênero e raça no mapa das cidades.

No mesmo período, ao lado de Boston no distrito de Waltham em 1813, a *Boston Manufacturing Company* capitaneada por Francis Cabot Lowell, membro da elite empreendedora da cidade, construiu fábricas que se especializaram em todo o processo de produção, desde a fiação do algodão cru, até a produção e costura do tecido. As máquinas, fruto de espionagem da indústria inglesa assim como as manufaturas de Pawtucket, exigiam pouca mão-de-obra especializada, o que levou Cabot a recrutar para as fábricas jovens moças solteiras do Norte de Nova Inglaterra. Para essa mão-de-obra que ficaria “ociosa” nas áreas

¹⁵⁰ Reuniões festivas para se descascar milho, compartilhar refeições e jogos.

¹⁵¹ Construções de celeiros comunitários, geralmente com festividades no final da construção.

¹⁵² Tradução livre do original em inglês: “*The farmer’s Almanac de 1833* warned New England farmers, “If you love fun, frolic, and waste and slovenliness more than economy and profit, then make a husking”.

rurais, era fornecida moradia no distrito industrial, onde se impunha regras de trabalho e conduta bem definidas:

As moças trabalhavam regularmente, nunca bebiam, raramente ficavam fora até tarde e frequentavam a fielmente a igreja. Vestiam-se com bom gosto – muitas vezes com elegância – liam jornais e assistiam a palestras. Elas impressionavam os visitantes, especialmente aqueles que haviam visto trabalhadores de fábricas em outros lugares, como uma força de trabalho digna e respeitável (JOHNSON, 2007, p. 78-79).¹⁵³

O sistema de Lowell, como ficou posteriormente conhecido, com a fábrica ao lado das pensões, atendeu tanto as expectativas da *Boston Manufacturing Company* quanto as dos segmentos médios de empreendedores da República e, em certa medida, com a ausência de conflitos pela formação de classes sociais: mantinha-se uma indústria têxtil lucrativa sem a necessidade de uma classe trabalhadora permanente e, mais do que isso, utilizava-se uma mão-de-obra eficiente e sóbria.

Essa cultura de trabalho, conforme observa Johnson (2007), acabou por ser incorporada de tal forma que o decoro era fruto menos de uma imposição dos donos do que das próprias trabalhadoras, “para proteger suas próprias reputações, elas puniam o mau comportamento e evitavam colegas de trabalho cujo comportamento era questionável” (JOHNSON, 2007, p.79).¹⁵⁴ Após a estadia durante a temporada de trabalho, essas jovens voltavam à vida rural e as suas rendas eram encaminhadas à família ou, muitas vezes, utilizadas para seus próprios dotes ou na compra de amenidades, como roupas e livros para si.

Entretanto, a despeito de reforçarem uma moral orientada pelo decoro e reputação sóbria, as culturas de trabalho entre as mulheres acabaram por criar uma união entre as trabalhadoras, em detrimento de confirmar a posição paternalista dos empregadores e dos pais das jovens. Em 1830, as jovens saíram em greve “proclamando que não eram escravas assalariadas, mas ‘filhas de homens livres’” (*Idem*, 2007, p.79). Muitas delas, após o encerramento dos contratos, entraram na vida pública como reformadoras, casaram-se com advogados e tornaram-se moradoras das áreas urbanas e, aquelas que voltaram para as vilas rurais, permaneceram mais tempo solteiras do que suas irmãs.

Dessa forma, na década de 1820, com exceção do sistema planejado por Lowell, as cidades que mais concentravam população, tais como Nova York, Filadélfia e Boston,

¹⁵³Tradução livre do original em inglês: “The young women worked steadily, never drank, seldom stayed out late, and attended church faithfully. They dressed neatly – often stylishly – and read newspaper and attended lectures. They impressed visitors, particularly those who had seen factory workers in other places, as a dignified and self-respecting workforce”.

¹⁵⁴Tradução livre do original em inglês: “To protect their own reputations, they punished misbehavior and shunned fellow workers whose behavior was questionable”.

acabaram por consolidar, em certa medida, a temida sociedade que se centralizava no comércio e na manufatura. Em Boston, especificamente, a sociedade que se consolidou possuía contornos mais específicos do que as de Nova York e de Filadélfia, nas quais, a despeito da concentração de renda ser grande, fazia-se de forma profundamente desigual.

Em 1820 na cidade de Boston, os antigos mercadores e a elite empreendedora, que não descaíram no período da Guerra de 1812, prosperaram por meio de companhias de crédito, manufaturas, especulação imobiliária e bancos. Essa elite de homens de finanças, conhecida como Brâmanes de Boston era, em sua maioria, herdeira de donos de terras e empreendedores que se estabeleceram na cidade antes mesmo da República e que prosperavam nessas décadas principalmente pelos empreendimentos industriais de algodão e tecido, como é o caso de Lowell e Josiah Quincy.

Além dessa elite estabelecida na cidade, os novos segmentos médios que cresciam consideravelmente, adquiriam e comercializavam uma gama de novos bens de consumo e eram comumente empregados como atacadistas, varejistas, contadores e, sobretudo, advogados: uma franja burocrática emergente que cuidava dos investimentos da sociedade, comercializa nos portos e vendia bens de consumo para lojistas do interior que, por sua vez, revendiam aos fazendeiros, adotando assim uma lógica de consumo muito semelhante nas áreas rurais e urbanas.

Entre as décadas de 1820 e 1830, cabe ressaltar, as atividades de manufatura e varejo se tornaram ramos diferentes, apesar de interligadas. Os comerciantes e funcionários da burocracia trabalhavam em escritórios separados nas ruas comerciais do centro e nos portos. Em Boston, por exemplo, os contadores possuíam salas próprias separadas dos armazéns de carga e, também nesse período, que os grandes edifícios de varejo são inaugurados: na Filadélfia, o prédio de varejo de dois andares foi inaugurado em 1827 na Rua *Chesnut*; em Rochester no ano de 1828 o *Reynolds Arcade*, de dezoito andares, “proporcionava aos consumidores um espaço confortável para as compras” (JOHNSON, 2007, p. 80) e, em Boston, no ano de 1825, o *Quincy Market*, em homenagem ao prefeito empreendedor, despontava com sua arquitetura e imponência edificando o novo *ethos* consumidor dos segmentos médios.

Cabe ressaltar, no entanto, que a maioria dos sapatos, vassouras, chapéus, móveis e doces vendidos nesses grandes centros comerciais eram ainda feitos à mão. Os grandes mercadores e mestres artesãos contratavam cada vez mais mão-de-obra especializada e semi-especializada para compor a força de trabalho e o resultado era criação de uma classe de

trabalhadores que não eram vistos nesses centros comerciais, mas cujo produto de trabalho era consumido a partir de 1830, principalmente pelos segmentos médios.

A distinção entre segmentos médios e segmentos de classe trabalhadora não era meramente retórica nos primeiros trinta anos do século XIX nos Estados Unidos. Os comerciantes e trabalhadores da burocracia comercial orgulhavam-se de exercer tarefas não manuais e acreditavam que suas habilidades no mercado, gerenciadas por uma classe empreendedora em escritórios e centros comerciais separados, davam andamento à expansão comercial, enquanto os trabalhadores apenas executavam tarefas manuais.

Dessa forma, ao longo do desenvolvimento comercial a divisão entre mão-de-obra manual e especializada criou, para além de uma diferenciação no mercado de trabalho, uma cultura que demarcava critérios de etiqueta e boas maneiras de acordo com a ocupação exercida pelos trabalhadores. Nesse sentido, quanto mais especializada e afastada de tarefas manuais, mais próximos as ocupações estavam dos critérios de civilidade e boas maneiras e, por conseguinte, quanto mais força física e contato manual exigiam, mais próximas essas ocupações estavam dos padrões de incivilidade. Não à toa, a maioria dos trabalhos exercidos por moradores de bairros de segregação e especialização, como West Boston, eram trabalhos manuais e que muitas vezes exigiam força física, tais como estivadores, marinheiros, barbeiros, costureiras, lavadeiras, dentre outros.

Nesse sentido, as mudanças na economia comercial e doméstica estabeleceram padrões sociais semelhantes nas áreas rurais - a grande maioria do território da República - e nas áreas urbanas: concentrava-se na figura masculina o trabalho provedor e rentável e, na figura feminina, o trabalho doméstico não remunerado, o cuidado familiar cada vez mais exigente ou, para o caso de trabalhos remunerados, menores salários.

Essas transformações, em certa medida, faziam do interesse privado uma problemática para a virtude republicana que preconizava o bem comum e o interesse público em detrimento dos de indivíduos ou facções, buscando assim evitar a formação de uma sociedade desigual, o que, no entanto, não foi possível, como se verificou na formação dos bairros de segregação e especialização. Apesar de na teoria e na legislação, a questão sobre virtude e liberdade ser resolvida no ano de 1787, com a promulgação da Constituição, essas ideias continuaram a fazer parte de outras representações sobre a República nos anos posteriores.

Nesse sentido, é interessante de se notar como as questões de liberdade e virtude eram colocadas quando relacionadas à guerra. Na Guerra de Independência, como sublinha Agresto (1977), a união e a luta por autonomia nacional, mais do que qualquer outro evento, teve o

poder para acender e renovar o fervor da devoção patriótica nos homens e, conjuntamente ao estabelecimento de regimes republicanos nos estados, pode promover o cultivo desse auto sacrifício e do espírito público (AGRESTO, 1977, p. 484).

Na Guerra de 1812, no entanto, esse fervor patriótico, também representado em *The Female Marine*, igualmente se fez presente, mas com colorações mais específicas, justamente por esse ter sido um conflito gerador de sedição entre partidos políticos no período. Com isso, é interessante de se pensar os como se deram desdobramentos sobre liberdade individual e virtude na República a partir dos desdobramentos narrativos do romance *The Female Marine*.

Sobre esse aspecto, a questão da virtude e liberdade possuem no romance no mínimo três desdobramentos interessantes na narrativa. Primeiramente, em relação à protagonista Lucy, sua sedução, penitência em West Boston e reforma pessoal operada não apenas pela providência e arrependimento imediato, como afirma as primeiras páginas do romance, mas também a bordo de não outra, mas da Constituição e de seu casamento posterior; Um segundo desdobramento, que insistentemente toca na escolha moralmente adequada e alerta aos jovens sobre os perigos do vício e da devassidão; e, por fim um desdobramento na narrativa de Rachel Sperry, que trata o morro de West Boston como um lugar necessário aos grandes centros comerciais a fim de assegurar a liberdade e também, por que não, a virtude.

O primeiro deles, principalmente no que se refere à escolha da fragata representada ser a Constituição, embarcação que de fato combateu em Java e na Guerra de 1812, tem desdobramentos interessantes quando colocada em evidência, principalmente em se tratando de uma narrativa local, ou seja, uma narrativa escrita e publicada por autor e editores de Boston.

Como citado no capítulo 2, Boston, assim como outras regiões portuárias de Nova Inglaterra, era um dos principais portos de embarque e desembarque de produtos da República e sua economia era bastante voltada ao comércio e ao setor marítimo. Com as constantes pressões comerciais e políticas de França e Inglaterra nos conflitos europeus e, principalmente, a partir da apreensão de navios mercantes, mercadorias e marinheiros dos Estados Unidos por navios Ingleses, somados ao embargo promulgado por Jefferson em fins de 1807 - que se estendeu no governo de James Madison, em 1809 - a guerra se fazia eminente.

Por si, apenas o embargo já havia trazido consigo problemáticas e sedição entre os partidos Republicano, do qual o presidente fazia parte, e o Federalista, do qual as partes mais afetadas pelo embargo tinham seus representantes - como o estado de Massachusetts, a cidade

de Boston e o estado de Delaware. Na época de sua promulgação do embargo, o broadside ballad “*The Embargo a Favourite New Song*” circulava nos estados de Nova Inglaterra, ironizando a medida tomada por de Jefferson e suas consequências aos comerciantes da região:

I wish that I could
Sing in Allegro mood;
But the times are as stupid as Largo;
Could I have my choice,
I would strain up my voice;
Till it snapt all the strings of Embargo;

Our great politicians,
Those dealers in visions,
On papper, to all lengths they dare go;
But when call'd to decide,
Like a turtle they hide
In their own pretty shell the Embargo.
(...)

Our ships all in motion,
Once whiten'd the ocean,
They sail'd and return'd with a cargo;
Now doom'd to decay,
They have fallen a prey
To Jefferson, worms and Embargo.

Lest Britain should take
A few men by mistake,
Who under false colours may dare go;
We're manning their fleet
With our Tars, who retreat
From poverty, sloth and Embargo.
(...)¹⁵⁵

Com o acirramento interno das consequências políticas e econômicas do embargo, em junho de 1812 o presidente James Madison encaminhou um alerta sobre a necessidade de medidas mais drásticas. Após sua mensagem para a Casa dos Representantes, no mesmo mês, o Comitê de Relações Exteriores emitiu a necessidade de se iniciar uma guerra fundamentando-a com base na liberdade de comércio e na soberania do país, que teria direito de, como nação neutra nos conflitos europeus, comercializar livremente. Assim, na carta dos Representantes, era assinalado que:

(...) chegou o período em que os Estados Unidos devem apoiar seu caráter e posição entre as Nações da Terra ou se submeter à degradação mais vergonhosa. A paciência

¹⁵⁵ *The Embargo a Favourite New Song*. Disponível em: American Antiquarian Society. Disponível: <<https://www.americanantiquarian.org/thomasballads/items/show/164>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2020, às 16h:49min. Optou-se por não traduzir o *broadside* por tratar-se de uma poesia, cuja rima e métrica se perderiam com a tradução.

deixou de ser uma virtude. A guerra, por um lado, e a paz, por outro, é uma situação tão ruinosa quanto vergonhosa. A ambição louca, a luxúria do poder e a avareza comercial da Grã-Bretanha, arrogando para si o domínio completo do oceano, e exercendo uma tirania sem limites e sem lei, sentiram às Nações Neutras uma alternativa apenas, entre a rendição básica de seus direitos e valorosa justificativa deles. Felizmente para os Estados Unidos, seu destino, sob a ajuda do Céu, está em suas próprias mãos (*An immediate appeal to Arms*: Whashington DC, June, 1812. In: HICKEY, 2013, p. 438).¹⁵⁶

No documento, a liberdade de comércio dos Estados Unidos, impedida pela ambição, luxúria e avareza da Grã-Bretanha, trazia a questão do interesse comercial de forma semelhante aos dos discursos em que a liberdade deveria ser assegurada, mas com virtude. A ambição do interesse individual da Grã-Bretanha, geradora de luxúria de poder e avareza, deveria ser combatida para assegurar às nações neutras sua liberdade e direitos de comercializar.

Contudo, diferentemente da visão anterior a 1787, em que o comércio feriria internamente a virtude republicana, a liberdade de comércio foi agora exortada nacionalmente em oposição à avareza e ao absoluto interesse privado que a Grã-Bretanha exercia sobre o comércio marítimo. Dessa forma, a liberdade de comércio não era mais compreendida como uma oposição total à virtude republicana, um debate que não se fez apenas na Guerra de 1812, mas passou a ser um dos principais tópicos de revisão teórica da virtude republicana ainda em 1790. Um tópico que, com o desenvolvimento comercial estadunidense, se fez cada mais presente ao longo dos primeiros anos do século XIX.

Contudo, as questões sobre a necessidade de uma guerra não se resolveram com o alerta da Casa dos Representantes, pelo contrário, as tensões partidárias e a desunião quanto ao embargo e a oposição entre os partidos aumentaram consideravelmente quando o conflito foi deflagrado e se intensificaram quando o presidente Madison, auxiliado pelo presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Henry Clay do estado do Kentucky, publicou em jornais cartas sobre a visita de um espião britânico, John Henry, à Nova Inglaterra Federalista entre os anos de 1808-1809.

Tais cartas contribuíram não somente para inflamar a sociedade contra o ataque à soberania norte-americana, mas também para diminuir a popularidade da oposição Federalista dentro do território nacional; o que, por outro lado, gerou uma oposição veemente desse

¹⁵⁶Tradução livre do original em inglês: “But the period has now arrived, when the United States must support their character and station among the Nations of the Earth, or submit to the most shameful degradation. Forbearance has ceased to be a virtue. War on the one side, and peace on the other, is a situation as ruinous as it is disgraceful. The mad ambition, the lust of power, and commercial avarice of Great Britain, arrogating to herself the complete dominion of the Ocean, and exercising over at an unbounded and lawless tyranny, have felt to Neutral Nations an alternative only, between the base surrender of their rights, and manly vindication of them. Happily for the United States, their destiny, under the aid of Heaven, is in their own hands”.

partido contra o governo central, principalmente após a descoberta de que se havia pagado uma soma de 50.000 dólares pelos documentos (HICKEY, 2013, p. 22-23).

O debate que se seguiu sobre a necessidade da guerra foi, em grande medida, muito cauteloso e receoso da opinião pública, muito por conta do clima de instabilidade política e econômica que o embargo e a iminente guerra trouxeram. Assim, todos os trâmites legais tomados para que o conflito bélico fosse aprovado foram votados e passados, da Câmara ao Congresso, em segredo, o que resultou em votações com margens de voto muito estreitas e forte oposição Federalista, principalmente, do então representante de Massachusetts Josiah Quincy quando a aprovação da guerra se deu em 1812.

Com o fim do conflito em 1815, o partido Federalista, tratado como traidor do país, perdeu amplamente seu apoio no plano nacional, sendo extinto anos depois, apesar de continuar a ter força política em Massachusetts e Boston até fins da década de 1820. A despeito dos resquícios negativos que o conflito gerou até meados do século XIX, a Guerra de 1812 forneceu a Boston alguns símbolos que fizeram com que a memória da sedição política causada pelo conflito fosse atenuada em prol da nação, dentre elas, a Fragata Constituição, construída na cidade e até hoje atracada como museu aberto à visitação, considerada como o mais antigo navio de guerra do país.

Além dela, os *Old Ironsides*, veteranos da marinha de guerra que afundaram três navios da Marinha Real inglesa à bordo da Constituição, foram também retratados no poema *The Star-Spangled Banner*, escrito por Francis Scott Key em 1814 e inspirado pela vitória conquistada na batalha do Fort McHenry em Baltimore, mas que, somente na década de trinta do século XX se tornaria parte do hino nacional dos Estados Unidos.

Tais símbolos, em um momento de sedição política e crise econômica como foi a Guerra de 1812 em Boston e nos estados de Nova Inglaterra, segundo Donald R. Rickey (2013) “ajudaram os norte-americanos a compreender quem eles eram e para onde a nação estava indo”¹⁵⁷ (HICKEY, 2013, p.27) e, em certo sentido, contribuíram para buscar unir o que em muito havia se fraturado.

Como tratado no capítulo 1, diversos panfletos e *broadside ballads* impressos por Nathaniel Coverly Jr. em Boston traziam as batalhas da Fragata Constituição e buscavam exaltar a nacionalidade do feito e o orgulho em combater contra a Inglaterra, como pode ser visto em um dos versos do *broadside* “*Huzza for the Constitution*”:

¹⁵⁷Tradução livre do original em inglês: “helped Americans understand who they were and where their nation was headed”.

ONCE more JOHN BULL may stamp and rave
Because the Yankee's trick him so,
For on the land and on the wave,
Her haughty flaunting flag lies low.

Our CONSTITUTION o'er the tides,
With STARS and STRIPES display'd,
Makes Britain fear her iron sides,
And shows'em all that fight's our trade.

Twice has the thunder of her guns,
Made Britons roar bellow,
And now they think that he that runs,
Will find that he's the better fellow.
So frighten'd are they at her sight,
They fear to singly face her,
And make certain of the fight,
They send a FLEET to chace her.

But safe in Harbour now she lies,
Despising all their threats,
Their force superior she defies,
Whilst Britain storms and frets.

Long may she baffle all their skill,
And as a stubborn bulwark stand,
And what she has been, be so still,
The boast and glory of our land.¹⁵⁸

O segundo ponto no romance *The Female Marine* em que a questão da virtude e liberdade é aparente, diz respeito ao desenvolvimento narrativo que, a todo o momento, como visto no capítulo anterior, contrapõe vício e virtude. Nesse aspecto, a questão da virtude é sempre colocada como um caminho em que os jovens de ambos os sexos devem permanecer e que, mesmo possuindo autogoverno em suas escolhas, essas, para o bem público e próprio, deveriam ser sempre aquelas moralmente aceitáveis, em conformidade com “os caminhos da inocência e virtude”.

Um terceiro aspecto ressaltado na narrativa e que envolve a questão da virtude e liberdade individual, diz respeito aos desdobramentos da narrativa de Rachel Sperry. Em sua versão da história, a pensionista e costureira moradora de West Boston compreende a localidade como um mal necessário, um lugar que reteria os marinheiros e prostitutas a fim de que sua presença e comportamento fossem evitados nas regiões centrais de cidades e grandes centros comerciais. Assim, ao mencionar as descrições de Eliza Bowen - nome que Rachel diz ser o verdadeiro para Lucy Brewer ou Louisa Baker -, a narradora coloca a questão:

¹⁵⁸ Broadside disponível em: American Antiquarian Society.

<<https://www.americanantiquarian.org/thomasballads/items/show/300>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2020, às 15h52min.

A penitente pródiga conclui o primeiro e o segundo volumes de seus trabalhos com uma descrição horrível do morro de West-Boston e dos personagens que o habitam – adicionando um aviso solene aos jovens da cidade e etc. Acredito que em muito desaprovo muitas das cenas repugnantes do morro como ELIZA BOWEN, e provavelmente ainda mais, pois nelas nunca fiz uma parte tão visível como ela fez – não desejo, portanto, ser considerada como uma defensora das muitas transações sujas que caracterizam o lugar, mas que *a existência de tais lugares é essencial para a segurança dos inocentes indefesos, nos grandes centros comerciais e cidades*, não tenho dúvida (*Grifo meu*. A Brief Reply for the Late Writings of Louisa Baker, [alias] Lucy Brewer. In: COHEN, 1997, p. 142).¹⁵⁹

Sobre esse ponto, assim como os fundadores viam na formação de grandes centros comerciais uma problemática para a manutenção da virtude – haja vista que, em sua retórica a expansão comercial intensificaria os desejos individuais em detrimento do bem comum e exacerbaria a busca por lucro gerando avareza e luxúria e consequentemente uma sociedade desigual –, como expressa Shirley Samuels (1996), o luxo, a extravagância e a recompensa por interesses privados adviriam das conseqüentes negligências das responsabilidades públicas dos cidadãos (SAMUELS, 1996, p. 12). Com os desenvolvimentos posteriores e a necessidade de se pensar a liberdade individual, principalmente no que toca à liberdade de comércio, essa retórica foi aos poucos se adaptando às necessidades geradas pela economia e política do período.

Nesse sentido, a personagem Rachel, vivendo em uma sociedade cujo desenvolvimento comercial era evidente e desejado pelos segmentos médios emergentes, mas que gerou contradições e desigualdades indesejadas, coloca em sua versão da história que, nos grandes centros comerciais e cidades seria necessário que localidades como o morro de West-Boston existissem para apartar do centro a “devassidão” e os vícios. Assim, Rachel continua:

Os grandes centros urbanos e cidades consideraram sempre necessário erguer locais de depósito adequados para todos os incômodos, sujeira e etc. por meio do qual a saúde de seus habitantes está em perigo – portanto, para o bem público, em todas as grandes cidades, deve haver um lugar *destinado àqueles que preferem* uma vida de devassidão e que são considerados como um incômodo público – até agora consideramos o Morro e seus habitantes (vis como são representados pela senhorita BOWEN) de benefício público para a cidade (*Grifo meu*. A Brief Reply for the Late Writings of Louisa Baker, [alias] Lucy Brewer. In: COHEN, 1997, p. 143).¹⁶⁰

¹⁵⁹Tradução livre do original em inglês: “The penitent Prodigal concludes the first and second volumns of her works, with an awful description of West-Boston Hill, and of the characters who inhabit it – subjoining a solemn warning to the Youth of the town &c. I believe that I as much disapprove of many of the disgusting scenes of the Hill, as ELIZA BOWEN, and probably more so, for in them I have never acted so conspicuous a part as she has done – I wish not therefore to be considered as an advocate for the many foul transactions which characterize the place, but that the existence of such places are essential to the security of the innocent defenceless, in large commercial towns asn cities, I have no doubt”.

¹⁶⁰Tradução livre do original em inglês: “Large towns and cities have found it always necessary to erect suitable places of deposit for all nuisances, filth, &c. whereby the health of its inhabitants are endangered – so for public good, in every large town and city, ought here to be a place allotted those who prefer a life of debauchery, and who are esteemed as a public nuisance – so far we consider the Hill, and its inhabitants (vile as they are represented by miss BOWEN) of public benefit to the town”.

Dessa forma, em sua narrativa a personagem Rachel evidencia que o morro de West Boston, além de ser uma localidade “beneficiária o bem público” afastando das demais localidades a população indesejável, seria um recinto para aqueles que, por liberdade, “preferem uma vida de devassidão”. Portanto, na perspectiva da narradora-personagem, a despeito do vício ser, em sua perspectiva moral, condenável, a liberdade de escolha, um dos pressupostos da democracia, estaria assegurada. Dessa forma, a personagem Rachel destaca:

Inquestionavelmente, será observado que 'para o vício não há desculpas' – que essas tentações à indecência nunca devem ser encorajadas e que a maneira correta de remediar o mal é ensinar a toda a humanidade a justeza de se afastar dos maus caminhos e aderir aos princípios morais! – se tal fosse à natureza humana, seria de fato uma coisa feliz –, mas reformar toda a humanidade, provavelmente provaria mais do que um dia de trabalho; acho que vou recusar uma tarefa tão árdua e deixá-la para aqueles que a performam e que supõem que seja praticável! (A Brief Reply for the Late Writings of Louisa Baker, [alias] Lucy Brewer. In: COHEN, 1997, p. 143).¹⁶¹

Dessa forma, em sua narrativa, a personagem diz que não é possível afastar da humanidade os “maus caminhos” apenas pela adesão “aos princípios morais” e complementa que “se tal fosse à natureza humana, seria de fato uma coisa feliz”. Assim, a personagem Rachel assinala que a escolha individual, a despeito de muitas vezes não ser aquela ditada pelos princípios morais considerados adequados e virtuosos, ainda assim, na República, deveria ser assegurada. E, mais do que isso, em sua narrativa essa liberdade de escolha é assegurada pela existência de localidades que apartariam dos centros os “incômodos” e a “sujeira”; dessa forma, aqueles que “preferissem” a devassidão e o vício teriam sua liberdade de escolha assegurada. O que, no entanto, como discutido no capítulo anterior, principalmente pelos relatórios da Sociedade Missionária não correspondia necessariamente a uma liberdade por parte daqueles que lá viviam.

Nesse sentido, assim como os fundadores lidaram com a questão da liberdade individual e a virtude e tentaram solucioná-la por meio da Constituição de 1787, também em *The Female Marine*, um romance dos primeiros anos do regime, a questão da liberdade de escolha e a necessidade de inculcação da virtude também foram tematizados e, dentro da narrativa, buscaram ser solucionados de formas bastante abertas, próprias aos desenvolvimentos narrativos do gênero romance, seja pela perspectiva pragmática da

¹⁶¹Tradução livre do original em inglês: “Unquestionably it will be observed, that ‘for vice there is no apology,’ – that such temptations to lewdness ought never to be encouraged and that the proper way to remedy the evil, is to teach all mankind the propriety of departing from evil ways, and adhering to moral principles! – if such was human nature, it would indeed be a happy thing – but as to reform all mankind, would probably prove more than one day’s work, I think I shall decline so arduous a task, and leave it for those to perform whom may suppose it practicable!”

personagem Rachel Sperry moradora do morro, seja pela perspectiva da protagonista de Lucy que, como se verá adiante, tem sua virtude restaurada não apenas pelo arrependimento e luta pelo país, mas também pelo casamento virtuoso e de afeição mútua com Charles West.

3.2 Um Casamento de afeição mútua: Um desfecho para Lucy e a virtude Republicana

Como visto no subcapítulo anterior, na medida em que o desenvolvimento político, econômico e social dos Estados Unidos buscava, ao repensar as tradições republicanas, estabelecer um governo que equilibrasse as noções de virtude e liberdade, principalmente no que se referia ao bem comum e à liberdade individual e de comércio, a literatura, como foi o caso de *The Female Marine* e de romances dos primeiros anos e outros tipos de leitura de circulação ampla, se embebeu de tais temáticas e buscou, em certo sentido, desenvolvê-las.

Segundo os estudos de Jan Lewis (1987), a obsessão pela virtude, derivada não apenas da tradição de governo, mas, sobretudo, de noções protestantes de caráter, persistiu como importante parte da cultura média estadunidense até muito tempo depois que a Revolução foi vencida e a Constituição ratificada (LEWIS, 1987, p. 699).

Conjuntamente à noção de virtude, a possibilidade de sua corrupção pela sedução também foi amplamente tematizada, como visto no primeiro capítulo, esse foi um dos principais temas dos romances dos primeiros anos do regime republicano e como assinala Shirley Samuels (1996), a literatura foi um importante veículo dessa moralidade.

Dessa forma, a virtude era uma das principais preocupações não apenas para a manutenção do regime democrático, mas para os jovens cidadãos da República, conforme o próprio John Adams demarcou em seu discurso “A Democracia é Lovelance e as pessoas são Clarissa. O vilão astuto perseguirá a garota adorável e inocente até sua morte”, fazendo uma alusão direta a história e aos personagens do romance *Clarissa* de Samuel Richardson. Um romance de sedução e abandono que, assim como os romances de Suzannah Rowson e Hannah Foster tem duas jovens, respectivamente Charlotte Temple e Eliza Wharton que são:

(...) são seduzidas de suas mães afetuosas por libertinos cujos projetos são comparados aos de Lovelace. Suas histórias de virtude arruinada, como relata Cathy Davidson, foram recebidas como tragédias nacionais inspirando visitas memoriais a suas supostas lápides (SAMUELS, 1996, p. 9).¹⁶²

¹⁶²Tradução livre do original em inglês: “Both Charlotte Temple and Eliza Wharton are seduced from affectionate mothers by rakes whose designs are compared to that of Lovelace. Their stories of ruined virtue, as Cathy Davidson reports, were received as national tragedies inspiring memorial visits to their putative tombstones”.

Nesse sentido, ainda no século XIX, os estadunidenses vinculavam o destino da nação à virtude de seus cidadãos e grande parte da literatura de ficção dos primeiros anos trazia essa questão, seja pedagógica e didaticamente pela identificação de sedutores e de desfechos trágicos que a sedução causaria, seja pela forma indireta como abordava a conexão entre família, o casamento e o regime político, principalmente no que se referia ao papel da mulher nele. Como expressa Shirley Samuels (1996), a família funcionava como uma alegoria para o Estado, uma vez que era absorvida por ele e sua organização se refletia, nesse sentido, em outras estruturas políticas (*Idem*, 1996, p. 17).

Antes de entrar nessa questão é importante ressaltar três aspectos sobre a literatura dos anos iniciais da República que também foram expressos nos desenvolvimentos narrativos de *The Female Marine* e nos estudos de Lewis (1987). Primeiramente, a de que, neste período, não havia uma distinção clara entre o que seria uma narrativa de ficção ou relato pessoal; segundo que, os limites do que seria uma ficção nacional e estrangeira não eram bem definidos, não importando, dessa forma qual a nacionalidade do autor; e que, para além dessas duas, não havia uma distinção clara entre publicações direcionadas a um público masculino e a um público feminino, a despeito de nelas haver prescrições próprias a cada gênero.

Sobre o primeiro aspecto, nos anos iniciais da República, os autores, muitas vezes por uma questão de estilo, não delimitavam distinções claras entre aquilo que seria uma narrativa de ficção e o que seria um relato como um diário, ou uma carta. Não sem razão, muitos romances dos anos iniciais eram epistolares, pois buscavam, na construção narrativa, uma forma fidedigna de organizar o que era narrado, como se o ocorrido fosse publicado da forma como havia sido relatado. Em *The Female Marine*, principalmente na terceira parte da narrativa, o uso de cartas também se faz presente, juntamente a outras características de estilo, discutidas no capítulo 1, que buscavam dar verossimilhança à narrativa e torná-la o mais fidedigna possível; uma característica assumida pelo romance enquanto gênero narrativo, como expresso por Bakhtin (1988).

Tal característica nos leva ao segundo ponto: não havia, nos anos iniciais da República, uma distinção entre o que era literatura nacional, feita por autores nascidos nos Estados Unidos e autores Anglo-Europeus. Como visto nos capítulos 1 e 2, romances ingleses e franceses, além de contos de fada e baladas marítimas pertencentes a uma cultura oral cujo país de origem é dificilmente localizável, circularam amplamente em chapbooks, panfletos e *broadsides* e baladas na República e, como a própria noção de autoria e direitos autorais não existia, essa questão ficava ainda mais em aberto.

Por fim, não havia uma distinção, nos romances ou em quaisquer outras publicações, entre o que seria uma literatura direcionada ao público masculino e outra a um público feminino - como também atestam os desenvolvimentos de *The Female Marine*, como foi discutido no subcapítulo anterior. A própria noção de se dividir e fracionar em segmentos de classe ou de opinião era politicamente vista como prejudicial à nação, uma vez que o que se buscava na República era o interesse comum. Portanto, as mensagens morais eram as mesmas, e direcionadas para ambos os sexos como um “entretenimento” e “instrução” divertidos (LEWS, 1987, p. 692), mesmo em romances em que a figura feminina era centralizada, como é o caso de *The Female Marine* ou em diversos outros que circularam no período.

Na República, tanto os teóricos do regime quanto os romancistas buscaram se esforçar para mostrar como em uma sociedade, sem o jugo da tirania de um poder centralizador, como era o da Grã-Bretanha no período colonial ou do patriarcalismo religioso puritano nos primeiros anos, os cidadãos poderiam se autogovernar, formando uma sociedade ligada por laços de afeto comuns e não por domínio e repressão; nesse aspecto, o casamento tem papel fundamental.

Segundo Lews (1987) e, em certa medida, Shirley Samuels (1996), a família era enxergada como um microcosmo do mundo republicano e, dessa forma, o “bem público deveria crescer a partir da virtude privada” (*Gent. And Lady's Mag.*, July 1789, *Apud* LEWS, 1987, p. 699), uma virtude cultivada pela instituição do casamento no seio familiar. Assim, como aponta Lews (1987), “por considerarem o casamento a escola do afeto, os autores que escreveram sobre a instituição estavam abordando uma das questões mais prementes de sua época: como tornar os cidadãos aptos para uma república” (*Idem*, p. 695).¹⁶³

Grande parte dessa literatura exerceu um papel significativo nas construções de gênero, principalmente no que se refere ao papel feminino na constituição desse microcosmo familiar, privado e virtuoso da República. Citando algumas revistas populares de Nova York, Boston, Filadélfia, dentre outras localidades que abarcam um recorte que vai de fins da década de 1790 a 1814 (algumas até mesmo de 1827), Lews (1987) destaca que a virtude e a prudência feminina eram vistas não apenas como um bem, mas como uma benfeitoria à virtude pública, haja vista que, por sua influência sobre as maneiras “licenciosas” dos homens as mulheres, a partir do casamento, poderiam desencorajar tais comportamentos, atuando

¹⁶³Tradução livre do original em inglês: “Because they deemed marriage the school of affection, authors who wrote about the institution were addressing one of their age's most pressing questions: how to make citizens fit for a republic”.

diretamente na reforma das maneiras; o que, em grande medida, era um dos objetivos mais importantes da jovem nação para a preservação da virtude.

Contudo, no romance *The Female Marine*, a reforma operada não foi a de uma personagem do sexo masculino, mas de Lucy, uma mulher que, seduzida e abandonada, arrepende-se, sofre a penitência em West Boston e luta por seu país reformando-se a si mesma e consolidando essa reforma por meio de um casamento afetuosos. Sobre este aspecto, é curioso de se notar como a questão é colocada no romance por meio da fala do pai de Lucy:

Aqui, um detalhe mais minucioso de minhas quase incríveis aventuras foi dado por meu pai já de idade (...), o qual, tendo sido publicado no mundo, seria tolice tentar ocultar do conhecimento do Sr. W (...) 'como uma reforma felizmente ocorreu, e eu, como verdadeira penitente e com o devido senso de meu erro, retornei aos meus pais aflitos, ele nunca pensaria mal de mim pois o ocorrido nunca poderia ser razoavelmente considerado como uma transgressão voluntária, tendo sido seduzida por uma mulher pérfida dos caminhos da virtude e da inocência (An Awful Beacon To The Rising Generation Of Both Sexes By Mrs. Lucy West. In: COHEN, 1997, p. 108).¹⁶⁴

Nesse sentido, a sedução sofrida por Lucy não foi apenas aquela do início do romance - a do amante insincero que desencadeia as ações da personagem-, mas, também e principalmente a sedução cometida pela “pérfida mulher”, a alcoviteira de West Boston que enganou a jovem Lucy e buscou retirá-la “dos caminhos da virtude e da inocência”. No caso do trecho acima, em que a protagonista relata as palavras de seu pai, sua sedução – ser enganada pela alcoviteira e viver como prostituta por alguns anos – foi superada devido ao arrependimento e retorno pródigo aos pais: reformando-se a si mesma, Lucy não teria nada a esconder e virtude para casar-se com Mr. West teria sido restaurada.

Tal discurso de auto-reforma feminina também foi expresso em outros textos do período, como foi o caso da revista *Ladies Magazine* da Filadélfia em junho de 1792 e da *Weekly Magazine* em abril de 1801 na cidade de Baltimore. Segundo seus artigos, as mulheres deveriam começar reformando-se a si mesmas, pois “não há um teste mais certo da depravação nacional do que aquele que se apresenta na degeneração das maneiras femininas”,¹⁶⁵ como aponta Lews, essa foi uma construção de gênero bastante significativa no

¹⁶⁴Tradução livre do original em inglês: “Here a more minute detail of my almost incredible adventures were given by my aged father, from the time that I first left home, which, having been already published to the world, it would have been folly to have attempted to conceal from the knowledge of Mr. W. who observed, that ‘as a reformation had happily taken place, and I with true penitence and a due sense of my error, had returned to my afflicted parents, he should never think ill of me for what could never reasonably be considered as a voluntary transgression, having been allured by a perfidious woman from the paths of virtue and innocence’”.

¹⁶⁵“Women might begin by reforming themselves, for ‘there is not a more certain test of national depravity, than that which presents itself in the degeneracy of female manners’”.

período, na qual as mulheres, como sedutoras ou seduzidas, deveriam reformar-se para manter a virtude na República (LEWS, 1987, p. 700).

Contudo, em *The Female Marine*, a despeito de os vícios em West Boston serem creditados às prostitutas e a alcoviteira, sob a égide de um regime republicano baseado no autogoverno, a liberdade de escolha fica evidente na narrativa, tanto para aqueles cuja inclinação levava ao vício e a indolência, quanto para aqueles que lá estando, desejassem a reforma pessoal. Para o primeiro caso, como visto na perspectiva da personagem Rachel Sperry, uma localidade “de despejo” como West Boston era necessária. Já para o segundo caso, do ponto de vista legislativo, o incentivo a missões religiosas, como foi o caso da Sociedade Missionária de Boston, ou mesmo pelo surgimento de instituições consideradas mais “adequadas aos empreendimentos” da cidade, como a Casa da Indústria (ou de Trabalho) idealizada por Josiah Quincy também deveriam ser providos na cidade.

Dessa forma, os grandes temas dos primeiros anos da República, como também indiretamente demonstrado nos estudos do Comitê sobre o pauperismo em Boston que refletia sobre as duas naturezas da pobreza: o infortúnio e o vício - sendo o segundo entendido como um desvio de caráter - , a centralidade da moralidade e do caráter e virtude na República eram fundamentais para a manutenção de um regime de autogoverno. Como expressa Lews (1987), no mundo moral de fins do século XVIII e início do século XIX, as leituras da República funcionavam também como um meio de instrução, um estudo sobre o caráter para o estabelecimento de um regime de autogoverno que dependia, intrinsecamente, da virtude e do caráter moral de seus cidadãos.

Assim, tanto os teóricos republicanos, como visto anteriormente, quanto os romancistas, buscavam se esforçar para demonstrar como, com o arrefecimento do patriarcalismo puritano colonial e de um governo centralizado e tirânico, os estadunidenses construiriam um país democrático. Nesse sentido, o casamento teria papel primordial, pois, por meio dele, se sustentaria uma parceria amorosa, consensual e benéfica, que substituiria, portanto, o domínio patriarcal.

Tais desdobramentos são percebidos também em *The Female Marine* não apenas no conselho dado pelo pai de Lucy no trecho anteriormente citado, mas também em outros desdobramentos da narrativa, como, por exemplo, no arrependimento de Lucy, que retoma conselhos dados por seus pais no início da narrativa, ou mesmo na liberdade de escolha da protagonista que decide, após seu retorno pródigo para a casa, vestir-se novamente em roupas masculinas e viajar, mas, dessa vez, com o consentimento dos pais.

Assim, a liberdade individual é demonstrada ao longo de toda narrativa e, a despeito do pai de Lucy não exercer uma função patriarcal tirânica, ele possui um papel importante, como um “paternalista amigável” (LEWS, 1897, p. 694) ele aconselha a filha, exercendo, portanto, uma influência psicológica sutil, que também se faria presente também em outros panfletos e ensaios edificantes na República.

Deste modo, na medida em que o sucesso da República repousava sobre o caráter de seus cidadãos e de seu autogoverno virtuoso, como expressa Lews (1987), a virtude era exigida para ambos os sexos. Contudo, para o caso feminino, ela era exigida não porque as mulheres eram cidadãs pois, como visto anteriormente, não possuíam direito ao voto e, com o casamento, os direitos sobre os filhos e bens eram creditados aos seus maridos, mas porque, intimamente, em uniões consensuais, as mulheres estariam ligadas aos homens, e um cidadão necessitava da influência de uma esposa republicana e virtuosa.

Como os cidadãos eram aqueles que poderiam ditar os rumos políticos da República, as maneiras masculinas deveriam estar sempre alinhadas com os ideais republicanos. Nesse sentido, as mulheres deveriam desempenhar um papel importante influenciando essas maneiras e condutas. Uma forma de pensamento que, segundo Lews (1987) e Ryan (2006), esteve fortemente presente no período pós-revolucionário, mas que possui em suas raízes, uma proposição bíblica.

Nesse sentido, a noção da influência da mulher sobre o homem estaria fundada na tradição de Gênesis, livro no qual consta a passagem bíblica em que Eva, por sua sede de conhecimento, teria influenciado Adão a comer o fruto proibido. Nesse sentido, a mulher teria, sobre o caráter masculino um grande poder de influência que, ao ser direcionado por meio de um casamento afetuosos, contribuiria para a manutenção da virtude republicana.

Como o próprio republicanismo pregava o bem comum, o casamento deveria ser igualitário, não igual em direitos para homens e mulheres, como visto anteriormente, mas de afeição recíproca e não baseado em benefícios e interesses econômicos ou de status social. Assim, essa visão “edênica” do casamento (LEWS, 1987, p. 707) serviu como uma espécie de ponte entre o patriarcalismo do final século XVII e a domesticidade do século XIX, que passava a ver não apenas na figura da esposa a centralidade da construção da virtude na República, mas da mãe, na educação e formação dos cidadãos republicanos.

Contudo, nos desenvolvimentos do caráter republicano de fins do século XVIII, até por volta de ao menos 1816, as caracterizações sobre casamento ecoavam com as palavras como “igual”, “mútuo” e principalmente “amizade”, como apontam os estudos de Lews

(1987) em diversas revistas do período. Em *The Female Marine*, por sua vez, essa questão também se faz presente na terceira parte do romance de 1816, quando Lucy anuncia a seus pais que se casaria com Mr. West e que, não por acaso, é o trecho epistolar retirado do romance Emily Hamilton de 1803:

Nossa disposição é similar, nosso amor é mútuo e tenho o prazer de acrescentar que existe uma perspectiva de sermos tão felizes quanto esta vida de imperfeição admitir. Onde há falta de afeto recíproco, um casal não pode ser feliz, mesmo que possua o melhor dos temperamentos e todas as conveniências da vida. Se um deles estiver ligado a outro objeto, a ansiedade de suas mentes banirá a felicidade e a confiança mútua. A felicidade habita no conteúdo, e não pode haver conteúdo quando a mente está continuamente em busca de um desejo favorito que nunca obtém. A verdadeira amizade é o sentimento mais nobre, exaltado e generoso que já atuou na mente humana. Mas poucos são os que são capazes de apreciá-lo em sua pureza original. Quão poucos são os que não misturam egoísmo, avariza, orgulho e ambição, com esse refinamento mais delicado da alma (*An Awful Beacon To The Rising Generation Of Both Sexes By Mrs. Lucy West. In: COHEN, 1997, p. 117*).¹⁶⁶

Além da afeição mútua, o casamento republicano também tinha como pressuposto a função de, como um herdeiro do Iluminismo, unir paixão individual e razão, coração e cabeça. Por meio de uma união de benefício mútuo, a paixão individual era controlada, uma família republicana, modelo privado da sociedade, era constituída e a virtude disseminada. Como assinalou John Witherspoon na Revista da Pensilvânia conhecido como “Epaminondas”, o casamento formou à base da virtude social, uma vez que:

(...) enquanto outras paixões concentram o homem em si mesmo, o amor o faz viver em outro, subjuga egoísmo e revela a ele o prazer de ministrar ao objeto de seu amor... O amante se torna marido, pai ou mãe, cidadão’. A ‘instituição matrimonial’, então, ‘é a primeira a produzir ordem moral’ (WHITERSPOON, *Apud LEWS*, 1987, p. 709).¹⁶⁷

Nesse sentido, o casamento republicano formava a base de todos os outros relacionamentos, levava à formação da família, à paternidade e educava os homens e seus filhos e filhas para que cultivassem a benevolência desinteressada, uma benevolência que os ideólogos republicanos supunham constituir a base da virtude republicana. E, nesse aspecto,

¹⁶⁶Tradução livre do original em inglês: “Our disposition is similar, our love is mutual, and I am happy to add, that there is a prospect of our being as happy as this life of imperfection will admit of. Where there is a want of reciprocal affection, a married couple cannot be happy, even though they may possess the best of tempers, and every convenience of life. If either of them is attached to another object, the anxiety of their minds will banish happiness and mutual confidence. Happiness dwells with content, and there cannot be content when the mind is continually in pursuit of a favourite wish it a never obtain. True friendship is the most noble, exalted, and generous sentiment that ever actuated the human mind. But hoe few are there who are capable of enjoying it in its original purity. How few are to be found who do not mingle selfishness, avarice, pride and ambition, with this most delicate refinement of the soul”.

¹⁶⁷Tradução livre do original em inglês: “(...) while other passions concentrate man on himself, love makes him live in another, subdues selfishness, and reveals to him the pleasure of ministering to the object of his love... The lover becomes a husband, a parent, a citizen.” The “marriage institution,” then, “is the first to produce moral order”.

um casamento somente poderia funcionar não apenas pela afeição mútua, mas, sobretudo, pela “disposição similar”, como a personagem Lucy expressou ao se referir a sua possível união com Mr. Charles West, na terceira parte de *The Female Marine*. A partir dessa “disposição similar”, o casamento poderia seguir em um ambiente de concórdia e harmonia.

Contudo, a despeito de evocar a ideia de um casamento com afeição mútua e disposições similares para que um ambiente familiar harmonioso, virtuoso e igualitário surgisse, esse ideal republicano era também contraditório em sua constituição, principalmente no que se referia ao papel feminino nele.

Como reflete Jen Lews (1987) sobre algumas revistas do período, como a *Boston Weekly* de 1803 e a *Gent and Ladys’ Mag* de 1784, por meio de sua qualidade sedutora e republicana, a esposa deveria sempre buscar atrair o cônjuge de volta à retidão com “charme do bom humor”, redobrando sua virtude para recuperar o marido do vício. Porém, se não fosse suficiente, a discussão era desaconselhada, a fim de que não gerasse desarmonia entre o casal. Dessa forma, era sempre mais apropriado que a mulher se rendesse às opiniões do cônjuge, o que em muito reflete também a condição legal da mulher no período, em que seus direitos estavam submetidos aos do marido.

Em certa medida, o romance, enquanto gênero literário aberto a exprimir as contradições republicanas, buscou explorar a questão de forma interessante, narrando a seus leitores não apenas um casamento de disposições similares, mas, também, um casamento em que a predominância do vício trouxe sofrimento e morte. Como evidenciado na terceira parte da narrativa de *The Female Marine* por meio da triste história de abandono de Maria D., como o casamento não era igualitário em direitos, ao se casarem, as esposas estariam a mercê de seus maridos e, sobre esse aspecto, a importância das disposições similares deveria ser observada na escolha para ambos os sexos. Em *The Female Marine* essa questão é bastante aparente nas palavras de Lucy sobre Maria D. e seu marido:

(...) ela aceitou esse homem; e Maria, formada para coroar a felicidade de um homem sensível e virtuoso, tornou-se a esposa infeliz de um homem fraco, cruel e perverso. Embora uma vez ele professasse valorizar sua esposa legalmente casada acima de todas as outras mulheres, ainda assim cedo (independentemente de seus votos matrimoniais) abandonou essa mulher adorável, mas infeliz, para se divertir com prostitutas detestáveis! (...) Aqui, entre os mais imundos e miseráveis da raça humana, esse homem imprudente e cruel fez um sacrifício voluntário de tudo o que pode tornar a humanidade respeitável! (*An Awful Beacon To The Rising Generation Of Both Sexes By Mrs. Lucy West. In: COHEN, 1997, p. 121*).¹⁶⁸

¹⁶⁸Tradução livre do original em inglês: “(...) she accepted this man; and Maria, who was formed to crown the happiness of a sensible and virtuous man, became the miserable wife of a weak, vicious and debauched man. Although he once professed to prize his lawfully wedded wife above all other women, yet too soon did he (regardless of his marriage vows) desert this lovely but unfortunate woman, to sport with detestable harlots! (...)”

Assim, a narradora continua a demonstrar os males que o mau casamento havia legado à pobre Maria e a culpa que seu marido carregava após a morte da esposa e, a partir do triste exemplo, alerta a seus leitores:

Ele poderia ter sido feliz; e poderia ter realizado para sua bela esposa todos aqueles sonhos de inocência e felicidade conjugal com os quais sua imaginação juvenil costumava apreciá-la. Mas, em vez dessas alegrias puras e calmas, cuja lembrança poderia ter dado um acontecimento dourado no momento da morte, ele escolheu revolta, devassidão e culpa. (...) a pobre Maria experimentou apenas o inverno perpétuo. Ela se foi; e, com seus anjos irmãos, ela encontrou a paz que seu marido insensível lhe recusou na terra. A morte dela o deixou atordado. Em vão, ele procurou recalculá-lo o fôlego fugaz, em vão prometeu e declarou que se ela lhe fosse restituída, expiaria sua negligência passada pela ternura futura. Para ele, a resolução da emenda chegou tarde demais. —*Que chegue a tempo de uma porção dos meus leitores* (Grifo meu. An Awful Beacon To The Rising Generation Of Both Sexes By Mrs. Lucy West. In: COHEN, 1997, p. 121).¹⁶⁹

Entretanto, sobre esse aspecto é importante salientar que a defesa republicana da virtude somente se fazia possível para aqueles que concilhassem suas paixões e desejos individuais com a razão. Nesse sentido, sob influência do pensamento iluminista, sem consciência a virtude republicana não poderia ser praticada. No caso da personagem Lucy em *The Female Marine*, a reforma foi possível apenas devido à tomada de consciência de seu erro e, mais do que isso, devido à ação da Providência, uma clara influência protestante sobre sua reforma pessoal, como a própria protagonista coloca no início da narrativa:

Feliz até o momento fatal eu estava, nenhuma preocupação intrusa me perturbou durante o dia, nenhum pensamento cheio interrompeu meu repouso à noite; como posso protestar solenemente que, antes disso, nenhum desejo cruel jamais me levou a perder minha virtude; eu era totalmente inocente e não conhecia pecado, até aquele período fatal em que o autor vil e insinuante de minha ruína me iludiu; mas tenho a agradável reflexão de que a vida imoral que levei desde então me levou a aflições desde cedo, e agradeço a Providência, por um arrependimento antecipado (*The Adventures of Louisa Baker*. In: COHEN, 1997, p. 61).¹⁷⁰

Here, among the most filthy and miserable of the human race, did this thoughtless, cruel man make a willing sacrifice of all that can render mankind respectable!"

¹⁶⁹Tradução livre do original em inglês: "He might have been happy; and might have realized to his beautiful wife all those dreams of conjugal innocence and bliss with which her youthful fancy was wont to regale her. But instead of these pure and calm joys, whose recollection might have gilded even the moment of death, he chose riot, debauchery and guilt (...) poor Maria experienced only perpetual winter. She is gone; and, with her sister angels, she has found that peace which her unfeeling husband refused to her on earth. Her death stunned him into his senses. In vain he endeavored to recal her fleeting breath, in vain he promised and avowed if she could be restored to him, to atone for his past neglect by future tenderness. To him the resolution of amendment came too late. — May it come in time to a portion of my readers".

¹⁷⁰Tradução livre do original em inglês: "Happy until the fatal moment was I, no intruding cares disturbed me by day, no busy thoughts interrupted my repose at night; as I can solemnly protest that ere this, no vicious desires ever prompted me to lose my virtue; I was all innocence, and knew no sin, until that fatal period when the vile and insinuating author of my ruin deluded me; but I have the pleasing reflection that the immoral life which I have since led, brought me early under affliction, and that affliction, I thank Providence, to an early repentance".

Contudo, o arrependimento de Lucy, sua reforma e conciliação pelo casamento virtuoso contrastam com os finais trágicos dos primeiros romances de sedução, tais como *Charlotte Temple* e *The Coquette*. Em ambos os romances, a questão da perda da virtude estava vinculada diretamente à virgindade das personagens e, segundo Lews (1987), essa era uma questão que atuava como um aviso de que, para mulheres jovens e sem dotes, seu valor no “mercado de casamentos” estava condicionado à virgindade (LEWS, 1987, p.715).

Dessa forma, as narrativas de sedução atuavam, em certo sentido, como um instrumento da respeitabilidade burguesa e da conformidade com uma cultura vinculada aos segmentos de classe média que via a castidade como uma virtude feminina e a honra e bravura como uma virtude masculina. Em *The Female Marine*, essa questão também é explorada na segunda parte do romance, quando Lucy, vestida novamente em trajes masculinos, incomoda-se com as grosserias de um jovem trajado de oficial a uma moça, irmã de Charles West, na diligência em que viajava a caminho de Newport e, a partir disso, desafia o jovem a um duelo justamente por perceber nele a falta coragem.

Nesse sentido, a virtude republicana era sempre posta à prova e esperava-se que os homens valentes e mulheres virtuosas triunfassem sobre a tentativa de desonra, o que, no entanto, não foi o caso do jovem desafiado por Lucy na narrativa.

Com receio de que minha disposição de aceitar o desafio do cavalheiro de assassinar ou ser assassinado poderia provocar a surpresa de meus leitores, talvez seja necessário afirmar aqui que eu já o havia marcado como um fato invariável, que aquele que era tão desprovido de princípios para ofender um idoso, ou usar uma mulher doente, longe de se deliciar com o cheiro de pólvora, trairia uma ausência de coragem masculina pela simples exibição de uma sacola ou frasco de pó. Por isso, estava confiante de que meu pequeno antagonista nunca conseguiria coragem suficiente para me encontrar de acordo com sua própria proposta - e imaginei que isso não passaria de uma oportunidade para extorquir a humilde confissão dele, da qual ele estava exigindo imperiosamente a mim (*The Adventures of Lucy Brewer* [alias] Louisa Baker. In: COHEN, 1997, p. 86).¹⁷¹

Outro ponto importante de se notar sobre a questão, diz respeito às representações dos sedutores que, assim como em *The Female Marine* para o caso alcoviteira que abrigara Lucy em West Boston ou de suas vis aprendizes, eram retratados com adjetivos negativos e pejorativos e, como hidra ou um animal de rapina, estavam sempre à espreita para fazer suas

¹⁷¹Tradução livre do original em inglês: “Lest my forwardness to accept of the challenge of the little gentleman to murder or be murdered, should excite the surprise of my readers, it may be necessary here to state, that I had ever marked it as an invariable fact, that he who was so unprincipled as to offer insult to old age, or to use a female ill, so far from delighting in the smell of gunpowder, would even betray a want of manly courage by the simple display of a shot bag or powder flask. Hence I was confident that my little antagonist could never muster courage sufficient to meet me agreeable to his own proposal – and I conceived it would amount to no more than afford me an opportunity to extort the humble confession from him, which he was imperiously demanding of me”.

vítimas (*The Adventures of Lucy Brewer*. In: COHEN, 1997, p. 66) como demonstra o trecho da primeira parte da narrativa, em que a dona da mercearia avisa Lucy sobre o que encontraria em West Boston se para lá fosse:

Eles são uma raça vergonhosa, cujos hábitos e vícios detestáveis os afundam infinitamente abaixo dos animais que perecem. Eles são os que abundam mais ou menos em todas as nossas grandes cidades, e dos quais essa cidade tem grande parte do nosso sexo! Aquelas que, pela mais vil prostituição, obtêm seu sustento. Entre essas, muitas são de ascendência respeitável e, ainda assim, tão jovens, que você dificilmente poderia supor que fossem capazes de se conformar a esse vício vergonhoso. Essas pobres desgraçadas, iludidas por aquelas que são mais velhas em iniquidade do que elas, são atraídas por falsas seduções de suas casas e contraindo seus hábitos fatais e amaldiçoados, arruinam-se para sempre; para todos os vícios, não há nenhum incurável como esse quando é contratado (...) (*The Adventures of Lucy Brewer* [alias] Louisa Baker. In: COHEN, 1997, p. 64).¹⁷²

Além de tais adjetivos, os sedutores eram também retratados como influenciadores do mal que arruinaria a vida de jovens moças e rapazes, uma retórica muito semelhante à encontrada nas descrições dos missionários da Boston Female Society for Missionary Purposes que, como visto no capítulo 2, enxergavam West Boston como um local de vício e dissipação que espalharia “as sementes da corrupção” para o resto da cidade:

Com propriedade, pode-se dizer, este é o lugar onde o trono de Satanás está. Há horríveis impiedades que prevalecem; e todas as abominações concebíveis são praticadas; ali a depravação do coração humano é encenada; e deste sumidouro do pecado, as sementes da corrupção são distribuídas para todas as partes da cidade (*A Brief Account of the Origin and Progress of The Boston Female Society for Missionary Purposes*. In: COHEN, 1997, p. 170).¹⁷³

Diante de tais sedutores, não apenas o indivíduo vítima da sedução sofreria, mas toda sua família - como também fica evidente nas considerações iniciais de Lucy em *The Female Marine* - e, como microcosmo da República, toda a sociedade. Assim, como expressa Lewis (1987), o sedutor, como a serpente do Éden seria, no gramado edênico da infante República, um agente corruptor da virtude (LEWIS, 1987, p.719) cuja ação deveria, em grande medida,

¹⁷²Tradução livre do original em inglês: “They are a shameful race, whose detestable habits and vices sink them infinitely below the beasts that perish. They are such as abound more or less in all our large cities, and of whom this town has a great portion of our sex! Who, by the vilest prostitution, obtain their livelihood. Among these are many of respectable parentage, and yet so young, that you could scarcely suppose them capable of conforming to such shameful vice. These poor deluded wretches, by those older an iniquity than themselves are by false allurements enticed from their homes, and by contracting their fatal and cursed habits, ruin themselves forever; for all vices there is none so incurable as this when it is once contracted”.

¹⁷³Tradução livre do original em inglês: “With propriety it may be said, there is the place where Satan's seat is. There awful impieties prevail; and all conceivable abominations are practiced; there the depravity of the human heart is acted out; and from this sink of sin, the seeds of corruption are conveyed into every part of the town”.

ser alertada aos jovens desavisados, para que não se deixassem levar dos “caminhos da inocência e da virtude” para os da “devassidão” e “vício”.¹⁷⁴

E para que os desejos imoderados de todo o tipo e a ambição individual não submetessem o indivíduo à luxúria e a condutas viciosas, o casamento republicano, no qual homens e mulheres, por livre escolha e em benefício mútuo, se apresentava como uma conciliação aparente para virtude e liberdade republicanas. Não sem razão, em *The Female Marine*, após lutar por seu país e reformar-se pelo arrependimento e providência, a conciliação de Lucy com as cenas domésticas de sua rural Plymouth e suas ambições individuais se deu com o casamento com o jovem empreendedor Mr. Charles West, que vivia na grande cidade comercial de Nova York; uma cidade que, nas palavras de Lucy “para negócios comerciais, pode ser chamada de capital da América” (*The Adventures of Lucy Brewer* [alias] Louisa Baker. In: COHEN, 1997, p. 88).¹⁷⁵

Contudo, se a esposa republicana deveria seduzir a seu marido a permanecer na retidão e nem sempre, como o próprio romance *The Female Marine* trouxe pelo exemplo de Maria D., essa sedução era efetivada, a imagem formada no casamento republicano, apesar de amplamente difundida, era bastante limitada, uma vez que, para aqueles que não desejavam a reforma por meio do arrependimento, a virtude era inacessível.

Não sem razão, essa ideia de que a mulher poderia influenciar comportamentos, ao longo principalmente das décadas de 1810 e 1820 teve, de certa forma, um ponto de inflexão: se os homens não eram tão maleáveis e dispostos a abdicarem de seus desejos individuais em prol da virtude, as crianças, enquanto futuros cidadãos a serem educados por suas mães, poderiam ser.

Sobre esse aspecto, a noção de esposa republicana aos poucos passou a ser bastante voltada às funções da maternidade, uma função que, ao longo do século XVIII, passou a ser enfatizada tanto por romances sentimentais, como é o caso do segundo volume de *Pamela* de Samuel Richardson, quanto por um crescente interesse médico e de prescrição de manuais, sobre a amamentação e cuidados infantis que, posteriormente contribuíram para o surgimento do que Ruth Bloch (1978) denominou de uma “concepção sentimental da maternidade”.

Segundo os estudos de Bloch (1978), o pensamento puritano colonial não compreendia a maternidade como um tópico que necessitasse de ênfase normativa ou apreciação simbólica. Pelo contrário, o cuidado parental era sempre aludido por tarefas comuns a ambos os pais: a

¹⁷⁴ Os termos entre aspas referem-se a vocábulos presentes em todo o desenvolvimento narrativo de *The Female Marine*.

¹⁷⁵ Tradução livre do original em inglês: “(...) for commercial business, may be termed the capital of America”.

criação e catequese, bem como a educação não possuíam tarefas separadas por gêneros e, nesse ponto, a maternidade não era uma qualidade significativa, exceto pela amamentação, exortada pelos pastores puritanos não apenas como uma função feminina, mas como dever. Nos primeiros anos da independente República, no entanto, como visto nos estudos de Lews (1987), o tema da maternidade tendia a ser deixado de lado em prol de tópicos como o namoro e principalmente o casamento.

Entretanto, como anteriormente mencionado, o segundo volume do romance Pamela, de Samuel Richardson, que trazia a protagonista, agora exercendo não apenas as funções maternas, mas assumindo o risco de alimentar seu filho que havia contraído varíola - provavelmente devido ao uso da ama de leite -, coloca em evidência uma nova conduta a respeito da função maternal, uma conduta que, entre as décadas de 1785 e 1815, é endossada não apenas pelo discurso protestante reformista, mas a partir de um grande número de obras britânicas e americanas que enfatizavam o valor único do papel maternal e que, em alguma medida, não se contradiziam com os discursos racionalistas do Iluminismo.

Em fins do século XVIII, os tratados médicos, cartilhas e manuais prescritivos de saúde passaram a enfatizar a importância não apenas moral, como os puritanos enfatizavam, mas para o benefício físico e saúde das crianças e que estavam também ligados a amamentação e também os efeitos negativos de sua ausência para o caráter das crianças.

Dessa forma, era primordial que a mãe assumisse o controle primário dos cuidados físicos e emocionais que a amamentação propiciaria não apenas ao filho, mas também a ela e, para os casos em que a amamentação não era possível, que a mãe mantivesse, sob sua supervisão, uma ama de leite. Como enfatiza Ruth Bloch (1978):

(...) Os médicos especialistas também abordaram as mães sobre vários outros aspectos do cuidado infantil. Os manuais sobre nutrição e doenças infantis começaram a se tornar amplamente disponíveis durante esse período. A maioria destes eram reimpressões americanas de trabalhos um pouco anteriores de renomados obstetras inglesas e escocesas, mas no início do século XIX, as publicações americanas também começaram a aparecer. Esses trabalhos pediam às mães que cuidassem de perto de seus filhos pequenos – não apenas para amamentá-los com competência quando estão doentes, mas para vesti-los livremente, em vez de envolvê-los, mantê-los meticulosamente limpos, exercitá-los regularmente ao ar livre, mantê-los em uma dieta especial por anos e (segundo alguns textos) alimentá-los sob demanda e não dentro do cronograma (BLOCH, 1978, p. 111)¹⁷⁶.

¹⁷⁶ Tradução livre do original em inglês: “Medical experts also addressed mothers on various other aspects of infant care. Handbooks on child nurture and disease began to become widely available during this period. Most of these were American reprints of slightly earlier works by well-known English and Scotch obstetricians, but in the early nineteenth century, indigenous American publications also began to appear. These works urged mothers to tend closely to their small children-not just to nurse them competently when sick, but to clothe them loosely rather than swaddle them, to keep them meticulously clean, to exercise them regularly outdoors, to keep them on a special diet for years, and (some texts said) to feed them on demand rather than on schedule”.

Na mesma medida em que os desenvolvimentos econômicos, tratados no subcapítulo anterior, impeliram as mulheres a passar mais tempo na esfera doméstica trazendo consigo novos padrões de asseio e trabalho na casa, a maternidade também passou a ser enfatizada como um desdobramento do trabalho doméstico, mas muito mais envolvida em um desdobramento simbólico do papel feminino.

Além disso, o trabalho masculino cada vez mais centrado na função de provedor da renda familiar em muito, segundo Bloch (1978), se voltou para fora da esfera doméstica, contribuindo para que a criação dos filhos fosse centrada na figura da mãe. Assim, muitos ministros, médicos e moralistas seculares adotaram um discurso que exortava as mães a usarem seu poder e cuidados para enraizar, desde a tenra infância, os princípios da virtude e, nesse aspecto, a maternidade passou a ser um veículo poderoso no qual as mulheres exerciam influência social, atuando não mais apenas como esposas, mas, sobretudo, como mães de futuros cidadãos.

Tais desdobramentos, da esposa republicana e da mãe moral, como espécie de transição para a cultura vitoriana das décadas de 1840 e 1850, conforme descreve Mary P. Ryan (2006), estão presentes, respectivamente em *The Female Marine*, como anteriormente demonstrado na questão da esposa republicana e, para o caso da mãe moral, no relatório do missionário James Davis da Boston Female Society For Missionary Purposes que, como visto no capítulo anterior, buscava, nas “mães afetuosas” um ponto de solicitude para orar e resgatar as jovens de West Boston das “vis artimanhas dos ímpios”. Nesse sentido, tanto o romance quanto os documentos religiosos e também o relatório de Josiah Quincy traziam, em alguma medida, a questão da virtude e dos vícios, um tema caro não apenas à cidade de Boston, mas à independente República em seus primeiros anos.

3.3 Tecendo uma identidade comum: Os peregrinos e a narrativa da Nação em *The Female Marine*

Se para olhar para o futuro da República a virtude era um tema de grande importância na cultura média dos anos iniciais, justamente porque fixava uma conduta considerada moralmente adequada que sustentaria o regime, por outro lado, para se pensar uma identidade comum, como Janus, o olhar dos Estadunidenses se voltava para o passado. Como evidencia Mary Anne Junqueira (2001), a busca por uma identidade comum em muito se deu pela

construção narrativa de um passado mítico que unificava, de maneira original - haja vista ser esse país autoproclamado a primeira democracia moderna -, uma identidade que unisse uma cultura tão diversificada.

Como o passado enquanto colônia da Inglaterra era algo que se buscava romper, outra narrativa teve de ser recuperada, e dela, tecida uma identidade que unisse aqueles que agora faziam parte do novo mundo em um novo regime político. Assim, “recuperou-se do passado colonial apenas o grupo dos peregrinos”, e a história de predestinação do país passou a ser narrada a partir da descendência direta desse grupo (JUNQUEIRA, 2001, p. 31).

Segundo Leandro Karnal (2007), a história dos peregrinos é retomada parcialmente, haja vista que, tende-se a enfatizar alguns pontos e se obscurecer outros para que esteja em conformidade com uma construção mítica de predestinação e fundação de um país excepcional no novo mundo. Historiograficamente, a vinda dos peregrinos para o que posteriormente seria conhecido como as colônias de Nova Inglaterra, se deu a partir da fuga do grupo religioso radical conhecido como *The Separatists* (Os Separatistas) dos conflitos que envolviam a religião Anglicana e outras vertentes protestantes na Inglaterra entre fins do século XVI e inícios do XVII.

Assim, a bordo do navio *Mayflower*, os peregrinos atravessaram o Atlântico para chegar às terras do Norte onde já havia colônias inglesas estabelecidas. Ainda em alto mar, esse grupo religioso firmou um pacto para que todos obedecessem a leis justas e iguais, o que posteriormente ficou conhecido como *Mayflower Compact*, um pacto que, conjuntamente a narrativa sobre a predestinação dos peregrinos é retomado como um dos princípios de igualdade da fundação do país, a despeito de, como anteriormente ressaltado, muitas vezes ser obscurecido que nele ainda havia referências a lealdade para com a coroa Inglesa (KARNAL, 2007, p. 46).

Ao chegarem a Plymouth, cidade hoje pertencente ao estado de Massachusetts, os peregrinos tiveram dificuldades não apenas com o clima: por aportarem em uma região muito ao norte e em uma estação de bastante frio, o mar estava congelado e a vegetação dificultava o estabelecimento de assentamentos e de agricultura para subsistência, o que, segundo Karnal (2001) custou à vida de quase metade dos peregrinos nos primeiros anos (*Idem*, p. 46).

O árduo processo de travessia em alto mar e as dificuldades com a natureza para o assentamento em uma terra inicialmente hostil fomentou nesse grupo um sentimento religioso que comparava suas expiações as do povo hebreu na busca pela terra prometida, a Canaã bíblica. Dessa forma, denominando-se um povo eleito por Deus, os peregrinos, enquanto

Calvinistas, acreditavam estarem predestinados a transformar as terras do Novo Mundo em um lugar pacífico onde poderiam exercer livremente sua fé a partir de princípios de igualdade. De acordo com Karnal (2001):

Os puritanos (protestantes calvinistas) tinham em altíssima conta a ideia de que constituíam uma “Nova Canaã”, um novo ‘povo de Israel’: um grupo escolhido por Deus para criar uma sociedade de ‘eleitos’. Em toda a bíblia procuravam afirmativas de Deus sobre a maneira como Ele escolhia os seus e as repetiam com frequência. Tal como os hebreus no Egito, também eles foram perseguidos na Inglaterra. Tal como os hebreus, eles atravessaram o longo e tenebroso oceano, muito semelhante à travessia do deserto do Sinai. Tal como os hebreus, os puritanos receberam as indicações divinas de uma nova terra (...). A ideia de povo eleito e especial diante do mundo é uma das marcas mais fortes na constituição da cultura dos Estados Unidos (KARNAL, 2007, p. 47).

Essa narrativa dos peregrinos, de sua predestinação e expiações com paralelos bíblicos endossaram uma cultura média estadunidense que, segundo Karnal (2007), consolidou uma identidade *Wasp* (em inglês, *White anglo-saxon protestant*), fundada, portanto, por de colonos brancos, anglo-saxões e protestantes. Como ressalta Mary Anne Junqueira:

Não resta dúvida que uma criação como essa – a descendência direta dos peregrinos e a certeza de que deveriam cumprir uma missão providencial – fundava uma unidade, um sentimento de pertencimento nacional, mas também criava uma enorme exclusão social. Nascia a American Wasp – White, anglo-saxon, protestant (...). Forjava-se a imagem de um povo excepcional mas, por outro lado, profundamente excludente (como ficavam, nesse esquema acabado, os negros, os índios?) (JUNQUEIRA, 2001, p. 35).

A retomada dessa narrativa não é apenas de fins do XIX, mas, já no início do mesmo século, nos primeiros anos da República, era colocada como unificadora da identidade e excepcionalidade dos Estados Unidos, se unido ao orgulho nacional de constituírem a primeira democracia e a mais jovem moderna República no novo mundo.

Em *The Female Marine*, por exemplo, em sua terceira e última parte publicada em 1816 “An Awful Beacon to the Rising Generation of Both Sexes by Mrs. Lucy West”, a narrativa dos peregrinos fundadores é retomada quando a protagonista Lucy, já reconciliada com as paisagens e vida doméstica de sua cidade natal, a rural Plymouth - coincidentemente, a mesma do desembarque dos peregrinos - passeia com o jovem Charles West pela baía de Massachusetts, visitando a famosa Plymouth Rock:

(...) logo após o café da manhã, prosseguimos em busca do primeiro local de desembarque dos Peregrinos. (...) De fato, não havia nada de extraordinário na aparência dessa pedra de cor cinza, que, permanecendo em seu estado natural, vi com um olhar de indiferença. Mas Mr. West, que era realmente muito mais um antiquarista, parecia vê-la com um grau de satisfação filosófica. Depois de expressar sua surpresa pelo fato de que ela poderia ter sofrido para permanecer sem a menor inscrição pela qual pudesse ser distinguida de qualquer outra (colocando a mão

sobre ela), ele assim se dirigiu a mim: - 'A pedra, Lucy, na aparência de que você de fato não percebe nada de muito peculiar e que possa conceber como 'indigno da observação de um desconhecido que passa, eu realmente vejo e contemplo o evento que deu origem a sua celebridade, com satisfação inexprimível. Foi a primeira fundação firme sobre a qual os *peregrinos merecedores* colocaram seus pés nesse quarto, agora densamente habitado do novo mundo! (An Awful Beacon to the Rising Generation of Both Sexes by Mrs. Lucy West. In: COHEN, p. 113).¹⁷⁷

Na fala de Mr. West, a identificação com os “peregrinos merecedores” se vincula diretamente à narrativa fundadora da identidade nacional estadunidense que, na ocasião em que fora publicado o romance em 1816 era de suma relevância que fosse privilegiada, seja para consolidar uma identidade nacional comum, seja para retomar uma união parcialmente fraturada na contenda política e econômica entre as regiões de Nova Inglaterra e o resto da República, principalmente no que se refere às questões sobre o embargo (1807- 1809) e os conflitos de 1812.

Além do discurso sobre os peregrinos fundadores, no romance, Mr. West prossegue sua dissertação sobre a história nacional elucidando as dificuldades que esses mesmos fundadores tiveram ao chegar ao novo mundo:

- Isso foi (continuou ele) há quase 200 anos, e quais eram os agora florescentes Estados da Nova Inglaterra! - uma floresta quase impenetrável, cheia de selvagens e animais de rapina! - as vastas árvores que cresciam até as nuvens, estavam tão sobrecarregadas de plantas que mal as nuvens podiam ser encontradas - as bestas selvagens tornavam essas florestas ainda mais inacessíveis - a raça humana, envolta com as peles desses monstros, fugiram uns dos outros, ou perseguiram apenas com a intenção de destruir - a terra parecia sem valor para o homem, e seus poderes não eram muito empregados tanto para seu sustento, como na criação de animais, mais obedientes às leis da natureza - a terra produzia tudo com prazer, sem direção; produziu todas as suas recompensas com profusão descontrolada para o benefício de todos - a primavera foi restaurada dos despojos do outono - as folhas secaram e enraizaram aos pés das árvores, lhes forneceram seiva fresca para lhes permitir lançar novas flores (An Awful Beacon to the Rising Generation of Both Sexes by Mrs. Lucy West. In: COHEN, p. 113).¹⁷⁸

¹⁷⁷ Tradução livre do original em inglês: “(...) soon after breakfast, proceeded in quest of the first landing place of the Pilgrims. An obliging inhabitant of the town pointed out to us the detached parts of the celebrated Rock, which for the accommodation of the commercial interest of the town had been separated, a part of which formed a corner stone of a rough built well in front of the court-house. There was indeed nothing extraordinary in the appearance of this grey coloured stone, which, remaining in its natural state, I viewed but with an eye of indifference. But Mr. West, who was indeed much more of an antiquary, appeared to view it with a degree of philosophic satisfaction. After expressing his surprise that it should be suffered to remain without the least inscription by which it might be distinguished from any other, (placing his hand thereupon) he thus addressed me: - ‘The rock, Lucy, in the appearance of which you may indeed perceive nothing very peculiar, and which you may conceive as unworthy the notice of the passing stranger, I do indeed view, and contemplate the event which gave rise to its celebrity, with inexpressible satisfaction. It was the first firm foundation on which the worthy pilgrims set their feet in this now thickly inhabited quarter of the new world!’”

¹⁷⁸ Tradução livre do original em inglês: “- It was (continued he) scarcely 200 years ago, and what was the now flourishing States of New-England then! – an almost impenetrable forest, abounding with savages and beasts of prey! – the vast trees that grew up to the clouds, were so encumbered with plants that they could scarcely be got

Os perigos da natureza hostil, como elucida Mary Anne Junqueira (2000) em “Ao Sul Do Rio Grande: Imaginando a América Latina Em Seleções: Oeste, *Wilderness* e Fronteira, 1942-1970”, também estiveram presentes nas narrativas dos peregrinos, como anteriormente citado, as expiações dos religiosos eram comparadas as dos hebreus do Antigo Testamento. Segundo a autora, alguns dias após aportarem em Plymouth, o líder puritano William Bradford descrevia as provações que seu grupo passara ao estabelecer a colônia:

Por hora, não posso parar e fazer uma pausa e assombrar-me ante o estado atual desta pobre gente... eles não possuem agora amigos que lhes dêem boas vindas, nem pousadas para reconfortar e acolher os povos e aos que solicitam socorro... E quanto à estação, era inverno, e quem conhece os invernos deste lugar sabe que são rudes e violentos e sujeitos a cruéis e formidáveis tormentas, perigosos para quem viaja a lugares conhecidos, e muito mais para quem reconhece uma costa desconhecida. Ademais, o que podiam ver, além de um *wilderness* horrível e desolado cheio de bestas e homens selvagens? Quem os podia apoiar agora, salvo o espírito de Deus e sua graça (BRADFORD. *Apud* JUNQUEIRA, 2000, pp. 74 – 75).

O *Wilderness* citado por Bradford não esteve presente apenas na narrativa da colonização, mas também, nas décadas posteriores a 1830, na conquista dos territórios do Oeste norte-americano e na expansão das fronteiras do país. Segundo Roderick Nash (1967), *Wilderness* é um dos componentes básicos para compreensão tanto do nacionalismo quanto da identidade nacional estadunidense e sobre esse aspecto, carrega um significado simbólico que remete tanto a um sentimento despertado pela observação da natureza, uma espécie de catarse ou revelação, quanto a lugares habitados por bestas selvagens e natureza árida, de difícil sobrevivência.

Na tradução bíblica para o inglês a palavra *Wilderness* esteve presente tanto para se referir as dificuldades para atravessar o deserto, *Wilderness* do Sinai no Êxodo, quanto na tentação de Jesus Cristo no deserto, também traduzido pela palavra *Wilderness* (JUNQUEIRA, 2000, p. 60). Segundo Junqueira:

Mas o importante a reter aqui são os sentimentos que estes lugares produzem: desnortamento e estranhamento. A compreensão do *Wilderness*, geralmente, está relacionada a um lugar onde a percepção humana é abalada, ampliada ou ainda perturbada. A relação é de permanência do homem num meio ambiente estranho, onde a civilização está ausente (*Idem*, p. 61).

at – the wild beasts made those woods still more inaccessible – the human race, cloathed with the skins of those monsters, fled from each other, or pursued only with intent to destroy – the earth seemed useless to man, and its powers were not exerted so much for his support, as in the breeding of animals, more obedient to the laws of nature – the earth produced every thing at pleasure, without direction; it yielded all its bounties with uncontrolled profusion for the benefit of all – the spring was restored from the spoils of autumn – the leaves dried and rooted at the foot of trees, supplied them with fresh sap to enable them to shoot out new blossoms.”

É nesse sentido que a natureza hostil representada pela fala do personagem Mr. West em *The Female Marine* é descrita, como uma localidade sujeita às leis da natureza, hostil em seu território e seus habitantes nativos que, em suma, necessitava da intervenção do homem anglo-saxão, branco e protestante - com a ajuda de Deus - para civilizá-los:

(...) Foi sobre esse mesmo rochedo que o pequeno grupo de puritanos desembarcou pela primeira vez - aqui, sem dúvida, com um só coração e mente unidos em retornar graças a um Deus Todo-Poderoso, por trazê-los para a terra seguros, mesmo com um aspecto tão pouco propício. Com o que os cristãos de semelhante paciência fizeram, eles suportaram as dificuldades que os assistiam, antes de conseguirem com afeição uma pacífica colônia. - a região não estava apenas espalhada por essas florestas, mas os caprichos de uma raça selvagem deveriam ser acalmados - seus ciúmes de novos colonos serem removidos ou seu poder a se opor; e quando todas essas dificuldades foram superadas, os imigrantes piedosos continuaram sujeitos à primeira sentença condenatória proclamada à raça humana, 'pelo suor da testa para ganhar o pão'. Mas, com essas perspectivas sombrias, os peregrinos não deveriam ficar desanimados - eles desembarcaram e logo mudaram a cara da Nova Inglaterra; eles introduziram simetria com a assistência de todos os instrumentos de arte; as florestas impenetráveis foram clareadas e feitos aposentos para espaçosas habitações; os animais selvagens foram expulsos e rebanhos de animais domésticos suprimiram seu lugar; enquanto os espinhos e as sarças afastavam as colheitas ricas - as costas estavam cobertas de cidades e as baías com os navios - e, assim, *o novo mundo, como o antigo, ficou sujeito ao homem*". West concluiu observando que esses eram eventos merecedores comemorações, e deveriam ter sido perpetuados por uma inscrição adequada sobre a rocha (*An Awful Beacon to the Rising Generation of Both Sexes* by Mrs. Lucy West. In: COHEN, p. 113).¹⁷⁹

Como é possível verificar nas falas da personagem, a modificação do ambiente pelos “peregrinos merecedores” civilizou a região e construiu o que floresceria como a Nova Inglaterra, a terra prometida para se construir a nova nação. Com “simetria e assistência” os peregrinos, afastaram “os caprichos de uma raça selvagem” referindo-se aos nativos que habitavam a região, retratando-os, portanto, como uma parte da paisagem que necessitava ser submetida ao colonizador.

¹⁷⁹ Tradução livre do original em inglês: “Such Lucy (continue my friend) was the situation of the surrounding country, when first visited by those who sought here a retreat from foreign persecution - It was upon this very rock that little band of Puritans first landed – here they no doubt with one heart and mind united in returning thanks to an Almighty God, for bringing them safe to land even of so unpropitious an aspect. With what Christian like patience did they endure the difficulties that attended them, before they succeeded in affecting a peaceable settlement. “- the country was not only overspread with this woods, but the caprices of a savage race were to be soothed – their jealousies of new settlers to be removed, or their power to be opposed; and when all these difficulties should be surmounted, the pious emigrants must continue subject to the first condemnatory sentence denounced on the human race, ‘by the sweat of their brow to earn their bread’. But with these dreary prospects the pilgrims were not to be disheartened – they landed, and very soon changed the face of New-England; they introduced symmetry by the assistance of all the instruments of art; the impenetrable woods were cleared, and made room for commodious habitations; the wild beasts were driven away, and flocks of domestic animals supplied their place; whilst thorns and briars made away for rich harvests - the coasts were covered with towns, and the bays whit ships – *and thus the new world like the old became subject to man*”. Mr. West concluded with observing that these were events worthy of commemoration, and ought to have been perpetuated by a suitable inscription upon the rock”.

Nesse sentido, se para o nacionalismo a característica da excepcionalidade é central, a partir do estabelecimento da República, a religião protestante, por sua vez é vista como um fator dominante de coesão nacional que atua na fundação mais primitiva do país, uma vez que até mesmo os pais fundadores, àqueles que participaram do debate para a formação do regime e da independência - tais como Jefferson, Adams, dentre outros -, eram vistos como herdeiros diretos dos peregrinos, unido, dessa forma, tanto a excepcionalidade do regime quanto a fundação religiosa dele. Assim, como argumenta Junqueira, somente um povo eleito por Deus poderia criar um país a partir de uma natureza hostil, transformando-a e estabelecendo no novo mundo um regime moralmente virtuoso e inédito (JUNQUEIRA, 2001, p. 34- 35).

Levando-se em consideração esses aspectos, o romance *The Female Marine*, assim como outros romances do século XIX norte-americano, buscou inserir em seu enredo temas que remontavam tanto uma narrativa de identidade nacional mais ampla, como foi a dos peregrinos, quanto inseria nela temas locais e conjunturais próprios a República e ao estabelecimento do regime, como foram as questões da virtude e do casamento republicano.

Além de tais temáticas mais amplas, o romance também inseriu em sua trama especificidades do local em que fora escrito e impresso, seja pela representação crítica do bairro de West Boston e a descrição de suas desigualdades a partir de perspectivas distintas - de acordo com o foco narrativo das personagens Lucy e Rachel, seja pela retomada do orgulho local com os feitos da fragata Constituição e dos veteranos da guerra de 1812.

Dessa forma, o estudo de sua trama e circulação contribui de sobremaneira para que sejam evidenciados, por suas redes de interlocução social, tanto a busca por uma identidade nacional comum, quanto uma reconciliação entre o local, a Federalista Boston seduzida nos anos do Embargo, e o nacional, que, ao menos na ficção, tem sua virtude restaurada em um casamento de afeições mútuas.

Considerações finais

A partir do objetivo geral de fomentar estudos sobre o período historiograficamente conhecido como Early Republic, a presente pesquisa buscou, guiada pelas redes de interlocução do romance *The Female Marine*, estabelecer relações entre as representações nele contidas e outras narrativas e fontes administrativas e religiosas do período. E, sobre esse aspecto, buscou-se privilegiar a abordagem da história social, principalmente no que se refere a questões de gênero, raça e classe, na literatura nos primeiros anos do independente Estados Unidos, temas sensíveis e pouco evidenciados na historiografia sobre a formação do país.

A partir de tais objetivos buscou-se, inicialmente, traçar as condições de leitura dos primeiros anos da República, seja em seus aspectos voltados à formação dos leitores, seja propriamente nas publicações dadas a ler, tais como chapbooks, panfletos, broadside ballads, almanaques, dentre outras historiograficamente classificadas como “efêmeras” e que, por esse motivo, são muitas vezes deixadas de lado ou abordadas sem a especificidade que sua fonte exige.

Tais publicações, em muito contribuem para traçar características da literatura popular que circulava nas primeiras décadas do século XIX nos Estados Unidos: uma literatura barata, de suporte perecível que, a depender do tipo, almanaque, chapbooks ou broadside ballad, trazia textos escritos a partir de uma cultura oral ou mesmo textos cuja autoria não era conhecida, além de conhecimentos práticos e imagens. Lidas em grupos, nas ruas, afixadas nas tavernas ou passadas entre os familiares até se desgastarem, essa literatura esteve bastante presente na Early Republic e na formação de leitores e leitoras no período.

Inseridos nesse rol efêmero, as três sequências dos panfletos de *The Female Marine*, a narrativa derivada de Rachel Sperry e o chapbook de 40 cents posteriormente compilado, também se fez representativo dessa literatura popular e, igualmente, do romance enquanto gênero que circulava nos primeiros anos. Sobre esse aspecto, advindos de uma cultura Anglo-Americana, os desenvolvimentos do romance na República trouxeram consigo temas frequentes como o picaresco, o picaresco feminino, a pseudo-história e, principalmente, em suas primeiras décadas o tema da sedução e abandono, bastante difundido e que tinha como intuito alertar os jovens sobre os perigos da sedução por meio do fim trágico de suas personagens.

Narrativas como *Charlotte Temple* de Susanna Rowson, *Power of the Sympathy* de William Hill Brown e *Clarissa* de Samuel Richardson dentre tantas outras, acabaram por

influenciar os desenvolvimentos temáticos e narrativos de diversos romances nos primeiros anos, como foi o caso de *The Female Marine*, que os referenciava diretamente nas epígrafes e imagens das capas de seus panfletos.

Além de questões mais específicas sobre leitura e literatura popular nos primeiros anos da República, a pesquisa também buscou abranger, em seus dois últimos capítulos, algumas questões suscitadas pela narrativa do romance e que, em muito, demonstram suas redes de interlocução social. Dessa forma, os temas tratados no romance demonstram em suas representações perspectivas religiosas e políticas que estiveram vigentes em sua época de publicação.

Contudo, cabe ressaltar que as perspectivas aqui expostas não esgotam as possibilidades de abordagem do romance, muito pelo contrário, contribuem para que as considerações aqui traçadas sejam revisitadas a partir de outros questionamentos, seja como mesmas documentações, seja a partir de outras. Nesse sentido, como desdobramento dos objetivos, buscou-se privilegiar temáticas que levassem em conta gênero, raça e classe, e tivessem relevância para se compreender tanto o local, a cidade de Boston e seus habitantes, quanto o nacional, as expectativas da República, do novo e independente país e de seu regime em formação.

Sobre o primeiro aspecto, as representações dos moradores e habitações de West Boston pelo foco narrativo das personagens Lucy Brewer e Rachel Sperry mostram-se bastante significativas quando colocadas lado a lado com as perspectivas religiosa e administrativa da cidade de Boston entre os anos de 1817 a 1821. Nelas, as problemáticas resultantes do inchaço populacional na península são abordadas de forma crua e suas descrições são destacadas tanto pela ambiguidade com que os afro-americanos são retratados, algo que se também é visto na legislação e nos debates posteriores nos estados do Norte, como abordado no fim do capítulo dois, quanto pela forma pejorativa com que se dirigiam às prostitutas e as mulheres “enganadoras” de West Boston, as vis responsáveis, segundo Lucy, por desviar, dos caminhos da inocência e da virtude os jovens da República.

Além disso, no romance, assim como em ambos os documentos: o religioso da Boston Female Society for Missionary Purposes e o administrativo do comitê de Boston sobre o pauperismo, *Report of the Committee of the subject of pauperism and a House of Industry in the Town of Boston*, a questão das instituições necessárias para se abrigar a população mais pobre é levantada e suas opiniões são bastante similares.

No romance, assim como no relatório de Josiah Quincy, a Almshouse e a prisão eram vistas como instituições que não contribuíam para retirar a população da situação do pauperismo, pelo contrário, segundo a personagem Lucy, muitas das prostitutas se “orgulhavam” de serem reincidentes da prisão e da Almshouse e, segundo o presidente do Comitê de estudos sobre o pauperismo, Josiah Quincy, essas instituições não correspondiam às necessidades de “indústria” da cidade pelos mesmos motivos. O que, no entanto, segundo os estudos de Ruth Herndon (2012) não correspondia as entradas dos internos na instituição e sim, a uma ideologia que associava a prostituição e o pauperismo a criminalidade.

Também nos relatórios da Boston Female Society for Missionary Purposes a questão da necessidade de se prover uma instituição para se abrigar as jovens que desejavam deixar o morro também é levantada. Contudo, sem recursos específicos a causa, restava aos missionários apenas lamentar os infortúnios das “pobres moças andarilhas”.

Nesse aspecto, é interessante de se notar, portanto, que tais constructos permearam tanto a literatura, uma ficção que em sua época não se pretendia como tal, quanto documentos administrativos do período que buscam pensar tanto classificações para essa população quanto, para o caso do relatório de Quincy, buscar soluções administrativas para ela: a partir da criação de uma Casa da Indústria ou de trabalho. Uma instituição que abrigaria a pretensa “população viciosa” para que com esforço deixasse de lado seus hábitos de vício e indolência e também a população pobre em razão do infortúnio.

Essas categorizações do pauperismo, entre viciosos e aqueles que, a despeito do infortúnio, permanecem nos “caminhos da inocência e da virtude”, perpassam todos os relatos tratados na pesquisa, cada qual, contudo, com aspectos descritivos próprios. Como já ressaltado, no romance, essas descrições são colocadas de forma bastante pejorativa e rebaixada, principalmente no que se refere às descrições e classificações das prostitutas e, especialmente, as mulheres enganadoras de West Boston, como é o caso da alcoviteira que abrigara Lucy em sua narrativa.

Por sua vez, no relato da personagem Rachel, a localidade é vista como um “mal necessário” a todas as grandes cidades portuárias do país, uma mal com o qual a personagem Rachel convivia, mas não compactuava e que se fazia necessário justamente para funcionar como um reduto para que aqueles que escolhessem a devassidão e o vício não se espalhassem pelas demais localidades da cidade.

Já nos relatos religiosos, West Boston era enxergada como o lugar onde satã residiria, principalmente no que se refere a rua Southark. Contudo, diferentemente do romance, o apelo

dos missionários não se dirige apenas aos jovens desavisados, mas as mães afetuosas, objetos de piedade, as quais contribuiriam para manter suas filhas nos caminhos da virtude. Dessa forma, essas descrições imprimiram duas figuras femininas antagônicas: a mãe - que também pode ser compreendida como a esposa ou a viúvas – compreendidas, portanto, como objetos de piedade e signos de virtude que não sucumbiam ao local vicioso em que viviam, em oposição à prostituta, miserável, enganadora e vil que corrompia os jovens por seus hábitos de “indolência e vício”.

Tais classificações surgem em um período de instabilidade social crescente na região, uma localidade periférica que possuía más condições de saneamento, controle de fogo e casos crescentes de violência urbana a partir de linchamentos - principalmente de casas de prostituição, em festividades da população afro-americana e em localidades em que havia venda ilegal de bebidas. Além disso, por critérios de classe, raça e gênero, como evidenciam dos dados dos censos, a região era aquela que abrigava a maior parte da população da cidade, sendo ela majoritariamente feminina e negra; Enfatizando o que o historiador Jack Tager (2001) denomina de bairros de “segregação e especialização”, que não eram incomuns nos grandes centros urbanos dos anos iniciais da República, tais como Nova York, Charlestown dentre outras, mas que, historiograficamente, raramente entram no rol dos temas tratados na formação dos Estados Unidos.

Além disso, não apenas na portuária Boston a questão da virtude e seu extremo oposto, o vício, eram temas recorrentes, mas na República como um todo, principalmente no que se refere à primeira. É sobre esse aspecto que o terceiro e último capítulo busca tratar, explorando um tema caro tanto a realidade local de Boston e ao romance *The Female Marine*, quanto à concepção e a construção unificada do regime político, do novo país e da nação.

Retomando tradições da antiguidade clássica, cristã e de outros desenvolvimentos do iluminismo, o regime republicano, um regime baseado na preocupação com o bem comum a república exigia, para sua sustentação e incorruptibilidade, a virtude de seus cidadãos. Um debate que se intensificou no pós-independência até a ratificação da Constituição, mas que perdurou ainda como tema em contenda principalmente quando relacionado a liberdade individual e de comércio.

Em *The Female Marine* essa questão também é trabalhada, tanto pela inculcação dos princípios de retidão moral e virtude pelos exemplos contrafactuais das personagens elencadas por Lucy, quanto pelo desfecho da própria protagonista que, devido ao arrependimento precoce, a providência divina, a luta por seu país a bordo de não outra, mas da *Fragata*

Constituição - construída e ancorada até os dias de hoje em Boston - e, principalmente devido ao desfecho pelo casamento republicano de afeição mútua com o jovem empreendedor Charles West, a jovem Lucy, que permanecera nos caminhos da virtude e da inocência a despeito de sua sedução, como uma metáfora para a Federalista Boston nos anos do conflito de 1812, tem sua liberdade, virtude e unidade familiar restauradas.

Com a unidade familiar restituída, a personagem Lucy se reconcilia com as paisagens rurais e domésticas de Plymouth e, nos encaminhamentos finais de sua narrativa, é cortejada pelo jovem Charles West em um passeio pela baía do lugar. Na ocasião, o patriótico e curioso Mr. West divaga em uma dissertação sobre a Plymouth Rock, os peregrinos e a história de sujeição da natureza hostil enfrentada pelos peregrinos merecedores ao desembarcarem nos primeiros anos da colonização.

Assim, *The Female Marine*, como diversos outros romances do século XIX nos Estados Unidos, busca inserir em uma narrativa local, com problemáticas sociais e temáticas de orgulho regional como a *Fragata Constituição*, uma narrativa mítica que em grande medida, na história dos Estados Unidos, funda sua identidade enquanto país e nação.

Por sua vez, tecendo uma identidade local e nacional, o romance *The Female Marine* e suas redes de interlocução social se apresentam como uma interessante fonte de investigação para os primeiros anos da independente República, dando corpo e narrativa aos conflitos que se estabeleceram em um período de formação do país que, muitas vezes, são deixados de lado pela historiografia.

Referências bibliográficas

AGRESTO, John T. Liberty, Virtue, and Republicanism: 1776-1787. In: *The Review of Politics*, Vol. 39, No. 4 (Oct., 1977), pp. 473-504. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1407290>> Acesso em 14 de Fevereiro de 2020.

BLOCH, MARC. *Apologia da História ou O ofício de historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BLOCH, Ruth H. American Feminine Ideals in Transition: The Rise of the Moral Mother, 1785-1815. In: *Feminist Studies*, Vol. 4, No. 2, Toward a Feminist Theory of Motherhood (Jun., 1978), pp. 100-126. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3177453>>. Acesso em 11 de Fevereiro de 2020.

_____. The Gendered Meanings of Virtue in Revolutionary America. In: *Signs*, Vol. 13, N° 1, Women and the Political Process in the United States (Autumn, 1987), pp. 37 – 58. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3174026>>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2020.

BUEL JR, Richard. *Historical Dictionary of the Early American Republic*. Maryland: Scarecrow Press, 2006.

BUELL, Lawrence. American Literary Emergence as a Postcolonial Phenomenon. In: *American Literary History*, Vol. 4, No. 3 (Autumn, 1992), pp. 411-442. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/489858>>. Acesso em 07 de Março de 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BROWN, Richard D; TAGER, Jack. *Massachusetts A Concise History*. University of Massachusetts Press, 2000.

BRYNER, Gary; VETTERLI, Richard. Public Virtue and the Roots of American Government. In: *Brigham Young University Studies*, Vol. 27, No. 3 (Summer 1987), pp. 29-49. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/43041296>>. Acesso em 14 de Fevereiro de 2020.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade. Estudos de teoria e história literária*. São Paulo, Editora Nacional, 1976.

CHALHOUB, Sidney. *A História Contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. _____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Edufrgs, 2002.

COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works. Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1998.

_____. *The Female Marine in a Era of Good Feelings: Cross-dressing and the 'Genius' of Nathaniel Coverly Jr.* American Antiquarian Society, 1994.

CORDINGLY, David. *Women sailors and sailors' women: an untold maritime history*. Random House, 2001.

CORNELIUS, Janet. We Slipped and Learned to Read:" Slave Accounts of the Literacy Process, 1830-1865. In: *Phylon* (1960-), Vol. 44, No. 3 (3rd Qtr., 1983), pp. 171-186. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/274930>>. Acesso em: 25 de Agosto de 2019.

CRANE, Gregg. *19th Century American Novel*. New York: Cambridge University Press, 2007.

CREIGHTON, Margaret S; NORLING, Lisa. *Iron men, wooden women: gender and seafaring in the Atlantic world, 1700-1920*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.

CRUNDEN, Robert M. *Uma Breve História da Cultura Americana*. Rio de Janeiro. Nórdica, 1994.

DAVIDSON, Cathy N. *Reading in America: Literature and Social History*. Johns Hopkins University Press, 1989.

_____. *Revolution and the Word: The Rise of the Novel in America*. Oxford University Press, 1986.

_____. Female Authorship and Authority: The Case of Sukey Vickery. In: *Early American Literature*, Vol. 21, No. 1 (Spring, 1986), pp. 4-28. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/25056605>>. Acesso em: 24 de Janeiro de 2020.

_____. Preface: No More Separate Spheres! In: *American Literature*, Vol. 70, No. 3, No More Separate Spheres! (Sep., 1998), pp. 443-463. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2902705>> . Acesso em: 15 de Julho de 2019.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourrete*. Tradução Denise Botmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIMOCK, Wai-Chee. Feminism, New Historicism, and the Reader Author(s): Wai-Chee Dimock. In: *American Literature*, Vol. 63, No. 4 (Dec., 1991), pp. 601-622. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2926870>> Acesso em: 15 de Julho de 2019.

FARRED, Grant. *What's My name? Black vernacular intellectuals*. University of Minnesota Press, 2013.

GALLAMAN, Robert E. Changes in the Level of Literacy in a New Community of Early America. In: *The Journal of Economic History*, Vol. 48, No. 3 (Sep., 1988), pp. 567-582. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2121538>>. Acesso em: 23 de Agosto de 2019.

GOULD, Philip. Virtue, Ideology, and the American Revolution: The Legacy of the Republican Synthesis. *In: American Literary History*, Vol. 5, No. 3, Eighteenth-Century American Cultural Studies (Autumn, 1993), pp. 564-577. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/490006>> Acesso em 11 de Fevereiro de 2020.

HALL, David D. *Readers and Reading in America: Historical and Critical Perspectives*. American Antiquarian Society, 1994.

HICKEY, Donald R. *The War of 1812 Writings from America's Second War of Independence*. The Library of America, 2013.

HERNDON, Ruth W. Poor Women and the Boston Almshouse in the Early Republic. *In: Journal of the Early Republic*, 32 (Fall 2012), 2012, Society for Historians of the Early American Republic.

HOBSON, Barbara Meil. *Uneasy Virtue The politics of Prostituton and the American Reform Tradition*. The University of Chicago Press, 1990.

HOFSTADTER, Richard. *The American Republic*, volume one: to 1865. New Jersey, Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1959.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IZECKSOHN, Vitor. Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão. *In: Topoi*, Rio de Janeiro, março 2003, pp. 47-81.

JOHNSON, Paul E. *The Early American Republic 1789 – 1829*. Oxford University Press. 2007.

JUNQUEIRA, Mary A. *Estados Unidos: a consolidação da nação*. São Paulo: Ed Contexto, 2001.

_____. *Ao Sul Do Rio Grande: Imaginando A America Latina Em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira, 1942-1970*. Editora: Instituto Franciscano de Antropologia, Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação, Universidade São Francisco, 2000.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam e MORAIS, Marcus Vinícius de. *História dos Estados Unidos das origens ao século XXI*. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

KARNAL, Leandro. *Estados Unidos. Da colônia à Independência*. São Paulo, Contexto. 1990.

KENNEDY, Randall L. Who Can Say "Nigger"? And Other Considerations. *In: The Journal of Blacks in Higher Education*, No. 26 (Winter, 1999-2000), pp. 86-96. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2999172>>. Acesso em 31 de Janeiro de 2020.

KERBER, Linda. The Republican Mother: Women and the Enlightenment-An American Perspective. In: *American Quarterly*, Vol. 28, No. 2, Special Issue: An American Enlightenment (Summer, 1976), pp. 187-205. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2712349>> Acesso em 02 de março de 2018.

_____. Separate Spheres, Female Worlds, Woman's Place: The Rhetoric of Women's History. In: *The Journal of American History*, Vol. 75, No. 1 (Jun., 1988), pp. 9-39. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1889653>> Acesso em: 23 de Agosto de 2019.

KETTNER, James H. The Development of American Citizenship in the Revolutionary Era: The Idea of Volitional Allegiance. In: *The American Journal of Legal History*, Vol. 18, No. 3 (Jul., 1974), pp. 208-242. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/845086>>. Acesso em 11 de Fevereiro de 2020.

KIERNER, Cynthia A. *Manners, Morals, and Authority in the Early American Republic*. New York University Press, 2007.

KILLINGSWORTH, M. J.; REYNOLDS, David. Beneath the American Renaissance, and Jeffrey Steele, Representation of the Self in the American Renaissance [review]. In: *Walt Whitman Quarterly Review* 7 (Summer 1989), 32-36. Disponível em: <<https://doi.org/10.13008/2153-3695.1233>> Acesso em: 02 de Dezembro de 2019.

LEWIS, Jen. The Republican Wife: Virtue and Seduction in the Early Republic. In: *The William and Mary Quarterly*, Vol. 44, No. 4 (Oct., 1987), pp. 689-721. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1939741>>. Acesso em 11 de Fevereiro de 2020.

LYONS, Martyn. Os Novos Leitores no século XIX: Mulheres, crianças, operários. Org. Organizadores Guliermo Cavallo e Roger Chartier. In: *História da Leitura no mundo Ocidental* vol 2. Editora ática, São Paulo, 1999.

MCDOWELL, Paula. "The Manufacture and Lingua-facture of Ballad-Making": Broadside Ballads in Long Eighteenth-Century Ballad Discourse. In: *The Eighteenth Century*, Vol. 47, No. 2/3, *Ballads and Songs in the Eighteenth Century* (SUMMER/FALL 2006), pp. 151-178. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41467998>>. Acesso em: 13 de Fevereiro de 2019.

MCWILLIAMS, John. *New England's Crises and Cultural Memory: Literature, Politics, History, Religion, 1620-1860*. New York: Cambridge University Press, 2004.

MEDLICOTT, Alexander Jr. The Legend of Lucy Brewer: An Early American Novel. In: *The New England Quarterly*, Vol. 39, No. 4 (Dec., 1966), pp. 461-473. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/363418>>. Acesso em: 15 de Julho de 2019.

MONAGHAN, Jennifer. Family Literacy in Early 18th-Century Boston: Cotton Mather and His Children. In: *Reading Research Quarterly*, Vol. 26, No. 4 (Autumn, 1991), pp. 342-370. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/747893>>. Acesso em: 23 de Agosto de 2019.

MORSE, Richard. *O espelho do próspero*. Cultura e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MURPHY, Kevin D.; O'DRISCOLL, Sally. *Studies in Ephemera Text and image in Eighteenth-Century Print*. Bucknell University Press, 2013.

NASH, Roderick. The American Wilderness in Historical Perspective. In: *Forest History Newsletter*, Vol. 6, No. 4 (Winter, 1963), pp. 2-13. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3983142>>. Acesso em 25 de Fevereiro de 2020.

NEBEKER, Eric. The Broadside Ballads and Textual Publics. *Studies in English Literature, 1500-1900*, Vol. 51, No. 1, The English Renaissance (WINTER 2011), pp. 1-19. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/23028090>>. Acesso em 13 de Fevereiro de 2019.

_____. Broadside Ballads, Miscellanies, and the Lyric in Print. In: *ELH*, Vol. 76, No. 4 (Winter, 2009), pp. 989-1013. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/27742970>>. Acesso em: 13 de Fevereiro de 2019.

NGAI, Mae. A Estranha carreira da imigração ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos Estados Unidos, 1921-1965. In: *Revista Tempo*, v. 13 (julho de 2008), pp. 5-36.

PARK, You-me; WALD, Gayle. Native Daughters in the Promised Land: Gender, Race, and the Question of Separate Spheres. In: *American Literature*, Vol. 70, No. 3, No More Separate Spheres! (Sep., 1998), pp. 607-633. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2902711>> Acesso em: 15 de Julho de 2019.

PATTERSON, Mark R. Representation in Brackenridge's Modern Chivalry. In: *Texas Studies in Literature and Language*, Vol. 28, No. 2, American Literature (SUMMER 1986), pp. 121-139. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40754793>> Acesso em: 17 de Dezembro de 2019.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

REMOND, René. *História dos Estados Unidos*. São Paulo. Martins Fontes, 1989.

RYAN, Mary P. *Mysteries of sex Tracing Women & Men through American History*. University of North Carolina Press, 2006.

SAMUELS, Shirley. *Romances of the Republic: Women, the Family, and Violence in the Literature of the Early American Nation*. New York: Oxford University Press, 1996.

_____. The Family, the State, and the Novel in the Early Republic. In: *American Quarterly*, Vol. 38, No. 3 (1986), pp. 381-395. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2712673>>. Acesso em: 01 de Janeiro de 2019.

SINCHE, Bryan. Literature in the Early American Republic. In: *Annual Studies on Cooper and His Contemporaries*. Volume 2, 2009, pp. 81 – 102.

SCHRADER, Arthur. *Broadside Ballads of Boston, 1813: The Isaiah Thomas Collection*. American Antiquarian Society, 1988.

SHIELS, Richard D. The Scope of the Second Great Awakening: Andover, Massachusetts, as a Case Study. In: *Journal of the Early Republic*, Vol. 5, No. 2, Religion in the Early Republic (Summer, 1985), pp. 223-246. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3122953>> Acesso em: 20 de março de 2020.

SLAWINSKI, Scott. *Emily Hamilton and Other Writings*. University of Nebraska Press, 2009.

SMITH, Daniel Scott. Family Limitation, Sexual Control, and Domestic Feminism in Victorian America. In: *Feminist Studies*, Vol. 1, No. 3/4, Special Double Issue: Women's History (Winter -Spring, 1973), pp. 40-57.

SNYDER, Katherine. States of Sympathy: Seduction and Democracy in the American Novel by Elizabeth Barnes; The Plight of Feeling: Sympathy and Dissent in the Early American Novel by Julia A. Stern. In: *A Forum on Fiction*, Vol. 32, No. 2 (Spring, 1999), pp. 279-281. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/1346227>> Acesso em: 17 de Dezembro de 2019.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

_____. On Language, Gender, and Working-Class History . In: *International Labor and Working-Class History*, No. 31 (Spring, 1987), pp. 1-13. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/27671669>> Acesso em: 15 de Julho de 2019.

STANSELL, Christine. A Response to Joan Scott. In: *International Labor and Working-Class History*, No. 31 (Spring, 1987), pp. 24-29. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/27671671>>. Acesso em: 15 de Julho de 2019.

TAGER, Jack. *Boston Riots*. Northeastern University Press, 2001.

TENNENHOUSE, Leonard. There an Early American Novel?. In: *NOVEL: A Forum on Fiction*, Vol. 40, No. 1/2, *The Early American Novel* (Fall, 2006- Spring, 2007), pp. 5-17. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40267682>>. Acesso em 03 de Outubro de 2019.

TANSELLE, G. Thomas. *The Bibliography and Textual Study of American Books*. American Antiquarian Society November 1-3, 1984.

TEDESCHI, Losandro Antonio. História das mulheres e as representações do feminino. In: *Estudos Feministas, Florianópolis*, 17(3): 921-935, setembro-dezembro/2009.

THORNTON, Bonnie; ZINN, Maxine B. Theorizing Difference from Multiracial Feminism. In: *Feminist Studies*, Vol. 22, No. 2 (Summer, 1996), pp. 321-331.

TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. In: *Cadernos Pagu* (3) 1994: pp. 29-62.

TOTA, Antonio Pedro. *Os Americanos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

TOTA, Antonio Pedro. *Apresentação ou para entender um pouco os americanos*. São Paulo: Contexto, 2009.

WATT, Ian. *A Ascensão do Romance estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WILLIAMS, Jeffrey. *Religion and Violence in Early American Methodism taking the kingdom by the force*. Indiana University Press, 2010.

WINANS, Robert B. The Growth of a Novel-Reading Public in Late-Eighteenth-Century America. In: *Early American Literature*, Vol. 9, No. 3 (Winter, 1975), pp. 267-275. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/25070682>>. Acesso em: 9 de Janeiro de 2020.

WRIGHT, Lyle W. A Statistical Survey of American Fiction, 1774-1850. In: *Huntington Library Quarterly*, Vol. 2, No. 3 (Apr., 1939), pp. 309-318. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3815750>>. Acesso em: 18 de Dezembro de 2019.

ZILVERSMIT, Arthur. Quok Walker, Mumbet, and the Abolition of Slavery in Massachusetts. In: *The William and Mary Quarterly*, Vol. 25, No. 4 (Oct., 1968), pp. 614-624. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1916801>>. Acesso em 25 de Janeiro de 2020.

ZINN, Howard. *A people history of the United States 1492 to the present*. Harper Collins, 2009.

Fontes

QUINCY, Josiah. *Report of the Committee on the Subject of Pauperism and a House of Industry (Boston, Mass.)*; John Adams Library (Boston Public Library) BRL Quincy, Josiah, 1772-1864; Adams, John, 1735-1826, former owner. Disponível em: <<https://archive.org/details/reportofcommitte1821comm/page/n1/mode/2up>> Acesso em: 28 de agosto de 2019.

Boston Directory, 1789 to 1901. Disponível em: <<https://cdm.bostonatheneum.org/digital/collection/p16057coll32/search>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

WEBSTER, Noah. *An American Dictionary of the English Language*. New York: Published by S. Converse, 1828. Disponível em: <<https://1828.mshaffer.com/>>. Acesso em 12 de Agosto de 2019.

The Female Marine COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works. Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1998.

Fotografias e ilustrações

Frontispício de uma das primeiras edições de *An Affecting Narrative of Louisa Baker* de 1815, primeira parte da série posteriormente denominada *The Female Marine*. (In: COHEN, Daniel

A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p. 58).

Página com o título e resumo de *The Adventures of Louisa Baker*, de 1815, primeira parte da série posteriormente denominada *The Female Marine*. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p. 59).

Segunda parte da narrativa *The Adventures of Lucy Brewer*. Na imagem é adicionado ao busto da protagonista um chapéu militar. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.78).

Página de título e resumo da segunda parte da narrativa *The Adventures of Lucy Brewer* (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.79).

Frontispício da edição da terceira parte da narrativa *The Awful Beacon to the Rising Generation of both sexes* de 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.98).

Página de título da edição da terceira parte da narrativa *The Awful Beacon to the Rising Generation of both sexes* de 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.99).

Frontispício da resposta da personagem Rachel Sperry a narrativa de Lucy. Panfleto *A Brief Reply to the late writings of Louisa Baker, [alias] Lucy Brewer* 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.134).

Página de título da resposta da personagem Rachel Sperry a narrativa de Lucy. Panfleto *A Brief Reply to the late writings of Louisa Baker, [alias] Lucy Brewer*, de 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p.135)

Frontispício da décima edição de *The Female Marine*, de 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p. 54-55).

Frontispício da décima edição de *The Female Marine*, de 1816. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p. 4).

Frontispício de uma edição de *The Female Marine*, de 1818, a última catalogada do romance. (In: COHEN, Daniel A. *The Female Marine and Related Works, Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic*, 1997, p. 27).

Mapa de Boston, 1838. Map reproduction courtesy of the Norman B. Leventhal Map & Education Center at the Boston Public Library 1838.

GLOSSÁRIO

Almanaque	Livreto contendo calendários mensais, anuais e semanais, além de informações sobre as fases da lua, períodos de plantio e colheita de determinadas variedades, além de observações sobre clima e atividades religiosas e culturais ligadas a região de publicação.
Almshouse	Instituição criada para abrigar a população mais pobre nos centros urbanos dos Estados Unidos em sua grande maioria, financiado pelo poder público, por doações ou pela cobrança de taxa quando o abrigado poderia pagar. Muitas vezes as Almshouses também funcionavam como maternidade para mulheres mais pobres.
Broadside	Na cultura impressa dos primeiros anos da República o broadside, panfleto com apenas um verso da folha impresso, era bastante comum. Suas publicações traziam conteúdos satíricos e políticos que variavam de charges, textos e historietas curtas.
Broadside Ballads	Assim como o broadside, o broadside ballad tratava-se de um impresso em um verso da folha. Contudo, diferentemente do broadside, sua publicação era feita na versificação de canções populares, muitas vezes relacionadas a cultura marítima. Nos Estados Unidos, essas baladas também poderiam conter versos satíricos muitas vezes relacionados a temas de oposição ou crítica política.
Chapbook	Livreto de encadernação de brochura simples o que barateava seu custo de produção e consequentemente seu preço final. Chapbooks eram bastante comuns nos primeiros anos da República com reimpressões e adaptações mais curtas de romances ingleses famosos e contos de fadas por um preço mais acessível do que a brochura em capa dura.
Hornbook	Comumente utilizado no processo de alfabetização do período colonial, o hornbook era um suporte feito em madeira com uma fina camada de chifre em que eram entalhados o alfabeto, as primeiras linhas do silabário e a oração do pai-nosso.

Panfletos	Folhetos contendo histórias, muitas vezes seriadas, impressas em uma folha de papel. Muitos desses panfletos traziam imagens ilustrativas dos assuntos tratados nas histórias feitas por processo de xilogravura.
Spelling Books	Livros de ortografia e pronúncia de tradição Anglo-Europeia utilizados nos processos de alfabetização nos Estados Unidos, difundidos principalmente no período republicano.